

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Luciana Bicalho da Cunha

**A Educação Física Desportiva Generalizada no Brasil:
princípios e sistematizações de um método de ensino em
circulação (1952-1980)**

BELO HORIZONTE
2017

Luciana Bicalho da Cunha

**A Educação Física Desportiva Generalizada no Brasil:
princípios e sistematizações de um método de ensino em
circulação (1952-1980)**

Tese apresentada ao Programa da Pós-Graduação em Educação: conhecimento e inclusão social, linha de pesquisa de História da Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Meily Assbú Linhales

BELO HORIZONTE
2017

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

Tese intitulada “A Educação Física Desportiva Generalizada no Brasil: princípios e sistematizações de um método de ensino em circulação (1952-1980)”, de autoria da doutoranda Luciana Bicalho da Cunha, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof.^a Dr.^a Meily Assbú Linhales – UFMG (Orientadora)

Prof. Dr. Antônio Jorge Soares – UFRJ

Prof. Dr. Alexandre Vaz – UFSC

Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago – UFMG

Prof. Dr. Marcus Aurélio Taborda de Oliveira – UFMG

Prof. Dr. Sérgio Roberto Chaves Júnior – UFPR (suplente)

Prof.^a Dr.^a Andrea Moreno – UFMG (suplente)

Belo Horizonte, 15 de dezembro de 2017.

*Melhor do que a criatura,
fez o criador a criação.
A criatura é limitada.
O tempo, o espaço,
normas e costumes.
Erros e acertos.
A criação é ilimitada.
Excede o tempo e o meio.
Projeta-se no Cosmos.*

(Considerações de Aninha - Cora Coralina)

À minha pequena e mais importante criação, que já
ocupa um grande lugar em meu corpo e em minha vida...

AGRADECIMENTOS

Foram muitas as pessoas que fizeram parte deste percurso, contribuindo, cada uma a sua maneira, de forma generosa para este trabalho. A elas, meu sincero e especial agradecimento:

A Meily, meu eterno sentimento de gratidão. Agradeço imensamente pela parceria constante na construção deste trabalho, pelas preciosas contribuições, pelos conselhos, pelas leituras criteriosas, pela disponibilidade incondicional. Para além de orientadora, é uma pessoa pela qual tenho grande respeito e admiração, construídos em uma relação de muitos anos de trabalho e amizade. Muitíssimo obrigada pelas partilhas de conhecimento, de projetos de vida, de risadas e, principalmente, de afeto.

Ao Prof. Dr. Marcus Aurélio Taborda de Oliveira, ou simplesmente Taborda, pelas contribuições generosas e pelo olhar atento desde o processo de avaliação do projeto desta pesquisa. Também pelas conversas e aprendizados fora dos muros da Universidade.

Aos professores da banca de qualificação, Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago, querido Tatá, e Prof. Dr. Antônio Jorge Soares pela leitura atenciosa do texto na qualificação e pelas inestimáveis contribuições para a continuidade de minha trajetória acadêmica no doutorado.

Aos demais professores da banca de defesa, Prof. Dr. Alexandre Vaz, Prof.^a Dr.^a Andrea Moreno e Prof. Dr. Sérgio Chaves Júnior pela disponibilidade em participar de um momento tão importante em minha jornada.

Aos professores e colegas do Programa de Pós-Graduação em Educação da FaE/UFMG e do Centro de Pesquisa em História da Educação (GEPHE) pelos momentos de aprendizado ao longo das disciplinas e reuniões e pelos significativos momentos de convivência. Em especial, às minhas queridas amigas de doutorado, Gio, Nina e, mais tardiamente, Cassinha. Foi muito importante dividir essa caminhada com pessoas tão especiais.

Aos funcionários da Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Educação da FaE/UFMG e do GEPHE por todo o suporte fornecido.

Aos professores, funcionários e colegas do Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (CEMEF) da UFMG, lugar onde iniciei minha formação e pelo qual tenho imenso carinho. Um agradecimento especial aos queridos amigos e amigas do grupo “Modelos Pedagógicos” pelas experiências compartilhadas, pelas trocas de ideias, pelo ombro

amigo, pelo ouvido atento às preocupações geradas ao longo do doutorado, pelo carinho e pela companhia nos momentos de trabalho e de celebrações.

Aos funcionários dos arquivos, bibliotecas e instituições de pesquisa acessados, muito obrigada por se colocarem de forma solícita e gentil para atender as demandas desta pesquisa.

Aos professores entrevistados, Laércio Elias Pereira, Nestor Soares Públio, Alfredo Gomes de Faria Júnior e Élcio Paulinelli por dividirem suas experiências. Obrigada por compartilhar suas memórias. Ouvi-los foi um aprendizado imenso. Agradeço a Tuane e a Aninha Luisa pela colaboração na transcrição das entrevistas. Meus sinceros agradecimentos a todos os que participaram do processo de entrevistas.

A Marina Listello e a seu marido agradeço de maneira muito especial pela generosa e atenciosa recepção em sua residência. A experiência de partilha e de afeto proporcionada por vocês enriqueceu enormemente esta pesquisa.

A meus amigos e familiares que me deram todo suporte e apoio necessários para a conclusão de mais uma etapa importante de minha formação. Em especial, agradeço a minha mãe, a meu pai e a meus irmãos pelo carinho, amor e atenção ao longo desta jornada. Sem o afeto incondicional e o incentivo constante de vocês, este trabalho não seria possível. Agradeço também a meus amados sobrinhos por me proporcionarem momentos de alegria e de abstração da escrita, quase que obrigatórios, quando estavam por perto.

Ao Diogo, meu companheiro de todas as horas, agradeço pelo amor e pela atenção manifestados em gestos de carinho e pela tolerância com os tempos roubados pelo doutorado. Muito obrigada também por me permitir dedicar um tempo precioso à escrita nessa reta final do trabalho. Construir essa história com você ao meu lado fez muito mais sentido!

Muito amor e gratidão a todos vocês!!!

RESUMO

Este estudo aborda a presença da Educação Física Desportiva Generalizada (EFDG) no Brasil nas décadas de 1950, 1960 e 1970. Reconhecida a partir dos anos de 1950 como método de ensino partícipe de uma renovação pedagógica pretendida pela área, a EFDG tornou-se tópico recorrente de ensino, publicações e debates nos espaços de formação e atuação do professorado. Para a escrita dessa história, buscou-se compreender como os princípios e as ideias pedagógicas concernentes à EFDG circularam e foram apropriados no contexto educacional brasileiro a partir da década de 1950, sobretudo no que tange à formação de professores. Interessou também conhecer as maneiras pelas quais essa forma de organização de ensino se tornou referência metodológica para a Educação Física brasileira nas décadas de 1950, 1960 e 1970, bem como perceber suas possíveis transformações ao longo desse período. A motivação deste estudo se deu pelo reconhecimento de que as representações referentes à EFDG, construídas na educação brasileira, estavam balizadas por duas perspectivas. Uma primeira, que a caracterizava como propulsora do início da esportivização da Educação Física escolar e uma segunda, que a entendia como método renovador, ou seja, como reação contra velhos métodos ginásticos até então em voga no Brasil. Tais representações chamaram atenção para refletir sobre a importância conferida à EFDG na conformação do campo escolar da Educação Física brasileira e sobre o papel do professor Auguste Listello, autor e mediador da proposta, na sua circulação e apropriação. Na construção narrativa, o debate relativo à atualização e ampliação dos conhecimentos dos professores na década de 1950 apresentou-se como possibilidade de fazer desenvolver e modernizar a Educação Física brasileira, provocando na área o desejo de produzir e/ou procurar novos métodos de ensino que pudessem contribuir com esse processo. Nesse movimento, a EFDG se apresentou como referência importante, dada sua vinculação com a Educação Física francesa. A centralidade do esporte nessa proposta também se mostrou um diferencial: com seus códigos e modos de ação o esporte foi gradativamente assumindo lugar de destaque nesse projeto, pois anunciava valores caros à configuração da área naquele período como senso de coletividade, disciplina corporal e eficiência. O professor Auguste Listello foi também de suma importância. A ação desse sujeito e o seu entendimento como mediador permitiram também pensar as práticas de transformação realizadas a partir do encontro entre uma proposta de ensino da Educação Física elaborada na França e o contexto educacional brasileiro. Foi possível perceber permanências e transformações da proposta ao longo desses quase 30 anos, como resultado de um movimento de troca de ideias e experiências entre a Educação Física brasileira e o representante da EFDG, Auguste Listello. Dessa forma, as representações produzidas e postas em circulação sobre EFDG foram identificadas, ao mesmo tempo, como produto cultural e como produtora de significados do processo de constituição do campo no período analisado. Como vestígio desse movimento de troca estão a produção e a publicação do livro denominado *Educação pelas atividades físicas, esportivas e de lazer* (1979), de autoria de Auguste Listello, elaborado especialmente para o professorado brasileiro.

Palavras-chave: Educação Física Desportiva Generalizada; Auguste Listello; Métodos de ensino; História da Educação Física.

ABSTRACT

This study deals with the presence of Physical Education Generalized Sport (PEGS) in Brazil in the 1950s, 1960s and 1970s. Recognized at the 1950s as a teaching method involved in a pedagogical renewal intended by the area, the PEGS became recurrent topic of teaching, publications and debates in the spaces of teacher training and performance. For the writing of this history, it was sought to understand how the principles and pedagogical ideas concerning the Physical Education Generalized Sport circulated and were appropriated in the Brazilian educational context from the 1950s, especially with regard to teacher training. It was also interesting to know the ways in which this form of teaching organization became a methodological reference for Brazilian Physical Education in the 1950s, 1960s and 1970s, as well as to understand its possible transformations throughout this period. The motivation of this study was the recognition that the representations of Physical Education Generalized Sports built in the Brazilian education were marked by two perspectives. A first that characterized it as a propulsive of the beginning of the sportivization of Physical Education at school and a second that understood it as a renewal method, that is, a reaction against the old gymnastic methods until then in vogue in Brazil. These representations drew attention to reflect on the importance given to the PEGS in the conformation of the school field of Brazilian Physical Education and the role of teacher Auguste Listello, author and mediator of the proposal, in its circulation and appropriation. In the narrative construction, the debate regarding the updating and expansion of the teachers' knowledge in the 1950s presented itself as a possibility to develop and modernize Brazilian Physical Education, provoking in the area the desire to produce and/or to look for new teaching methods that could contribute to this process. In this movement, the PEGS presented itself as an important reference, given its link with French Physical Education. The centrality of the sport in this proposal also showed a differential: with its codes and modes of action, it gradually took a prominent place in this project because it announced expensive values the configuration of the area in that period as the sense of collectivity, body discipline and efficiency. Auguste Listello was also of paramount importance. The action of this subject and his understanding as a mediator also allowed us to think about the practices of transformation carried out from the meeting between a proposal of teaching Physical Education elaborated in France and the Brazilian educational context. It was possible to perceive the proposal's continuities and transformations throughout these almost thirty years, as a result of a exchange movement of ideas and experiences between the Brazilian Physical Education and the representative of the PEGS, Auguste Listello. Thus, the representations produced and put into circulation on PEGS were identified at the same time as a cultural product and producer of meanings of the process of constitution of the field in the analyzed period. As a vestige of this exchange movement is the production and publication of the book called *Education for physical, sports and leisure activities* (1979), written by Listello, especially designed for Brazilian teachers.

Key-words: Physical Education Generalized Sport; Auguste Listello; Teaching methods; History of Physical Education.

RÉSUMÉ

Cette étude résoudre la présence de l'Education Sportive Sportive Généralisée (ESPS) au Brésil dans les années 1950, 1960 et 1970. Reconnue dans les années 1950 comme une méthode d'enseignement impliquée dans un renouveau pédagogique destiné par le champ, l'ESPS est devenue thème récurrent de l'enseignement, des publications et des débats dans les espaces de formation et de performance des enseignants. Il a été cherché à comprendre comment les principes et les idées pédagogiques concernant l'ESPS ont circulé et se sont appropriés dans le contexte éducatif brésilien à partir des années 1950, notamment en ce qui concerne la formation des enseignants. Il était également intéressant de savoir comment cette forme d'organisation pédagogique est devenue une référence méthodologique pour l'éducation physique brésilienne dans les années 1950, 1960 et 1970, ainsi que pour comprendre ses transformations. La motivation de cette étude était la reconnaissance que les représentations de ses construites dans l'éducation brésilienne étaient marquées par deux perspectives. Une première qui la caractérisait comme un propulsif du début de la sportivisation de l'éducation physique à l'école et une seconde qui la comprenait comme une méthode de renouvellement, une réaction contre les anciennes méthodes de gymnastique jusque-là en vogue au Brésil. Ces représentations ont attiré l'attention sur l'importance accordée à l'ESPS dans la conformation du champ scolaire de l'éducation physique brésilienne et sur le rôle de l'enseignant Auguste Listello, auteur et médiateur de la proposition, dans sa diffusion et son appropriation. Le débat sur la mise à jour et l'expansion des connaissances des enseignants dans les années 1950 se présentait comme une possibilité de développer et de moderniser l'éducation physique brésilienne, provoquant dans la région le désir de produire et/ou de pourrait contribuer à ce processus. L'ESPS s'est présentée comme une référence importante, compte tenu de son lien avec l'éducation physique française. La place centrale du sport dans cette proposition a également montré un différentiel: avec ses codes et modes d'action, elle a graduellement pris une place importante dans ce projet parce qu'elle annonçait des valeurs chères la configuration de le champ comme le sens de la collectivité, efficacité. Listello était également d'une importance capitale. L'action de ce sujet et sa compréhension en tant que mètre nous ont également permis de réfléchir aux pratiques de transformation issues de la rencontre entre une proposition d'enseignement de l'Education Physique élaborée en France et le contexte éducatif brésilien. Il a été possible de percevoir les permanences et les transformations de la proposition au cours de ces presque trente années, à la suite d'un mouvement d'échange d'idées et d'expériences entre l'éducation physique brésilienne et le représentant de l'ESPS, Auguste Listello. Les représentations en circulation sur ESPS ont été identifiées en même temps comme produit culturel et producteur de significations du processus de constitution du champ dans la période analysée. Comme un vestige de cette mouvement est la production du livre *Éducation pour les activités physiques, sportives et de loisirs* (1979), écrit par Listello, spécialement élaborait pour les enseignants brésiliens.

Mots-clés: Éducation Physique Sportive Generalisée; Auguste Listello; Méthodes d'enseignement; Histoire de l'Éducation Physique.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	–	Árvore Genealógica dos Estabelecimentos nacionais de Educação Física e Esportes	112
FIGURA 2	–	Maurice Baquet no INS, 194?	119
FIGURA 3	–	Auguste Listello no INS, 1949	122
FIGURA 4	–	Modelo de sessão Educação Esportiva Generalizada (1/2)	134
FIGURA 5	–	Modelo de sessão Educação Esportiva Generalizada (2/2)	135
FIGURA 6	–	Formas de trabalho da <i>Éducation Physique Sportive Generalisée</i>	142
FIGURA 7	–	Encontro da Direção do Estágio Internacional de Santos – 1952 – e 21 anos após a primeira edição do Curso	160
FIGURA 8	–	Curso ministrado por Auguste Listello – Estado de São Paulo – 1953	166
FIGURA 9	–	Curso ministrado por Auguste Listello – Estado de São Paulo – 1953	166
FIGURA 10	–	Curso ministrado por Auguste Listello – Estado de São Paulo – 1953	167
FIGURA 11	–	Curso ministrado por Auguste Listello – Estado de São Paulo – 1953	167
FIGURA 12	–	Aula teórica ministrada por Auguste Listello no I Estágio Internacional de Educação Física com a tradução de Júlio Mazzei – Rio de Janeiro – 1957	169
FIGURA 13	–	Aula teórica ministrada por Auguste Listello no I Estágio Internacional de Educação Física com a tradução de Júlio Mazzei – Rio de Janeiro – 1957	169
FIGURA 14	–	Material de curso manuscrito pelo professor Listello contendo as quatro partes de uma aula, com respectivos objetivos e formas de trabalho, s/d (1/2)	171
FIGURA 15	–	Material de curso manuscrito pelo professor Listello contendo as quatro partes de uma aula, com respectivos objetivos e formas de trabalho, s/d (2/2)	172
FIGURA 16	–	Anotações de aluno durante o IV Curso de Aperfeiçoamento Técnico Pedagógico de 1954 (1/2)	173
FIGURA 17	–	Anotações de aluno durante o IV Curso de Aperfeiçoamento Técnico Pedagógico de 1954 (2/2)	174

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	–	Artigos que abordaram a EFDG – década de 1950, Brasil	179
QUADRO 2	–	Artigos que abordaram a EFDG – década de 1960, Brasil	185
QUADRO 3	–	Obras que abordaram a EFDG – década de 1960, Brasil	185
QUADRO 4	–	Pontos básicos do Planejamento do Ensino – década de 1970, França	212
QUADRO 5	–	Artigos que abordaram a EFDG – década de 1970, Brasil	222

LISTA DE SIGLAS

ABI	Associação Brasileira da Imprensa
APEF	Associação de Professores de Educação Física
BNF	<i>Bibliothèque National de France</i> (Biblioteca Nacional da França)
CBPE	Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais
CEME	Centro de Memória do Esporte
CEMEF	Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer
CFE	Conselho Federal de Educação
CNED	Campanha Nacional de Esclarecimento Desportivo
CNMA	<i>Collège National des Moniteurs et Athlètes</i> (Colégio Nacional de Monitores e Atletas)
CNRH-IPEA	Centro Nacional de Recursos Humanos-Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
DED	Departamento de Educação Física e Desportos
DEF-MES	Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde
DEF-SP	Departamento de Educação Física do estado de São Paulo
EEFFTO	Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
EFDG	Educação Física Desportiva Generalizada
ENEFD	Escola Nacional de Educação Física e Desportos
ENSEPS	<i>École Normale Supérieure d'Education Physique et Sportive</i> (Escola Normal Superior de Educação Física e Esportiva)
EPSG	<i>Éducation Physique Sportive Generalisée</i>
EPT	Esporte para Todos
ESEF	Escola Superior de Educação Física
FaE	Faculdade de Educação
FEF	Faculdade de Educação Física
FIEP	Federação Internacional de Educação Física
FSGT	<i>Fédération Sportive et Gymnique du Travail</i> (Federação Esportiva e Ginástica do Trabalho)
FST	<i>Fédération Sportive du Travail</i> (Federação Esportiva do Trabalho)
INEP	Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos
INS	<i>Institut National des Sports</i> (Instituto Nacional de Esportes)

IO	Instruções Oficiais
ISEB	Instituto Superior de Estudos Brasileiros
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MES	Ministério da Educação e Saúde
MNA	Método Natural Austríaco
PNED	Plano Nacional de Educação Física e Desportos
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
USEP	<i>Union Sportive de l'Enseignement del Premier Degré</i> (União Esportiva de Ensino do Primeiro Grau)
USP	Universidade de São Paulo
USSGT	<i>Union des Sociétés Sportives et Gymniques du Travail</i> (União das Sociedades Esportivas e Ginásticas do Trabalho)

SUMÁRIO

1 REPRESENTAÇÕES INICIAIS	14
1.1 Motivações para a construção da trama	22
1.2 Modos de pensar a educação e a Educação Física na década de 1950: relações entre o desenvolvimento nacional e a formação e a atuação docentes	26
1.2.1 <i>Expandir, aperfeiçoar, modernizar</i>	29
1.2.2 Algumas iniciativas e debates basilares	36
1.3 Das perguntas às fontes, das fontes às balizas conceituais: a constituição do problema	40
1.4 A estrutura da tese.....	50
2 MODOS DE FAZER EDUCAÇÃO FÍSICA: OS CURSOS DE APERFEIÇOAMENTO E A INSERÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA DESPORTIVA GENERALIZADA NO BRASIL	53
2.1 A procura de outros modos de fazer Educação Física: a Divisão de Educação Física e suas iniciativas	55
2.2 O encontro com outros modos de fazer Educação Física: a circulação de ideias e de sujeitos no Brasil e na Europa.....	69
2.3 A circulação de outros modos de fazer Educação Física: os cursos de aperfeiçoamento e atualização pedagógica.....	80
3 PRODUÇÃO DA <i>EDUCATION PHYSIQUE SPORTIVE GENERALISÉE</i> NA FRANÇA: O ESPORTE COMO POSSIBILIDADE EDUCATIVA.....	94
3.1 A <i>Éducation Sportive</i> e seus diálogos no campo.....	104
3.2 O <i>Institut National des Sports</i> (INS): sua atuação, seus personagens	115
3.2.1 Maurice Baquet	119
3.2.2 Auguste Listello	122
3.3 A <i>Éducation Physique Sportive Generalisé</i> : do conceito à sistematização do fazer....	126
4 A RECEPÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA DESPORTIVA GENERALIZADA NA DÉCADA DE 1950: PRODUÇÕES DE SENTIDOS E PRÁTICAS DE TRANSFORMAÇÃO	147
4.1 Os anos 50 e a rápida expansão da Educação Física Desportiva Generalizada.....	154
4.2 Espaços de inserção da proposta: os cursos de aperfeiçoamento	162
4.3 A veiculação da Educação Física Desportiva Generalizada nos periódicos: estratégia de legitimação	178
5 ENTRE PERMANÊNCIAS E MODIFICAÇÕES: EXPERIMENTAÇÃO E RESSIGNIFICAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA DESPORTIVA GENERALIZADA NAS DÉCADAS DE 1960 E 1970.....	185

5.1 Os anos 60 e o debate da Educação Física Desportiva Generalizada nas obras em destaque destinadas à formação docente.....	186
5.1.1 A Educação Física Desportiva Generalizada nos cursos de formação de professores: método de ensino, conteúdo a ser ensinado ou didatização do esporte?.....	195
5.1.2 Mudanças anunciadas.....	203
5.2 Os anos 70 e as transformações na concepção de Educação Física esportiva e na Educação Física brasileira.....	209
5.2.1 <i>Educação pelas atividades físicas, esportivas e de lazer: uma obra para o Brasil</i>	225
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	229
REFERÊNCIAS	234
ARQUIVOS, BIBLIOTECAS E INSTITUIÇÕES DE PESQUISA.....	252
ENTREVISTAS.....	253
APÊNDICES.....	254
ANEXOS	258

1 REPRESENTAÇÕES INICIAIS

Uma crescente necessidade de inserir a Educação Física no debate educacional mais amplo envolveu diferentes sujeitos e instituições em um movimento de reorientação dos processos didático-metodológicos ao longo da década de 1950. Longe de ser um processo de ruptura com ideias e práticas consolidadas na área, esse movimento incorporou novas exigências à formação e à atuação de professores, orientadas principalmente pelo discurso da eficiência, do aperfeiçoamento técnico docente e do desenvolvimento nacional. Discursos esses afinados com as demandas da educação brasileira.

À frente desse movimento estavam professores, muitos deles instalados em postos de representação nos órgãos departamentais do governo, em associações profissionais e também nas escolas de formação de professores, imbuídos do que acreditavam ser o seu dever: fazer progredir e aperfeiçoar a Educação Física brasileira. Para dar visibilidade às ideias que queriam instituir, ocuparam diferentes espaços – periódicos, congressos, cursos, seminários – como estratégia de legitimação de novos modos de pensar e fazer Educação Física.

Exemplos expressivos desse movimento foram as constantes publicações e conferências públicas sobre o papel e o lugar da Educação Física no debate educacional do período. Como símbolo de tal preocupação, em seu discurso de paraninfo da turma de 1958 da Escola Nacional de Educação Física e Desporto, Hélio de Medeiros, então professor auxiliar da referida escola, assim afirmou: “Estou certo de que o caminho não lhes será árduo como o foi para nós, principalmente quando já não resta a menor dúvida de que a Educação Física passou a ocupar o lugar que lhe é devido no cenário da educação [...]”.¹ A ideia de que a Educação Física precisava encontrar ou estava encontrando seu lugar no campo educacional é uma máxima identificada nesse artigo bem como em várias publicações da área nessa década. A fim de explicar a conformação do campo naqueles anos, diferentes autores estabeleceram uma alusão a um lugar de referência em meio ao ideário educacional que estava sendo gestado por estudiosos de diferentes áreas, conectados com as ideias de aperfeiçoar e modernizar.

Na Educação Física, tal redefinição de princípios comportou um exercício de interpretação das funções já assumidas, das contemporâneas e das desejadas pela área. E não foram poucos os sujeitos dispostos a interpretá-las. Ainda na década de 1940, o professor

¹ Discurso do Paraninfo Prof. Hélio de Macedo Medeiros. *Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD)*. Ano XI, n.13, junho de 1959. p.108.

Peregrino Júnior² proferiu uma conferência no Rio de Janeiro, intitulada *O papel da Educação Física na formação do homem moderno*. Em sua análise, o professor argumentou que a “evolução da Educação Física” acompanha a “evolução” da ciência e da sociedade.³ Ou seja, à medida que a sociedade e a ciência progredem, a Educação Física vai cambiando o seu papel.⁴ De anatômica, fisiológica e psicológica em seu passado, a Educação Física, naquele momento, dedicava-se a resolver o “problema da formação do homem moderno” por meio de suas “influências morfológicas, funcionais, psicológicas e éticas”.⁵ Em outra perspectiva, também na década de 1940, Inezil Penna Marinho publicou diversos artigos defendendo uma Educação Física bio-sócio-psico-filosófica. Essa proposta fora produzida como uma tentativa de superação dos programas de aula alicerçados basicamente em princípios biológicos, uma vez que esses, nas palavras do professor, não provocavam prazer nem um eficiente aprendizado nos alunos. Segundo Inezil, essa nova concepção congregava importantes modos de ler o ser humano, ou seja, fazia dialogar ciências fundamentais para pensar a educação. Sendo assim, a almejada formação integral se tornaria mais possível de ser alcançada.⁶

² Peregrino Júnior formou-se em Medicina em 1929, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi fundador e diretor do Serviço de Endocrinologia da Policlínica do Rio de Janeiro; docente de Clínica Médica e de Biometria da Faculdade Nacional de Medicina, onde chegou a catedrático; e também professor da Faculdade Fluminense de Medicina e professor emérito da Universidade do Brasil. Foi fundador e o primeiro presidente da Sociedade Brasileira de Endocrinologia, Biotipologia e Nutrição; diretor-presidente da Policlínica Geral do Rio de Janeiro; chefe da Divisão de Assistência Médico-Hospitalar do Ipase, entre outros cargos. Na Educação Física, além de professor da cadeira de Biometria, foi diretor da Escola Nacional de Educação Física e também membro do Conselho Nacional de Desportos.
Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/peregrino-junior/biografia>>. Acesso em: 27 jun. 2017.

³ A conferência do Sr. Peregrino Junior no Palácio Tiradentes. *Jornal A Manhã*. Rio de Janeiro, quinta-feira, 24 de outubro de 1941, p. 09.

⁴ A noção de progressão empregada pelo autor parece ser vinculada a uma ideia de evolução, como um conjunto de modificações lentas em direção a um determinado sentido, que remete para um desenvolvimento gradual e progressivo.

⁵ A conferência do Sr. Peregrino Junior no Palácio Tiradentes. *Jornal A Manhã*. Rio de Janeiro, quinta-feira, 24 de outubro de 1941, p. 09.

⁶ É importante destacar que a grande referência encontrada nos artigos de professores de Educação Física ao abordarem a formação integral são as produções de Anísio Teixeira e Lourenço Filho. Largamente citadas nos artigos de professores da área como Inezil P. Marinho, Guiomar Becker, João Lyra Filho, Cyro de Andrade, Alfredo Colombo, Hélio de Macedo Medeiros, Alberto Latorre de Faria, entre outros, as ideias desses dois autores, principalmente o conceito de educação integral, marcaram as leituras do paradigma educacional que comporiam a imagem da Educação Física por eles desejada. A ideia de educação integral para esses autores passava pela compreensão de que seria direito do sujeito o acesso a uma educação pública que alcançasse diversas dimensões de sua formação. Ao tratar deste tema em uma entrevista concedida em 1932, Lourenço Filho afirmou que o “ensino primário deve ser mais alguma coisa, as noções mais necessárias à vida, no ambiente que a criança terá que viver. Afinal de contas, ler e escrever não adianta nem atrasa a ninguém, se, na escola, não se dão outras noções que formem equilibradamente o espírito e informem para agir com inteligência, isto é, de modo a aproveitar as forças da natureza, na produção de riqueza geral e no conforto da vida” (LOURENÇO FILHO, 1932, s/p *apud* NAGLE, 1974, p. 211). Anos mais tarde, na obra *Educação não é privilégio* (1957), Anísio Teixeira vai reafirmar alguns preceitos por ele defendidos em relação à educação pública e integral, argumentando que a escola não pode ser “somente de letras, nem uma escola de iniciação intelectual, mas uma escola sobretudo prática, de iniciação ao trabalho, de formação de hábitos de pensar,

É importante atentar para as representações produzidas em torno desse exercício de interpretação do papel da Educação Física no sistema escolar ainda na década de 1940 para compreender como ela vai se configurando na década seguinte. Dois argumentos presentes nessas representações – a relação com a dinâmica social e a mobilização de outras ciências, sociais principalmente, na fundamentação teórica da área – passaram a compor a interpretação de boa parte dos autores/professores que se dedicaram a problematizar a situação da Educação Física no Brasil naquele momento. Se a conexão entre o desenvolvimento da Educação Física com a realidade sociocultural do país não é algo novo na história da disciplina, ao menos indica um diálogo da área com as questões postas em seu tempo. Um dos produtos desse diálogo foi, portanto, a consolidação da Sociologia, da Psicologia e da Filosofia como ciências orientadoras da formulação de um conceito de Educação Física.

Um fragmento do trabalho apresentado pelo professor Cyro de Andrade⁷, da Escola de Educação Física de São Paulo, no Seminário de Professores de Metodologia e Educação Física Geral, revela uma acepção que se generalizava nas publicações da área a partir de meados da década de 1940, especialmente:

O exclusivo aspecto da formação mental já pertence à história. O pensamento pedagógico moderno insiste em que a criança forme seu pensamento agindo segundo impulsos e interesses naturais. Não mais a educação pela instrução, mas sim em termos de experiência, de tal forma integrada pelo educando que situações novas não lhe criem problemas ou sérias dificuldades. [...] É, portanto, a educação em sentido de totalidade em que as ordens biológica, psíquica e espiritual não se dissociam.⁸

Essas considerações de Cyro de Andrade denotam a preocupação em articular a posição da Educação Física dentro de um quadro educacional mais amplo. Fundamentando-se principalmente nas ideias de Lourenço Filho e Anísio Teixeira, Cyro de Andrade justifica o espaço e a importância da Educação Física a partir desse “pensamento pedagógico moderno”, no qual essa disciplina era parte indissociável da formação integral das crianças e jovens.⁹

hábitos de fazer, hábitos de trabalhar e hábitos de conviver e participar em uma sociedade democrática, cujo soberano é o próprio cidadão” (TEIXEIRA, 1957, p.49).

⁷ Cyro de Andrade foi um dos professores catedráticos fundadores da Escola de Educação Física de São Paulo, responsável pelas cadeiras de Educação Física Geral e de Metodologia da Educação Física e Desportos. Como homenagem, a Biblioteca dessa Escola foi renomeada com seu nome após o ano de 1996.

⁸ ANDRADE, Cyro de. Objetivos e Finalidades da Educação Física. *Boletim de Educação Física*. Ano VI, n.15, dezembro de 1957. s/p.

⁹ Tal constatação pode ser observada em artigos de Inezil Penna Marinho, nas décadas de 1940 e 1950; de Alfredo Colombo, Hélio de Macedo Medeiros e Alberto Latorre de Faria, na década de 1950.

Assim, continua:

A finalidade confunde-se com o objetivo geral. E a finalidade em educação e, conseqüentemente, em educação física, há de ser a personalidade. Embora atuando pelas atividades do físico, o professor de educação física é antes de tudo um professor de educação.¹⁰

Essa demarcação de novos saberes na problematização da área introduziu no debate sobre a formação do homem integral pela e com a Educação Física a necessidade de uma formação da personalidade, de valores relativos à vida coletiva e do caráter. Termos e palavras referidas a essa nova demarcação indicam que cabia à Educação Física proporcionar um algo a mais à formação das crianças e jovens, ultrapassando, mas não desprezando, a ideia de desenvolvimento das capacidades físicas. Dessa forma, a educação integral, como possibilidade educativa que pretendia abranger todas as questões da vida humana, se tornou uma máxima reverberada em grande parte das publicações da década de 1950:

A Educação Física tem como qualquer outro aspecto da educação, em sua orientação doutrinária, em suas bases técnicas, em sua evolução, acompanhado sempre as ideias sociais vigentes em cada estágio da civilização. Ela é mutável, cambiante como o próprio meio em que se desenvolve estando, pois, em relação íntima com a dinâmica social.

Em cada uma das etapas de sua evolução, houve uma tendência para excluir os aspectos considerados menos importantes, tendo sua ação limitada por uma perigosa unilateralidade de conhecimentos. Em certa ocasião foi unicamente anatômica, fisiológica, mais tarde enveredou exclusivamente para o campo psicológico e, outras vezes, o que foi pior, deixou-se dominar por uma preocupação muito estreita: o sexo, a idade e a técnica. Observe-se, também, que no afã de procurar certos objetivos específicos das atividades físicas, os especialistas esqueceram-se, algumas vezes, o princípio e o fim de suas atividades, isto é, o SER HUMANO INTEGRAL. [...]

O conceito anátomo-fisiológico dá lugar ao conceito social educativo. A Educação Física deixa de encarar o indivíduo isoladamente para conduzi-lo como elemento de um grupo, de uma sociedade.¹¹

Essas considerações, apresentadas em um artigo em que Alfredo Colombo¹² se dedicou a discutir a missão social da Educação Física, evidenciaram um movimento de produção de identidade a partir da contraposição ao modelo anterior. Na percepção dos sujeitos que participaram desse movimento, o conceito de Educação Física, caracterizado pela

¹⁰ ANDRADE, Cyro de. Objetivos e Finalidades da Educação Física. *Boletim de Educação Física*. Ano VI, n.15, dezembro de 1957. s/p.

¹¹ COLOMBO, Alfredo. A missão social da Educação Física. *Arquivos da ENEFD*. Ano VIII, n.08, 1954-1955. pp. 33-36.

¹² Alfredo Colombo foi professor catedrático da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (Rio de Janeiro) nas décadas de 1940 e 1950 e diretor da Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde na década de 1950.

centralidade anátomo-fisiológica, pelo olhar ao indivíduo de maneira isolada e pelo primado da correção dos corpos, precisava dar lugar a outro conceito, concebido como partícipe da educação integral, preocupado com uma formação para a vida em sociedade e que delegou ao professorado maior responsabilidade no direcionamento dos processos de ensino.

Era preciso também, de acordo com Alfredo Colombo, tomar o esporte como conteúdo substancial para o “aperfeiçoamento das qualidades físicas, valorizando-se individualmente e valorizando a coletividade”.¹³ Para ele,

É a preocupação com a coletividade, com o seu bem estar, o que caracteriza, perfeitamente, a importância social da Educação Física nos tempos que correm. A Educação Física atinge assim, novas metas, procura novos horizontes, expande, aumenta suas pretensões e seu campo de ação. [...] É na prática dos jogos e desportos coletivos que o espírito da disciplina, a solidariedade, a cooperação são desenvolvidos. Nessas atividades, cada indivíduo trabalha pela causa comum – a vitória do seu grupo. Aí não se conhecem os pronomes eu, tu, ele, mas nós, vós, eles.¹⁴

Com seus gestos, códigos e modos de ação, o esporte foi gradativamente assumindo lugar de destaque nesse projeto de Educação Física. Anunciava valores importantes a essa outra configuração: senso de coletividade, busca pelo sucesso/progresso, disciplina corporal e eficiência. Comportava também uma dimensão educativa e produtora de sensibilidades próprias aos novos tempos que não era possível de ser atingida apenas com os exercícios ginásticos. Nessa perspectiva, é importante destacar que o esporte não era visto necessariamente nem como única possibilidade educativa, nem como a melhor. No máximo, chegava a ser considerado, em alguns casos, como o conteúdo mais interessante, em outros, como um convite à prática prazerosa da Educação Física. Independentemente de tais caracterizações, foi possível perceber certa identificação das práticas esportivas não apenas como conteúdo, mas também como referência cultural no estabelecimento de outros modos de fazer Educação Física.¹⁵ Como afirmou Mauro Teixeira, o esporte não era mais uma possibilidade, ele era necessário.¹⁶

¹³COLOMBO, Alfredo. A missão social da Educação Física. *Arquivos da ENEFD*. Ano VIII, n.08, 1954-1955, p. 41.

¹⁴COLOMBO, Alfredo. A missão social da Educação Física. *Arquivos da ENEFD*. Ano VIII, n.08, 1954-1955, pp. 41-42.

¹⁵No plano social, os esportes já eram vistos como uma prática cultural desejada e incentivada desde os fins do século XIX no Brasil. Apoiada em autores como Sevcenko, Simmel, Melo, Linhales entre outros, aponto, em minha dissertação de mestrado, que o esporte aparecia na primeira metade do século XX como estratégia de configuração da identidade social em Belo Horizonte, em consonância com outras cidades brasileiras. Afirmando novos padrões e valores, o esporte destacou-se como fenômeno de representação de novos ritos a serem instaurados. A prática esportiva envolvia códigos a serem incorporados no cotidiano dos indivíduos e

É importante destacar que a publicação de artigos que defendiam uma Educação Física sob o primado da correção não deixou de ocorrer na década de 1950, ainda que em menor número. Todavia, foi possível perceber que, influenciados pelo debate do desenvolvimento nacional, que adentrara as variadas dimensões da vida social naqueles anos, os discursos vinculados a essa concepção ganharam nova roupagem. Permitiram-se repensar o papel da educação como central na organização do ensino, ainda que continuassem concebendo, por exemplo, os saberes técnicos e científicos ligados à biotipologia. No entanto, como aponta Hélio de Macedo em seu discurso de paraninfo de 1957, significativo era o movimento, ilustrado por vasta publicação de artigos, comprometido em fazer circular outras possibilidades conceituais e metodológicas para a Educação Física, que iam além daquela vinculada a educar apenas o físico.

Como síntese do pensamento desse período, apresenta-se parte de um texto escrito pelo professor Alberto Latorre de Faria¹⁷ em seu discurso de paraninfo da turma de formandos da ENEFD do ano de 1957. Assim afirmou:

Meus jovens colegas: Não deveis superestimar o papel da educação física, na fase sócio-econômica que vive o país; subestimá-la, porém, seria condenável e desastroso. Devemos, apenas, estimá-la, proporcionando à educação integral do homem – objetivo a colimar-se – a sua posologia indicada. Porque, superestimá-la, enfatizando a sua colaboração no processo educativo global, solapando o seu aspecto integral, seria concorrer portanto para desviar energias preciosas, podendo mesmo deformar o homem, plasmando assim o bruto. Subestimá-la, seria negar oportunidades insubstituíveis de plena expansão das possibilidades esplêndidas do SER HUMANO.

dos grupos. Para além de sua prática, a aproximação com o esporte surgia como necessária a essa incorporação dos novos códigos, seja na condição de espectador, de observador ou de crítico. “Os eventos esportivos, assim, afirmavam-se como uma forma de divertimento, tornando-se símbolos do que era novo. Foi, também, por meio de espaços e de tempos criados pelo esporte que novas sociabilidades se produziram, agregando e fazendo circular indivíduos e grupos cuja visibilidade corporal e comportamental expressava os novos padrões urbanos. O esporte trazia, em sua lógica e em seu conteúdo, aspectos que tocavam ideais de polidez, de civilidade e de autocontrole, ideias constantes nos discursos que incentivavam e, por vezes, exigiam, a presença da população, assim como a realização de eventos dessa natureza. Ocupar, portanto, os espaços e seguir os tempos que o esporte instaurava e oferecia era alimentar um espírito urbano, era ampliar a existência de um tipo novo de divertimento que somente a cidade poderia oferecer.” (CUNHA, 2011, p. 24).

¹⁶TEIXEIRA, Mauro. O movimento desportivo moderno e sua função social e filosófica. *Boletim de Educação Física*. Ano VI, n.16, dezembro de 1958. p. 13.

¹⁷Em 1927, Alberto Latorre de Faria entra para a vida militar, servindo inicialmente na Escola de Sargentos de Infantaria (ESI). Foi no exército que Alberto teve a possibilidade de participar dos primeiros momentos mais sistematizados da Educação Física brasileira, desde os primeiros contatos com Pierre de Seurin até a participação como instrutor nos cursos do Centro Militar, na Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx) e na Escola Militar. A obra *A profissão de professor de Educação Física (suas implicações culturais) - a universidade como clima adequado a formação de professores de Educação Física*, publicada em 1955, é considerada um de seus trabalhos mais importantes, produzida como reação aos que afirmavam que a universidade não era local adequado para a formação em Educação Física. Em 1959, ele ingressa e conclui o curso do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), sendo chamado para assumir o serviço de cursos e conferências daquela instituição. (MELO, 2008).

Só, em face do reativo cultural proporcionado por uma educação física adequada – sem exageros – se efetiva e se realiza, na plenitude, a obra máxima da criação: O HOMEM.¹⁸

Alberto Latorre, inspirado na obra filosófica de Maine de Biran e de Roland Corbisier¹⁹, impetrou à Educação Física o dever de, junto ao projeto educacional maior, provocar nas crianças e nos adolescentes o reconhecimento de si e do mundo através da ação corporal. Em outras palavras, ele desejou, junto a outros professores de seu tempo, que a educação e a Educação Física, como as demais manifestações da cultura, pudessem inserir-se num projeto de formação do povo brasileiro consubstanciado por ideais humanistas, de emancipação e autonomia. Nesses termos, o desenvolvimento econômico e social parecia tornar-se uma espécie de guia, de modelador das práticas culturais no campo da educação e da Educação Física. Uma experiência educativa capaz de produzir, de dentro do espaço escolar, sensibilidades e hábitos considerados próprios do ponto de vista social, cultural e econômico.

É importante destacar que esses projetos, movimentos e desejos retratados a partir das interpretações de professores sobre a Educação Física nesses periódicos são produtos e produtores de um processo histórico em contínuo ordenamento. Afirmá-los como um conjunto de prescrições e práticas legitimado por sujeitos de seu tempo não implica dotá-los de hegemonia na área nem de isenção de ambiguidades. Afinal, ainda que houvesse certo consenso sobre as bases que deveriam constituir a Educação Física, as maneiras de fazê-la nem sempre se aproximavam.

Na análise da história da Educação Física brasileira é possível perceber que a sua conformação não é constituída de mudanças vertiginosas, mas de uma possível, quiçá, continuidade de ideias. Nessa configuração, percebe-se que a realidade da área nos anos

¹⁸FARIA, Alberto Latorre de. A Educação Física e o momento atual da sociedade brasileira. *Arquivos da ENEFD*. Rio de Janeiro. Ano XI, n.12, dezembro de 1958. p. 22.

¹⁹Maine de Biran foi um filósofo francês de fins do século XVIII. Em suas obras, ele procurava demonstrar “que o espírito humano era capaz, ao menos sobre um ponto, de atingir o absoluto e fazer dele o objeto de suas especulações. Ele mostrou que o conhecimento que temos de nós mesmos, em particular no sentimento do esforço, é um conhecimento privilegiado, que ultrapassa o puro ‘fenômeno’ e que atinge a realidade ‘em si’, - esta realidade que Kant declarava inacessível às nossas especulações. Enfim, ele concebeu a ideia de uma metafísica que se elevaria cada vez mais alto, em direção ao espírito em geral, na medida em que a consciência desceria mais baixo, nas profundezas da vida interior.” (BERGSON, 2006, s/p.).

Roland Corbisier ingressou em 1932 na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo e na Faculdade de Filosofia de São Bento. Ainda acadêmico, integrou o círculo de intelectuais que se agrupavam em torno de Plínio Salgado, participando do movimento integralista desde o início. Diplomado em direito em 1936, em 1940 participou da fundação do Centro de Estudos Jackson de Figueiredo. Após a volta de Plínio Salgado do exílio, em 1945, rompeu com o integralismo. Em julho de 1955 foi escolhido para o cargo de diretor-executivo do ISEB. Iniciando suas atividades no momento em que Juscelino Kubitschek assumia a presidência da República (1956-1961), o ISEB elaborou uma ideologia “nacional-desenvolvimentista” em cuja divulgação Corbisier teve papel destacado.

Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/roland_corbisier>. Acesso em: 03 jul. 2017.

cinquenta, assim como possivelmente em outras décadas, encontrava-se impregnada de várias partículas de práticas passadas, ou ditas ultrapassadas. Talvez elas servissem justamente para estabelecer parâmetros de contraposição com aquilo que não se almejava mais. Talvez elas fossem resistências de um tempo que ainda se queria vivo para alguns. Ou talvez elas fossem parte de uma tradição difícil de ser rompida. Independentemente do sentido que pudessem comportar, é importante destacar que as mudanças, desejadas ou realizadas, no campo da Educação Física desse período foram processos não lineares e, por certo, não sem tensões.

Uma leitura dessa produção publicada em periódicos permitiu pensar que os professores, os autores, enfim, os sujeitos que participaram de alguma maneira do debate da área, lançaram-se ao desafio de produzir novas sensibilidades e de definir novos ritmos ao longo dos anos cinquenta. Não se pode, no entanto, dizer que fora um processo abrupto, de negação do passado e reconstrução do presente sobre bases inéditas. Uma possível renovação nesse período só pode ser concebida se reconhecida em uma cadência lenta e contínua, em que proposições negociadas e almeçadas em tempos anteriores foram sendo legitimadas e novas possibilidades metodológicas e conteúdos foram adentrando a formação docente e o universo escolar.

É nesse movimento de instituição de uma nova orientação para a Educação Física que se promoveu um contexto de possibilidades para a recepção e a circulação da Educação Física Desportiva Generalizada (EFDG) no Brasil que, neste trabalho, me esforcei para compreender. Reconhecida a partir dos anos 1950 como um método de ensino da Educação Física, participe dessa renovação pedagógica pretendida pela área, a EFDG tornou-se tópico recorrente de ensino, de publicações e de debates nos espaços de formação e de atuação do professorado. Em outras palavras, a EFDG passou a ser um dos pressupostos orientadores de novos modos de fazer Educação Física a partir da década de 1950. Portanto, para a escrita dessa história, tive por propósito compreender como os princípios e as ideias pedagógicas concernentes à Educação Física Desportiva Generalizada circularam e foram apropriados no contexto educacional brasileiro a partir da década de 1950, sobretudo no que tange à formação de professores. Interessou-me também conhecer os empenhos estabelecidos e as maneiras pelas quais essa forma de organização de ensino se tornou referência metodológica para a Educação Física brasileira nas décadas de 1950, 1960 e 1970, bem como perceber suas possíveis transformações ao longo desse período.

1.1 Motivações para a construção da trama

Se a história, não obstante, para a qual nos arrasta assim uma atração quase universalmente sentida, só tivesse isso para justificar, se fosse apenas, em suma, um amável passatempo, como o bridge ou a pesca, valeria a pena todo o esforço que fazemos para escrevê-la? Para escrevê-la, quero dizer honestamente, indo verdadeiramente em direção, o máximo possível, às suas molas ocultas: por conseguinte, com dificuldade.²⁰

Para assim escrever esta história, retomando Bloch, as gradações dadas pela “diversidade dos testemunhos históricos” no seu “tempo *continuum*” tornaram, por vezes, esta pesquisa um difícil exercício de análise.²¹ Ao abordar o tema específico deste estudo, inúmeros acontecimentos e sujeitos foram dando voz e visibilidade a questões ainda não tensionadas na historiografia da Educação Física. Faltavam as costuras necessárias para que suas versões pudessem ser narradas. Arrisquei-me, então, a fazê-las e, com dificuldade, a querer compreender os sentidos atribuídos à Educação Física Desportiva Generalizada na Educação Física brasileira.

Compreender e, por que não, também preencher lacunas dessa história, me pareceu um exercício fundamental para a construção desta trama. Afinal, trata-se de um tema complexo, multifacetado e que se tornou representativo na História da Educação Física escolar em diferentes planos. No primeiro plano, foi possível perceber uma centralidade atribuída ao papel da EFDG no processo de esportivização da Educação Física escolar, reverberada em diferentes pesquisas da área, historiográficas ou não. Alguns estudos, como o de Betti (1991) e Soares (1996) indicam que a Educação Física Desportiva Generalizada participou do “início” do movimento de esportivização da área, ocorrido, segundo eles, a partir da década de 1950. Tal representação se mostrou bastante presente – tanto na produção científica quanto nas memórias de sujeitos que vivenciaram esse período da Educação Física – como referência para a construção da história da inserção do esporte na escola brasileira.

Em outro plano, à EFDG foi também conferido o papel de método renovador da Educação Física brasileira por autores reconhecidos do campo já nas décadas de 1950 e 1960. Alfredo Gomes de Faria Junior em seu livro *Introdução à didática de Educação Física* (1969), a apresenta como “um dos principais métodos empregados no Brasil” daquele período. No capítulo denominado “Método e Ciclo Docente” destinado à importância do método no ensino da Educação Física, o autor destaca a EFDG e o Método Natural Austríaco

²⁰ BLOCH, 2001, p. 44.

²¹ BLOCH, 2001, p. 44.

como referências para os professores, apresentando-as como partícipes da “atual tendência” da área em optar por métodos que “busquem o desenvolvimento integral e não apenas o físico”²²:

Notamos entre o moderno professorado especializado brasileiro uma opção entre o Método Natural Austríaco e a Educação Física Desportiva Generalizada. Eis porque, neste trabalho, só nos preocuparemos com estes dois métodos [...].²³

Nessa mesma linha de pensamento, Inezil Penna Marinho também tematizou a EFDG no Brasil em seus escritos. Em muitas de suas obras²⁴ sobre a Educação Física brasileira publicadas nas décadas de 1950 e 1960, descreve a Educação Física Desportiva Generalizada como uma “moderna orientação da educação física escolar da França” e que se constituiu, no Brasil, como um importante “sistema de ensino”.²⁵ Destaca também o papel fundamental de seu autor, o professor francês Auguste Listello, na circulação e na apropriação do método na Educação Física brasileira:

O Prof. Auguste Listello tem voltado ao Brasil numerosas vezes, sempre realizando cursos para a maior divulgação da Educação Física Desportiva Generalizada, que figura nos programas de quase todas as escolas especializadas do país, além de sua prática bastante difundida em nossos estabelecimentos de ensino secundário.²⁶

Como sujeitos que tiveram notoriedade na produção de ideias e de sínteses da área naquele período, suas obras tornaram-se referência para a formação de professores da área. Impregnadas das questões pedagógicas e editoriais de seu tempo, tais obras passaram a difundir um modelo de configuração do campo no qual a EFDG aparece como produtora de uma renovação e o seu autor, Auguste Listello, ganha destaque nesse processo.

Nesse sentido, foi possível perceber que as representações referentes à Educação Física Desportiva Generalizada construídas na educação brasileira estavam balizadas por duas perspectivas: uma primeira que a caracterizava como propulsora do início da esportivização da Educação Física escolar e uma segunda que a entendia como método renovador, ou seja,

²² FARIA JÚNIOR, 1969, p. 131.

²³ FARIA JÚNIOR, 1969, p. 131.

²⁴ Dentre elas: *Caderno de Divulgação Cultural*, série I, n.02, 1955; *História da educação física e dos desportos no Brasil*. Rio de Janeiro, 1982; *5º Curso de Aperfeiçoamento sobre Educação Física*, volume II, 1953; *Sistemas e Métodos de Educação Física*, 4ª edição, 1958.

²⁵ MARINHO, 1982, p. 91.

²⁶ MARINHO, 1982, p. 91.

uma reação contra os velhos métodos ginásticos até então em voga no Brasil. Por certo, essas duas perspectivas não estavam desconectadas entre si, mas apresentavam questões particulares importantes a serem debatidas. Tais representações chamaram a atenção para refletir sobre a importância conferida à EFDG na conformação do campo escolar da Educação Física brasileira e o papel do professor Listello na sua circulação e apropriação.

Por um lado, o valor conferido à EFDG nos estudos ligados à área da Educação Física instigou a compreender os processos históricos, culturais e sociais que possibilitaram que ela se transformasse em referência para a configuração da área e para a formação de professores. Desafiou pensar quais transformações culturais estavam imbricadas no contexto das décadas de 1950 e 1960 que permitiram e, indo além, que construíram as representações referentes à EFDG na produção intelectual e no imaginário social da época.

Por outro lado, incomodava a ideia de um método de ensino dito importante na construção histórica do campo da Educação Física ter tido poucos investimentos de investigação mais densos e aprofundados. Se, de alguma maneira, estudos e sujeitos reconheciam a Educação Física Desportiva Generalizada como fundamental para as transformações ocorridas na área, principalmente a partir da década de 1950, esse reconhecimento não se refletiu na pesquisa em Educação Física. Várias referências à EFDG são realizadas em diferentes obras, mas poucas se propuseram a enfrentar as possibilidades interpretativas que compõe essa história. Indagava, portanto, quais tinham sido as fontes e as referências utilizadas para a produção dos sentidos que ainda hoje se propagam sobre a Desportiva Generalizada. Questionava: quando se fala em EFDG nos dias atuais, se fala a partir do quê? E, talvez mais significativo, a partir de quem?

Dessa maneira, enfrentei neste estudo o desafio de estabelecer um exercício necessário à prática da pesquisa histórica e, possivelmente, fundamental a este objeto, de diálogo constante com a evidência empírica. Mais que conjecturar sobre um determinado fato ou acontecimento, me dediquei a procurar nos indícios, vestígios deixados pelos homens de um determinado fenômeno que não mais pode ser capturado: as possibilidades interpretativas dessa história. Todavia, ao fazê-lo, entendia que esses testemunhos, para uma boa condução da pesquisa histórica, precisavam ser tensionados, interrogados, mais que ser lidos como simulacros da verdade.

Procurei, portanto, escrever uma interpretação possível dessa história, atenta às diferentes formas e práticas de apropriação que dialogaram para a construção desta trama, a fim de compreender os processos de produção de sentidos e as práticas culturais referentes a este objeto. Nesse sentido, atentei para as variadas possibilidades de construção de

significados conectadas a tais práticas culturais que se apresentam, obviamente, não lineares e providas de interesses.²⁷

Esse conjunto inicial de representações referentes ao papel da EFDG na Educação Física brasileira foi fundamental para elaboração da problemática desta pesquisa. A imagem construída da Desportiva Generalizada e de seu autor, Auguste Listello, foi balizar para a manutenção de sua circulação e apropriação²⁸ ao longo de quase 30 anos no Brasil, configurando-a como uma das fundamentações da Educação Física brasileira a partir da década de 1950. Dessa maneira, para melhor compreendê-la, as perguntas que orientaram este estudo foram produzidas no diálogo com a produção acadêmica do campo da Educação e da Educação Física e também foram pensadas para a interpretação do objeto de investigação.

Procurando reconhecer a complexa rede que compõe essa história, optei pela perspectiva historiográfica que pressupõe uma concepção transformativa da circulação, na qual a construção e reconfiguração de ideias e saberes se dão pelo processo de interação dinâmica entre sujeitos, dispositivos materiais e modos de organização, compondo um processo de encontro, de poder e de resistência, negociação e reconfiguração que ocorre na interação entre culturas.²⁹ Nesse sentido, como afirma Kapil Raj (2013), circulação é diferente de uma simples mobilidade ou difusão, pois implica um duplo movimento de ir e vir que se repete. O que importa, neste movimento, é destacar as dinâmicas que engendraram a reconfiguração local daquelas determinadas práticas culturais.

Importou também para este estudo

[...] compreender o entre-lugar que emerge, quando duas ou mais culturas diferentes produzem ideias, concepções, fatos, que podem ser relacionados diretamente ou não, ainda que possam ter um mesmo fundo comum necessário. Este olhar contribui para que reconheçamos a possibilidade de dispersão geográfica e temporal na produção e na apropriação cultural, sem que haja um vetor exclusivo de onde tais ideias, concepções e fatos emergem ou partam. Isso nos permite que nos acautelemos contra os perigos políticos e intelectuais de radicar os primórdios das formas educativas em um tempo ou espaço unívoco.³⁰

A investigação sobre o objeto desta tese pede também que se reconheçam as práticas de apropriação possibilitadas por esta circulação. Falar em práticas de apropriação é, sobretudo, falar em práticas de transformação. A apropriação pressupõe que, em determinados

²⁷CERTEAU, 1994.

²⁸Para trabalhar com as noções de circulação e apropriação foram tomados como referências os trabalhos de Roger Chartier, Michel de Certeau, Marta Carvalho e Kapil Raj.

²⁹RAJ, 2013.

³⁰TABORDA DE OLIVEIRA; BELTRAN, 2013, p.18.

contextos e situações, sujeitos dotados de competências produzem um novo objeto, segundo regras, interesses e as próprias contingências de seu tempo.³¹

Assim, a escrita desta história teve, por princípio, o cuidado em revisitar os recursos metodológicos e conceituais, as fontes mobilizadas e as perguntas norteadoras, para o permanente exercício de costura da trama. Uma operação complexa que demanda o estabelecimento de contornos, de arestas. Adotei também, neste estudo, o currículo do professor Auguste Listello como uma espécie de mapa cartográfico, ou seja, como um lugar de representação desse sujeito que contém informações, pistas, símbolos e outros elementos que possibilitam a reflexão sobre os processos de sociabilidade, de escolhas e aspirações vivenciados em seu entorno.

Toda essa rede de conexões e interlocuções produziu a necessidade de envolver diferentes sujeitos, autores e professores, investindo na possibilidade de compreender a ambiência deste estudo a partir da contribuição de suas obras e de suas ideias. Portanto, uma aproximação com o período em questão se deu no diálogo com a produção historiográfica no âmbito da Educação e da Educação Física e com as produções circulantes nos periódicos do período estudado sobre os princípios orientadores da educação nacional, procurando capturar esquemas interpretativos que dissessem das relações, dos sujeitos e das construções de sentidos referentes à Educação e Educação Física brasileira.

1.2 Modos de pensar a educação e a Educação Física na década de 1950: relações entre o desenvolvimento nacional e a formação e a atuação docentes

A década de 1950 é marcada por um movimento de transformações culturais e sociais, impulsionadas pelos acontecimentos ocorridos em 1945, data que conflui, no plano mundial, com o final da Segunda Guerra Mundial e, no plano nacional, com o fim do Estado Novo. No âmbito brasileiro, essa importante mudança de governo mobilizou diferentes segmentos da sociedade brasileira na reorganização do país. Esse período de adequação a uma nova lógica provocou certa mobilização das elites políticas e intelectuais frente ao desafio de promover o desenvolvimento nacional estabelecendo iniciativas de cunho político, social e educacional. No âmbito da educação, as diretrizes políticas a serem adotadas a partir de então foram alvo de intensos debates que, ora se aproximavam, ora se distanciavam de um modelo a ser seguido. Estudos como o de Chaves (2006), Xavier (2012), Monarcha, (2007), Tanuri

³¹ CARVALHO, 2003.

(1998), Dallabrida (2014), Lugli e Silva (2014) demonstraram que o Brasil dos anos 1950-1960 estava imerso no debate em torno da necessidade de renovação e pesquisa no âmbito educacional, em que diferentes sujeitos e instituições, com seus respectivos projetos de sociedade, abriram um campo de possibilidades para o desenvolvimento de seus projetos.

Analisando o desenvolvimento da pesquisa e a construção histórica em educação no Brasil sobre as décadas de 1950 e 1960, Carlos Monarcha (2007) aponta que o clima do nacional-desenvolvimentismo inerente à época promoveu a criação de instituições e o estabelecimento de ações objetivando equacionar os problemas da educação brasileira. Segundo ele,

Fenômenos tais como a retomada da democracia, a aceleração da urbanização e a industrialização contribuíram para que o tema da educação nacional e de sua reforma se tornasse central, no pensamento social modernizador configurado por uma inteligência socialmente engajada e sumamente empenhada na apreensão dos mecanismos que acelerassem a transição da sociedade patrimonial para a ordem aberta e competitiva. É desse período, por exemplo, a criação do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), em 1956, e do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE), em 1955.³²

As obras em história da educação produzidas nesse período analisadas pelo autor³³ constituem-se como bons indícios para a compreensão do clima da época para dizer da “[...] necessidade de reformar as políticas públicas em prol de algo maior, a saber, a ‘reconstrução educacional’, que tinha como escopo sincronizar desenvolvimento nacional, democracia, melhora de condições de vida e expansão da educação popular.” (MONARCHA, 2007, p. 63).

Xavier (2007) também aborda questões que pontuaram o debate educacional brasileiro em meio à ambiência intelectual dos anos 1920-1930 e suas repercussões nos anos de 1950-1960. A autora afirma que uma série de intervenções foram elaboradas com o intuito de reestruturar o *status* socioeconômico e cultural do Brasil através da educação, buscando acelerar o processo de transição de uma sociedade patrimonial para uma desenvolvida, dentre elas a reforma do ensino superior. Ao fazer um balanço das estratégias dos intelectuais envolvidos com a educação, observou que se efetivaram em, pelo menos, “[...] três espaços de atuação distintos, porém articulados: as reformas do ensino nos estados, a criação de

³² MONARCHA, 2007, p. 60.

³³ Para essa análise, o autor destaca as obras de Fernando de Azevedo (1959), Florestan Fernandes (1966), Roque Spencer Maciel de Barros (1960).

universidades [...] e, por fim, a criação de instituições ligadas à burocracia estatal nas quais se dava prioridade ao estudo ‘científico’ dos problemas nacionais” (XAVIER, 2012, p. 672).

Segundo Lugli e Silva (2014) o período de 1950 a 1970 assinalou também certa preocupação em formar professores que soubessem “[...] planejar, ordenar os conteúdos, usar os métodos e as técnicas didáticas mais eficazes”³⁴. Em outras palavras, as autoras afirmam que a necessidade de inovação e de adaptação a uma sociedade que se queria moderna e industrializada, significou também, naquele período, conceber o ensino pautado em novos e modernos técnicas e métodos de ensino. Colocando em diálogo os discursos oficiais, os dos especialistas em educação e os dos professores primários produzidos em meados do século XX, elas concluíram que havia consenso em afirmar o valor dos métodos de ensino, porém o “[...] próprio lugar de produção de cada um desses discursos fez surgir também divergências” acerca dos sentidos e papéis destinados a eles no espaço escolar.³⁵

No diálogo com esses estudos, pode-se inferir que nos espaços de formação e debate de ideias do campo educacional como as universidades e as associações de professores, diferentes projetos de sociedade e cidadania foram apresentados com o intuito de repensar direções e caminhos a serem construídos pela área. Nesse contexto, outras possibilidades de pensar a educação foram postas em jogo, incluindo a necessidade de instrumentalizar o professorado no seu fazer docente, tendo por base métodos e técnicas de ensino. No campo específico da Educação Física pareceu possível trabalhar com o fato de que o debate de inovação pedagógica também produziu movimentos que objetivavam a reestruturação da área. Tais movimentos foram alimentados pelas proposições do âmbito educacional como um todo e fomentados, mais especificamente, por instituições como a Divisão de Educação Física, os Departamentos estaduais de Educação Física, as Escolas Superiores de Educação Física e as Associações de Professores de Educação Física.

Compreender o período em questão na educação nacional foi fundamental uma vez que a adesão à EFDG como fundamentação metodológica na formação de professores e, conseqüentemente, na atuação docente nas escolas, parte de um quadro que fazia ver a necessidade de pensar de outra maneira a educação e a Educação Física. Da mesma forma, fazia ver a necessidade de pensar a formação e a atuação docentes.

Na construção deste trabalho, o reconhecimento dos discursos relativos à educação nacional se apresentou como possibilidade de apreensão dos sentidos produzidos para a Educação e para a Educação Física daquele período. Sujeitos que participaram dessa

³⁴ LUGLI; SILVA, 2014, p. 235.

³⁵ LUGLI; SILVA, 2014, p. 249.

produção de ideias foram acionados à medida que seus escritos e suas argumentações se mostraram pertinentes à problemática. As várias representações pedagógicas e culturais apreendidas em tais discursos foram também pontos de referência e diálogo nesta pesquisa.

De sujeitos que pensavam a educação, como Anísio Teixeira e Lourenço Filho, aos ligados à interpretação política e social, como Caio Prado Jr. e Nelson Sodré, percebe-se que diferentes olhares da época estavam preocupados em remodelar o imaginário da população em relação ao Brasil que estava em construção pós 1945. Nesse sentido, as ações de *expandir*, *aperfeiçoar*, *modernizar* para alcançar o desenvolvimento necessário à nação brasileira serviram como referência para a leitura das questões pertinentes à Educação e à Educação Física na década de 1950, prioritariamente. Naquele ambiente, tais ações foram frequentemente mobilizadas nos argumentos daqueles que se dispuseram a pensar e a traçar novas diretrizes para a educação naquele período.

1.2.1 *Expandir, aperfeiçoar, modernizar...*

No texto “Condições para a reconstrução educacional brasileira”, publicado em 1953, pela *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Anísio Teixeira, então diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), defendeu a ideia de que a reorganização do sistema escolar, nas suas diferentes etapas, era prerrogativa para a construção das novas bases, mais sólidas, da sociedade brasileira³⁶:

Nenhum outro dever é maior do que o da reconstrução educacional e nenhuma necessidade é mais urgente do que a de traçar os rumos dessa reconstrução e a de estudar os meios de promovê-la, com a segurança indispensável para que a escola brasileira atinja os seus objetivos.³⁷

Para ele, o problema que suscitava a necessidade de uma reconstrução educacional constituía-se de duas naturezas: a primeira seria de ordem política e financeira, pois reorganizar a educação dependia da mobilização de recursos e medidas governamentais a fim desenvolver um plano nacional de educação; e a segunda, de ordem técnica, dada pela urgência em aperfeiçoar e melhorar as instituições de ensino e a formação docente no país. É na integração desses dois diagnósticos, pela construção de uma nova política educacional, que ele apresentou ideias para um conjunto de ações necessárias à concretização do ideal de

³⁶Importante destacar que tal defesa era algo que Anísio Teixeira vinha fazendo desde os anos de 1930.

³⁷TEIXEIRA, Anísio. Condições para a reconstrução educacional brasileira. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, vol. XIX, n.49, jan.-mar. de 1953, p.7.

educação que defendia. Compreendida como partícipe do processo de “transmissão de cultura”, segundo Anísio, a escola formal tinha por propósito “servir como um reforço” às outras dimensões da vida que também implicavam educar as crianças e jovens, num exercício de “completar, harmonizar e tornar mais consciente a cultura” bem como para “habilitar o jovem à vida cívica e do trabalho”.³⁸ Dessa forma, Anísio Teixeira indicava a necessidade de que, ao se reformularem, as escolas e as instituições de formação de professores, deveriam passar por forçosas alterações estruturais de currículo, de métodos e de técnicas de educação:

Os estudos universitários dos métodos, problemas e técnicas de educação, como arte e como ciência social, e a formação do magistério, pelos mais eficazes processos existentes seriam as duas grandes fôrças de direção do grande movimento de expansão escolar que, assim, por certo, se haveria de deflagrar em todo país. [...]

Decidida a nação ao grande esforço – e esta é que a grande decisão política – a ação se terá de desenvolver com a liberdade que aqui recomendamos, resultando a sua organicidade do jôgo daquelas influências indiretas, aludidas, particularmente o preparo do magistério e o exame do estado.

A complexidade do problema educacional é uma complexidade semelhante à da própria vida humana, mas, assim como não devemos arregimentar nem uniformizar a vida não podemos uniformizar nem arregimentar a educação. A unidade da educação nacional, como a unidade da vida brasileira, decorrerá da conciliação que soubermos estabelecer entre os dois aspectos fundamentais de organização e liberdade, responsabilidade e autonomia.

A conciliação se encontra na subordinação à verdade, e verdade é o que fôr reconhecido pela ciência ou pelo corpo organizado dos que a servem. Essa é a conciliação que propomos para o problema do livre desenvolvimento do ensino no país, a fim de que o seu sistema escolar, expandindo-se e aperfeiçoando-se, possa cumprir a grande tarefa de que depende nada menos do que a sobrevivência nacional.³⁹

Para Anísio Teixeira, a busca pela “construção do futuro brasileiro” se traduzia na luta contra o atraso e contra o “complexo de inferioridade”⁴⁰ que permeava a esfera política e econômica, mas também e, essencialmente, a educacional e cultural. Apostava em uma educação e formação “moderna” e “sistemática”, que tivesse por base o desenvolvimento científico ou, como ele pondera, “[...] no que for reconhecido pela ciência ou pelo corpo organizado dos que a servem”.⁴¹

Essas análises de Anísio Teixeira sobre as possíveis e desejadas diretrizes de seu tempo guardam relação com as interpretações de outros sujeitos contemporâneos a ele e preocupados em reorganizar o país, de acordo com José Carlos Reis (2007). Nessa obra, Reis destaca que a produção de alguns dos intérpretes do pensamento social brasileiro desse

³⁸ TEIXEIRA, 1953, p. 03.

³⁹ TEIXEIRA, 1953, p. 12.

⁴⁰ TEIXEIRA, 1953, p. 6-7.

⁴¹ TEIXEIRA, 1953, p. 12.

período, como a de Caio Prado Jr. e Nelson Sodré, foi redirecionada a fim de compreender o “novo Brasil” que estava por vir.⁴² De acordo com tais intérpretes, as explicações realizadas nos anos 1920-30 sobre a situação do país não mais correspondiam às mudanças provocadas pelos acontecimentos advindos de 1945 e, portanto, o Brasil precisava ser reinterpretado. De acordo com o autor, o tema que predominou nessas interpretações foi a transição da sociedade baseada no capitalismo agrário para a do capitalismo industrial e as implicações dessa mudança na dinâmica social brasileira, em seus diferentes aspectos, dentre eles, a educação, que ganhou um espaço de destaque.

Dessa forma, é possível dizer que a década de 1950 se inicia com o forte propósito de ser um marco na história brasileira em diferentes planos. No clima dos debates que efervesciam os campos da política, economia, cultura, educação, entre outros, os anos cinquenta podem ser lidos como um tempo de abertura de “horizontes de possibilidades”, como afirma Angela de Castro Gomes (2013), para aqueles que se propunham a (re) construir o Brasil. Sem a intenção de homogeneizar o período que se estende de 1945 a 1964, a autora destaca algumas palavras-chave que assinalam projetos e processos que marcaram esse período e deixaram marcas na história da sociedade democrática brasileira. São elas: nacionalismo, autoritarismo, democracia, desenvolvimento, industrialização e urbanização. Essas expressões produziram sentidos em muitas experiências possibilitadas pelo processo de redemocratização do país e, de alguma maneira, também para pensar os caminhos traçados para a Educação e a Educação Física brasileira nesse período. Como afirma Libânia Xavier (2012), no que diz respeito à educação, na década de 1950:

[...] foi possível estruturar um campo cultural aberto ao espírito de renovação e de pesquisa, abrindo-se um mercado próprio para troca de ideias e para o reconhecimento da identidade social dos intelectuais e de sua missão na sociedade. Nesses espaços, diferentes projetos de sociedade e de construção da cidadania foram apresentados, alargando o campo de possibilidades aberto pelo clima político favorável e pela criação de novas instituições capazes de abrigar os intelectuais e seus projetos.⁴³

O clima político favorável ao debate de outras proposições educacionais pôde ser sentido também na mensagem presidencial de 1952, enviada ao Congresso Nacional. Em cumprimento à norma estabelecida na Constituição Nacional em vigor, Getúlio Vargas remetia anualmente um texto ao Congresso, expondo a situação do país e solicitando as providências julgadas necessárias para solucionar os diversos problemas que reclamavam a

⁴²REIS, 2007, p.154.

⁴³XAVIER, 2012, p. 672.

atenção das autoridades brasileiras.⁴⁴ Naquele ano, na parte relativa à educação e a cultura, dentre as ações citadas urgentes, como a federalização de escolas superiores de ensino e o debate das diretrizes e bases da educação, destacou-se a preocupação com o aperfeiçoamento do nível superior de ensino. Nessa mensagem, o presidente Getúlio Vargas apontou um desacerto entre o desenvolvimento urbano-industrial com um “rendimento correspondente do pessoal de nível superior”.⁴⁵ Diagnosticou que, com um ensino superior até então voltado para atender determinadas demandas profissionais, as escolas e as universidades ainda não estavam inteiramente capacitadas para atividades de pesquisa e inovação técnica. Para tanto, o governo se propôs a estabelecer diretrizes e ações com o objetivo de “[...] balancear o nosso capital humano, científico e profissional, e estudar e planejar os meios de ampliá-lo, enriquecê-lo e melhorá-lo”⁴⁶:

A política educacional do Governo procura assim prestigiar o trabalho universitário e o de alta especialização. O respeito à autonomia universitária e ao livre desenvolvimento da cultura superior orienta seus propósitos, pois se há uma lição a tirar dos acontecimentos contemporâneos é a de que uma Nação moderna só pode sobreviver na medida em que a sua produção intelectual mantiver um padrão de qualidade superior, o que só se pode obter num clima de liberdade de pensamento e de pesquisa.⁴⁷

É possível apreender certo consenso no discurso do presidente Getúlio Vargas e no de Anísio Teixeira sobre a ideia de que uma reformulação do ensino superior possibilitaria melhora na educação do povo, estimulando a todos a participar do desenvolvimento do país. Pode-se perceber na fala desses dois sujeitos que ideias e ações voltadas para a qualificação e incremento da educação foram destacadas ao longo dos anos cinquenta. Nesse sentido, no que tange ao ensino superior, cabe destacar, como aponta Libânia Xavier (2012), que existia certo consenso de que o caminho para o progresso passava pela ação e pela formação de um conjunto de profissionais que, bem orientados, poderiam dar forma a esse projeto de sociedade.

Interpretações do papel da formação docente e da universidade na reconstrução da sociedade brasileira puderam ser encontradas em publicações voltadas para a Educação Física. Nos periódicos *Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos e Boletim da Educação Física* são vários os artigos que sinalizavam tal importância da

⁴⁴ A mensagem presidencial de 1952 e a educação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, vol. XVII, n. 45, jan-mar de 1952, pp.199-225.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 206.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 206.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 207.

universidade na formação da sociedade brasileira daquele período. Dentre os professores que se dispuseram a falar sobre esse tema nesse periódico, pode-se destacar Alfredo Colombo, Hélio de Medeiros, Cyro de Andrade, Alberto Latorre de Faria e Peregrino Júnior. Em uma dessas publicações, no artigo denominado “Missão da Universidade na formação das elites”⁴⁸, o professor Peregrino Júnior, da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil (ENEFD), trouxe elementos importantes para reconhecer algumas fundamentações desse argumento na área.

Na primeira parte do seu artigo, Peregrino Júnior refere-se à construção da identidade do “homem brasileiro” como o grande problema do país daquele período e como a grande tarefa da universidade. Para ele, o problema do “homem brasileiro” era “duplamente grave e urgente”: era preciso aumentar a densidade demográfica do Brasil, desenvolvendo-o economicamente, ao mesmo tempo em que era, sobretudo, necessário “[...] melhorar a qualidade do homem brasileiro, estimulando suas aptidões biológicas, seu rendimento para o trabalho, sua capacidade vital”. Nesse sentido, a grande tarefa da universidade seria estudar profundamente o homem nas suas diferentes dimensões, a fim de “avaliar a resistência do nosso material humano” para dele extrair “o rendimento mais alto”.⁴⁹

Na continuidade do artigo, exercitando a construção de uma narrativa a partir de referências ao trabalho corporal, o autor tentou estabelecer conexões ao tratar do “homem brasileiro”: a produção da identidade nacional passa também e, essencialmente, pelo corpo. A capacidade de “dominá-lo” e “utilizá-lo” se mostrou uma forma de compreender e interpretar a sociedade de seu tempo. Índícios de uma educação corporal orientada pela e para a formação social da população brasileira, sob o signo da eficiência e do rendimento. Algo que, para o autor, faria da universidade o lócus para essa constituição. Peregrino Júnior discorreu também sobre a universidade no Brasil; suas possíveis conformações, frentes de trabalho e suas possibilidades de intervenção para a formação da sociedade brasileira. Propondo-se a encontrar soluções para o problema do “homem brasileiro”, o autor afirmou que caberia à universidade “a mais alta e generosa das missões”: “propagar as ideias”, “ensinar as ciências e as técnicas”, “estruturar a cultura” e “permitir a ascensão social dos brasileiros de todas as classes”.⁵⁰

É perceptível em seus argumentos a ideia de que uma das mais importantes funções do ensino superior era a formação de quadros profissionais e a concretização das

⁴⁸PEREGRINO JÚNIOR. Missão da Universidade na formação das elites. *Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos*, Ano VIII, n.8. 1954-1955. pp. 7-32.

⁴⁹*Ibidem*, pp. 7-8.

⁵⁰*Ibidem*, p. 15.

bases científicas e tecnológicas capazes de aumentar o desenvolvimento social, econômico e cultural do país tão propagado em seu tempo. Assim, ele tomou a educação, em especial a superior, como pilar da formação de um determinado tipo de “homem brasileiro”: “forte de corpo, claro de espírito, puro de coração”.⁵¹ Essa expressão já havia aparecido em outro artigo de Peregrino Júnior no início da década de 1940, ao afirmar que a melhora das condições do “homem brasileiro” parte de dois pressupostos: o “aperfeiçoamento da cultura” e o “apuro das aptidões eugênicas das massas”.⁵² Tal caracterização do povo brasileiro guarda fortes relações com ideais eugênicos, defendidos como prerrogativa da Educação Física pelo professor desde a década de 1930. Na década de 1950, seus argumentos mantêm a fundamentação eugênica, mas são apresentados sob um novo formato, vinculado ao discurso do desenvolvimento e da modernidade.

Dada a sua formação e a sua área de atuação dentro da Educação Física, o professor defendia um modelo educacional estruturado, principalmente, pela natureza morfo-fisiológica dos alunos. Conseqüentemente, as suas concepções de corpo e de Educação Física caminhavam próximas às perspectivas teóricas fundamentalmente biologicistas, principalmente a biometria e biotipologia.⁵³ Esse posicionamento, já nas décadas de 1940 e 1950, fora bastante criticado por outros professores, inclusive dentro da própria Escola onde Peregrino Júnior atuava, por desconsiderar os aspectos pedagógicos, sociais e culturais pertinentes à Educação Física.⁵⁴ Embora alicerçado em uma determinada representação de educação e de Educação Física criticada em sua universidade e em seu tempo, as ponderações de Peregrino Júnior em relação à função do ensino superior foram importantes para pensar o papel da universidade na sociedade brasileira daquele momento.

Para além das ponderações sobre o papel da educação superior e formação docente no contexto mais amplo de desenvolvimento, industrialização e nacionalismo vivenciados nas décadas de 1950 e 1960, outras conexões no âmbito da Educação e da Educação Física com esses projetos sociais foram intentadas. Afinal, dizer que Educação Física também participava desse fenômeno de expansão econômica, social e cultural era

⁵¹*Ibidem*, p. 32.

⁵²PEREGRINO JÚNIOR. Sentido político e biológico da Educação Física. *Cultura Política*. Rio de Janeiro, n.4, janeiro de 1944. p.162.

As ideias desenvolvidas nesse artigo dialogam em alguns momentos com outro artigo recorrentemente citado nesse período denominado “A nova Educação Physica” de I. Fisher, publicado na revista Educação Physica, n. 4, de março de 1934.

⁵³Algumas obras do professor Peregrino Júnior sobre a temática: *Desenvolvimento normal do brasileiro* (1943); *Alimentação - Problema nacional* (1942); *Biometria aplicada à educação* (1942); *Biotipologia pedagógica* (1942); *Crescimento e desenvolvimento* (1949).

⁵⁴MELO, 1995.

importante. Adentrar esse debate comportava um movimento de atribuição de sentidos ao seu fazer, ao mesmo tempo que permitia a inclusão de novos padrões de conduta, capazes de construir outros desenhos para a área. Mas quais foram as relações estabelecidas entre Educação Física e desenvolvimento econômico, industrialização e nacionalismo? Para Alberto Latorre de Faria,

Sem desenvolvimento econômico não pode haver programas amplos de educação e, especialmente de educação física.

Sem a formação no país de um vasto e produtivo parque industrial, especialmente de indústria de base, qualquer cogitação – *como programa sério de governo* – da solução dos problemas concernentes à educação física, certamente, estará fadada ao insucesso ou à obtenção de pálidos resultados, exceto para os equivocados.

Daí surge a assertiva: sem que uma substancial industrialização, esteja efetivada, a aplicação de recursos maciços, quer por parte do governo, quer por parte de grandes empresas particulares – em prol da educação física e dos desportos – será investimento de poucos resultados e só servirá para desviar capitais e energias de realizações prioritárias.

[...] um povo apático, perplexo, paralisado; sem a possibilidade de realização e afirmação, condenado a uma vida desfibrada, [...], sem objetivos definidos, enfim, *sem um projeto de vida coletiva*; inferiorizado, deslumbrado unicamente pelas façanhas alienígenas; imbuído de pessimismo e sem confiança em suas potencialidades e possibilidades, nada tem a esperar de marcante, em nenhum terreno da vida moderna – frente às nações poderosas – *sobretudo no campo das competições desportivas que são atividades reflexas*. [...] O Nacionalismo que surge, tempestivamente, em um povo com destino histórico, é a própria tomada de consciência de sua força e de sua vitalidade [...] ⁵⁵

O professor Alberto Latorre enxergava o desenvolvimento econômico, a industrialização e o nacionalismo como ferramentas de alavanque da Educação Física e dos esportes no Brasil. O que não implica dizer que ele não reconhecia a educação e a escola como processos e sistemas fundamentais à construção da identidade nacional. Para ele, a educação, assim como as diferentes manifestações da cultura, deveria se inserir “no projeto nacional de cada povo”, e, no Brasil especificamente, o grande desafio era “[...] vencer o subdesenvolvimento escolar ao mesmo tempo que o econômico”.⁵⁶ Nessa perspectiva, o professor compreendia que a educação e a Educação Física serviam ao desenvolvimento do país, ao mesmo tempo que seus frutos deveriam e poderiam ser direcionados para o incremento esportivo nacional, contribuindo assim para o “engrandecimento do Brasil”. Portanto, é possível perceber que diferentes olhares da Educação Física estavam contaminados pelo papel da universidade na formação social e pelo apelo ao desenvolvimento econômico.

⁵⁵ FARIA, Alberto Latorre de. A Educação Física e o momento atual da sociedade brasileira. *Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos*. Ano XI, n.12. 1958, pp.09-24, grifos do autor.

⁵⁶ FARIA, 1958, p. 20.

Ainda nesse artigo o professor Alberto Latorre sinalizou que, naquele período de crescimento econômico, era imperioso atentar para o fato de que, mais que uma simples ampliação do sistema escolar, era preciso ter atenção “às condições de instalação, de professorado e de eficiência didática”. Afinal, “o tipo de sociedade moderna e autônoma” pretendido só seria alcançado através da “eficiência” e, no caso da educação e da Educação Física, da “eficiência do ensino”, pois somente assim poderia ser verificado se o tipo de ensino era o mais indicado.⁵⁷ Naquele ambiente, uma produção de novas sensibilidades e definição de novos ritmos pareceu acolher a ideia de eficiência na Educação Física como uma diretriz do seu fazer. Em uma sociedade cada vez mais industrializada e competitiva, a presença da Educação Física na escola deixava de ser condicionada à correção dos corpos e passava a ser vista como um aprendizado dado pelos princípios da eficiência e do rendimento. Tais códigos puderam ser notados já em fins da década de 1930 e 1940, como afirma Omar Schneider (2007). Ao analisar a *Revista Educação Physica* nesse período, ele percebeu que novas sensibilidades passaram a se manifestar corporalmente. A ideia da eficiência como “um parâmetro da nova racionalidade que se projeta para a sociedade e um objetivo a ser perseguido”⁵⁸ passou a orientar os modos de fazer Educação Física.

Essa redefinição de princípios, iniciada anos antes, encontrou, portanto, ambiente propício para o seu acolhimento nos anos cinquenta, impregnados pelo discurso do desenvolvimento nacional. O intuito de *expandir*, *aperfeiçoar* e *modernizar* a educação e o sistema escolar passava pela prerrogativa reorganização e qualificação da formação e da atuação docentes. Assim, a expansão universitária, a readequação do currículo do ensino superior e a realização de pesquisas e cursos de atualização e aperfeiçoamento docentes orientaram não apenas a formação de professores em Educação Física como também a própria organização e sistematização de conceitos e métodos no interior das escolas básicas.

1.2.2 Algumas iniciativas e debates basilares

Ainda que parte das discussões e iniciativas sobre remodelar as proposições pedagógicas ganhasse fôlego a partir da década de 1950, é imprescindível destacar que, na década de 1940, debates e proposições sobre quais bases teórico-metodológicas deveriam nortear a Educação Física nacional já se faziam constantes. Destaco a possibilidade de se tratar de um ou mais movimentos, pois as ações que se apresentaram a partir desse período

⁵⁷ FARIA, 1958, pp. 20-21.

⁵⁸ SCHNEIDER, 2004, p.50.

não se configuraram como um ideal único e discursos consonantes sobre o conceito de qual Educação Física deveria estar por vir. Isso implica dizer que o conjunto de discursos e ações que propõe uma mudança comporta tensões e contradições dando espaço para inúmeras construções de sentidos do que se queria ser.⁵⁹

Uma das principais evidências desse quadro foram as recorrentes publicações nos periódicos da área de iniciativas governamentais. Tais ações tiveram como objetivo reformular as diretrizes nacionais para a Educação Física a partir dos anos de 1940. A constatação de problemas no emprego do método oficial vigente nas escolas, o Método Francês, figurou-se como uma das grandes inquietações que balizaram o estabelecimento de tais iniciativas. As críticas ao rigor do método e à sua inadequação à população brasileira foram os aportes iniciais para o debate sobre qual Educação Física deveria ser construída a partir de então.

No âmbito do poder público, alguns movimentos evidenciaram a busca por outro trato metodológico para a Educação Física que não mais se fundamentasse apenas no Método Francês. Dentre eles, ganharam visibilidade a proposição de vários concursos de contribuições para a elaboração de um Método Nacional de Educação Física e a instauração de inquéritos entre os professores de Educação Física dos estabelecimentos de Ensino Secundário para a compreensão e sugestão de melhorias no ensino da disciplina. Ambos foram promovidos pela Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde (DEF-MES) no início da década de 1940. Tais iniciativas foram divulgadas principalmente pela *Revista Brasileira de Educação Física* e pelo *Boletim de Educação Física*, fazendo circular na área produções de diferentes sujeitos e instituições interessados em participar da construção das suas “novas” bases científicas e pedagógicas.

O movimento iniciado sugere o interesse em repensar as diretrizes nacionais para a área o que, por sua vez, também dá a entender que o método oficial adotado até então já não atendia mais as necessidades e demandas da Educação Física nacional. O imperativo em revisitar tais questões se produziu a partir do entendimento de que é importante compreender a indissociabilidade do processo histórico, ou seja, apreender que todo momento da história é ao mesmo tempo decorrência de projetos anteriores e um apontamento de seus caminhos futuros e, portanto, investigar o seu *vir-a-ser* ajudará na compreensão das ligações e contradições postas no seu *momento de ser*.⁶⁰ Fez-se necessário pensar, portanto, que os códigos e interesses que fundamentaram essa pretendida renovação pedagógica para a

⁵⁹ CHARTIER, 1990.

⁶⁰ THOMPSON, 1981, 1987.

Educação Física produziram diferentes caminhos de compreensão da área e possibilidades de ampliação dos conteúdos e modos de organização para a sua intervenção na escola, dentre os quais o esporte e a sua metodização ganharam força.

Dessa forma, na construção desta trama, tornou-se fundamental a questão: quais foram os elementos que precipitaram esses acontecimentos? Procurei, então, entender como as aspirações e tensões (no caso, a presença do esporte na Educação Física) são postas em um novo contexto com novos argumentos e um equilíbrio de forças modificado, ou seja, tentar entender “a continuidade das tradições e o contexto que se alterou”.⁶¹

No ofício publicado em agosto de 1948, em nome do Departamento de Educação Física do estado de São Paulo (DEF-SP), por Antônio Boaventura da Silva, então diretor técnico desse órgão, foi possível perceber vestígios desses elementos. No ofício o professor expõe a necessidade de repensar os programas de Educação Física desenvolvidos nas escolas pois, tal como se apresentavam, não poderiam contribuir para uma integral educação dos jovens e para reconhecimento do seu valor educativo perante os outros educadores. Pare ele, a Educação Física escolar realizada meramente pelos métodos ginásticos já dava claros sinais de ser pedagogicamente insuficiente para justificar o seu papel na formação das crianças e jovens:

Prova irrefutável dessa verdade são as atitudes de desaprovação em geral manifestadas pelos alunos com relação às chamadas ‘aulas de ginástica’ e a incompreensão patente que até então perdura por parte dos educadores não especializados, quanto às possibilidades da educação física como fator educacional.⁶²

A partir de tal argumentação, Boaventura da Silva defende maior inserção dos esportes e das atividades recreativas como contraponto à prescrição única de métodos e de exercícios físicos (também conhecidos por exercícios ginásticos) a fim de assegurar aos programas escolares de Educação Física seu sentido e pertencimento ao sistema educacional.

Nesse ínterim, foi importante considerar que o debate acerca da presença do esporte na Educação Física escolar, em maior ou menor grau, já vinha ocorrendo em décadas anteriores a esse processo de renovação⁶³. Investigando a presença do esporte na Associação

⁶¹ THOMPSON, 1987, p.23.

⁶² BOAVENTURA DA SILVA, 1948, s/p.

⁶³ A expressão “renovação” é um termo recorrente na história da Educação Física assim como na história da educação. Diferentes épocas, pelas ações de seus sujeitos e instituições, chamam pra si a responsabilidade de estabelecer novos pressupostos para a (re) construção da Educação Física, numa tentativa de rompimento, ainda que parcial, com os conceitos vigentes da área. Podemos perceber discursos de “renovação” nas décadas de 1920/30; 1940/50; 1960/70 até os anos 1980, cada um norteado pelas ideias produtoras do ordenamento

Brasileira de Educação, Linhales (2006) argumenta que o encontro entre a Educação Física brasileira e o esporte já se apresentava como tema de proposições e práticas desde a década de 1920. No exame desses encontros entre a escola e o esporte, a autora chama atenção para a necessidade de perceber que “[...] ao adentrar a escola, o esporte traz na *bagagem* uma série de regras, procedimentos, sujeitos, espaços, temporalidades e objetos que passam, então, a balizar a sua presença e o seu diálogo com tantas outras *bagagens* lá existentes”.⁶⁴

Partindo do entendimento de que cada época expressa a sua maneira de pensar o encontro entre a escola e o esporte, lancei-me neste trabalho a compreender as singularidades da *bagagem* e do *diálogo* estabelecido por esse encontro no período delimitado para este estudo. Entendo que essa temporalidade, iniciada na década de 1940, comportou outras condições de possibilidades que provavelmente permitiram maior adesão à presença do esporte na escola.

Se, de alguma maneira, o debate sobre a inserção bem como a intervenção do esporte na escola já vinham acontecendo desde o início do século XX, pelo menos, restou-me indagar, neste estudo, qual foi o papel da EFDG no movimento de esportivização da Educação Física escolar.⁶⁵ Impulsionado por ações e debates que visavam promover a circulação de novas formas de pensar e intervir na Educação Física escolar a partir da década de 1940, mas sobretudo na década de 1950, a possibilidade de uma sistematização pedagógica que tinha o esporte como conteúdo importante ganha maior espaço e destaque na área por meio da circulação de novos métodos de ensino. Em especial, a Educação Física Desportiva Generalizada. Portanto, a ideia de que a EFDG participa de uma nova modelagem para a Educação Física, conferindo importância ao esporte na escola e inovando ao propor uma metodização de seu ensino foi central para este estudo. Ou seja, perceber se e como a Desportiva Generalizada ofereceu parâmetros sobre o ensino do esporte na Educação Física tornou-se uma questão importante de investigação.

determinadas pelo seu tempo. Portanto, ao trabalhar com esse termo para pensar o movimento de mudanças de organização e sistematização pedagógica do qual a EFDG participa, não nego o seu uso em diferentes momentos da história da Educação Física nem tento equalizá-los. Minha pretensão neste estudo é perceber a especificidade desse movimento no tempo histórico abordado.

⁶⁴LINHALES, 2006, p. 22, grifos da autora. Outros estudos também indicam a presença do esporte como conteúdo escolar na primeira metade do século XX, como os de Cunha Júnior (1998); Melo (1998) e Sousa (1994).

⁶⁵Opto por trabalhar com a noção de esportivização adotada por Meily Linhales (2006) na qual afirma que é possível destacar duas perspectivas para pensar uma “forma escolar para o esporte”: a primeira é caracterizada pela incorporação das práticas esportivas como conteúdo, muitas vezes exclusivo, nas aulas de Educação Física. A segunda refere-se ao processo pelo qual diferentes práticas corporais adquirem formas esportivizadas com a adoção dos códigos esportivos, tais como os princípios da competição, do rendimento e do recorde. Como exemplo pode-se destacar a adesão de algumas manifestações das danças, das ginásticas, das lutas, entre outras, aos códigos esportivos. É importante destacar que a autora entende que essas duas perspectivas estão conectadas e, portanto, não podem ser pensadas isoladamente.

1.3 Das perguntas às fontes, das fontes às balizas conceituais: a constituição do problema

A delimitação do objeto de pesquisa comportou reconhecer múltiplas experiências, impregnadas de interesses e escolhas, que possibilitaram a circulação e apropriação do método da Educação Física Desportiva Generalizada no Brasil. Mais que buscar explicações em um possível contexto homogêneo e linear, o mergulho nas fontes possibilitou visualizar como os processos percorridos pelos sujeitos dessa história foram construídos na negociação entre seus interesses com as contingências do seu tempo.

No processo de estabelecimento de fontes para este estudo o contato com os documentos do Arquivo do professor Antônio Boaventura da Silva foi central. Localizado na Biblioteca da Faculdade de Educação Física (FEF) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), esse acervo acolhe documentação importante para esta pesquisa, entre os quais: cartas trocadas entre o professor Boaventura da Silva e Auguste Listello, ofícios relacionados às estadias de Listello no Brasil, livros, revistas, jornais, materiais didáticos e fotografias.

Nesse universo, foi possível identificar sujeitos e instituições que tiveram papel preponderante para a circulação da Desportiva Generalizada no Brasil. As fontes acessadas permitiram reconhecer que o professor Auguste Listello vem ao Brasil pela primeira vez participar do II Curso de Aperfeiçoamento Técnico e Pedagógico para professores de Educação Física na cidade de Santos, em 1952, a convite do Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo, por meio de seu diretor técnico Antônio Boaventura da Silva, com o objetivo de apresentar a sua proposta de organização de ensino da Educação Física.⁶⁶

Auguste Listello é convidado a participar do Curso Internacional de Santos, como foi comumente chamado, em mais quatro edições: 1953, 1954, 1957 e 1963. Esse evento se inseriu como pioneiro no rol de iniciativas que foram criadas com a preocupação de atualizar os conhecimentos do professor de Educação Física a partir da década de 1950 e teve grande amplitude e recepção no cenário nacional. Recebia um grande número de professores de vários estados brasileiros, como São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Bahia e também de outros países da América Latina, como Argentina e Uruguai. Seus organizadores procuravam convidar professores estrangeiros para divulgarem no Brasil aos métodos em voga em seus países. Dentre os professores que ministraram aulas nos cursos concernentes se destacaram Curt Johansson, professor sueco responsável por ensinar a Ginástica Sueca

⁶⁶Biblioteca da Escola de Educação Física da Unicamp. Arquivo do Prof. Antônio Boaventura da Silva. Ofício ao Prof. Auguste Listello, 10 mar. 1952.

Moderna; Gerhard Schmidt, divulgador do Método Natural Austríaco; e Margarete Frohlich, defensora da Ginástica Feminina Moderna.

A fim de ampliar e de definir com mais precisão onde se daria a busca pelas informações sobre o objeto deste estudo, os acervos do Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (CEMEF) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e do Centro de Memória do Esporte (CEME) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) também foram consultados. No CEMEF, foram encontrados artigos de revistas da área, programas de curso e disciplinas ministradas no curso de Educação Física que tiveram a EFDG como conteúdo de ensino. No CEME e na Seção Histórica da Biblioteca de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul foram acessados revistas e livros franceses que tratavam da educação esportiva do país, revistas, boletins e livros brasileiros da área da Educação Física, atas e programas de curso da Escola de Educação Física da UFRGS. A Hemeroteca Pública de Santos também foi consultada com o propósito de verificar se os cursos de aperfeiçoamento realizados nessa cidade foram noticiados e/ou comentados. Para além desses arquivos físicos, foram consultados os acervos virtuais da Hemeroteca Nacional Brasileira, da Revista *Arquivos da Escola de Educação Física e Desportos* e da Biblioteca Nacional da França. Em todos eles, os principais documentos localizados foram periódicos, principalmente revistas. Para tal consulta, utilizei como parâmetros de busca expressões como “Educação Física Desportiva Generalizada”, “Auguste Listello”, “educação esportiva”, “curso de aperfeiçoamento de professores de Educação Física”, entre outras.

Por meio desse conjunto de fontes, foi possível afirmar que Listello ministrou aulas, palestras e cursos em muitas outras cidades brasileiras como São Paulo-SP, Bauru-SP, Assis-SP, Tatuí-SP, Bertioga-SP, São Carlos-SP, Ribeirão Preto-SP, Mogi das Cruzes-SP, Belo Horizonte-MG, Curitiba-PR, Porto Alegre-RS, Rio de Janeiro-RJ, Brasília-DF, Juiz de Fora-MG, Recife-PE, Belém-PA, Londrina-PR, Campo Grande-MT, São Luiz-MA, Fortaleza-CE, Macapá-AP, Maceió-AL, Aracaju-SE, Salvador-BA e em outros países da América Latina como Argentina, Uruguai, Chile, Bolívia e Paraguai, entre os anos de 1952 e 1980.⁶⁷ Mais especificamente, na década de 1950 ele vem ao Brasil quatro vezes (1952, 1953, 1954 e 1957), na década de 1960 foram três vezes (1963, 1967 e 1968), na década de 1970 foram cinco vezes (1970, 1971, 1973, 1976 e 1978) e, por fim, uma vez no ano de 1980.

Nessa perspectiva, foi importante indagar se e como os cursos de aperfeiçoamento contribuíram para tornar a EFDG uma representação desejável para a Educação Física

⁶⁷ Currículo de Auguste Listello – Doação de Carlos Martinez.

nacional. Se esses cursos tornaram-se lugar de visibilidade e produção de uma nova cultura docente para a Educação Física, figurou, para este estudo, fundamental reconhecer o papel, as ações e as proposições dos sujeitos partícipes desse movimento. Sobre iniciativas como os cursos de aperfeiçoamento é importante compreender que

A construção dessas modalidades de ação e percepção articula-se com a produção e circulação dos conhecimentos pedagógicos, pois, ao se destinarem à formação e aperfeiçoamento do ensino, eles contribuem para instaurar novas características no conjunto de práticas que aqui se chama cultura profissional. Em outras palavras, os saberes educacionais são dados a ler para delimitarem representações (CHARTIER, 1990) acerca das qualidades de excelência do exercício profissional, contribuindo para incorporar nos indivíduos os gestos tidos como mais necessários ou convenientes e, antes de mais nada, configurando uma imagem social das características desejáveis para a profissão.⁶⁸

Xavier (2012) nos chama a atenção para o fato de que essa modalidade de ação, qual seja, os encontros de formação de professores, tinham por objetivo promover novas práticas de atuação profissional fundadas na representação do que passa a ser o bom exercício da profissão docente. Por isso, tornou-se importante também pensar a atuação dos professores que participaram efetivamente na circulação da Desportiva Generalizada, principalmente Listello, mas também os professores brasileiros que contribuíram para a produção e circulação desses conhecimentos pedagógicos, como Antônio Boaventura da Silva.

Nesta análise, parti do princípio de que esses sujeitos estabeleceram a conexão entre o que fora proposto e as diferentes (e possíveis) formas de apropriação, sendo entendidos aqui como mediadores ou conectores sociais.⁶⁹ Nesse sentido, o professor Listello ocupa um lugar central nessa história. Além de ser um dos propositores da EFDG na França, ele também assume a função de divulgá-la no Brasil. É importante destacar que, naquele período, a Educação Física brasileira já tinha a França como referência para o seu fazer. O que implica dizer que a ligação estabelecida por Listello entre a nova proposição francesa e a Educação Física nacional não se configurou como um primeiro contato entre esses dois países. Ao contrário, a Educação Física brasileira já havia se apropriado de princípios educacionais franceses, principalmente aqueles ligados ao Método Francês, no seu fazer escolar. Sendo assim, esta investigação envolveu também perceber como se deu a mediação de uma nova proposição francesa no Brasil.

⁶⁸XAVIER, 2012, p. 237.

⁶⁹Tomei como referência os escritos de Serge Gruzinski (2001a, 2001b) e Thaís Fonseca (2012) sobre mediação e mediador cultural. Segundo os autores, o mediador cultural promove o trânsito de saberes, promove a constituição de novas formas culturais e é também capaz de produzir interpretações e leituras de elementos culturais tanto no lugar de onde veio quanto no lugar para onde foi.

Entendendo que esses sujeitos, no caso deste estudo, Listello e os professores brasileiros que participaram da circulação da EFDG no Brasil, estabeleceram relações fundamentais para a produção e apropriação do saber, tornou-se importante destacar as redes de sociabilidade que constituíram em seus trânsitos.⁷⁰ A partir do olhar sobre essa rede de pertencimentos do campo, escolhi analisar as condições produzidas para que a EFDG passasse a ser, cada vez mais, apresentada como possibilidade metodológica da Educação Física escolar. Entretanto, alguns problemas se colocaram frente a essa escolha. Em que medida as proposições da EFDG chegaram à formação de professores e às escolas? Como certificar-me das suas possíveis apropriações no cotidiano dos tempos e espaços de formação dos professores?

Dessas inquietações surgiu a necessidade de trabalhar também com as fontes orais no intuito de reconhecer as experiências dos sujeitos daquele tempo através das suas narrativas. Os depoimentos de professores e de outras pessoas que, de alguma maneira, participaram do movimento de circulação no Brasil se configuraram como tentativa de aproximação com os “modos de fazer” e as concepções da EFDG que estavam dadas, principalmente nos cursos de aperfeiçoamento e em outros espaços pelos quais Listello esteve. Mais que servir ao propósito de preenchimento de lacunas e trazer à luz alguma informação inédita, a postura aqui tomada em relação às fontes orais privilegia “[...] *a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu*”.⁷¹ Trata-se também de compreender como nas narrativas as “representações” se tornam “fatos sociais”, ou seja, como no campo da História Oral os fatos reconstruídos apreendem a alteridade dos seus narradores.⁷²

No conjunto de pessoas identificadas como possíveis interlocutores dessa história, estabeleci três grupos que se relacionaram de maneiras distintas com a Desportiva Generalizada e com o professor Listello. O primeiro foi formado por professores e demais profissionais brasileiros que tiveram contato direto com Listello em suas visitas ao Brasil. Nesse grupo, foram entrevistados os professores Nestor Soares Públio, professor de Educação Física aposentado da Universidade de São Paulo (USP) e Laércio Elias Pereira, também professor de Educação Física, aposentado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Esses professores atuaram, de maneira muito próxima, como colaboradores de

⁷⁰Penso aqui a noção de rede de sociabilidades a partir do diálogo com a obra de Jean-François Sirinelli, perseguindo o que ele denomina de “estruturas elementares da sociabilidade” (SIRINELLI, 2003), ou seja, procurando compreender os tempos, os lugares, os diálogos e as produções realizadas por sujeitos e procurando apreender de quais maneiras eles promoveram e mediarão produções culturais em seus respectivos contextos.

⁷¹ALBERTI, 1990, p.05, grifos da autora.

⁷²ALBERTI, 1996.

Listello, promovendo e acompanhando suas visitas e traduzindo suas obras para o português. Suas memórias ajudaram a melhor compreender as relações estabelecidas por Listello com sujeitos e instituições brasileiras nas suas frequentes participações em cursos.

O segundo grupo refere-se a sujeitos que atuaram como professores do ensino superior nas décadas de 1950, 1960 e 1970 e tematizaram a EFDG em suas aulas e em suas obras. Composto esse grupo figuraram os professores Élcio Paulinelli, professor de Educação Física aposentado pela UFMG, e o professor Alfredo Gomes de Faria Júnior, professor de Educação Física aposentado pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Os seus depoimentos configuraram-se como uma tentativa de aproximação com as diferentes formas de apropriação que se efetivava no interior das escolas de ensino superior naquele momento.

Por fim, o terceiro grupo abriga os familiares do professor Listello. Nesse caso, foi entrevistada a sua filha, Marina Listello. Foi importante também para este estudo reconhecer em que medida os laços profissionais e pessoais estabelecidos pelo professor ao longo de sua trajetória no Brasil influenciaram diferentes aspectos de sua vida.

Além dessas entrevistas, realizadas ao longo da escrita desta tese, foram também mobilizadas entrevistas realizadas para outro estudo, uma dissertação de mestrado intitulada *Auguste Roger Listello: uma contribuição para a educação física brasileira*, de Carlos Martinez. As entrevistas realizadas pelo autor com os professores Antônio Boaventura da Silva e Henrique Nicollini foram disponibilizadas na íntegra para o uso neste estudo.

Dada a especificidade do objeto, uma possibilidade de visita aos acervos e arquivos franceses se mostrou profícua para procurar vestígios do contexto e dos sentidos de produção da EFDG, uma vez que ela fora elaborada e desenvolvida como um sistema de ensino de Educação Física esportiva por professores do *Institut National des Sports* Instituto Nacional dos Esportes – INS) na França nas décadas de 1940 e 1950. Pareceu-me necessário interrogar o campo da Educação Física francesa a fim de compreender as condições de possibilidades que permitiram a elaboração e difusão dessa proposição naquele país e, posteriormente, no Brasil. Estudos e fontes acessados em Bibliotecas e Arquivos brasileiros previamente a esse investimento de viagem me permitiram reconhecer que, na década de 1940, a Educação Física francesa vivia um período de debate sobre as proposições pedagógicas da área.⁷³ Correntes teóricas da Educação Física intentaram fazer do esporte um objeto de ensino privilegiado e participe de uma pedagogia integral ou global do ensino ao mesmo tempo em que outras correntes tradicionais continuavam a defender o método natural

⁷³ ARNAUD, 1989.

de Georges Hébert.⁷⁴ Dessa forma, foi possível constatar que os anos 1940 e 1950 comportaram debates e oposições de “novas e velhas” concepções da Educação Física abrindo possibilidades para o desenvolvimento de outras formas de fazer a Educação Física francesa. Como uma dessas possibilidades e um desses lugares, a Educação Física esportiva perseguida pelo INS pretendia o esporte como suporte de ensino legítimo para a Educação Física e não, necessariamente, como possibilidade única do seu fazer.⁷⁵

Ao investigar as instituições de ensino superior da Educação Física francesa, Levet-Labry (2007) sinaliza que a elaboração de princípios de uma educação esportiva pelo INS se forjou a partir de prerrogativas internas e externas à própria instituição. Essa elaboração atendeu, externamente, às demandas da *Direction générale à la Jeunesse et aux Sports* (Direção Geral de Juventude e Esportes) da França, que constatou uma carência na formação dos alunos das escolas francesas no que concerne à iniciação esportiva. Criado em 1946, o INS tinha por propósito se tornar um centro de referência e estabelecimento de pesquisa relacionado à Educação Física e aos esportes na França. Dessa maneira, aos olhos da Direção Geral de Juventude e Esportes, o instituto se tornou um importante espaço de produção e divulgação de novas ideias e modos de fazer ligados à Educação Física esportiva a partir da década de 1940. Aliada a essa ação de promoção do esporte nas escolas via diretivas governamentais, a Educação Física esportiva pretendida pelo INS se constrói, internamente, a partir dos trabalhos de Maurice Baquet, principalmente em sua obra *Précis d'initiation sportive a l'usage de l'enseignement primaire et des organisations de jeunesse* (Princípios da iniciação esportiva para seu trato no ensino primário e nas organizações da juventude), publicada em 1944. Como um dos objetivos iniciais do INS era a construção de uma pedagogia esportiva, Baquet teve nesse espaço lugar de propagação e desenvolvimento de suas ideias. Junto a outros professores como R. Crenn, P. Clerc e, em especial, a Auguste Listello, que no momento era encarregado da Direção Pedagógica, elaboram princípios de uma educação esportiva que, no Brasil, veio a ser conhecida como Educação Física Desportiva Generalizada.

Pode-se pensar que grande número de cursos ministrados por Listello no Brasil indiciava não apenas o interesse por parte das instituições educativas brasileiras em conhecer e tornar reconhecida a EFDG como uma aposta para a renovação da área, mas também sinalizava interesse e disponibilidade institucional por parte dos órgãos e instituições francesas de fazer reverberar as concepções de Educação Física por eles propostas. As

⁷⁴ JELEN, 2009.

⁷⁵ ARNAUD, 1989.

correspondências trocadas entre diretores de diferentes instâncias do Ministério da Juventude e Esportes da França e entre diretores de instituições brasileiras e francesas confirmam o caráter “positivo” e prestigioso dessas missões no propósito de divulgação das ações do INS e, conseqüentemente, de tornar (ou retornar) a França um espelho e referência a ser seguida.⁷⁶ Visto isso, ainda era necessário para este estudo certa imersão em fontes que permitissem uma análise mais aprofundada sobre essas instituições, seus sujeitos e suas práticas. Afinal, o “produto” de suas ações é, por excelência, o objeto de estudo desta tese.

Nessa oportunidade de contato com acervos fora do Brasil, foi possível acessar o arquivo da Biblioteca Nacional da França (BNF) e o acervo pessoal do professor Auguste Listello. Essa ampliação do campo de investigação descortinou importante *corpus* documental relativo ao debate conceitual e metodológico vivido pela França nas décadas de 1940 e 1950, prioritariamente, como também possibilitou o acesso a outros documentos que ampliaram e refinaram a análise da atuação/formação do professor Listello e da configuração da EFDG tanto no Brasil quanto na França.

A consulta à BNF me permitiu o acesso a revistas, principalmente àquelas que participavam da vertente da Educação Física Esportiva francesa, ainda não consultadas no Brasil. Limitado por questões de tempo, o acesso aos documentos desse arquivo não puderam ser completamente explorados. De toda maneira, a documentação consultada foi de suma relevância para este estudo.

O acervo pessoal do professor Auguste Listello é guardado por sua filha, Marina Listello, em sua antiga casa no sul da França.⁷⁷ É composto por inúmeras reportagens de revistas e jornais, brasileiros e franceses, sobre a sua atuação profissional; correspondências pessoais e profissionais; fotografias; manuscritos; certificados de cursos; materiais didáticos; entre outros. Em um exercício de escrita de si, Listello produziu, sem chegar a finalizar, um livro de memórias sobre sua trajetória profissional. Esse compilado de fragmentos de sua vida permitiu mapear as escolhas, os interesses e as demandas que o mobilizaram, deixando compreender a consistência dos encontros que atravessam os seus processos de formação e atuação profissional. Desse ponto, interessou também tangenciar aquilo que marcou as suas memórias, ou seja, reconhecer essa escrita como experiência que possibilitou refletir o espaço e o tempo dos seus encontros.

⁷⁶Biblioteca da Escola de Educação Física da Unicamp. Arquivo pessoal do Prof. Antônio Boaventura da Silva. Ofício de Gaston Roux ao *Ministère de la Jeunesse et des Sports*, 20 nov. 1957. Ofício de Antônio Boaventura da Silva a Maurice Herzog, 04 jun. 1965.

⁷⁷Considero fundamental registrar a disponibilidade de Marina Listello e de seu marido em me receber tão gentilmente em sua casa e também frente às minhas perguntas. Como atual moradora da “Ville Brasil” (nome dado por Auguste Listello à sua residência), Marina foi de grande contribuição para esta pesquisa.

Certamente, o trabalho com essas diferentes fontes exigiram desta análise articulação, ou cruzamento, de suas informações. Ao transformar em uma escrita da história as interpretações e leituras possibilitadas pelas perguntas feitas a esse conjunto de fontes, escrevo fundamentada em um lugar de produção e sistemas de referência que tornaram possível esta produção de um discurso sobre o real.⁷⁸ Questões mais amplas – Quem foram os sujeitos dessa história? Quais necessidades eles produziram e quais interesses os levaram a produzir tais necessidades? Quais orientações colocaram em circulação? Quais foram os desvios e as fissuras dessa história? – orientaram a tessitura desta narrativa. Realizada na e pela tentativa de ligar os múltiplos fragmentos que dão ao todo uma forma, mesmo que ela não possa expressar a realidade vivida tal como se deu, intenta-se aqui essa operação de impregnação, conexão e imaginação histórica.⁷⁹

Nessa operação historiográfica, os sujeitos, em suas escolhas, laços e interesses que permeiam suas trajetórias, possuem papel substancial para a compreensão dessas práticas culturais. Destaco novamente, como sujeito importante dessa história, o professor Auguste Listello. Ele não apenas se insere como autor dessa proposta de organização de ensino como também se torna representante do INS nos eventos nos quais era requisitado a expor a sua concepção de iniciação esportiva. O esforço de mobilização, financiamento e promoção por essas instituições nas constantes viagens do próprio Listello para dirigir e ministrar os cursos sobre a EFDG, ao longo de 30 anos, diz respeito não apenas à representação desse sujeito como autor do método, mas também à sua empatia, sua capacidade de demonstração e transmissão dos saberes nos momentos de aula.

Nos relatos daqueles que conviveram com o professor Listello em suas passagens pelo Brasil, destaca-se, em sua caracterização, “a maneira de cativar”, a “humanidade”, “a maneira de manter uma disciplina sem ser rígido”. Henrique Nicolini afirma em sua entrevista a Martinez (2002, p. 49) que “Listello, em suas passagens pelo Brasil, não foi apenas mais um. Outros também deixaram aqui sua semente, seu trabalho, mas foi ele quem mais vingou como pessoa, como personalidade”. De outra parte, as fontes, principalmente

⁷⁸ CERTEAU, 1982.

⁷⁹ Sobre essa ideia, Loriga (2011) afirma que “[...] a história pode evocar um processo de metamorfose pictórica que repousa essencialmente em duas operações: a impregnação (poderíamos dizer que o historiador deve estender o seu eu para além de si mesmo) e a conexão (para imaginar e, talvez, preencher as lacunas do passado que nos é dado apreender)” (LORIGA, 2011, p. 227). Argumenta também que “[...] ao historiador cabe estabelecer os fatos, muitas vezes descontínuos e heterogêneos, torná-los inteligíveis, integrá-los numa totalidade significativa. Isso implica que a verdade dos fatos não coincide sempre com a sua significação. Ora, como escreve Goethe, a história precisa de uma e da outra. É importante, por outro lado, reconhecer que a história, enquanto discurso sobre a realidade, é igualmente um relato que necessariamente recorre a algum dos instrumentos da ficção: ela cria uma continuidade entre os rastros descontínuos do passado, desenha uma trama, coloca em cena personagens, utiliza-se da analogia e da metáfora” (LORIGA, 2011, p. 231).

aquelas relativas à sua participação nos cursos de Santos (correspondências, apostilas, artigos de periódicos, entre outros) apontam um empenho especial por parte da Divisão de Educação Física de São Paulo e da Associação de Professores de Educação Física (Apef) de São Paulo, conduzidos por alguns sujeitos, principalmente o Prof. Antônio Boaventura da Silva, na circulação da EFDG pelos cursos de formação de professores no Brasil. Junto a Boaventura, outros professores como Jacinto Targa e Alfredo Colombo também colaboraram para a presença de Listello em outros estados.

Com base nesses indícios, tornou-se plausível a hipótese de que esse projeto de reverberação da EFDG no Brasil por quase 30 anos se configurou como mais que apenas um movimento de transferência e recepção, um determinado modo de organização da Educação Física. Como vestígio desse movimento de *troca* está a produção e publicação do livro denominado *Educação pelas atividades físicas, esportivas e de lazer* (1979). Tem como autor principal Auguste Listello e como colaboradores: Antônio Boaventura da Silva (tradução e adaptação); Laércio Elias Pereira e Nestor Soares Públio (tradução); Roger Lambert (tabelas e esportes coletivos) e Geneviève Listello (correção do original em francês). Esse livro traz uma particularidade muito importante para a sua interpretação: trata-se do único livro traduzido e publicado em português e, indo além, trata-se de uma obra produzida *para* os professores brasileiros. Visto isso, outra questão se mostra norteadora deste trabalho: o que tornou possível a circulação dessa proposta por quase 30 anos e quais foram os processos de negociação constitutivos da formação e/ou transformação dessa concepção no Brasil?

Foi possível perceber a centralidade de Listello, mas também de outros professores na construção desta história. Não se trata, no entanto, de um estudo biográfico, mas sim de seguir as pistas de suas trajetórias e experiências para desvelar a maneira com a qual suas movimentações ajudaram a definir as dinâmicas estabelecidas para esse método no contexto educacional brasileiro. O que está em jogo nesta escrita não reside nem no particular desses sujeitos, nem no geral, mas em sua conexão; se trata de pensar na maneira que esses indivíduos moldaram as relações de poder e revelar os conflitos por eles vividos na formação das práticas culturais.⁸⁰

Os movimentos de circulação e apropriação da EFDG no Brasil tendo por base as conexões estabelecidas entre sujeitos e instituições para a sua difusão bem como as trajetórias de Auguste Listello foram balizadores para a definição dos contornos desta pesquisa. Como demarcação inicial deste estudo, defino a data em que Listello participa pela primeira vez no

⁸⁰ LORIGA, 2011.

curso de Aperfeiçoamento Técnico Pedagógico em Educação Física, na cidade de Santos, no ano de 1952. É nesse momento que ele se torna conhecido por professores de Educação Física brasileiros e tangencia-se o movimento de circulação e apropriação da Educação Física Desportiva Generalizada no Brasil.

O ano final considerado nesta pesquisa – 1980 – diz respeito à última visita profissional de Auguste Listello ao Brasil. Essa data marca, talvez, o “último” movimento por parte de professores e instituições brasileiras ainda imbuídos de promover a divulgação e apropriação da EFDG na Educação Física brasileira. Se aproxima também da publicação do livro *Educação pelas atividades físicas, esportivas e de lazer* de Listello, de 1979, dedicado especialmente aos professores de Educação Física brasileiros. A elaboração dessa obra é o resultado de uma estreita relação estabelecida por Listello com a Educação Física brasileira, fruto da sua presença em diferentes espaços de formação de professores e em diferentes momentos. Parece-me também ser uma baliza importante para se pensar os movimentos de difusão da EFDG no Brasil.

Operar com uma temporalidade que abarca três décadas da História da Educação Física brasileira exige cuidado metodológico em relação à presença da EFDG frente às mudanças de orientação do modelo de Educação Física escolar nesse período. Trabalho com a hipótese de que essa forma de organização de ensino adentra a educação brasileira via discurso de renovação da área na década de 1950, promovido por instituições e sujeitos ligados às universidades, mas também a órgãos governamentais, como o DEF-MES. No entanto, aos fins da década de 60, um novo “modelo” de Educação Física abalizado pelo treinamento esportivo começa a ser agenciado pelo governo autoritário que se impõe. Tenho claro que a história é construída por sujeitos e pelas relações que eles estabelecem com os outros e com o mundo, experienciando, a todo momento, processos de negociação – aceitação ou confrontação – com os modelos vigentes.

Nesse mesmo sentido, a historiografia da Educação Física, ou pelo menos uma vertente dela, tem nos mostrado que a área também comporta esses movimentos de subordinação, apreensão, contraposição, ou seja, também vive essa dinâmica contraditória de contestação e sustentação em seu interior. Dialogo com Taborda de Oliveira (2001) para melhor compreender essa dinâmica nas décadas de 1960 a 1980. Segundo o autor, na historiografia da Educação Física brasileira, é recorrente a interpretação de que, a partir de meados da década de 1960, o esporte torna-se referência para a Educação Física escolar em função da interferência e interesses do governo ditatorial que se anunciou. Todavia, segundo o autor, esse esquema interpretativo linear, ainda que não possa ser de todo rejeitado, nega as

possibilidades daqueles sujeitos e de seus coletivos intervirem na construção de sua história ao conferir que tudo foi determinado a partir do modelo político daquele período.

Seu estudo possibilitou o reconhecimento, mesmo sob a influência do período marcado pela ditadura militar, de que as experiências dos sujeitos moldaram diferentes formas de conceber a Educação Física escolar, indiciando a presença e disputa de diversos modelos pedagógicos na área. Permitiu também afirmar que o esporte foi a referência das aulas de Educação Física ainda que apresentado sob distintas perspectivas, ou seja, o treinamento esportivo e/ou a técnica não eram as únicas prerrogativas de trabalho do esporte na escola nesse período. Tais constatações subsidiaram o estabelecimento de uma série de perguntas também elementares para esta pesquisa: Quais foram os interesses e motivações que permitiram a continuidade da promoção da EFDG mesmo após essa mudança das orientações oficiais/legais da Educação Física escolar? Houve mudanças nas proposições do professor Listello ao longo das décadas anunciadas? Se sim, elas influenciaram nessa continuidade? Quais conexões foram estabelecidas entre a Desportiva Generalizada e as diretrizes para a Educação Física nacional?

O recorte deste estudo orientou-se para a compreensão das iniciativas e estratégias que deram condições de circulação e visibilidade às práticas de representação e transformação relativas à EFDG que fizeram parte do processo de constituição da Educação Física no período. Estudar esse objeto a partir da História da Educação e da Educação Física pode contribuir para revelar as continuidades e descontinuidades do movimento de construção de determinada modelagem para a Educação Física brasileira, além de evidenciar ideias e práticas relacionadas ao processo de consolidação do esporte como conteúdo escolar.

Uma vez que o conhecimento não é pré-determinado no objeto e no contexto, procurei, então, dessa maneira, reconstruir, não a realidade como foi efetivamente vivida pelos diferentes sujeitos, mas uma interpretação desse real. Assim, foi a partir da procura dos rastros, nas linhas e entrelinhas, que busquei compreender o movimento de circulação e apropriação da Educação Física Desportiva Generalizada no Brasil.

1.4 A estrutura da tese

Entendo que a narrativa que organiza e dá inteligibilidade a esta trama já se iniciou nas primeiras linhas deste texto. Retratar todo um movimento de motivações, escolhas, aportes conceituais e metodológicos, bem como anunciar algumas representações do

período analisado construídas por sujeitos de seu tempo, compõe um primeiro e importante movimento de compreensão do objeto. Dessa forma, essas representações iniciais apresentadas serviram de baliza para a construção do texto que se segue.

Nessa tentativa de organizar a narrativa em uma trama compreensível, busquei analisar temas, ideias e práticas que os sujeitos diretamente envolvidos na circulação e na apropriação da Educação Física Desportiva Generalizada (EFDG) mobilizaram naquele contexto específico. De modo a afirmar que as representações produzidas e postas em circulação sobre EFDG são consideradas neste trabalho, ao mesmo tempo, como produto cultural e como produtoras de significados do processo de constituição do campo no período analisado, a continuidade da escrita desta história foi organizada em mais quatro capítulos. Seu estabelecimento não seguiu, *a priori*, uma ordem cronológica de acontecimentos e fatos. Em cada um dos capítulos, sujeitos, temas e fatos aparecem e reaparecem à medida que a narrativa exige a sua presença.

No *Capítulo 2*, apresento alguns movimentos no campo da Educação Física brasileira, ainda na década de 1940, que promoveram o encontro de professores brasileiros com outros modos de fazer Educação Física, principalmente aqueles produzidos em outros países. Discuto o interesse em fazer circular novas maneiras de organização e métodos de ensino da Educação Física no Brasil, principalmente através dos cursos de aperfeiçoamento e atualização pedagógicos, e como tais iniciativas participaram de um processo de reorientação didático-metodológico da área. Compreender tal processo foi fundamental para este trabalho, uma vez que esses cursos se constituíram como porta de entrada e como um dos principais dispositivos de difusão da EFDG e de seu autor, Auguste Listello, no Brasil.

No *Capítulo 3*, a narrativa se construiu em torno do contexto de produção dos princípios da EFDG no INS na França, procurando apreender a ambiência da Educação Física francesa daquele período, bem como situar essa instituição, seus sujeitos, seus tempos e obras. Destaco neste capítulo a trajetória de dois sujeitos importantes para a elaboração dessa proposta de ensino da Educação Física: Maurice Baquet e Auguste Listello. De maneira mais aprofundada, analiso os princípios e os conceitos geradores da Educação Física Desportiva Generalizada naquela instituição e a forma de sistematização do seu fazer.

Compõem a trama do *Capítulo 4* as motivações, os sujeitos, os tempos/espços de sociabilidade e as estratégias que tornaram possível a recepção e a circulação da Educação Física Desportiva Generalizada no campo educacional brasileiro da década de 1950. Apresento a ideia de que, se os cursos foram a porta de entrada da EFDG, outros espaços (como os periódicos e os próprios cursos de formação inicial) e sujeitos (professores e autores

brasileiros) passaram a assumir um lugar importante na promoção de sentidos e compreensões sobre o método. A publicação de artigos concomitante às vindas de Listello levou a cogitar que foram rápidas a aproximação e a apropriação do método por parte dos professores brasileiros, considerando a proximidade entre a data da primeira vinda de Listello ao Brasil, em 1952, e as publicações de artigos sobre o método, já no mesmo ano. Além disso, aos fins da década de 1950, já era possível perceber a presença do método também em outros espaços, como nos currículos dos cursos de formação de professores e até mesmo em escolas secundárias.

No *Capítulo 5* debato a presença da EFDG nos livros destinados à formação de professores e nos currículos das Escolas de Educação Física dos estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e São Paulo. Analiso também as permanências e as transformações relativas à compreensão da Desportiva Generalizada, bem como a atuação de Auguste Listello ao longo das décadas de 1960 e 1970. Discuto que, se num primeiro momento o ensino dos esportes não foi o fator único da denotação da EFDG como método renovador e necessário à Educação Física brasileira, ele pode ter sido fundamental para a manutenção da EFDG e de seu autor, Auguste Listello, na configuração do campo que se apresentou aos fins dos anos 60, mas principalmente nos anos 70. Apresento ainda o livro *Educação pelas atividades físicas, esportivas e de lazer*, de 1979, de autoria de Listello e publicado especialmente para professores brasileiros. Foi possível afirmar que, nas décadas em questão, Listello trouxe outras/novas proposições em relação às suas próprias produções da década de 1950, prioritariamente.

Assim foi produzida uma primeira versão desta história. No exercício de sua produção, procurei estabelecer as conexões, até onde foi possível, para que esta narrativa confira sentidos à sua compreensão. Muito provavelmente nem todas as questões foram respondidas e nem todas as lacunas preenchidas. Talvez as respostas encontradas possam provocar mais incertezas que verdades estabelecidas e apresentar mais conflitos que soluções. Guiada pelas proposições de Loriga (2011), entendo que fazer ver essas dissonâncias como um “meio de romper com o excesso de coerência do discurso histórico” seja, afinal, contar “a história tal como ela acontece” (p. 231).

2 MODOS DE FAZER EDUCAÇÃO FÍSICA: OS CURSOS DE APERFEIÇOAMENTO E A INSERÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA DESPORTIVA GENERALIZADA NO BRASIL

Uma reportagem publicada pelo Jornal *Última Hora* de São Paulo, no dia 22 de junho de 1953, sobre o II Curso de Aperfeiçoamento Técnico Pedagógico de Santos pode servir de baliza inicial para discutir os sentidos do conjunto de cursos de aperfeiçoamento realizados no transcorrer das décadas de 1950 e 1960, prioritariamente, na configuração da Educação Física brasileira. Dizia a reportagem intitulada *Mestres estrangeiros em contato com os nacionais* a respeito desse evento:

Está marcado para hoje o início do II Curso de Aperfeiçoamento Técnico e Pedagógico promovido pelo Departamento de Educação Física, na cidade de Santos. A sua duração será de doze dias e reunirá fisicultores de São Paulo, Distrito Federal, Paraná, Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Santa Catarina e Pernambuco, além de estrangeiros vindos da Argentina, Chile, Uruguai e Bolívia e representantes das nossas Forças Armadas.

O objetivo desses cursos é o de atualizar os conhecimentos dos professores de Educação Física e também colocá-los a par do que surgiu de novo na matéria. A presença de mestres estrangeiros oferece um cunho de maior aproveitamento aos cursos, daí a repercussão que eles têm alcançado e o interesse sempre crescente pelas suas realizações.

A aula inaugural será proferida pelo sr. Antônio de Oliveira Costa, secretário da educação, às 20 horas, no salão nobre do Clube XV, na vizinha cidade. Ao ato comparecerão altas autoridades e os corpos docente e discente, quando então serão apresentados os professores escolhidos para ministrar as aulas. Este ano serão eles os srs. Moacir Daiuto, Auguste Listello, da França, Curt Johansson, da Suécia, Margarette Frolich, da Áustria, Yanka Rustka, da Argentina, e Inês Novais Romeu, que regressou a pouco tempo dos Estados Unidos da América do Norte, onde permaneceu quatro anos se especializando em ginástica corretiva.

Para maior aproveitamento, as aulas serão ministradas no período da manhã, tarde e noite, com aulas teóricas e práticas, conferências, projeção de filmes e exposições. Paralelamente será cumprido um intenso programa de atração, incluindo demonstrações de ginásticas por alunos de Parques Infantis, danças folclóricas pelas alunas da Escola de Educação Física, ginástica em cama elástica, jiu-jitsu, das atividades que entre nós alcançaram projeção.⁸¹

Essa divulgação do II Curso de Aperfeiçoamento de Santos no jornal traz, em sua estrutura argumentativa, a representação do caráter eclético e renovador que cursos dessa natureza viriam a assumir na definição da área nas décadas de 1950 e 1960. Eclético no sentido de acolher diferentes formas de trabalho e perspectivas de pensar o ensino da Educação Física no ambiente escolar e não escolar. No rápido anúncio dessa reportagem, é possível identificar a presença de professores estrangeiros responsáveis por ministrar aulas dos sistemas de ensino preconizados em seus respectivos países. Dentre eles, destacam-se

⁸¹ *Última hora*, 22 de junho de 1953, s/p.

Curt Johansson, com a ginástica sueca; Margarete Frolich, com a ginástica feminina moderna e Auguste Listello, com a EFDG. Para além delas, é também possível perceber no programa do curso a presença de demonstrações de outras práticas corporais como danças e lutas.⁸²

Essa pluralidade de métodos e atividades ligadas à Educação Física, ainda que conformada por um conjunto de perspectivas metodológicas que não necessariamente dialogavam entre si, congrega outra característica, o *novo*. Para configurar o caráter renovador desses cursos, julgou-se necessário que os métodos e sistemas de ensino lá apresentados fossem orientados por novas maneiras de pensar a Educação Física. Dessa forma, objetivar a atualização dos conhecimentos em Educação Física, como destacado na reportagem, tornou-se uma espécie de identificação desses cursos. Ao “colocar a área a par”⁸³ dos novos modos de fazer Educação Física, tais cursos promoveram uma imagem de tempo e espaço de inovação e, conseqüentemente, possibilitaram a representação de que essa foi uma iniciativa fundamental na renovação do campo. É nesse cenário que o professor Auguste Listello e a Educação Física Desportiva Generalizada são apresentados ao Brasil.

O enfoque dado à presença de professores estrangeiros e à diversidade dos modos de fazer Educação Física por eles oferecida projeta uma luz para entender os inúmeros empreendimentos que, como esse, se propuseram a direcionar o ensino da Educação Física brasileira nesse período. No entanto, para melhor compreender como tais cursos foram representativos no movimento de redefinição de princípios empreendido nas décadas de 1950 e 1960, foi necessário revisitar as aspirações, as rejeições, enfim, as negociações iniciadas já na década de 1940, que permitiram que tais projetos de Educação Física ganhassem força nos anos subsequentes. Aproximar-se dessas questões contextuais revelou-se uma complexa operação de observação em diferentes escalas, prevalecendo o intuito de não generalizar ações que muitas vezes foram pontuais de alguns sujeitos e instituições, e, ao mesmo tempo, sem negar a circulação, a apropriação e a reverberação que essas ideias tiveram no âmbito nacional. Nesse sentido, a história dos debates sobre qual Educação Física pretendiam construir se deu nas muitas iniciativas de definição de seu papel e na aproximação com outros, e novos, tratos metodológicos e conceituais pensados no e fora do Brasil.

⁸²As demonstrações eram reconhecidas nesse período como uma prática pedagógica que objetivava a divulgação e popularização do projeto de Educação Física defendido pelo Estado e/ou pela instituição que a realizava (MASTROROSA, 2003; LOURDES, 2007). Compreendiam apresentações de ginásticas, esportes, entre outros conteúdos e práticas, organizadas por professores e alunos das Escolas de Educação Física com o propósito de disseminar os padrões defendidos por essas instituições.

⁸³ *Última hora*, 22 de junho de 1953, s/p.

2.1 A procura de outros modos de fazer Educação Física: a Divisão de Educação Física e suas iniciativas

Na década de 1940, a Divisão de Educação Física (DEF), ligada ao Departamento Nacional de Educação do Ministério da Saúde e Educação (MES), iniciou um movimento de âmbito nacional que teve como objetivo promover a elaboração e divulgação do que a própria instituição denominou como Método Nacional de Educação Física. Para tanto, no ano de 1942, lançou um inquérito convidando professores, médicos e jornalistas, bem como representantes dos diferentes estados brasileiros, de instituições civis, militares e religiosas ligadas à Educação Física a opinarem a respeito do plano geral de Educação Física a ser adotado por todas as escolas do Brasil. Na carta destinada aos sujeitos e instituições participantes desse inquérito a Divisão afirmou que o propósito de tal iniciativa foi

[...] promover a publicação de uma obra que enfeixe, em si mesma, tudo que possa interessar ao professor de educação física e ao médico assistente nos estabelecimentos de ensino de todos os graus, e que, ao mesmo tempo, venha contribuir para a formação da unidade de doutrina que deve presidir a todos os trabalhos concernentes a educação nacional, nos moldes traçados pelos arts. 15, item, IX, e 16, item XXIV, da nossa Constituição.⁸⁴

Segundo os itens IX e XXIV dos artigos 15 e 16 da Constituição de 1937, mencionados no *Boletim*, “[...] compete privativamente à União fixar as bases e determinar os quadros da educação nacional, traçando as diretrizes a que deve obedecer a formação física, intelectual e moral da infância e da juventude.” Compete também privativamente à União “[...] o poder de legislar sobre as diretrizes de educação nacional”.⁸⁵ Respondendo ao objetivo de formação do quadro da educação nacional, a Divisão defendeu, com esse inquérito, a ideia de que para solucionar o “grande problema nacional”⁸⁶ era necessária a criação de um método que respondesse as demandas dos alunos e das escolas brasileiras. De acordo com estudos realizados pela própria instituição, o Regulamento Geral de Educação Física, mais conhecido por Método Francês, não mais atendia por completo as necessidades da Educação Física brasileira e, diante desse fato, era necessária a proposição de outro método que melhor atendesse as necessidades da população.⁸⁷ Em nenhuma das publicações feitas pelo DEF-MES, referentes ao inquérito sobre o Método Nacional, veiculadas no *Boletim de Educação*

⁸⁴ *Boletim de Educação Física*, ano III, n. 07, ago. 1953, p. 35.

⁸⁵ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao37.htm>. Acesso em: 26 jul. 2016.

⁸⁶ *Boletim de Educação Física*, ano III, n. 07, ago. 1953, p. 34.

⁸⁷ *Boletim de Educação Física*, ano III, n. 07, ago. 1953, p. 34.

Física e na *Revista Brasileira de Educação Física* fica claro quais foram esses estudos nem quais sujeitos os realizaram.

Destaco esses dois periódicos por terem sido importantes instrumentos na difusão das ideias e ações da Divisão. Ambos foram produzidos pela DEF-MES a partir da década de 1940, porém possuíam características e finalidades distintas. O *Boletim de Educação Física* (1941-1958) teve por objetivo “[...] divulgar os trabalhos técnicos e as medidas administrativas que vêm marcando as atividades da Divisão de Educação Física dentro do Departamento Nacional de Educação [...]”, contribuindo para a “[...] formação da unidade de doutrina indispensável aos especialistas encarregados de fortalecer, física e moralmente, a sadia juventude que há de conduzir o Brasil aos seus verdadeiros destinos [...]”.⁸⁸ A *Revista Brasileira de Educação Física* (1944-1952) possuía outro perfil editorial, de caráter mais amplo, publicando artigos de especialistas, estudos e relatórios técnicos da área da Educação Física. Embora com formatos e objetivos diferentes, ambas estavam subordinadas, de alguma maneira, ao projeto de Educação Física defendido pela Divisão.

Em relação ao citado diagnóstico realizado pela Divisão, as fontes acessadas apontam que esse órgão, ao longo de dois anos, de 1940 a 1942, se empenhou na elaboração do escopo do método apresentado ao público geral por meio do referido inquérito.⁸⁹ Nos anos de 1938, 1939 e 1940, a Divisão realizou pesquisas com o intuito de perceber como a Educação Física era abordada nas escolas de ensino secundário para, assim, melhor fundamentar o plano do método. Por meio delas observou que, ainda que o Método Francês, considerado oficial, fosse adotado na maioria das escolas, outros métodos também figuravam como referência para o ensino da Educação Física, como o Sueco, o Alemão, entre outros.⁹⁰ Constatou-se, portanto, a necessidade de referendar na realidade as bases para a elaboração do novo método. Dessa forma, a compreensão do processo de elaboração do Método Nacional só faria sentido ante o reconhecimento do contexto político e educacional do período de constituição do DEF-MES, bem como das frentes de trabalho por ele assumidas. Tal reconhecimento e contexto oportunizam indiciar os possíveis interesses na elaboração de um Método Nacional.

Em seu primeiro período, de 1930 a 1937, o Governo Vargas se movia em território ainda desconhecido, onde diferentes projetos foram postos em cena, revelando variado campo de possibilidades. O segundo, de 1937 a 1945, corresponde ao momento em

⁸⁸ *Boletim de Educação Física*, n. 1, ano 1941, p. 03.

⁸⁹ *Boletim de Educação Física*, ano III, n. 07, ago. 1953, p. 34.

⁹⁰ *Jornal dos Sports*. 16 de janeiro de 1944, s/p.

que se realizaram as reformas mais significativas com a criação de órgãos e a implementação de políticas educativas nacionais.⁹¹ No que diz respeito à educação, é preciso ter clareza de que, ainda que implementada efetivamente na segunda fase do Governo Vargas, a reorganização dos serviços de saúde e educação começa a ser gestada com a posse de Gustavo Capanema, em 1934, como ministro da Educação e Saúde Pública. Tendo como norte a formação de uma nova nação e de um novo homem, a reestruturação administrativa proposta por Capanema apontava a centralização como solução para os problemas educacionais.⁹²

A centralização no âmbito da Educação Física manifestou-se na criação da Divisão de Educação Física, em 13 de janeiro de 1937, pela Lei nº 378, que promoveu uma reorganização do Ministério da Educação e Saúde. De acordo com o artigo 12 dessa mesma lei, “Pela Divisão de Educação Extraescolar e Divisão de Educação Physica correrá, respectivamente, a administração das actividades relativas à educação extraescolar e à educação physica”.⁹³ É também em 1937 que, pela primeira vez, a Constituição fez referência à Educação Física, tornando-a obrigatória no ensino secundário, agrícola e industrial, apresentado no artigo 131.⁹⁴

Nesse contexto, o DEF-MES tornou-se o primeiro órgão governamental federal a organizar especificamente as ações e diretrizes referentes à Educação Física. O militar João Barbosa Leite foi nomeado seu primeiro diretor ainda em 1937. Sob sua direção, várias medidas foram tomadas com o intuito de construir e expandir espaços de formação e atuação de professores civis e militares de Educação Física. Dentre elas, destacam-se a criação da Escola Nacional de Educação Física e Desportos; a ampliação do número de vagas ofertadas para a formação de professores; a realização de cursos de férias para professores de Educação Física e a promoção de congressos e seminários para debate das questões pertinentes à área. Em todas essas ações de ampliação do campo de formação e atuação de professores a Divisão adotou oficialmente o Método Francês como base do ensino e formação do professorado. A partir do ano de 1938 a DEF-MES passou a definir com maior autoridade as linhas gerais das diretrizes governamentais relacionadas à área, estabelecendo-se não apenas como órgão fomentador da formação de novos quadros de professores, técnicos e médicos, mas também propondo reformas na legislação e garantindo o cumprimento das mesmas.⁹⁵

⁹¹ CAPELATO, 2003.

⁹² HOCHMAN, FONSECA, 2000.

⁹³ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1930-1949/L0378.htm>. Acesso em: 26 jul. 2016.

⁹⁴ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1930-1949/L0378.htm>. Acesso em: 26 jul. 2016.

⁹⁵ PARADA, 2005.

A orientação política do Estado Novo voltada para a organização do país e a formação da identidade brasileira pedia um trabalho intenso em todos os aspectos (sociais, educacionais, econômicos, etc) devido aos numerosos problemas encontrados, que envolviam, entre outros, precárias condições de educação e saúde da população.⁹⁶ Nesse sentido, a implementação de ações ligadas à educação para o desenvolvimento da nação, ainda que, em alguns casos, tais iniciativas tenham fracassado, mostrou-se uma variável importante para avaliar o poder do intervencionismo do Estado na Educação Física brasileira. O pressuposto de elaboração de um método que congregasse o espírito da nação brasileira estava, portanto, em compasso com a política do Governo Vargas.

Como uma dessas ações, a tarefa de formular um Método Nacional foi assumida pelo corpo técnico da DEF-MES. Não foi possível identificar nas fontes e estudos acessados quais sujeitos vinculados a essas duas instituições tiveram a responsabilidade de elaborar o escopo do Método Nacional apresentado pelo inquérito. Sabe-se que no período de 1937 a 1945, a Divisão era composta por professores, médicos e militares, dentre eles: o já citado diretor João Barbosa Leite; Inezil Penna Marinho, o qual assumiu diversos cargos como o de inspetor e Chefe da Seção Técnico-Pedagógica; o médico Paulo Araújo que exercia o cargo de Chefe de Seção Técnico-Biológica.⁹⁷ Ainda que não seja possível afirmar quais sujeitos foram diretamente responsáveis pela elaboração da proposta inicial do Método Nacional, parece-me plausível dizer que o movimento de articulação para tal envolveu diferentes grupos já vinculados há algum tempo ao debate e à construção da Educação Física brasileira, ou seja, os militares, os médicos e os professores. A configuração do quadro de pessoal ligado à Divisão permite pensar que, naquele momento, os militares possuíam certo poder de decisão devido às funções de comando assumidas pelo órgão, muito provavelmente, relacionadas à condição política do país.⁹⁸ Ainda que cada um deles tivesse possibilidades distintas de atuação nesse movimento, certamente esses três grupos tiveram influência na produção desse projeto de Educação Física nacional. Corroborando tal constatação, Melo (1996) sinaliza a participação conjunta de médicos, militares e professores na criação da Escola Nacional de

⁹⁶ GOMES, 2013.

⁹⁷ PARADA, 2005; ASSIS, 2015.

⁹⁸ Cabe aqui destacar que reconheço que a vinculação dos militares com a Educação Física já estava alicerçada há décadas no campo da Educação Física brasileira. Não se pode falar em História da Educação Física brasileira sem pensar o papel do Exército em sua conformação. Dessa forma, o que pretendo destacar com essa afirmação é que o regime político vivido nesse período acentua o poder dos militares nas decisões governamentais da área. Vide a escolha de um militar para a coordenação da Divisão de Educação Física no período. Sobre a relação entre Exército e Educação Física na história destaco a tese de Amarílio Ferreira Neto (1999).

Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil (ENEFD), em 1939, que fora uma das primeiras e principais realizações da Divisão.

Retornando ao método, a necessidade de formular os parâmetros nacionais para a Educação Física brasileira ia ao encontro do imperativo político da época de formar uma identidade nacional. Congregava também com o movimento educacional brasileiro que, comprometido com a política cultural do Estado Novo, concebia a educação como instrumento de fortalecimento e desenvolvimento da nação, sistematizada por um plano geral de educação que carregava em si um potencial unificador da população brasileira.⁹⁹ No artigo intitulado *O Estado Nacional e a Educação Física*, publicado na *Revista Brasileira de Educação Física*, n.12 de dezembro de 1944, Inezil P. Marinho afirmou que a criação de um Método Nacional se justificava pela adequação ao “temperamento do povo brasileiro”, uma vez que nunca “[...] um método estrangeiro, qualquer que seja o seu rótulo, poderá ser por nós considerado nacional, da mesma forma que jamais adotaríamos uma constituição estrangeira, por melhores que fossem seus fundamentos”.¹⁰⁰ O artigo não deixa claro a qual temperamento o Método Nacional deveria corresponder, mas certamente ele tentou enfatizar o papel da Educação Física na construção de uma identidade nacional. Em suas palavras, seria por intermédio da Educação Física que “nós faremos [...] que tudo no Brasil seja grande, inclusive o homem”.¹⁰¹

Verônica Costa (2009) afirma que o Governo Vargas, na tentativa de adequar as intervenções no âmbito educacional à sua segunda fase, de 1937 a 1945, acionou uma série de medidas

[...] visando à constituição da nacionalidade, sob a ação proeminente do Ministério da Educação e Saúde Pública. Nesse esforço de nacionalização destacam-se três aspectos: dar conteúdo nacional à educação transmitida na escola e por outros instrumentos formativos; padronizar escolas, currículos, livros didáticos, sistemas federais de controle e fiscalização; e, por último, erradicar minorias étnicas linguísticas e culturais existentes no Brasil desde as últimas décadas. [...] Nessa perspectiva, o conhecimento da “realidade” brasileira levaria à construção do modelo apropriado a ela, portanto a evolução histórica, concepção vinculada à ideia de progresso, era representada como um processo de adaptação do organismo social ao meio e às condições históricas.¹⁰²

A elaboração de um Método Nacional de Educação Física, se concluída, sem dúvidas, congregaria os dois primeiros aspectos apontados pela autora: dar um caráter

⁹⁹ COSTA, 2009.

¹⁰⁰ *Revista Brasileira de Educação Física*, ano I, n. 7, jul. 1944, p. 01.

¹⁰¹ *Revista Brasileira de Educação Física*, ano I, n. 7, jul. 1944, p. 02.

¹⁰² COSTA, 2009, p. 89.

nacional à Educação Física e padronizar o seu ensino. Para tanto, buscou-se na realidade critérios que o Método de Educação Física nacional deveria ter para contemplar os brasileiros. A partir dessa necessidade de identificar nas demandas do “fazer cotidiano” da Educação Física brasileira as bases para o método foram produzidos diferentes inquéritos convidando professores, médicos e demais profissionais ligados à educação a apontar as necessidades encontradas e as prerrogativas desejadas para a área.

De acordo com um estudo estatístico publicado pela Divisão de Educação Física (194?), 1.675 cópias do inquérito sobre o Método Nacional foram enviados, mas apenas 15 pessoas responderam concordando com o esquema proposto e 23 pessoas responderam apresentando contribuições. As demais deixaram de responder ou apenas acusaram o recebimento. Apesar do baixo número, as respostas ao inquérito compõem um primeiro conjunto de representações capaz de evidenciar conteúdos e práticas desejados, e por alguns já realizados, na Educação Física brasileira a partir da década de 1940.¹⁰³ As repostas acessadas para esta análise, bem como o estudo estatístico acima citado, foram publicados em um compilado organizado pela Divisão de Educação Física, o qual reuniu a documentação referente ao *Inquérito sobre o Método Nacional de Educação Física* e ao *Concurso de Contribuições para o Método Nacional de Educação Física*, ambos realizados pelo referido órgão. A obra não possui data, mas pela análise de seu conteúdo provavelmente foi organizada após o ano de 1945.

Na maioria das respostas são enfatizados o apreço pela iniciativa da Divisão, bem como a necessidade de propor um novo plano para a Educação Física nacional uma vez que o Método Francês não se adapta bem à população brasileira. Dentre as argumentações que sinalizam tal desencontro entre o método em vigor e o ensino brasileiro destacam-se o regime de trabalho “monótono e deficiente” para uma população que prefere “exercícios mais enérgicos e movimentados”; o ensino tardio dos esportes, preconizado para ser realizado apenas após os 16 anos de idade; a necessidade de um aparelhamento específico para a sua prática que, dadas as condições precárias dos estabelecimentos de ensino no Brasil, a maioria das escolas não possui e a limitada variedade de exercícios oferecida.

A análise dessas respostas permite também reconhecer que não há, nem por parte da Divisão, nem por parte dos respondentes, ruptura total com o Método Francês. Em algumas das respostas é reconhecido o fato de que a Divisão elaborou o esquema do Método

¹⁰³ Optei por realizar uma análise sobre as contribuições oferecidas pelos respondentes ao *Inquérito sobre o Método Nacional de Educação Física* no que diz respeito às críticas ao Método Francês e às reivindicações para o novo método. Certamente, essa análise não esgota as possibilidades interpretativas presentes nesse conjunto documental.

Nacional tendo por base preceitos do Método Francês. Em outras, é sugerido que alguns exercícios do Método Francês, assim como de outras ginásticas como a sueca, a corretiva e a higiênica, sejam incorporados ao Método Nacional por já possuírem eficiência comprovada em outros meios e por serem baseadas cientificamente, entre outras razões. Tais considerações ajudam a compreender o quadro inicial que indicia uma desejada reorganização da Educação Física a partir do diálogo e do hibridismo dos modelos de atuação baseados em métodos e escolas ginásticas já reconhecidos no Brasil, sem a negação do que já estava estabelecido.

No conjunto das respostas estão também presentes sugestões que defendem maior presença do esporte na escola. Algumas enfatizam a necessidade de trabalhar com esportes no ensino secundário, pois eles despertam o interesse dos alunos para as aulas de Educação Física. No entanto, para eles, algumas ponderações são necessárias em relação à sua inserção no plano de ensino da Educação Física. Os esportes deveriam ser ensinados para jovens a partir de 13 anos e, de preferência, o professor deve selecionar aqueles de “pouca intensidade” e “fácil controle”, como o vôlei. Os professores que adotaram essa linha argumentativa ministravam os jogos e os esportes como atividades complementares à ginástica, tida como a atividade central de uma aula ou sessão de Educação Física. Ou seja, ainda que aceitáveis e, por vezes, necessários, os esportes eram representados à margem na organização da Educação Física.

Em outra vertente encontrada nas respostas que tematizaram o esporte, ele já se apresentava com maior centralidade no desenvolvimento da aula de Educação Física. Em seu parecer, o Prof. Rosalvo Florentino de Souza, da cidade de São Paulo, afirma que

A educação física hoje não tem o antigo conceito que se lhe dava, restrita como era a prática de movimentos estáticos e por isso mesmo monótonos, dos quais os alunos fugiam, quando se lhes anunciava uma ‘aula de ginástica’. Ao contrário, compreende tóda uma série de exercícios capazes de dar ao corpo um desenvolvimento harmônico, compatíveis com as condições de saúde do indivíduo, ministrado de forma atraente e agradável. O moderno conceito de educação física abrange a totalidade dos exercícios que possam influir nesse desenvolvimento. Sob a forma agradável dos esportes, atrai e diverte a juventude de tódas as nações, dando-lhes filhos fortemente constituídos.¹⁰⁴

Nessa mesma linha de pensamento, o Prof. Alfredo Ebert, também da cidade de São Paulo, argumentou que “[...] considerando o esporte antes de tudo um dos principais fatores da nossa educação, é lícito supor-se que o nosso primeiro contato com êle se deva dar

¹⁰⁴ *Inquérito sobre o Método Nacional de Educação Física e Concurso de Contribuições para o Método Nacional de Educação Física*. 194?, p. 167-168.

na escola”.¹⁰⁵ Há também nesse conjunto de reflexões a intenção de diálogo entre a Educação Física escolar e os clubes ou sociedades esportivas, a fim de sanar os problemas relativos à estrutura física e equipamentos necessários para a prática esportiva preconizada para o ensino escolar. Esse conjunto de respostas enviado à Divisão pode ter servido de parâmetro para a redação da proposta final do Método Nacional de Educação Física, porém não há indícios de que a sua elaboração tenha sido finalizada.

Embora tenham sido numericamente poucas, as repostas ao inquérito contemplaram uma gama de perspectivas sobre a Educação Física que ganhariam mais força e adesão com o passar dos anos. No entanto, como desdobramento imediato da realização do próprio inquérito, a Divisão se propôs a outras ações com o intuito de contribuir para o debate da Educação Física nacional. No ano de 1943, foi lançado outro inquérito destinado aos professores de Educação Física do ensino secundário com o propósito de reconhecer as dificuldades encontradas por eles no exercício de suas funções, bem como de possibilitá-los a sugerir melhorias e resoluções para tais problemas. Tal inquérito fora enviado aos professores na circular de n. 08, de 22 de novembro de 1943, e divulgado pela *Revista Brasileira de Educação Física*, de janeiro de 1944:

Interessante sob todos os aspectos se apresenta o inquérito que vem a ser lançado pela Divisão de Educação Física entre os professores de educação física dos estabelecimentos de ensino secundário para conhecer os obstáculos que os referidos professores vêm encontrando no desenvolvimento do seu programa educacional.

E para que esse trabalho, pelo espírito de colaboração e liberdade de crítica que se reveste, tenha a maior divulgação, transcrevemos a seguir a circular n. 8, de 22-11-43 e o anexo que a acompanhou:

“Sr. Professor:

Afim do que esta Divisão possa melhor conhecer as dificuldades com que têm lutado os professores de educação física no exercício de suas funções e proporcioná-lhes a possibilidade de apresentarem sugestões que facilitem a solução de alguns problemas, solicitamos o vosso pronunciamento sobre cada um dos quesitos anexos. Deveis esclarecer os obstáculos encontrados, pormenorizar as deficiências do estabelecimento, criticar com toda liberdade a orientação e as medidas adotadas por esta Divisão e sugerir o que vos parece capaz de melhorar as condições de trabalho, neste setor educacional, na escola secundária”.

Atenciosas saudações,

Major João Barbosa Leite, Diretor.¹⁰⁶

A análise das perguntas relacionadas nesse segundo inquérito aponta o interesse da Divisão em reconhecer a realidade escolar em três direções: os métodos e procedimentos de ensino adotados pelos professores; as condições físicas e materiais da escola e a prática de

¹⁰⁵ *Inquérito sobre o Método Nacional de Educação Física e Concurso de Contribuições para o Método Nacional de Educação Física*. 194?, p. 183.

¹⁰⁶ *Revista Brasileira de Educação Física*, ano I, n. 02, fevereiro de 1944.

esportes inserida nos programas curricular e extra-curricular da escola. Ao final da apresentação dos 19 quesitos, é colocada uma observação ao professor respondente do inquérito: “[...] será obrigado a pronunciar-se sempre sobre cada um desses quesitos, não devendo, em hipótese alguma, deixá-los em branco. Nos itens 3 a 7 esclarecer como os alunos recebem cada um dos exercícios, quais os que mais e os que menos interesse lhes despertam”.¹⁰⁷ Tomando como referência a estruturação do inquérito, é possível identificar que ele ultrapassou o mero reconhecimento das proposições do professor e das condições da escola, interessando-lhes também conhecer as respostas dos alunos ao programa educacional vigente. Tal abrangência revela-se como uma possibilidade de organização da Educação Física aproximando os interesses dos diferentes sujeitos que compõem a realidade escolar. Pode-se inferir que mapear e mensurar dados relativos à Educação Física foram operações que sustentaram o conhecimento do fazer cotidiano da escola, possibilitando à Divisão traçar políticas e diretrizes capazes de garantir melhor desenvolvimento da área, mas também maior controle das ações.

Para além da divulgação desse inquérito, realizada pela *Revista Brasileira de Educação Física*, não foi encontrado nenhum vestígio de continuidade nem de possíveis resultados que pudessem revelar mais detalhes sobre o próprio inquérito tais como, o nome das escolas e professores que receberam a circular, respostas enviadas à Direção nem mesmo a produção de relatórios ou estudos que pudessem ter sido feitos com base nos dados obtidos. Dessa forma, não é possível dizer se o inquérito foi concretizado e quais usos foram feitos dele. Ainda assim, a iniciativa por parte da Divisão em dar visibilidade às práticas escolares, reconhecendo-as para nelas intervir, reforça a hipótese de que estava empenhada em redefinir os rumos da Educação Física nacional a partir da constatação de suas deficiências e necessidades, subsidiada pela ideia de adaptação à realidade.

Concomitantemente ao segundo inquérito, a Divisão também lançou o *Concurso de Contribuições ao Método Nacional de Educação Física* e o *Concurso de Trabalhos sobre Educação Física*, ambos em 1943. As fontes consultadas indicam que esses concursos foram novamente lançados nos anos de 1944 e 1945, mas não tiveram seus resultados publicados nos principais órgãos de divulgação, quais sejam, o *Boletim de Educação Física* e a *Revista Brasileira de Educação Física*. Sobre os concursos de 1943, foram divulgados os resultados na *Revista Brasileira de Educação Física* de fevereiro de 1944:

¹⁰⁷ *Revista Brasileira de Educação Física*, ano I, n. 02, fevereiro de 1944.

A Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde, de acordo com seu programa de atividades, fez realizar dois concursos no ano de 1943, objetivando incentivar, tanto quanto possível a produção de trabalhos sobre educação física.

O “Concurso de Contribuições para o Método Nacional de Educação Física” reuniu cinco trabalhos, os quais, depois de julgados por uma comissão designada pelo Diretor do Departamento Nacional de Educação Física, constituída do Major João Barbosa Leite, Diretor da Divisão de Educação Física, e do Dr. Waldemar Areno, catedrático da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, foram assim classificados, de acordo com publicação do Diário Oficial de 24-11-43:

1º lugar: “Bases científicas da Educação Física” da Sociedade de Estudos dos Problemas de Educação Física, com 90,5 pontos.

2º lugar: “Metodologia do Treinamento Desportivo”, da Sociedade de Estudos dos Problemas de Educação Física, com 82,5 pontos.

3º lugar: “Valor individual”, da Sociedade de Estudos dos Problemas de Educação Física, com 75 pontos.

[...] O “Concurso de Trabalhos sobre Educação Física” reuniu ao todo 10 trabalhos nas três secções previstas, apresentando o seguinte resultado final, conforme publicações nos números de 28 e 30 de dezembro de 1943 do Diário Oficial.¹⁰⁸

As três seções previstas para esse concurso foram a *Seção Técnico-Pedagógica*, a *Seção Técnico-Biológica* e a *Seção Técnico-Desportiva*. Os trabalhos vencedores de cada uma delas foram, respectivamente, *Sugestões para programas de educação física destinados a escolas primárias*, *O grupamento homogêneo em educação física* e *Bases gerais da Metodologia do Treinamento Desportivo*. Todos eles foram enviados pela Sociedade de Estudos dos Problemas de Educação Física.

A produção desses trabalhos mobilizou professores/autores da Educação Física preocupados em debater questões conceituais do campo, principalmente aquelas relativas às orientações possíveis e às ciências que balizariam tais direcionamentos. Nesse sentido, foi possível perceber a defesa de aspectos “sócio-psico-filosóficos” na fundamentação desses trabalhos, em contraposição ao conceito “anátomo-fisiológico” presente no Método Francês. O estreitamento da relação entre a Educação Física e a Educação também foram pontos encontrados nos trabalhos.¹⁰⁹ Foi possível identificar também que o diálogo da Educação Física com a Sociologia, a Filosofia e a Psicologia se fortalecia na medida em que a área ia se reconhecendo como parte indissociável da Educação. Observou-se ainda que, anunciado ora de forma explícita ora de forma sutil, o esporte é encontrado como objeto de atenção para a Educação Física que se pretendia construir.

É interessante notar que a maioria dos trabalhos vencedores desses dois concursos estava ligada à Sociedade de Estudos dos Problemas de Educação Física. Não foi possível identificar quais sujeitos compunham tal sociedade, mas grande parte de seus estudos

¹⁰⁸ *Revista Brasileira de Educação Física*, ano I, n.02, fevereiro de 1944.

¹⁰⁹ Não foi possível acessar todos os trabalhos vencedores dos concursos citados, tornando difícil fazer uma análise mais densa sobre os conteúdos e os parâmetros estabelecidos para sua classificação.

voltariam a ser publicados, principalmente na *Revista Brasileira de Educação Física*, tendo Inezil P. Marinho como autor. Cabe lembrar que, nessa data, Inezil P. Marinho era funcionário da Divisão. Pode-se depreender daí que ele investiu fortemente na produção do Método Nacional, pois, como parte do corpo técnico da DEF-MES, atuou na promoção e na divulgação de tais concursos e inquéritos, publicou artigos que tematizaram a sua importância e, como autor, produziu estudos que foram enviados à Divisão a fim de contribuir para a sua elaboração. Ainda que fosse um projeto oficial da Divisão de Educação Física, me parece claro que o Método Nacional foi também um projeto pessoal/profissional de Inezil P. Marinho.

A partir do ano de 1945, as publicações das ações da Divisão para a construção do Método Nacional se tornam mais escassas no *Boletim de Educação Física* e na *Revista Brasileira de Educação Física*. Caracterizado principalmente pelo fim do Governo Vargas, esse período congrega mudanças políticas importantes no cenário nacional e mundial que influenciaram diretamente a política educacional brasileira. Por certo, os planos de ação da Divisão foram diretamente afetados por esse período de transição de governos. De toda maneira, percebe-se que a própria intenção de construir e consolidar um Método Nacional não é prontamente abandonada pela Divisão no ano de 1945. Em reportagem publicada no *Jornal Folha da Noite* (194-?), Inezil Penna Marinho, nesse momento chefe da Seção Técnico-Pedagógica, afirmou que interessava a DEF-MES a contínua colaboração de professores, técnicos e estudiosos para a elaboração do Método Nacional.¹¹⁰ No entanto, há uma inflexão do discurso no que diz respeito à vinculação com o projeto nacionalista do governo de Getúlio Vargas. Na entrevista, o professor Inezil afirmou que o Método Nacional não se reveste de caráter nacionalista, mas se apresenta como um meio de congregação das necessidades e aspirações da população brasileira. Seu discurso claramente intenta romper com a perspectiva nacionalista fortemente vinculada aos países de governo autoritário, como Alemanha e Itália, de uma Educação Física voltada para a preparação para a guerra.

Nesse sentido, pensar as ações da Divisão como um dos fatores mobilizadores da reorganização da Educação Física nacional implica entender as próprias contradições que ela carrega. A DEF-MES inicia suas atividades em um período da política nacional em que se edificou a imagem de um modelo de sociedade integrador, na qual a representação de pátria

¹¹⁰Centro de Memória do Esporte (CEME) de Porto Alegre. O papel da Educação Física no conjunto do sistema educacional do pós guerra. *Folha da Noite*, 194-?.

Não há indicação de data no fragmento do jornal consultado nesse arquivo, mas pela análise de conteúdo pode-se inferir que seja do ano de 1945, após o fim da Segunda Guerra Mundial.

torna-se seu elemento constitutivo.¹¹¹ Momento em que a elaboração de um Método Nacional se adequou à política educacional de um governo com tais pretensões. No entanto, ao contrário do que se possa imaginar, a política educacional ligada à Educação Física pensada pelo governo brasileiro desse período se construiu em torno de interesses diversos e ações de alcance ampliado, fazendo ver as contradições de um período em que se esperaria total controle do Estado. Dessa maneira, muitas foram as ações educacionais empreendidas e, junto delas, as ambiguidades percebidas. No campo da Educação e da Educação Física, várias diretrizes políticas ratificaram a presença de estratégias conservadoras e vanguardistas, ainda que todas sob o primado da unidade nacional defendida pelo regime. As iniciativas governamentais ligadas à Educação são, assim, investidas de prioridade política, transformando-as em objeto de relevo nas diretrizes políticas nacionais.

Os esforços do governo de Getúlio Vargas na construção de políticas educacionais no ensino público iniciam já na década de 1930 com a Reforma Francisco Campos:¹¹²

A reforma Francisco Campos representou a concretização da modernização do ensino secundário desejada por alguns grupos sociais desde o final do século XIX e, particularmente, na década de 1920, quando emergiu um instigante debate político e educacional. Ela teve a marca de seu idealizador na medida em que realizou uma centralização e homogeneização do ensino secundário inédita em nível nacional, tonificando o Estado educador. Esse traço intervencionista e autoritário de Francisco Campos se revelaria ainda mais claro na Constituição de 1937 –sustentáculo jurídico do Estado Novo –, elaborada por ele como titular do Ministério da Justiça do Governo Getúlio Vargas. Por outro lado, Francisco Campos imprimiu uma perspectiva escolanovista na reforma do ensino secundário de 1931, que estimulava a utilização de métodos ativos e individualizantes no processo de aprendizagem.¹¹³

Após a saída de Francisco Campos e a designação de Gustavo Capanema como Ministro da Educação e Saúde, em 1934, os esforços em conferir à educação um papel de centralidade no governo estadonovista, no âmbito legal e prescritivo, foram mantidos. Em sua atuação como ministro, de 1934 a 1945, Capanema defendeu a ideia de que a formação do Estado Nacional se daria sob o primado da modernidade, vinculado à promoção da educação e da cultura. A elevação da cultura nacional e o projeto de redefinição dos valores patrióticos através da educação representam uma das mais importantes direções assumidas por Capanema

¹¹¹ COSTA, 2009.

¹¹² Em 1931, o ministro da Educação e Saúde, Francisco Campos, implementou um conjunto de decretos de abrangência nacional que ficou conhecido por Reforma Francisco Campos. Esses decretos dispuseram sobre o ensino superior, o ensino secundário e comercial, bem como sobre a criação do Conselho Nacional de Educação e sobre a instrução religiosa nos cursos primário, secundário e normal (NUNES, 2001; COSTA, 2009).

¹¹³ DALLABRIDA, 2009, p.190.

em sua vida política.¹¹⁴ Seu ministério, assim como outros órgãos do Estado Novo, constituiu-se como um espaço e tempo importante para a ação intelectual.

Em um contexto no qual a tradição e a inovação se faziam presentes, a procura por modernizar o país possibilitou a ação de intelectuais comprometidos em construir uma nova imagem do país sem, no entanto, fugir ao projeto nacionalista de Vargas. Nesse sentido, pode-se dizer que o Estado Novo, em sua intrincada trama entre “tradição” e “modernização” exerceu um apelo sobre a intelectualidade brasileira, que, a exemplo de Gustavo Capanema, ocupou posições estratégicas para a adoção de políticas que se almejava conduzir, garantindo nomes que fossem capazes de desempenhar suas funções com competência, bem como legitimando suas ações ante um círculo social ampliado.¹¹⁵

Cabe pensar também que as incoerências do regime autoritário brasileiro, de maneira geral, começaram a ganhar visibilidade já em 1942 com a entrada do Brasil na Segunda Guerra ao lado dos países democráticos.¹¹⁶ Ainda que a abertura do debate sobre os rumos da educação e da Educação Física nacional a algumas parcelas da sociedade civil possa ter sido motivada pela noção de que o reconhecimento da realidade traria elementos para a “regeneração da pátria” aos moldes estadonovistas, os desdobramentos oriundos dessa abertura ultrapassaram quaisquer que tenham sido os objetivos iniciais do regime. Como resultado, a abertura desse debate fez circular na área produções de diferentes sujeitos e instituições interessados em participar da construção das suas “novas” bases científicas e pedagógicas.

Nesse sentido, as diretrizes lançadas para a organização da Educação Física nacional pela Divisão de Educação Física podem ser consideradas partícipes de um processo multifacetado, que comportou diferentes interesses e deu visibilidade a uma multiplicidade de ideias. Tal fato dificulta a sua análise sob uma ótica fechada e generalista, que exclui as tensões e dissensões que um órgão governamental possa ter, mesmo sob uma gerência autoritária.

Nesse movimento de reorganização da área, estimulado pelo questionamento ao método oficial e pelo debate referente aos rumos da Educação Física nacional, principalmente pós 1945, a procura de novas orientações para o seu fazer permaneceu.¹¹⁷ Isso implica dizer

¹¹⁴ QUADROS; MACHADO, 2013.

¹¹⁵ OLIVEIRA *et al.*, 1982; GOMES, 2000.

¹¹⁶ CAPELATO, 2003.

¹¹⁷ Não é possível afirmar precisamente quando e por quais razões a Divisão de Educação Física encerra o projeto de elaboração do Método Nacional. No entanto, é provável que o término do Governo Vargas e, conseqüentemente, a saída de seus representantes do comando de órgãos governamentais sejam, em grande parte, responsáveis pelo seu fim. Em uma coluna escrita por Inezil P. Marinho, no *Jornal dos Sports* de 16

que outras perspectivas traçadas para uma mudança do panorama geral da Educação Física, para além do Método Nacional, estavam postas tanto no plano dos discursos e das políticas quanto no plano das práticas. As respostas ao inquérito e os trabalhos enviados ao concurso, anteriormente apresentados, já denotam o investimento de sujeitos em exercício individual e coletivo de produção de outros sentidos para o seu fazer. Além disso, no âmbito da constituição de políticas educacionais e diretrizes de atuação e formação de professores, idealizadas e organizadas por instituições e órgãos governamentais, o término de um projeto de governo abriu espaço político para o debate de outros arranjos educacionais possíveis.

“Um tempo de mudanças”; está é a imagem construída para representar a realidade brasileira no período pós-guerra.¹¹⁸ Abriu-se um campo de possibilidades para o debate e inserção de outros modos de fazer Educação Física. Isso pode ser sentido no redirecionamento das ações da Divisão de Educação Física a partir da década de 1950. Com a saída do militar João Barbosa Leite da direção e a posse de Alfredo Colombo, a DEF-MES deixa de ser uma “instituição fiscalizadora” e passa a ser uma “instituição a serviço da Educação Física”, como discorre Alfredo Colombo em seu discurso de posse, publicado pelo *Boletim*, sobre as novas ações da Divisão:

Os encargos normais da Divisão de Educação Física, cuja ação deve se desenvolver por todo o imenso território deste nosso Brasil, somamos às dificuldades de uma legislação inadequada às necessidades das várias regiões do país e, em muitos casos, inexecutável pela falta de possibilidades materiais, acrescidos de um latente estado de choque que existe entre esse órgão e a direção dos estabelecimentos de ensino, por si só demonstram, quão vasto e complexo deve ser um plano de ação que harmonize interesses e necessidades comuns da sociedade.

Aqui estamos, pois, para lutar denodada e entusiasticamente pela harmonização desses interesses e dessas necessidades, levando na devida consideração as possibilidades e a capacidade do meio ambiente: de cada região, de cada cidade, de cada estabelecimento de ensino. Bem sabemos, que só alcançaremos a boa solução desses problemas se ao trabalho dedicarmos toda a nossa capacidade, todo nosso entusiasmo.

Não nos falta ânimo para esse empreendimento, nem para as vicissitudes da luta, pois, somos estimulados pela certeza de que os choques e mesmo os revezes valorizam as conquistas.

Nessa tarefa, palmilhando o caminho desbravado pelos nossos ilustres antecessores, tudo faremos para que este órgão não seja uma **Divisão-polícia** e sim uma **Divisão-serviço**, a fim de que os requisitos legais sejam exequíveis e os objetivos educacionais atingidos.¹¹⁹

de fevereiro de 1954, ele afirma que a saída do Ministro Gustavo Capanema, em 1945, afetou vários projetos em andamento da DEF do Ministério da Educação e Saúde. Apesar de não afirmar diretamente que o Método Nacional tenha sido um deles, a escassez de indícios de sua continuidade pós 1945, principalmente na imprensa, corroboram tal hipótese.

¹¹⁸ XAVIER, 2012.

¹¹⁹ *Boletim de Educação Física*, n.13, 1955, p. 05-06, grifos meus.

Os investimentos em aspectos didático-metodológicos, com o propósito de reorganização da área, se fizeram representados por dois movimentos. O primeiro se deu pela tentativa de algumas instituições de ensino em sistematizar estudos e sistemas de organização da Educação Física na escola. O segundo, pelo encontro com novas orientações para a Educação Física, possibilitado pela circulação de sujeitos em outros países. Ainda que essas duas perspectivas estejam conectadas de alguma forma, vou me debruçar sobre o movimento de circulação de professores brasileiros em eventos internacionais, uma vez que foi em um desses encontros que a Educação Física Desportiva Generalizada tornou-se conhecida e reconhecida como potencial método renovador da Educação Física brasileira.

2.2 O encontro com outros modos de fazer Educação Física: a circulação de ideias e de sujeitos no Brasil e na Europa

Não existe a menor dúvida de que a experiência acolhida no II Congresso Panamericano de Educação Física será bastante proveitosa para quantos países dele participem. É uma oportunidade como poucas para conhecermos o progresso da técnica e da ciência, nesse setor, em cada uma das nações americanas e trazer do certame, talvez, muitas e muitas soluções para os intrincados problemas com os quais nos debatemos. A educação física não tem fronteiras, tal como acontece com a ciência; cada progresso que nesta se faz, beneficia toda a humanidade. Assim, na educação física, cada conquista realizada por um país representa o progresso para todos os povos.¹²⁰

O investimento de brasileiros na participação em encontros nacionais e internacionais na década de 1940, como o II Congresso Panamericano de Educação Física no México, ocorrido em 1946, sinaliza o interesse em fazer circular as proposições acerca da Educação Física brasileira, bem como conhecer as novas ou renovadas metodologias de ensino da área. Como sinal dessa preocupação, foi promovida pela DEF-MES, no ano de 1944, uma reunião de diretores das Escolas de Educação Física e representantes dos órgãos estaduais de Educação Física dos estados do Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná, com o propósito de estudar os problemas relacionados à Educação Física nacional e propor diretrizes gerais para serem apresentadas no referido congresso.¹²¹ Dentre os 47 temas

¹²⁰ Os problemas da Educação Física e o Congresso do México. *Jornal dos Sports*, ano IX, 1946, s/p.

A reportagem é produzida a partir de uma entrevista concedida por Inezil P. Marinho.

¹²¹ Centro de Memória do Esporte (CEME) de Porto Alegre. *Reunião dos diretores de Educação Física*. MES: Rio de Janeiro, 1947.

debatidos nessa reunião, destacaram-se o papel do esporte na escola e sua pertinência nas diferentes etapas de escolarização; a organização e formas de trabalho da Educação Física escolar e sua legislação; e a necessidade de intercâmbio entre países das Américas. Nesse movimento, é notável uma preocupação em qualificar o debate interno quer sob o ponto de vista técnico e científico, quer, até mesmo, sob o ponto de vista doutrinário. O resultado de tal estudo foi enviado às Escolas de Educação Física a fim de estimular a produção de trabalhos que pudessem contribuir de alguma maneira para a resolução dos problemas e situações apontadas. Oficialmente, o projeto de produção de um Método Nacional ainda estava em andamento nessa data. Porém, ainda que naquele momento esses sujeitos reconhecessem o percurso de sua estruturação, outros caminhos de organização da Educação Física estavam postos no horizonte da área. Isso poderia significar que uma reorganização da Educação Física no Brasil, que não mais passasse necessariamente pela adoção de um método próprio, já ganhava espaço na própria Divisão.

Essas ações de incentivo à realização e circulação de trabalhos, e também de sujeitos, expressam um movimento de produção de sentidos para o campo, no qual a troca de ideias e o desafio de promovê-las demandavam de seus interlocutores uma abertura para a configuração de novas práticas. Se o entendimento era mesmo de que “a educação física não tem fronteiras”¹²², como dito na reportagem sobre o II Congresso Panamericano, o olhar do outro e para o outro significou um parâmetro de reavaliação da Educação Física no país nos seus diferentes estados. Ao dizer isso, é importante destacar que essa circulação de professores projetou o contato com diferentes proposições não apenas entre o Brasil e outros países, como também entre os professores brasileiros ligados às escolas, associações e diretorias dos diversos estados brasileiros.

Nesse ínterim, ações que possibilitaram a promoção e a participação de professores e alunos em cursos, seminários e congressos se mostraram importantes ferramentas de aprofundamento e qualificação do debate técnico e científico da Educação Física. Para além desses encontros, uma interlocução mais próxima possibilitada pelas visitas de professores brasileiros a outras escolas dentro e fora do país, com o objetivo de conhecer o que lá estava sendo feito, foi também acionada como meio de reconhecimento das proposições e práticas estabelecidas para a área.¹²³ Em ambas iniciativas (encontros e interlocução mais próxima), as trocas de ideias, justificadas pelo desejo de contribuir para o desenvolvimento da Educação Física no país, certamente tiveram grande influência no debate

¹²² *Boletim de Educação Física*, n.13, 1955, p. 05.

¹²³ MELO, 1996; LOURDES, 2007.

sobre a organização e atualização dos conteúdos e das formas de ensino. Ao realizar tal afirmação, não nego a existência dessas práticas de intercâmbio em momentos anteriores da história da Educação Física brasileira. A intenção de iluminar o debate em torno das suas realizações nesse período se justifica em função do relevo que elas adquirem ao colocar em contato novas e renovadas perspectivas metodológicas que influenciaram a área, principalmente a partir da década de 1950.

Nesse contexto, para além da Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde, as Associações de Professores de Educação Física, as Escolas de Educação Física e os Departamentos de Educação Física dos estados, principalmente de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, assumiram papel fundamental na circulação de sujeitos e ideais promotoras desse movimento de renovação que procuro analisar neste trabalho.¹²⁴ A própria delegação que representou o Brasil no II Congresso Panamericano fora inicialmente proposta para ser constituída por um membro da Divisão de Educação Física do Ministério, um membro da Escola Nacional de Educação Física e Desportos e um membro da Associação de Professores, a ser eleito pelos seus pares.¹²⁵ Essa composição denota a articulação das diferentes inserções institucionais, tanto estaduais quanto nacionais, que se propuseram a discutir os rumos da Educação Física. Cabe destacar que, muitas vezes, um mesmo sujeito ocupava lugar de representatividade em mais de uma dessas instituições ao mesmo tempo. Isso implica dizer que, nesse movimento de circulação, o diálogo entre tais instituições era facilitado pela participação e pelo trânsito desses sujeitos nos diferentes órgãos.

Nos anos de 1940 e 1950, no estado de São Paulo, havia uma relação muito próxima entre a Escola de Educação Física, a Associação de Professores e o Departamento de Educação Física estadual. Foi possível notar que os professores, em especial o professor Antônio Boaventura da Silva, que compunham o corpo docente da escola assumiram também lugar de destaque nas outras instituições de representação da área.¹²⁶ Da mesma maneira, docentes da ENEFD, com destaque para os professores Alfredo Colombo e Inezil Penna Marinho, assumiram, nas mesmas décadas, postos de direção na DEF-MES e Jacinto Targa, professor da Escola Superior de Educação Física (ESEF) do Rio Grande do Sul, concomitantemente participava da Associação de Professores do seu estado. Muitos outros

¹²⁴ Destaco que, no período analisado, a Associação de Professores de Minas Gerais ainda não estava organizada. Portanto, no movimento anunciado, considero as iniciativas das Associações de Professores de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul.

¹²⁵ MARINHO, Inezil. Os problemas da Educação Física e o Congresso do México. *Jornal dos Sports*, ano IX, 1946. s/p.

¹²⁶ MASTROROSA, 2003; LOURDES, 2007.

professores poderiam aqui ser citados como interlocutores de seus estados naquele período. A escolha desses sujeitos se justifica pela relação deles com o objeto de análise deste estudo.

Tomando-os por referência, cabe aqui retomar as seguintes perguntas: Como esses sujeitos atuantes em seu tempo e espaço articularam e propuseram projetos? E como a Educação Física Desportiva Generalizada passa a ser objeto de interesse para eles? Para responder a essas perguntas, os sujeitos que se mostraram importantes articuladores da vinda do professor Listello e da divulgação da EFDG no Brasil tiveram suas ações destacadas neste trabalho. Obviamente, na ambiência ora apresentada, a produção e a negociação de novos sentidos para a Educação Física estavam em plena disputa. Naquele cenário, as ações desse grupo de professores ora se aproximavam, ora se distanciavam, compondo um complexo exercício de apropriação de ideias e produção de parâmetros para a área. O ponto de encontro se deu em 1949, com a participação de um grupo de brasileiros no evento internacional denominado Lingíada.

A Segunda Lingíada, realizada em Estocolmo em 1949, se configurou como um evento de proporções internacionais composto por três momentos: Festa Internacional de Ginástica, em que demonstrações ginásticas de diferentes países foram realizadas; Congresso de Educação Física, abrangendo conferências, demonstrações e discussões sobre variadas temáticas; e Acampamento de Ginástica. A primeira edição desse evento foi realizada em 1939, em memória dos 100 anos de falecimento do mestre da ginástica sueca Per Henrick Ling (1776-1839). Dada a boa repercussão dessa edição, a Federação Sueca de Ginástica decidiu marcar a II Lingíada para daí 10 anos, em 1949, expressando certa ressalva em função da Segunda Guerra Mundial. Com o fim da guerra a organização da II Lingíada foi retomada, tendo sido bastante aclamada por diferentes países.¹²⁷ Assim, do dia 27 de julho ao dia 03 de agosto de 1949, foram reunidos mais de 13.000 participantes, entre ginastas, palestrantes e representantes de 63 países em um evento que teve como objetivo, segundo o então Príncipe Herdeiro da Suécia, “[...] comparar os diferentes sistemas de ginástica apresentados e verificar em que medida a ginástica constitui uma parte integrante e necessária da educação física e do treinamento em diversas partes do mundo”.¹²⁸

¹²⁷HOLMSTRON, Agnes. *La moderna gimnasia sueca: desde Ling hasta la Lingíada*. Estocolmo: Editorial Sohlman, s/d.

¹²⁸Da Suécia. *Revista Brasileira de Educação Física*, ano VI, n. 65-66, ago.-set. de 1949, p.19.

Nas fontes acessadas, foram encontradas pequenas variações no que diz respeito ao número de países e participantes na II Lingíada. Na mesma revista, porém em seu número 75-76, foi dito que estavam presentes mais de 15.000 ginastas e 2.000 delegados (representantes) de 66 países. De toda maneira, fica evidente o alcance mundial obtido por esse evento.

A Lingíada possibilitou o reconhecimento das práticas ligadas à Educação Física nos diferentes países, mesmo aquelas que não preconizavam a ginástica como elemento central. Portanto, ainda que a motivação geradora do evento tenha sido a celebração da ginástica, principalmente aquela desenvolvida por Ling, a organização desse evento permitiu a demonstração de métodos e perspectivas de Educação Física diferentes dos preceitos da ginástica sueca.¹²⁹ O ecletismo proporcionado por essa abertura gerou visibilidade para outras formas de pensar a Educação Física e, conseqüentemente, oportunizou o encontro entre novas, velhas e renovadas práticas e perspectivas metodológicas. A revista francesa de Educação Física *Héraclès* apontou que esse evento conseguiu reunir não apenas praticantes e professores de ginástica, como também representantes dos órgãos oficiais da Educação Física de cada país participante, possibilitando discutir os problemas da área, bem como debater as concepções desenvolvidas em cada um desses lugares.¹³⁰ Enfim, a Lingíada se tornou um momento importante de reconhecimento da Educação Física no mundo, incluindo o Brasil e a França. Possibilitou também que os diferentes países pudessem comparar seu fazer uns com os outros e, assim, reconhecer as suas potencialidades e fragilidades.

Sua repercussão pôde ser sentida nas publicações em periódicos brasileiros e franceses. A *Revista Brasileira de Educação Física* divulgou uma série de notícias a respeito do evento, tanto antes da sua realização como após, trazendo impressões e informações relevantes, em seu critério, para a Educação Física brasileira. A *Revista de Educação Física* também publicou as notas sobre a Lingíada escritas pelo Major Jair Jordão Ramos, um dos representantes da delegação brasileira, destacando a sua importância no cenário da Educação Física mundial. Ambas exaltaram a grandiosidade e a organização do evento dando destaque às demonstrações de ginástica realizadas em sua primeira parte, a Festa Internacional da Ginástica.

Os periódicos franceses, como a já citada revista *Heracles* e a *Le Sport et le Homme*, enfatizaram o papel fundamental de intercâmbio de ideias e a possibilidade de debate dos diferentes pontos de vista sobre a ginástica e a Educação Física promovidos naqueles dias de reunião. Essas duas revistas foram importantes veículos de difusão da linha de pensamento francesa que defendia a Educação Física esportiva e, como tal, se posicionaram favoravelmente à inserção de outras perspectivas metodológicas na programação da Lingíada. Consideraram-na um momento importante de promoção do papel do esporte na Educação Física uma vez que essa perspectiva na década de 1940 ainda era ponto de muitos embates na

¹²⁹ *Le Sport et le Homme*. n.13-14, jul.-out. de 1949.

¹³⁰ *Héraclès*, n. 37, junho de 1949.

França. Na construção desse argumento, a revista *Le Sport e Le Homme*, mais especificamente, legitimava a presença de outras perspectivas ao mesmo tempo em que reconhecia a evolução dos métodos ginásticos e a sua relevância na Educação Física. Balizada por essa construção conciliatória, a *Lingíada*, na ótica desses periódicos franceses, representou importante espaço de visibilidade das diferentes construções conceituais e metodológicas no desenvolvimento da Educação Física.

Essa multiplicidade de concepções de Educação Física caracterizou também a composição da delegação francesa enviada à *Lingíada*, representada exclusivamente pela *École Normale Supérieure d'Education Physique et Sportive* (ENSEPS) e pelo *Institut National des Sports* (INS). Das 11 demonstrações francesas, duas foram relativas à ginástica sueca e quatro ao método natural e à dança rítmica. Todas elas foram realizadas por representantes da ENSEPS. Já o INS realizou cinco demonstrações com os conteúdos de dança popular, esgrima e educação esportiva. Dentre elas, Listello realizou uma demonstração da concepção de educação esportiva desenvolvida pelo Instituto, a qual parece ter sido bem recebida pelo público, até mesmo pelos defensores da ginástica.¹³¹

Já a delegação brasileira para II *Lingíada* foi composta pelos militares João Barbosa Leite, Jerônimo Bastos, Jair Jordão Ramos, Aralto Lopes Fontenele Bezerril, Silvio Magalhães Padilha e Arrison de Souza Ferraz; pelos médicos Paulo Frederico de Figueiredo Araújo, Humberto Ballariny e Luis Maluf; e pelos professores Alfredo Colombo, Antônio Boaventura da Silva, Inezil Penna Marinho, Vicente Caselli de Carvalho, Carlos Alberto Landi de Brito, Sylvio Raso, Maria Jaci Nogueira Vaz, Otacílio Braga, José Benedicto de Aquino, Guilherme de Souza Gomes e Joaquim da Costa Borges.¹³²

Parece-me que, durante a primeira parte do evento, a Festa de Ginástica, os brasileiros não realizaram nenhuma demonstração que tinha por responsabilidade apresentar a Educação Física do Brasil. Já no Congresso de Educação Física, que correspondeu ao segundo momento da *Lingíada*, o médico brasileiro Paulo Araújo apresentou, a convite da organização do evento, o trabalho *Pontos de vista da higiene e da medicina sobre o atletismo feminino em diferentes idades*.¹³³ Mais que divulgar os estudos brasileiros no que diz respeito à Educação Física, à ginástica e aos esportes, a experiência possibilitada pela participação desse grupo de professores se tornou primordial para um redirecionamento metodológico da Educação Física brasileira.

¹³¹ LEVET-LABRY, 2007.

¹³² Da Suécia: Segunda *Lingíada*. *Revista de Educação Física*, ano XXIII, n.78, outubro de 1954. Observação: Sylvio Raso era também médico.

¹³³ COLOMBO, Alfredo. A Segunda *Lingíada*. *Revista de Educação Física*, ano VI, n.69, dezembro de 1949.

Muitos foram os elementos pertinentes ao campo percebidos e trazidos para o debate no Brasil. No número 69 da *Revista Brasileira de Educação Física* foram publicados quatro artigos com as impressões dos membros do comitê brasileiro Alfredo Colombo, João Barbosa Leite, Dr. Guilherme Gomes Júnior e Dr. Paulo Araújo. Exaltação da Suécia e de seu povo, elogios à organização do evento e às demonstrações de ginástica foram alguns dos pontos mais tematizados nas falas desses professores. Em suas constatações sobre o evento e o seu local de realização, os professores, ainda que indiretamente, indicaram uma co-relação entre a “perfeita educação, higiene e grandeza” de seu povo com o “progresso e desenvolvimento” da ginástica em seu país. Não obstante, as principais atividades da Lingíada apontadas como “férteis ensinamentos” para a construção de caminhos para a Educação Física foram as demonstrações de ginástica. No exercício de sintetizar o que de melhor constituiu a Lingíada, João Barbosa Leite, diretor da Divisão de Educação Física, assim afirma em seu artigo:

A parte principal da Lingíada, o centro de todas as suas atrações, foi, sem dúvida e com muita razão, aquela que seus organizadores denominaram “Festa Mundial da Ginástica”, na qual atuaram cerca de 100 equipes de 14 países diferentes, na maioria europeus [...]. As demonstrações tanto em massa, ao ar livre, como as de pequenas equipes, em recinto fechado, nada deixaram a desejar, quer do ponto de vista espetacular, quer técnico. Apresentação deslumbrante pela homogeneidade dos gestos, sobriedade e distinção dos uniformes, formações rigorosamente simétricas, movimentos de conjuntos, amplos, ritmados, emocionantes [...].

[...]

O Congresso reuniu quase 2.000 delegados, dos quais 64 conferencistas, os cursos para professores, que contaram com um grande número de inscritos, e a Exposição de material de ginástica e desportos marcaram outros tantos sucessos.

Os objetivos políticos, que não podiam deixar de inspirar o Governo nessa grande oportunidade foram plenamente alcançados com a predominância da Escola Sueca nas demonstrações de ginástica, nas ideias transmitidas através de conferências, na doutrina seguida nos cursos e no material exposto à visitação pública.¹³⁴

Essa questão, relativa à harmonia e à disciplina das demonstrações ginásticas, ganhou expressão em outros relatos também publicados na revista. O Dr. Guilherme Gomes Júnior e o professor Alfredo Colombo destacaram, em suas falas, a “perfeita composição e execução” dos exercícios ginásticos demonstrados, bem como a fundamentação científica para a sua aplicação. Nesse sentido, o professor Alfredo Colombo escreve o seguinte comentário:

Afora essas informações de ordem teórica, a ginástica não comporta outra coisa senão à execução que é o que pretendemos leva-los a fazer dentro do nosso programa de trabalho. Concluindo concito todos os professores de Educação Física a

¹³⁴ LEITE, João Barbosa. Impressões da II Lingíada. *Revista de Educação Física*, ano VI, n.69, dezembro de 1949, s/p.

celebrar, anualmente, com exibições ginásticas, a memória daquele que foi o precursor da atividade de que agora somos especialistas – LING.¹³⁵

O conteúdo desses relatos permite pontuar que parte do grupo de professores brasileiros voltam da Lingíada fortemente influenciados pela ginástica sueca lá apresentada. Disciplina, harmonia, beleza, higiene, são alguns dos signos mais expressados em suas falas a fim de denominar o conceito de Educação Física apresentado e reconhecido nesse evento. Tal influência pode ser percebida também nas publicações de artigos sobre a *moderna ginástica sueca* em periódicos brasileiros, já a partir de 1950, por professores que lá estiveram, como Jacinto Targa e Jair Jordão Ramos. Trata-se de uma constatação plausível, dada a natureza do evento e a centralidade da ginástica sueca na Lingíada. No entanto, indago, nessas impressões publicadas por professores brasileiros, a ausência das outras perspectivas da Educação Física apresentadas na Lingíada, como a Educação Física Desportiva Generalizada. De acordo com as entrevistas dos professores Antônio Boaventura da Silva, Nestor Soares Públio e Laércio Elias Pereira, a Lingíada se tornou o lugar de encontro desses professores brasileiros com a proposta de educação esportiva francesa.¹³⁶ Porém, nenhum dos relatos publicados na *Revista Brasileira de Educação Física* e na *Revista de Educação Física* faz referência a esse encontro. Nesses veículos, o único a fazer menção ao contato com as proposições francesas durante a Lingíada é Alfredo Colombo, reportando-o da seguinte maneira:

Assisti à demonstrações as mais variadas, inclusive uma da Escola Normal Superior de Educação Física da França, dirigida pelo professor Lagisquet. Essa demonstração causou-me espécie, pois a mesma constou de ginástica sueca. Quando visitei à França e comentei tal fato com o Inspector Sr. Maurice Lorrain, e lhe informei que no Brasil ainda adotávamos o Método Francês, disse-me êle que só por isso via que minha viagem à França tinha sido proveitosa, porque eu poderia dizer aos brasileiros que os franceses tinham evoluído, e que outros eram os meios utilizados em Educação Física.¹³⁷

Em uma correspondência enviada por Lucien Bochet, diretor da revista *Le Sport et le Homme*, à Antônio Boaventura da Silva, é possível perceber que houve também um rápido encontro entre o professor brasileiro e um dos professores franceses ligados à

¹³⁵ COLOMBO, Alfredo. A Segunda Lingíada. *Revista de Educação Física*, ano VI, n. 69, dezembro de 1949, p.15.

¹³⁶ BOAVENTURA DA SILVA, Antônio. Entrevista cedida a Carlos Martinez em 2002.
PEREIRA, Laércio Elias. Entrevista cedida a Luciana Cunha em 02 de dezembro de 2015. Belo Horizonte-MG.

PÚBLIO, Nestor Soares. Entrevista cedida a Luciana Cunha em 23 de março de 2016. Atibaia-SP.

¹³⁷ COLOMBO, Alfredo. A Segunda Lingíada. *Revista de Educação Física*, ano VI, n.69, dezembro de 1949, p.13.

ENSEPS, A. Lafarge, antes de uma conferência dessa Escola sobre ginástica natural e esporte.¹³⁸ No entanto, não são mencionados nem o INS, nem Auguste Listello.

A leitura e a análise dessas diferentes fontes permitem problematizar a ideia, referenciada tanto em estudo quanto nos relatos dos sujeitos que participaram dessa história, de que os professores brasileiros conheceram a proposta de educação esportiva do INS durante as atividades da II Lingíada. Os relatos publicados nas revistas e as correspondências trocadas entre o professor Antônio Boaventura da Silva e membros da Direção Geral da Juventude e dos Esportes da França, me permitem inferir que, pelo menos, uma parcela do grupo de professores não teve contato com Listello nem com o INS nesse evento, dentre eles o próprio professor Boaventura da Silva. Não se pode afirmar que todos os professores que compuseram a delegação brasileira da Lingíada transitaram pelos mesmos lugares e ao mesmo tempo durante a viagem. Por certo, eles organizaram seus tempos a partir de interesses próprios e também institucionais de cada um. Isso configurou, muito provavelmente, momentos em que compartilharam visitas, cursos, etc, e momentos individuais de conhecimento de outros modos de fazer Educação Física. Portanto, não é possível afirmar categoricamente que não houve o reconhecimento da proposta do INS e de seu autor, Auguste Listello, nesse investimento de viagem. De toda maneira, parece-me mais provável que foi durante as visitas realizadas pelos professores brasileiros a diferentes países da Europa a fim de conhecer as instituições e suas concepções de Educação Física, após a Lingíada, que eles estabeleceram os primeiros diálogos para a vinda do professor Listello ao Brasil.

Dito isso, cabe pensar, por um lado, que não apenas a Lingíada, mas as subsequentes visitas às Escolas e Institutos de Educação Física de outros países europeus, como França, Inglaterra, Itália, Bélgica, Holanda, Portugal e Espanha¹³⁹, foram fundamentais para o movimento de reorganização da Educação Física brasileira que se estabeleceria a partir de então. Por outro lado, nesse movimento de circulação, os professores, ao mesmo tempo em que desejavam conhecer as especificidades da Educação Física de cada um desses países, intentavam também tornar reconhecidas as instituições brasileiras que representavam. Dar conhecimento das suas ações e instituições era também uma maneira de dar visibilidade e inserir o Brasil no debate da Educação Física mundial/ocidental.

É também com esse objetivo que, durante a Lingíada, quatro professores brasileiros são designados delegados à Federação Internacional de Educação Física (FIEP).

¹³⁸Biblioteca da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Arquivo do Professor Antônio Boaventura da Silva. Correspondência enviada por Lucien Bochet a Antônio Boaventura da Silva em 20 de fevereiro de 1950.

¹³⁹GOMES JR., Guilherme. Impressões de uma viagem à Europa. *Revista de Educação Física*, ano VI, n. 69, dezembro de 1949, p.13.

Originalmente chamado de Instituto Internacional de Educação Física, a FIEP foi criada no ano de 1911, com o propósito de promover a Educação Física e sua prática, divulgando os estudos e as experiências realizadas em todo o mundo e indicando as diretrizes para as novas investigações. Desde o início, a composição da sua direção abrangeu professores e intelectuais ligados à Educação Física de diferentes países como Suécia, França, Dinamarca, Bélgica, Holanda, entre outros. A partir de 1949, portanto, o Brasil passa também a participar dessa organização. Alfredo Colombo se tornou o representante da FIEP no Rio de Janeiro e região leste do Brasil; Antônio Boaventura da Silva ficou designado para o estado de São Paulo e região oeste; Jacintho Targa, com Rio Grande do Sul e região sul; e Sylvio Raso, ficou a cargo de Minas Gerais e região norte.¹⁴⁰ A inserção do Brasil na FIEP intentou ampliar e fortalecer as relações com os demais países americanos e europeus. Institucionalizar esse vínculo possibilitou compartilhar ideias, mas também recursos materiais e profissionais. Estratégias que não se configuram meramente como instrumentais.¹⁴¹ Na tentativa de dar visibilidade às iniciativas brasileiras e participar do debate internacional, esses sujeitos estabeleceram relações em prol de um objetivo comum. O que não significa necessariamente que agiram, a todo momento, de maneira coerente e conjunta. Na trajetória particular de cada um desses professores, é possível identificar aproximações e distanciamentos em seus discursos sobre as possibilidades metodológicas da Educação Física. De toda forma, esses quatro professores, em seus diferentes movimentos individuais e coletivos, contribuíram para o trânsito de um conjunto de práticas com o objetivo de estabelecê-las como uma nova Educação Física.

Nesse sentido, o reconhecimento de outros modos de fazer Educação Física incitou um desejo de mudanças já iminente para aqueles professores brasileiros que lá estavam, gerando uma série de contatos com instituições de outros países a fim de que enviassem representantes que pudessem ensinar as novas proposições em voga em seus respectivos países. Nas palavras de Antônio Boaventura da Silva, nessa viagem, eles puderam perceber “[...] o quão atrasados estávamos em matéria de educação física [...] pelo menos do ponto de vista pedagógico e técnico, em relação ao resto do mundo”.¹⁴² Sylvio Raso também sinalizou que essa viagem foi impulsora da ideia de promover cursos para a divulgação de

¹⁴⁰ GRUHN, 2009.

¹⁴¹ REVEL, 1998.

¹⁴² BOAVENTURA DA SILVA, Antônio. Entrevista cedida a Carlos Martinez em 2002.

projetos e concepções elaborados em outros países que pudessem contribuir para o desenvolvimento da Educação Física no Brasil.¹⁴³

Nota-se a recorrência à necessidade de repensar a Educação Física brasileira. Tanto as iniciativas empreendidas pela Divisão de Educação Física como a publicação de artigos nas revistas que problematizavam os procedimentos metodológicos e conteúdos da área indicaram uma abertura do campo para a adesão e/ou construção de outras proposições pedagógicas. Os órgãos representativos, como as Associações de Professores, os Departamentos de Educação e a própria Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde, pareciam estar comprometidos em fazer circular sujeitos e ideias para que essa desejada reorganização se concretizasse. Inquéritos, participação e promoção de congressos, produção de estudos sobre os problemas da área, publicação de artigos, foram algumas das iniciativas estabelecidas na década de 1940 que movimentaram o debate interno sobre qual Educação Física se pretendia construir. Por certo, esse foi um movimento de muitos arranjos e negociações, que operou com construções e possibilidades de fazer da Educação Física brasileira um campo de aprendizagens significativas e de produção/participação da vida social. Mas se, por um lado, esse movimento mobilizou o professorado e os órgãos governamentais e associativos educacionais brasileiros, por outro, ainda era necessário atingir aqueles sujeitos que efetivamente poderiam produzir essa mudança no cotidiano escolar, os professores.

Era preciso divulgar novos projetos de Educação Física considerados “mais avançados” que os que já estavam em curso no Brasil, mas era também necessário que essas novas proposições chegassem aos professores em atuação. O professor se tornou, portanto, uma peça chave para o desenvolvimento da Educação Física brasileira. Ainda que diversos estudos, produzidos a partir dos inquéritos e das observações do cotidiano escolar, apontassem que as condições de trabalho nas escolas eram precárias, a instrumentalização e a atualização dos conhecimentos dos professores ganharam destaque naquele momento. O investimento feito pela Educação Física, e pela Educação de uma maneira geral, a partir da década de 1950, era o de que o aperfeiçoamento de métodos e técnicas de ensino produziria um processo de ensino-aprendizagem mais eficiente e significativo. Assim, foram pensados os inúmeros cursos de aperfeiçoamento e atualização pedagógica em Educação Física promovidos em diferentes cidades e estados brasileiros, principalmente nas décadas de 1950,

¹⁴³ RASO, Sylvio. Entrevista cedida a Roberto Kanitz Júnior em 2003.

1960 e, ainda que em menor número, na década 1970. Assim também a Educação Física Desportiva Generalizada chega ao Brasil.

2.3 A circulação de outros modos de fazer Educação Física: os cursos de aperfeiçoamento e atualização pedagógica

A ideia de aperfeiçoamento da formação do professorado não era necessariamente nova. Estudos como o de Melo (1996), Goellner *et al.* (2005), Linhales (2006) e as próprias revistas da área confirmam a existência de inúmeras iniciativas destinadas a atualizar os conhecimentos em Educação Física. Cursos presenciais de curta duração, cursos por correspondência e campanhas de divulgação de coleções didáticas foram algumas das ações empreendidas com o objetivo de subsidiar a formação e a atuação dos professores, contribuindo assim para o melhor desenvolvimento da área.

Na década de 1950, tais iniciativas ganharam destaque com o debate cada vez mais forte na centralidade da ação docente para o campo educacional. Relembrando, tratou-se de um período no qual os órgãos governamentais e grande parcela da sociedade civil se empenharam em discutir, política e academicamente, os motivos do atraso brasileiro e a urgência na promoção de mudanças educacionais, sociais e culturais. Interessados em contribuir para a produção da vida social, intelectuais das diferentes áreas se mobilizaram para, através da educação, elaborar propostas de intervenção cujo objetivo era promover as tais mudanças necessárias ao desenvolvimento nacional. O argumento produzido nesse período, que expressava a passagem da sociedade tradicional para o desenvolvimento nacional,

[...] encontrava-se presente em grande parte dos artigos publicados em *Pesquisa e Planejamento* e constituía um discurso comum aos pesquisadores vinculados aos CRPÉs [Centros Regionais de Pesquisa e Extensão]. Nesse contexto, a educação da época era vista como pertencente a esse passado subdesenvolvido que se pretendia superar – os índices de exclusão escolar que as estatísticas da época mostravam comprovavam seguramente a inadequação dos métodos que se vinham utilizando até o momento. Todo esse quadro fazia ver a necessidade de uma outra forma de pensar a educação e, por conseguinte, uma nova forma de pensar o trabalho docente.¹⁴⁴

A defesa do processo de desenvolvimento econômico reclamava a formação de um contingente cada vez mais diferenciado e qualificado e, cabia à escola, “cumprir essa

¹⁴⁴ LUIGLI; SILVA, 2014, p. 244.

importante missão”. Para tanto, a ação docente também deveria mudar. Era necessário possibilitar aos professores “novos horizontes”, assegurando-lhes uma “renovação constante e progressiva, à luz da pesquisa e da experiência, dos processos e métodos a serem empregados”.¹⁴⁵

Nesse contexto, os cursos de aperfeiçoamento e atualização pedagógica se mostraram importantes recursos para a divulgação de novos conceitos e métodos. Tinham por função principal instrumentalizar o professor a fim de “facilitar” e “aprimorar” sua ação docente.¹⁴⁶ Como todo movimento educacional e também político, comportava uma diversidade de sentidos que se correlacionavam. Uma série de concepções e práticas passaram a circular e a se estabelecer como a mais atual Educação Física, estendendo para diferentes estados e cidades o propósito de consolidar um projeto de renovação da área. Assim, embora tenha havido certa adesão a esse projeto, foi inegável o fato de que as diferentes posições ocupadas pelos promotores dos cursos e pelos professores da área geraram divergências nos modos pelos quais a Educação Física foi pensada e dada a ler. Nesse sentido, foi importante reconhecer que essa diversidade de discursos e práticas não foi a expressão pacífica de ideias, pois decorreu de aproximações e negociações em torno do projeto de Educação Física. Desse modo, refletir sobre as formas de configuração dos conhecimentos pedagógicos foi um movimento fundamental, pois, como representações da docência e dos sistemas de ensino estabelecidos e ressignificados no contexto social, elas corresponderam a discursos construídos em meio a debates no campo educacional.

Nesse clima de proposições pedagógicas para a formação e a atuação dos professores, foi realizado, no ano de 1951, o I Curso de Aperfeiçoamento Técnico Pedagógico de Santos, promovido pelo Departamento de Educação Física do estado de São Paulo. Em nota publicada na *Revista da Apef*, em 1953, são apontados os fatores motivadores da promoção desse evento:

O Departamento de Educação Física do Estado de S. Paulo da Secretaria do Estado dos Negócios da Educação criou em 1951 o Curso de Aperfeiçoamento Técnico e Pedagógico procurando solucionar os seguintes problemas da educação física:

1 – Em face da evolução da Educação Física tomada depois da guerra sentiu-se a necessidade de atualizar e ampliar os conhecimentos de experiência dos professores de Educação Física para que melhor pudessem cumprir a sua missão, contribuindo desse modo de forma efetiva para a educação integral dos nossos jovens, através das atividades físicas.

¹⁴⁵ A.J. Educação e ensino: descentralização sem desordem. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 de julho de 1957.

¹⁴⁶ Essas foram algumas das expressões recorrentes nas fontes vinculadas a esses cursos.

2 – Proporcionar aos professores de Educação Física do Estado a oportunidade para maior entendimento e compreensão, confiança, absolutamente indispensáveis para manter a classe unida e organizada.

3 – Oferecer oportunidade aos professores para apresentarem os seus próprios trabalhos, divulgando as suas próprias experiências, e conhecendo os trabalhos e as experiências dos seus colegas e podendo apreciar dessa maneira a extensão e profundidade do plano geral de trabalho realizado em seu próprio estado e nos demais da União.¹⁴⁷

O debate relativo à atualização e à ampliação dos conhecimentos dos professores apresenta-se como possibilidade de análise dos sentidos propostos para a configuração da Educação Física escolar a partir de eventos dessa natureza. O intercâmbio de ideias e práticas seria o ponto central para a sua realização. Propunham-se não apenas a transmitir saberes de professores renomados para professores em formação, mas também objetivavam possibilitar a troca de experiências. Era necessário que os professores do próprio estado, e também de outros, se congregassem. Sujeitos e espaços institucionais, por sua vez, agregados em torno de um objetivo comum: fundamentar a prática docente para que a Educação Física pudesse “cumprir sua missão” e ser reconhecida, tanto pelo campo educacional como pelos próprios alunos, componentes fundamentais da educação.

Nota-se que a “solução dos problemas” da Educação Física estava subsidiada pelas noções de “atualização dos conhecimentos”, “qualificação da ação docente” e “troca de experiências”.¹⁴⁸ Não obstante, os organizadores desse evento, e em especial o professor Antônio Boaventura da Silva, se empenharam em levar aos cursos professores que pudessem agregar o *novo*, o *moderno* e o *eficiente*. O Departamento de São Paulo parece não ter poupado esforços financeiros e profissionais em tornar esse evento um símbolo do que havia de mais atual no campo da Educação Física.

Antes mesmo de sua viagem para a Suécia e demais países da Europa, Antônio Boaventura da Silva, na função de professor da Escola de Educação Física de São Paulo e diretor técnico do Departamento de Educação Física do Estado, já demonstrava o interesse em reorganizar o ensino da Educação Física de seu estado. Em um ofício direcionado a todos os professores em atuação em seu estado no ano de 1948, ele solicitou que fossem colocados em prática “um ou mais” programas de Educação Física produzidos pelo Departamento e

¹⁴⁷ Curso de Aperfeiçoamento Técnico e Pedagógico. *Revista da Apef*. São Paulo, ano I, dezembro de 1953, p. 41.

¹⁴⁸ Curso de Aperfeiçoamento Técnico e Pedagógico. *Revista da Apef*. São Paulo, ano I, dezembro de 1953, p. 41.

enviados como anexo do ofício.¹⁴⁹ Tais programas, segundo o professor, foram produzidos com os “mais variados tipos de atividades”¹⁵⁰, incluindo a ginástica, os jogos recreativos e os esportes, com o intuito de despertar o interesse nos alunos e garantir a continuidade das práticas corporais na sua vida futura. Nesse documento, ele afirma que “o importante é experimentar o que nos pareça melhor”¹⁵¹, reconhecendo que cada realidade escolar demanda caminhos metodológicos coerentes com suas necessidades. Critica também a eleição de atividades e conteúdos das aulas apoiada apenas nos exercícios ginásticos. Nesse ponto, ele afirma que

Dentre as múltiplas formas de atividades que ‘qualquer dos métodos de educação física’ nos têm oferecido, insistimos erroneamente em aplicar quase com exclusividade a ginástica propriamente dita, em detrimento das atividades naturais surgidas através dos esportes e da recreação, as quais encerram muito maior significado do ponto de vista educacional. Aí reside nosso maior erro como professores de educação física, uma vez que jamais poderemos convencer quem quer que seja sobre o valor educacional das atividades físicas, sem que procuremos primeiramente em interessar os jovens estudantes em atividades compatíveis com suas tendências naturais e instintivas, e com suas habilidades e capacidades.¹⁵²

Retomo essa passagem do ofício de Antônio Boaventura da Silva por aquilo que ela tem de elucidativo sobre suas iniciativas futuras. Para ele, o professor teria centralidade no processo educativo, sendo o responsável por eleger os conteúdos e métodos de ensino a partir da realidade em que estivesse inserido. Tal responsabilidade devia ser encarada com atenção uma vez que o planejamento e a condução das aulas seriam fundamentais para expressar o “valor educacional das atividades físicas”.¹⁵³ Conclamava os professores à experimentação de novos programas de Educação Física e, após realizá-la, convidava à crítica e à resolução dos seus problemas. Além disso, Boaventura da Silva considerava a hegemonia da ginástica nas aulas de Educação Física um sério problema que só tendia a diminuir seu valor educativo. Contra a hierarquização dos métodos já conhecidos pelo professorado brasileiro, ele

¹⁴⁹ Biblioteca da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Arquivo do Professor Antônio Boaventura da Silva. Ofício enviado por Antônio Boaventura da Silva aos professores do estado de São Paulo. Agosto de 1948, s/p.

¹⁵⁰ *Ibidem*, s/p.

¹⁵¹ *Ibidem*, s/p.

¹⁵² *Ibidem*, s/p.

¹⁵³ Biblioteca da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Arquivo do Professor Antônio Boaventura da Silva. Ofício enviado por Antônio Boaventura da Silva aos professores do estado de São Paulo. Agosto de 1948, s/p.

sustentava que não “importa a fonte”¹⁵⁴ que servirá de fundamentação para a ação docente, e sim que outras possibilidades pedagógicas sejam experimentadas e testadas.

Essas constatações sustentaram as iniciativas encabeçadas por esse professor após a viagem de 1949, principalmente os cursos de aperfeiçoamento técnico-pedagógico realizados pelo Departamento de Educação Física de São Paulo, com o apoio da DEF-MES e APEF-SP, na cidade de Santos. Não resta dúvida do papel central assumido por esse professor na promoção e na definição da estrutura desses cursos. No encerramento do V Curso, o então diretor da APEF-SP, Antônio Rennó Ribeiro, assim se reporta a ele:

[...] ninguém ignora que você é o criador intelectual dos Cursos de Aperfeiçoamento Técnico Pedagógico. Com certeza você está radiante por ter, como “*louco que é pela causa da educação física*”, encontrado um outro “louco” para levar avante as suas idéias, que parecem a princípio difíceis, mas que encontram solução, pela boa vontade e honestidade de propósitos com que a APEF pelos seus diretores, procura empregar, para a grandeza da Pátria que amamos.¹⁵⁵

Em sua primeira edição, o Curso de Santos contou com professores representantes de outros estados como Jacintho Targa, do Rio Grande do Sul e Sylvio Raso, de Minas Gerais. Vale lembrar que esses dois professores, junto a Antônio Boaventura da Silva e a Alfredo Colombo, em 1949, tornaram-se representantes da FIEP, assumindo a responsabilidade de inserir o Brasil no debate da Educação Física mundial. Estiveram também presentes como palestrantes Inezil P. Marinho, Nicanor Miranda, João Lotufo, entre outros.

Para consolidar o acesso às novas projeções da Educação Física reconhecidas pela viagem de 1949, Boaventura da Silva, como diretor da Seção Técnica do Departamento de Educação Física de São Paulo, estabeleceu contato com instituições estrangeiras a fim de promover a vinda de seus representantes.¹⁵⁶ Participaram da primeira edição Luiz Bisquet, do Chile; Enrique Romero Brest e Gilda Romero Brest, da Argentina; e Curt Johansson, da Suécia. Os dois primeiros já eram colaboradores de professores brasileiros pelo menos desde a década de 1940, publicando em revistas brasileiras e participando conjuntamente de congressos e seminários. Curt Johansson tornou-se conhecido na II Lingíada, onde sua

¹⁵⁴*Ibidem*, s/p.

¹⁵⁵RIBEIRO, Antônio Rennó. Discurso de Encerramento do V Curso. *Revista da Apef*. São Paulo, ano I, dezembro de 1957, p.100, grifos do autor.

¹⁵⁶O cargo de diretor da Seção Técnica foi assumido por Boaventura da Silva no ano de 1948. De acordo com o regulamento interno desse órgão, essa seção era responsável pela fiscalização da Educação Física nos estabelecimentos públicos e particulares, pela realização de estudos técnicos para a construção de espaços para a prática de atividades físicas, pela organização de torneios esportivos e demonstrações de ginástica e pelo estudo e desenvolvimento de propostas pedagógicas para o campo da Educação Física (SÃO PAULO, 1934 *apud* LOURDES, 2007).

demonstração fora bastante elogiada por esse grupo de professores. O sistema de ensino por ele apresentado, reconhecido no Brasil por Moderna Ginástica Sueca, parece ter sido prontamente assimilado e divulgado nas revistas especializadas da área, antes mesmo de sua primeira participação em cursos no Brasil.¹⁵⁷

Nas edições subsequentes foi possível constatar um aumento na participação de professores estrangeiros. Na década de 1950, as edições do Curso de Santos contaram, pelo menos uma vez mais, com a presença dos professores estrangeiros já citados. Somados a eles, ingressam ao corpo docente a professora Margarete Froehlich, da Áustria, responsável por ministrar o curso de Ginástica Moderna; Yana Rudska, da Argentina, trabalhando com a Dança; Alfonz Renez, da Hungria, com o curso de Educação Física para menores e Atividades físicas com aparelho; Gehard Schimidt, com o Método Natural Austríaco; Auguste Listello, com a Educação Física Desportiva Generalizada (ANEXOS A e B).¹⁵⁸

Iniciativas como essa colocam em evidência que a presença desses diferentes professores representava também a diversidade de conteúdos e métodos apresentados por esses cursos. Na pluralidade de projetos de Educação Física anunciados e fundados por tal iniciativa ao longo das décadas de 1950 e 1960, experiências de apropriação e incorporação da Educação Física na escola comportaram inúmeras influências. Nesses cursos, o conteúdo esportivo e a ginástica, bem como os processos de ensino dessas práticas foram tópicos recorrentes. Algumas das práticas contempladas foram: Dança Moderna; Ginástica Sueca, Ginástica Feminina Moderna, Ginástica Corretiva e Ginástica Francesa (em referência à EDFG); diferentes modalidades esportivas, como Futebol, Vôlei, e “Bola ao cesto”; Pedagogia, Psicologia e Metodologia; Fisiologia e Endocrinologia.¹⁵⁹

Algumas delas representavam uma ginástica revisitada pelos parâmetros ditos modernos da Educação Física, outras, pela defesa do esporte na escola como possibilidade de educação integral dos alunos. Outras mais preconizavam os embasamentos científicos da nova Educação Física. Independentemente das bases fundantes de cada um desses projetos, era certo que esse conjunto de novos conhecimentos possibilitou à Educação Física brasileira construir novos caminhos para a solução dos seus problemas:

¹⁵⁷Já no ano de 1950, é possível encontrar artigos publicados em periódicos da área, com destaque para a *Revista Brasileira de Educação Física*, referentes à Moderna Ginástica Sueca, de autoria do próprio professor sueco, mas também de professores brasileiros, como Jacinto Targa.

¹⁵⁸Curso de Aperfeiçoamento Técnico e Pedagógico. *Revista da Apef*. São Paulo, ano I, n.1, dezembro de 1953.
V Curso de Aperfeiçoamento Técnico e Pedagógico. *Revista da Apef*. São Paulo, ano I, n.6-7 dezembro de 1957.

¹⁵⁹*Ibidem*.

Com a criação do **CURSO DE APERFEIÇOAMENTO TÉCNICO PEDAGÓGICO** em 1951 pela Secretaria do Estado dos Negócios da Educação através do Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo, pode-se dizer que principia uma nova era para a educação física nacional. A vinda de professores estrangeiros, a reunião dos professores nacionais, com o interesse das autoridades competentes, muitos erros foram corrigidos muitos ensinamentos foram difundidos. Os professores estrangeiros trouxeram novos conhecimentos, fruto da experiência da Velha Europa no após guerra, os colegas deste estado e das diferentes partes do Brasil trouxeram sua experiência valiosa, outros colegas trouxeram suas observações de cursos feitos fora do país. Todos esses conhecimentos e experiências têm servido para a vitalização da Educação Física entre nós em bases mais modernas e científicas.¹⁶⁰

Além de conferências e dos cursos específicos, havia também um momento de debate sobre os problemas da Educação Física nacional. Na Assembleia do I Curso, foi proposto organizar uma comissão para encaminhar ao Ministério da Educação e Saúde um memorando apontando os principais problemas da organização e orientação da Educação Física brasileira. Formou-se uma comissão para elaborar tal documento, composta por professores de diferentes estados como Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Espírito Santo e São Paulo. Parece haver continuidade desse debate nas edições posteriores. Reivindicava-se, dentre outras questões, a revisão das diretrizes para a Educação Física nos diferentes níveis de escolaridade, a fim de que fosse dado a ela o mesmo tratamento dispensado às demais disciplinas do currículo. Também fora solicitado o incentivo à prática de esportes nas escolas e o apoio e promoção da DEF-MES a iniciativas que pudessem aperfeiçoar e atualizar os conhecimentos da área, estabelecendo convênios com os estados para que eles pudessem também ter condições de fomentar e orientar a Educação Física em suas especificidades.¹⁶¹

Dados estatísticos sobre o número de inscritos nesses cursos, publicados em diferentes números da *Revista da Apef*, apontam grande participação de professores atuantes e em formação no estado de São Paulo, mas também sinalizam a presença de professores dos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso e Pernambuco, e de outros países como Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai. Em média, cada edição contava com pelo menos 300 inscrições, número significativo para um evento nesse período.

Tanto na diversidade de temas de ensino estabelecidos, quanto na participação efetiva de professores e alunos de diferentes lugares, parece evidente que a circulação promovida pelas diferentes edições do Curso de Santos provocou a Educação Física brasileira

¹⁶⁰MARCHI, Petrônio. Considerações sobre a Educação Física no Ensino Médio. *Revista da Apef*. São Paulo, ano I, dezembro de 1953, p.06, grifos do autor.

¹⁶¹LOURDES, 2007.

a repensar sua organização e orientação. Processos de ensino e conteúdos variados foram nesses eventos ressaltados como estratégias de um modelo de Educação Física referendado no que havia de mais *moderno e atual*.

Segundo seu promotor, Antônio Boaventura da Silva, “[...] nossa intenção, o nosso pensamento, era o de que precisávamos das todas as *facilidades* aos professores, para que eles pudessem *entender, verificar e apreciar* o conceito daquele curso”.¹⁶² E, “[...] em face da repercussão e do proveito resultante, nós demos continuação por mais de quinze anos e só nos retiramos quando já estava difundido suficientemente”.¹⁶³

Certamente, o Curso de Aperfeiçoamento Técnico Pedagógico foi referência para a promoção de cursos dessa mesma natureza em outros estados, como Rio de Janeiro, Minas Gerais e Paraná nas décadas de 1950 a 1970. Os professores convidados a participar dos cursos de Santos tornaram-se reconhecidos na Educação Física brasileira e passaram também a ministrar aulas e proferir palestras em eventos de outros estados brasileiros.

Em Belo Horizonte (Minas Gerais), as Jornadas de Educação Física, em suas cinco edições espaçadas entre os fins da década de 1950 e a década de 1960, foram noticiadas pelos jornais locais como um importante evento de divulgação de novos conhecimentos da Educação Física.¹⁶⁴ Sobre a segunda edição desse evento, o jornal *Diário de Minas* afirmou que:

[...] participantes nacionais e estrangeiros procuram tirar o melhor proveito do certame promovido pela Diretoria de Esportes [...] gente do país e do exterior à procura dos melhores conhecimentos em assuntos esportivos e de educação física, veio juntar aos inscitos da capital, formando um grupamento de 450 pessoas.¹⁶⁵

Lima (2012) sinaliza que as aulas ministradas por Auguste Listello e Gerhard Schimidt tiveram grande relevo nas críticas periódicas e nas de seus participantes. Tal reconhecimento também foi destacado na divulgação do Estágio Internacional de Educação Física, realizado no Rio de Janeiro, em 1957:

Professores de Educação Física de todo o Brasil realizarão um Estágio Internacional na segunda quinzena deste mês objetivando atualizar seus conhecimentos na especialidade e ouvir, de dois mestres europeus, que representam duas teses completamente diversas, as vantagens da aplicação de seus métodos na escola.

Patrocínio da DEF:

A iniciativa, que será a primeira, no gênero, a se realizar no Brasil, é patrocinada pela Divisão de Educação Física, do Departamento Nacional de Educação. O

¹⁶² BOAVENTURA DA SILVA, Antônio. Entrevista cedida a Carlos Martinez em 2002, grifos meus.

¹⁶³ BOAVENTURA DA SILVA, Antônio. Entrevista cedida a Carlos Martinez em 2002.

¹⁶⁴ Sobre as Jornadas Internacionais de Educação Física ver LIMA, 2012.

¹⁶⁵ *Jornal Diário de Minas*. Belo Horizonte, 31 de julho de 1959, *apud* LIMA, 2012, p. 117.

programa de trabalho será dividido em aulas teóricas e práticas e em conferências a se realizarem nos seguintes locais: Escola Nacional de Educação Física (Avenida Venceslau Braz), Escola de Educação Física de Niterói e Estádio Caio Martins, na mesma cidade, de acordo com os horários que serão pré-estabelecidos na semana vindoura.

A fim de participar da reunião, encontra-se no Rio o prof. Gerhard Schmidt, da Áustria que defende a Educação Física como exercício puro e simples, com adeptos em todos os continentes.

Amanhã, dia 15, chegará a esta capital outra grande figura da educação física da Europa: o professor Augusto Listello, do Instituto Nacional de Esportes, da França, com sede em Paris. Listello defende a ginástica com base psicológica, levando os atletas ou estudantes a fazer exercícios sem o saber.¹⁶⁶

Mesmo apresentado como o primeiro curso do gênero a ser realizado no Brasil, é possível perceber que a estruturação desse Estágio guardava fortes relações com a dos Cursos de Santos. O tempo de duração do evento, os professores convidados e os objetivos propostos são algumas das características que os assemelham. Esse curso voltou a ser realizado no ano de 1963, sob a responsabilidade da Associação de Professores do estado da Guanabara e com o apoio da DEF-MES. Nessa edição, ele contou novamente com a presença do professor Listello.

Curitiba foi também um lugar que se empenhou na realização de eventos dessa natureza. Ainda que mais tarde que essas outras cidades, com o primeiro curso na década de 1960, a capital do Paraná não deixou de apostar em iniciativas de formação de professores e ampliação do repertório metodológico inspiradas nesse modelo:

Com uma demonstração de todos os alunos participantes, empregando os conhecimentos assimilados durante duas semanas de aula, foi encerrado, ontem à noite, o segundo Curso Internacional de Atualização e Aperfeiçoamento em Recreação e Educação Física. Repetindo o êxito anterior, a promoção do departamento de Educação Física e Desportos alcançou plenamente seus objetivos.

Professores de todo o país – 243 alunos participaram do curso – estiveram em Curitiba para entrar em contato com as novas técnicas de novas especialidades da Educação Física. As aulas foram ministradas por professores de renome internacional, que ficaram bastante impressionados com o aproveitamento dos alunos.

Nas duas semanas de atividades do segundo Curso Internacional, foram ministradas aulas de Ginástica Infantil, pela professora Liesel Drumel, da Argentina; Atletismo pelo professor Yohann Metchetsch, do Chile; [...] Organização da Educação Física no Nível Escolar, pelo professor Auguste Listello da França; [...] e Atividades Físicas Generalizadas, pelo professor Antônio Boaventura da Silva.¹⁶⁷

Como outras perspectivas apresentadas e disseminadas pelos cursos de aperfeiçoamento realizados no Brasil ao longo dessas décadas, a EFDG foi, então, ponto de

¹⁶⁶Estágio Internacional de Educação Física. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 14 de julho de 1957, p. 06.

¹⁶⁷Demonstração encerrou curso internacional que cumpriu objetivos. *Diário do Paraná*. Segundo Caderno. 18 de junho de 1970, p.06.

interesse de professores e instituições brasileiras. Nota-se a presença do professor Listello nos variados cursos de aperfeiçoamento realizados no Brasil nesse período. Jornais de grande circulação de variadas cidades brasileiras por vezes notificam a realização de cursos, aulas e palestras a serem realizadas por Listello em suas cidades; por vezes lançam reportagens notabilizando os resultados alcançados pela realização desses cursos. Todas essas iniciativas tornaram-se possíveis graças à mobilização feita pelo Departamento de Educação Física de São Paulo, apresentando o professor Listello ao Brasil. Foi fundamental, portanto, analisar as negociações empreendidas entre representantes de instituições brasileiras e francesas que culminaram nessa primeira visita, no ano de 1952.

Nesse diálogo específico, Boaventura da Silva remete-se a Edmond Chalivoy, naquele momento professor da *École Normale de Maîtres*, com o seguinte ofício:

Faz um ano e meio que nós tivemos o prazer de lhe conhecer em Joinville-le-Pont, quando nós tivemos uma agradável conversa.

Desde então, nós estamos trabalhando arduamente para melhorar o currículo em Educação Física para todas as etapas escolares, incluindo nossa Escola de Educação Física.

No entanto, nós não temos muita informação no campo como gostaríamos de ter do seu país.

Está é a razão que eu estou lhe procurando. Se não for pedir muito eu gostaria de saber da possibilidade de obter as principais obras francesas (livros, panfletos, revistas...) informativas dos seguintes tópicos a seguir:

- 1 – Fundamentação científica do Método Francês de Educação Física
- 2 – Objetivos educacionais do Método
- 3 – Teoria da ginástica
- 4 – Formas de ensino
- 5 – Programas de atividades físicas (primeiro e segundo grau)
- 6 – A lição de ginástica (classe ou seção) para as diferentes idades de acordo com o Método Francês: suas diferentes partes, tipo e sequência dos procedimentos dos exercícios pedagógicos.¹⁶⁸

A correspondência faz menção à visita dos professores brasileiros à Escola de Educação Física em *Joinville le Pont*, realizada em 1949, após a Lingíada. Sem apresentar preocupação inicial em convidar algum professor para participar dos cursos no Brasil, Boaventura da Silva investe no reconhecimento da produção da Educação Física francesa, tendo por indicativos parâmetros semelhantes àqueles apresentados pelo Método Francês, conhecido e aplicado no Brasil até então. A maneira como expõe o argumento leva a pressupor que compreendia a produção em Educação Física na França como um processo uniforme, consensual e abrangente. Talvez influenciado pelo movimento de criação de um Método Nacional brasileiro ou pelo próprio Método Francês vigente no Brasil, ele pareceu

¹⁶⁸Biblioteca da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Arquivo do Professor Antônio Boaventura da Silva. Ofício enviado por Antônio Boaventura da Silva a Edmond Chalivoy. 27 de fevereiro de 1951.

partir do pressuposto de que a nova orientação francesa fosse única e de acesso a todos. Outra carta anterior a essa, enviada por Boaventura da Silva ao professor Lafarge, parece sinalizar o interesse em receber regularmente os exemplares da revista *Le Sport et le Homme*.¹⁶⁹ Ou seja, em um primeiro momento, houve forte investimento em conhecer a produção científica francesa que se estabelecia a partir de então para a reconfiguração da base curricular do ensino da Educação Física na escola básica e superior de São Paulo.

Uma sequência de correspondências entre o professor Boaventura da Silva e representantes da *Dirección General de la Juventude et des Sports* e do *Institut Nacional des Sports* foi trocada ao longo dos anos de 1950 a 1952, até a confirmação da presença de Listello no curso de Santos. Em resposta à correspondência anteriormente citada, Chalivoy menciona que a *École Normale des Maîtres*, da qual ele fazia parte do corpo docente no momento da visita em 1949, foi incorporada ao INS.¹⁷⁰ Para obter as respostas às suas demandas Boaventura deveria, então, procurar o chefe-adjunto do serviço de Informação e Propaganda da *Dirección General de la Juventude et des Sports*, o senhor Dujean.¹⁷¹ Dessa maneira, em 04 de dezembro de 1951, Boaventura escreve à Dujean solicitando, novamente, informações sobre os mesmos tópicos de interesse anteriormente descritos à Chalivoy e, dessa vez, acrescentando o pedido de liberação de um professor para participar do curso de Santos:

Como parte do programa do Departamento de Educação Física do estado de São Paulo, nós oferecemos todo ano, CURSOS ESPECIAIS para nossos professores de educação física (cerca de 500 professores), dessa forma eles podem ter, uma vez ao ano, a oportunidade de estar juntos para obter melhor compreensão, amizade e aprendizado.

[...]

Para o ano seguinte, 1952, nós muito apreciaríamos se pudéssemos ter como convidado, por dois meses (de 15 de junho a 15 de agosto) o professor de ginástica que é encarregado das classes de ginástica para homens, da Escola Normal de Mestre de Joinville-le-Pont. Nós ficaremos muito felizes em arcar com as despesas dele, incluindo viagem de avião, hospedagem e alimentação durante sua viagem ao Brasil para fazer parte do nosso próximo curso.¹⁷²

¹⁶⁹ Não tive acesso a essa correspondência enviada por Boaventura da Silva, mas sim a resposta a ela, datada de 06 de fevereiro de 1950, escrita por Lucien Bochet. Essa correspondência está localizada no Arquivo do Professor Antônio Boaventura da Silva, na Biblioteca da Faculdade de Educação Física da Unicamp.

¹⁷⁰ Sobre esta incorporação, Levet-Labry (2007) afirma que a partir de 1946 as instituições de formação em Educação Física na França são reorganizadas. A Escola Normal para mulheres foi incorporada à ENSEPS e a Escola Normal para homens migra para o INS.

¹⁷¹ Biblioteca da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Arquivo do Professor Antônio Boaventura da Silva. Ofício enviado a Edmund Chalivoy por Antônio Boaventura da Silva. 22 de março de 1951.

¹⁷² Biblioteca da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Arquivo do Professor Antônio Boaventura da Silva. Ofício enviado a Dujean por Antônio Boaventura da Silva. 04 de dezembro de 1951.

Ao solicitar a presença de tal professor, Boaventura da Silva fez referências à “ginástica para homens” e à *École Normale des Maîtres*¹⁷³, que não correspondem com a função e o lugar de atuação de Listello naquele momento. O tom indefinido da escrita possibilita pensar que ele não trazia, *a priori*, um nome deliberado para convidar a ministrar os cursos, mas que apresentava como referência a área de atuação do professor pretendido e a instituição, que ele conheceu em visita à França. Parece-me que, mesmo sem ter clareza de qual professor viria e, portanto, de qual abordagem metodológica seria trabalhada, Boaventura da Silva, por meio do Departamento, apostou na imagem que as instituições francesas possuíam no Brasil, principalmente a de *Joinville le Pont*, para representar esse país no evento. Isso pode ser percebido na correspondência enviada ao diretor do INS, Dr. Jaquet, quando afirma:

Como você certamente conhece, a Escola de Educação Física de Joinville le Pont foi o berço da Educação Física no Brasil. Então, nós temos motivos de sobra para [querer] saber sobre os novos métodos, técnicas, práticas, organização e administração da Educação Física na França. Nós também gostaríamos de começar um real e profícuo intercâmbio com seu pessoal no campo da educação, e isto pode ser realizado agora com nosso presente convite.¹⁷⁴

Essa correspondência enviada diretamente ao diretor do INS, Dr. Jaquet, foi uma tentativa de apressar o pretendido intercâmbio com as Escolas de Educação Física francesas, uma vez que, até o momento de seu envio, Boaventura ainda não havia recebido nenhuma resposta da carta mandada ao chefe da Seção de Informação e Propaganda, o Sr. Christian Dujean. Essa negociação permite ver o anseio em promover o debate de outros referenciais e significações para o campo da Educação Física brasileira, afinal, o curso de Santos pretendia ser de alcance nacional. Os tópicos de interesse foram novamente abordados nessa correspondência, demonstrando uma preocupação recorrente em circunscrever a ação do professor ao ensinamento do projeto de Educação Física vigente no país. Fosse ele balizado pelo esporte ou pela ginástica, não parecia importar muito. Assim sendo, apresentar uma concepção específica de Educação Física parecia menos importante. O mais importante era que tal concepção fizesse reverberar no Brasil os novos caminhos metodológicos da França, independentemente de quais fossem.

Assim como demandado ao chefe adjunto da Seção de Imprensa e Propaganda, o professor Boaventura solicita também ao Dr. Jaquet que seja enviado um professor de

¹⁷³ Biblioteca da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Arquivo do Professor Antônio Boaventura da Silva. Ofício enviado a Dujean por Antônio Boaventura da Silva. 04 de dezembro de 1951.

¹⁷⁴ Biblioteca da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Arquivo do Professor Antônio Boaventura da Silva. Ofício enviado à Dr. Jaquet por Antônio Boaventura da Silva. 05 de fevereiro de 1952.

ginástica da *École Normale des Maîtres*, sem qualquer referência a nome. Eis a resposta ao seu pedido:

Eu agradeço vivamente as vossas proposições e estou disposto a colocar a sua disposição, como você bem me demandou, de 15 de junho a 15 de agosto próximos, nosso melhor professor técnico, Sr. Listello, que coordena no nosso instituto, o departamento de pesquisa pedagógica, em matéria de Educação Física Esportiva.

Eu lhe enviarei este técnico em toda confiança e, sem que nós pretendamos lhes apresentar as revelações, nós estamos convencidos que as conferências e demonstrações que ele poderá lhes fazer serão úteis ensinamentos sobre a evolução de nossas ideias.

Se esta proposição lhe agrada, eu serei grato se puder me informar o quanto antes e me dar todas as diretivas úteis para que eu possa adiantar a saída do Sr. Listello sem atrasos inoportunos.¹⁷⁵ (Tradução livre da autora).

Essas correspondências permitem inferir que a iniciativa de trazer especificamente o professor Listello para o Brasil com o intuito de divulgar a Educação Física Desportiva Generalizada não partiu dos professores brasileiros nem do reconhecimento dessa proposta durante a participação na Lingfada, mas sim da escolha deliberada do diretor do *Institut National des Sports* ao enviar um professor que melhor representaria as ideias pedagógicas defendidas por essa instituição. Cabe ressaltar que essa proposta era um projeto institucional fundamentado em uma perspectiva de Educação Física que defendia a presença do esporte na escola. Portanto, ela respondia aos princípios desse Instituto e não se configurava, necessariamente, como um pensamento hegemônico de toda a França.

O próprio professor Boaventura, em resposta à tardia correspondência a ele enviada por Dujean, agradece as indicações feitas pelo então chefe adjunto da Seção de Imprensa e Propaganda e confirma que o Dr. Jaquet já havia recomendado o professor Listello para atender as proposições feitas por ele.¹⁷⁶ Na certeza de que o diretor do INS havia indicado um “verdadeiro expert” para dar conta das demandas apontadas, ele declina as indicações de Dujean.

Confirmada a participação de Listello no II Curso de Aperfeiçoamento Técnico-Pedagógico de Santos, a seguinte correspondência é endereçada ao Departamento de Educação Física de São Paulo, na figura do então diretor geral, o General A. Walls:

¹⁷⁵ *Je vous remercie très vivement de vos propositions, et suis tout disposé à mettre à votre disposition, comme vous voulez bien me le demander, du 15 Juin au 15 Août prochain notre meilleur professeur technique, M. LISTELLO, qui anime dans notre Institut le département de la recherche pédagogique en matière d'Éducation Physique et Sportive. Je vous enverrai ce technicien en toute confiance et, sans que nous prétendions vous apporter des révélations, nous sommes persuadés que les conférences et démonstrations qu'il pourrait vous faire vous donneraient d'utiles renseignements sur l'évolution de nos idées. Si cette proposition a votre agrément, jê vous serais obligé de bien vouloir m'en informer au plus tôt et de me donner toutes directives utiles pour que je puisse prévoir la mise en route de M. LISTELLO sous les délais opportuns.* Biblioteca da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Arquivo do Professor Antônio Boaventura da Silva. Ofício enviado a Antônio Boaventura da Silva por Dr. Jaquet. 25 de fevereiro de 1952.

¹⁷⁶ Biblioteca da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Arquivo do Professor Antônio Boaventura da Silva. Ofício enviado a Dujean por Antônio Boaventura da Silva. 31 de março de 1952.

O Sr. Listello pensa que será preferível apresentar no local o programa exato de seu ensinamento para o qual nenhum material especial é necessário. Não obstante, todos os tópicos que você mencionou podem ser tratados, mas o Sr. Listello se reserva de consagrar uma importante parte de seu emprego do tempo às questões técnicas pelas grandes linhas assinaladas a seguir:

- I – A Educação Física Desportiva Generalizada: princípios, espírito, meios e objetivos.
- II – Educação Individual:
 - pontos essenciais da técnica (apoio - relaxamento - ritmo)
 - características gerais com as corridas, saltos e lançamentos
- III – Educação Individual a serviço da coletividade:
 - evolução, adaptação (melhoria da pedagogia pelas formas de jogo)
 - princípios dos jogos de equipe (ataque e defesa)
- IV – Composição da sessão de Educação Física Desportiva Generalizada
 - a) Parte formativa (aquecimento, flexionamento e desenvolvimento muscular, agilidade, *cran*¹⁷⁷)
 - b) Parte esportiva (formas individuais e coletivas de estudo do atletismo, dos esportes coletivos, dos esportes de combate)
- V – A orientação esportiva pela Educação Física generalizada
- VI – A sessão de especialização¹⁷⁸

Ao se reportar às solicitações feitas pelo representante do Departamento de Educação Física de São Paulo, como porta voz do professor Listello, Dr. Jaquet anuncia os princípios da Educação Física Desportiva Generalizada que passarão, a partir do ano de 1952, a referendar, junto a outras propostas, a formação de professores no Brasil. Cabe destacar que o programa de ensino determinado para ser trabalhado no Brasil não é, necessariamente, uma resposta literal às solicitações iniciais feitas por Boaventura da Silva. Tal desenho passou pelo crivo e pela necessidade de Listello apresentar o que ele, e seu Instituto, pensaram e construíram para a Educação Física francesa e, não necessariamente, por demonstrar tudo o que lá havia de novo.

Passo, então, a analisar o processo de formulação da Educação Física Desportiva Generalizada no *Institut Nacional des Sports* colocando em foco os sujeitos, as influências e os princípios que nortearam a sua elaboração, a fim de reconhecer onde e como essa proposta se localiza no debate mais amplo da Educação Física francesa.

¹⁷⁷ Não foi possível encontrar tradução para a palavra “*cran*” nas fontes acessadas. Alguns autores que publicaram sobre a EFDG no Brasil nas décadas de 1950 e 1960, como Júlio Mazzei e Mauro Teixeira, afirmam que se trata de uma palavra sem tradução para o português. Segundo Listello, em seu artigo denominado *Educação Física Esportiva Generalizada*, publicado na *Revista da Apef*, n.1 (1953), “*cran*” é uma categoria de exercícios físicos que abrange atividades de agilidade e energia.

¹⁷⁸ Biblioteca da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Arquivo do Professor Antônio Boaventura da Silva. Ofício enviado a Dr. Walls por Dr. Jaquet. 07 de maio de 1952.

3 PRODUÇÃO DA *EDUCATION PHYSIQUE SPORTIVE GENERALISÉE* NA FRANÇA: O ESPORTE COMO POSSIBILIDADE EDUCATIVA

“O esporte possui virtudes, mas virtudes que são ensinadas” (tradução livre da autora).¹⁷⁹ Essa sentença, de Maurice Baquet, fora citada inúmeras vezes por diferentes autores, seus contemporâneos ou não, a fim de representar a corrente teórico-metodológica da Educação Física francesa que defendia os jogos coletivos e os esportes como meios de formação e educação para a vida social. Denominada de *Éducation Sportive* (Educação Esportiva), essa corrente abrigou autores e instituições de ensino que, a partir da década de 1940, passaram a investir no debate e na elaboração de princípios e proposições para o ensino do esporte na Educação Física escolar.

A ideia do esporte como meio de formação para a vida é uma referência que se destaca como chave de leitura para a compreensão dessa produção teórico-metodológica que se inicia na década de 1940, mas reverbera, principalmente, nas décadas de 1950 e 1960 no campo da Educação Física escolar francesa. A possibilidade de uma formação social a partir do desporto, a qual tinha por objetivo “reencontrar os elementos culturais que abrem o acesso a uma formação social autêntica”, parte de uma representação do esporte produzida no e pelo clima cultural desses anos.¹⁸⁰

O esporte, nas suas múltiplas possibilidades de experimentação, já se apresentava como prática cultural possível e desejável para a população francesa de meados do século XX. As práticas esportivas, seja pelo viés do espetáculo, seja pela função recreativa e/ou associativa, permeavam os tempos e os espaços de produção social e cultural de variadas cidades francesas desde os fins do século XIX. Com o objetivo de analisar o surgimento do movimento esportivo na França, o livro *Les Athlètes de la République*, sob a organização de Pierre Arnaud (1987), mobiliza diferentes argumentos para afirmar que a institucionalização das práticas esportivas, representadas pela organização das Uniões e Federações Esportivas, e todas as práticas sociais dela decorrentes, provocou importante transformação da sociedade francesa. Um novo conjunto de maneiras de agir e pensar, orientado pelos princípios da eficiência e da ação, alterou, em diferentes escalas, o sistema de valores de sua população.

Roger Chartier e Georges Vigarello (1982) também afirmam que, se num primeiro momento – fins do século XIX – os esportes eram vinculados às práticas aristocráticas e às escolas privadas, eles conheceram, em diferentes ritmos, um movimento de popularização

¹⁷⁹“*Le sport a des vertus, mais des vertus que s’enseignent*”. BAQUET, Maurice. Principes d’Education Physique Sportive Generalisée. *INS*, n.13, jan.-fev. de 1951, p. 11.

¹⁸⁰ DUMAZEDIER, J. *Olhares novos sobre o desporto*. Prefácio à primeira edição, 1980, p. XX.

tanto de praticantes como de espectadores. Tal popularização encontrou duplo significado na dinâmica social: ao mesmo tempo em que ampliou o número e o alcance de sujeitos envolvidos nas diferentes possibilidades de participação do mundo esportivo, continuou a produzir processos de imitação e efeitos de distinção que marcam o enraizamento social de cada prática. Nesse sentido, os autores chamam atenção para o fato de que, apesar de compartilharem códigos e sentidos ditos esportivos, as diferentes modalidades do esporte se inscreveram em tempos e locais sociais distintos, traçando movimentos de alcance e pertencimento em ritmos e espaços variados. Nessa construção de sentidos nos planos social e cultural, o fenômeno esportivo foi progressivamente se constituindo como uma importante forma de sociabilidade e de produção de valores que estruturou a vida coletiva na França.

O esporte passou a representar o ritmo dos novos tempos. As transformações das condições de trabalho, moradia e mobilidade, geradas pela urbanização e pela industrialização, provocaram mudanças de hábitos e comportamentos que foram ao encontro dos códigos esportivos. Apresentados como sinônimos da modernidade, os esportes assumiram diferentes papéis na dinâmica social. Tomados por vezes como uma prática com propósitos higiênicos, patrióticos e cívicos, por outras como opção de divertimento e emancipação, conforme afirma Arnaud (1981), os esportes participaram de um projeto de sociedade cada vez mais balizado pelo esforço e pela técnica.

Por certo, esse processo não foi isento de conflitos e debates sobre os sentidos e as características que constituíam o esporte como fenômeno social importante daquele tempo. Argumentações pró e contrárias aos esportes foram anunciadas com regularidade na imprensa, nos discursos e ações governamentais, bem como nas obras ligadas à Educação Física francesa. Principalmente, quando posto em contraposição à ginástica. Nesse sentido, vale ressaltar que, como destacam Chartier e Vigarello (1982), mesmo carregando modos de fazer distintos, os esportes e a ginástica estavam enraizados, na verdade, em uma representação de corpo muito próxima, como se fossem “energia e combustíveis” da ação social. Eles se fundiam na mesma necessidade de valorização incitada de esforço muscular, semelhante à ação industrial simplificada. Organizados em uma progressão conjunta, os exercícios ginásticos tornaram-se parte da prática esportiva. Para os autores, o esporte foi também projetado para disciplinar o corpo, mas por “[...] modalidades inéditas que tenderam a substituir as disciplinas visíveis da ginástica pelas limitações abstratas e coletivamente interiorizadas das regras a seguir, táticas para observar, recordes a bater”.¹⁸¹

¹⁸¹CHATIER, R; VIGARELLO, G. Trajectoires du Sport: pratiques et spectacle. *Le Débat*, n.19, 1982, pp.7-8.

Como produto da cultura, as práticas esportivas precisam ser compreendidas a partir da sua estrutura de regras e valores, como também dos dispositivos sociais, econômicos, éticos, entre outros, que permeiam a relação do sujeito com o outro, com o seu grupo e com a natureza dentro de sua dinâmica. Nesse sentido, para compreender sob quais fundamentações o diálogo entre esporte e escola foi construído a partir da década de 1940, tornou-se necessário apreender alguns dos códigos esportivos que estruturavam a vida coletiva na sociedade francesa. Situar o lugar dos esportes modernos no campo mais ampliado dos exercícios físicos e seu papel na sociedade para, então, focar o olhar no campo escolar foi um movimento necessário e essencial. Para tanto, diálogo com representações do esporte recorrentes nas obras e na imprensa ligada à Educação Física francesa do período. Ao traçar tal caminho, não desconsidero a multiplicidade de situações, de sujeitos, de agenciamentos institucionais que compõe o campo dos esportes. Assim como suas diversas possibilidades interpretativas, o esporte é plural. Inscrito no campo das práticas corporais, trata-se aqui de entender o esporte a partir do olhar de uma das instituições nas quais ele é elemento importante, a educação.

Publicado pela primeira vez em 1950, o livro *Olhares novos sobre o desporto*, organizado por Joffre Dumazedier¹⁸², traz elementos basilares para compreender alguns dos sentidos do esporte no período. Importante destacar que o coletivo de autores que escreveu os capítulos desse livro, dentre eles, Maurice Baquet, estava vinculado ao movimento operário esportivo. Essa obra tratou-se, portanto, de um ensaio que produziu imagens de um objeto – o esporte – em um determinado tempo, pelo olhar desse grupo. De acordo com seus autores, o livro pretende elencar “problemas” e “traçar orientações” sobre o esporte, por eles entendido como “meio de cultura por excelência” de seu tempo.¹⁸³ É dividido em duas partes: *Elementos da Cultura Desportiva e Métodos de iniciação*. No Prefácio da primeira edição portuguesa¹⁸⁴, assim foram tematizados os Jogos Olímpicos:

¹⁸²Joffre Dumazedier nasceu em dezembro de 1915. Sua mãe era lavadeira e seu pai, artesão, morreu logo após seu nascimento. Por sua inteligência, desde cedo despertou a atenção de professores que lutaram para obter-lhe sucessivas bolsas. Assim, conseguiu acesso a um bom liceu parisiense e, posteriormente, ingressou na Sorbonne, onde se formou em Letras. No intervalo entre as guerras, teve intensa participação em eventos esportivos, sobretudo nos meios de trabalhadores, bem como nas lutas pela redução da jornada de trabalho e na nascente corrente da animação sociocultural, sucessora da educação de adultos, na França. Militante, ele fundou em 1945, o movimento *Povos e Culturas*, que presidiu por vinte e dois anos. Em 1953, criou o grupo *Lazer e Modelos culturais* e, em 1956, o *Comitê de Pesquisa em lazer* dentro da Associação Internacional de Sociologia. Em 1968, criou na Sorbonne, onde é Professor Emérito, a primeira cadeira de Pedagogia social adulto.

Fontes consultadas: CAMARGO, 2016 e <http://www.lemonde.fr/archives/article/2002/09/26/joffre-dumazedier-le-pere-de-la-civilisation-duloisir_291935_1819218.html>. Acesso em: 16 ago. 2017.

¹⁸³DUMAZEDIER, J. (org.). *Olhares novos sobre o desporto*, 1980, pp. XXVI-XXVII.

¹⁸⁴O exemplar acessado para esta análise é uma tradução portuguesa de 1980.

Terminaram há pouco os Jogos Olímpicos de Roma. Todos os meios de informação centraram as suas atenções na maior festa da juventude. E o mundo inteiro ouviu e seguiu, quisesse ou não, as pequenas e as grandes histórias de heróis e ainda mitos, que se outra coisa não significam, esta, pelo menos, afirmam categoricamente – a integração do desporto como valor na cultura contemporânea.¹⁸⁵

Em sequência, já na primeira parte do livro, foram destacadas algumas considerações sobre o esporte:

A vaga do desporto cresce de ano pra ano. Em 1948, em França, as federações passaram cerca de dois milhões de licença. O *Tour de France* não é somente uma prova desportiva: é um acontecimento nacional e internacional; interessa milhões e milhões de indivíduos, de Paris a Madrid, de Madrid a Roma, de Roma a Bruxelas. [...] Há franceses cujo único jornal é *Equipe*, algumas vezes, mesmo, apenas um magazine desportivo. Os únicos factos que lhes interessam na vida nacional e internacional são os resultados desportivos. Os únicos conhecimentos que adquirem são as noções técnicas dos seus desportos favoritos.¹⁸⁶

A referência aos Jogos Olímpicos e ao *Tour de France* demarca reconhecimento da importância dos esportes na vida coletiva de boa parte da população, ao mesmo tempo em que é usado como contraponto para tratarem do que acreditam ser o verdadeiro sentido dos esportes. O esporte-espetáculo é tratado com ressalvas. A grande preocupação em relação a ele estava dirigida à produção de uma “multidão de espectadores” desavisada ou despreocupada com as múltiplas possibilidades culturais autorizadas pelo esporte ao se colocarem passivamente na “ignorância” do “paraíso artificial do domingo”.¹⁸⁷ A crítica, no entanto, não se limitou à negação *a priori* dos esportes olímpicos ou das grandes competições, transformados em espetáculos que convidam a população a adentrar, de alguma maneira, ao mundo esportivo. Esse espaço normalizado e codificado onde ocorrem as competições esportivas, denominado estádio, era uma referência importante para a produção do gosto e do gesto esportivo. Na concepção dos autores desse livro era preciso viver o esporte, mas era também preciso ir além, produzir outros sentidos para ele. O paradoxo desse movimento, como propõem Chartier e Vigarello (1982), é que o estádio incita o desejo pelo esporte ao mesmo tempo em que nega a sua prática naquele momento, pois, como um espetáculo, ele separa os atores dos expectadores, cada um cumprindo o seu papel.

¹⁸⁵NORONHA FEIO. Prefácio à primeira edição. DUMAZEDIER, J. (org.). *Olhares novos sobre o desporto*. 1980. p. 08.

¹⁸⁶DUMAZEDIER, J. (org.). *Olhares novos sobre o desporto*, 1980, p.12.

¹⁸⁷DUMAZEDIER, J. (org.). *Olhares novos sobre o desporto*, 1980, pp. 3-4.

Um relato sobre a experiência pessoal de esportista vinculada ainda à primeira parte do livro traz outra representação do esporte:

As minhas mãos sujas (mesmo depois de sucessivas lavagens) causaram-me vergonha no metro: nasce em mim um sentimento de inferioridade em relação aos estudantes do clube que falam correctamente.

Felizmente, porém, o estádio está lá. Já não sou um ajustador de terceira categoria, mas um corredor dos 400 metros, em tantos segundos. Os calções não distinguem pessoas, dão a cada um a sua oportunidade; o metro e o cronómetro ignoram a injustiça.

Pouco a pouco habituo-me aos gestos corporais. Sei quando um gesto está certo ou errado. Deduzo agora o estilo em relação com a morfologia. O sentido do ritmo penetra-me e eu, inconscientemente, apenas sonho com essas fontes de emoção que formam o meu gosto e me afinam os sentidos, me revelam uma maneira de viver mais de harmonia com tudo que me rodeia.

Vejo também os antigos “voltarem aos sapatos” expressamente para que haja uma equipa 4x400 no clube, ou em substituição de um que falta na equipa de cross. O menos ardoroso, o menos alegre, o menos cheio de si, não é nunca este “velho” que rejuvenesce ao calor da sua fé. Algumas vezes também é um jovem, muito fraco ainda de experiência, mas não de qualidades, que toma o seu lugar. Com que fervor, então, o clube inteiro segue a corrida ou a estafeta, ajudando o seu campeão, a distância, com toda a sua vontade.

Enfim, há o velho camarada que se aproxima dos sessenta. Treina-se sempre, tão assíduo e discreto, mas eficazmente. Vou vê-lo durante o trabalho, encontro-o na sua lida, direito, calmo, ordenado, exacto. Os seus gestos, as suas peças, as suas ferramentas estão em ordem. Ele domina a sua máquina.¹⁸⁸

A narrativa das memórias desse sujeito manifesta uma compreensão em torno do que seria o esporte: tempo e espaço de redefinição de comportamentos e papéis sociais, em que o corpo, comparado a uma máquina, assume lugar de destaque na busca pelo ideal. A questão que se coloca é o lugar dos esportes nesse processo de valorização da técnica do corpo como “imperativo de confirmar o espírito do próprio tempo”.¹⁸⁹ Como nos convida a pensar Alexandre Vaz (2001), “[...] mimetizando a máquina, os seres humanos confundem-se com ela, não se lhe afiguram mais ‘apenas’ como apêndices, mas o são de si próprios, visto que a diferença entre ambos, na prática, desaparece”.¹⁹⁰ A técnica corporal, dentro e fora do estádio, pareceu organizar os trânsitos, os lugares de pertencimento desse esportista/trabalhador. O refinamento e a eficácia dos gestos provocados pelo esporte também pareceram ter produzido sentidos para a sua maneira de estar no mundo. Nesse sentido, se o fascínio pelo progresso e a técnica são marcas inerentes às sociedades urbanas e industrializadas, o esporte, em sua dinâmica, veio reforçar a crença da formação do carácter e do temperamento de uma sociedade pelo domínio do corpo e da técnica. Há uma relação

¹⁸⁸ COUSIN, G. O desporto na minha formação. DUMAZEDIER, J. (org.). *Olhares novos sobre o desporto*, 1980, p. 08.

¹⁸⁹ VAZ, 2001, p. 92.

¹⁹⁰ VAZ, Alexandre. Técnica, Esporte, Rendimento. *Revista Movimento*. Porto Alegre, v. VII, 2001, p. 94.

dialógica entre a prática social e a prática esportiva, em que essa última pode ser concebida como uma elaboração simbólica das ações cotidianas, como aponta Michelle Gonçalves (2014). Portanto, pensar o papel, ou um dos papéis, do esporte na dinâmica social requer considerar que ele pode ser entendido como

[...] um espaço neutro onde as propriedades sociais dos diferentes atores são por um tempo apagadas em favor de uma igualdade original dos jogadores ou competidores, desmentida apenas pela maior ou menor capacidade dentro da própria prática. Um pouco como o sufrágio universal que postula a estrita igualdade de eleitores, não importa quem sejam, o esporte moderno coloca em seu fundamento a identidade abstrata dos indivíduos despojados, o tempo de uma competição, daquilo que constitui o seu ser social. Esta abstração desejada, que em sua proposta diz ser uma ideologia de igualdade consumada, não significa que os confrontos desportivos não sejam também a expressão ou a transposição de oposições de todos os tipos, nacionais, raciais, social, religiosas, etc. Mas esses investimentos, contraditórios com a neutralidade desejada do exercício, são no esporte como uma vingança social. Recusando colocar em jogo explicitamente as clivagens que dividem a sociedade em comunidades distintas, unidas pelo território, o pertencimento ou status, o esporte moderno ainda não pode escapar das determinações sociais que reintroduzem, em um campo de pensamento estanque, as propriedades, objetivas ou simbólicas, dos competidores (e/ou os seus apoiadores/ ou torcedores).¹⁹¹ (Tradução livre da autora).

No livro de Dumazedier e colaboradores são apontadas três formas de conceber/experimentar o esporte: em primeiro lugar, o *esporte-êxito*, que visa o rendimento máximo e a vitória; em segundo, o *esporte-divertimento*, vivenciado para o prazer, em que não há qualquer ambição; e, por fim, o *esporte como meio de cultura*, que comporta a busca pelo resultado e pelo prazer mas que é, por essência, um “meio de se aperfeiçoarem e tornarem homens mais completos”.¹⁹² Sobre a última perspectiva, eles desenvolveram a segunda parte do livro procurando definir caminhos para que o esporte pudesse produzir possibilidades concretas de formação cultural e social.

Outro autor ligado à Educação Física francesa que se propôs a conceituar o esporte foi Pierre Seurin, médico francês reconhecido como defensor da ginástica sueca

¹⁹¹ [...] un espace neutre où les propriétés sociales des différents acteurs sont pour un temps gommées au profit d'une égalité originelle des joueurs ou des concurrents, démentie seulement par la plus ou moins grande aptitude à l'intérieur de la pratique elle-même. Un peu comme le suffrage universel postule la stricte égalité des votants, quels qu'ils soient, le sport moderne pose à son fondement l'identité abstraite d'individus dépouillés, le temps d'une compétition, de ce qui constitue leur être social. Cette abstraction voulue, qui dans sa proposition même dit une idéologie de l'égalité cantonnée, ne signifie pas que les affrontements sportifs ne sont pas aussi l'expression ou la transposition d'oppositions de tous ordres, nationales, raciales, sociales, religieuses, etc. Mais ces investissements, contradictoires avec la neutralité voulue de l'exercice, sont dans le sport comme une revanche du social. Refusant la mise en jeu explicite des clivages qui découpent la société en communautés distinctes, unies par le territoire, l'appartenance ou le statut, le sport moderne ne peut pourtant pas échapper aux déterminations sociales qui réintroduisent, dans un champ pensé comme étanche, les propriétés, objectives ou symboliques, des compétiteurs (et/ou de leurs supporters). CHATIER, R; VIGARELLO, G. Trajectoires du Sport: pratiques et spectacle. *Le Débat*, n.19, 1982, p. 35-58.

¹⁹² DUMAZEDIER, J. (org.). *Olhares novos sobre o desporto*, 1980, p.10.

moderna e crítico do esporte escolar. Em 1950, ele publica o artigo denominado *Devemos revisar a nossa concepção do esporte?* na revista *L'Homme e le Sain*, em que se propôs a discutir alguns conceitos vinculados ao esporte e suas implicações na vida coletiva, principalmente dos jovens. Para ele,

Uma coisa é certa: um estado de fatos se impôs a nós: milhares de expectadores se deslocam para um jogo de futebol, de rúgbi ou uma luta de boxe; muitos são os interesses investidos; a honra da cidade, do país, parecem depender do sucesso do campeão de boxe, da vitória de um corredor ou de uma equipe; e o “herói” esportivo é apresentado pela imprensa, felicitado e recompensado pelo povo.¹⁹³ (Tradução livre da autora).

Apesar de reconhecer a centralidade dos eventos esportivos na dinâmica e na sociabilidade urbana, a tônica do seu discurso é dada por forte crítica ao esporte-espetáculo, uma vez que, para Seurin, a configuração do esporte-espetáculo está cada vez mais condicionada a interesses financeiros e excludentes. Para estabelecer essa crítica o autor mobilizou definições de esporte de diferentes sujeitos do campo da Educação Física, vinculando-as a classificações mais generalistas do universo dos exercícios físicos, como utilitários, higiênicos e recreativos. Nesse balizamento, apresentou um entendimento em torno de um ideal de esporte condicionado aos princípios de uma Educação Física, os quais ele compartilhava, ou seja, princípios definidos por práticas “úteis ao aperfeiçoamento individual e social” dos jovens e adultos:¹⁹⁴

Nós podemos concluir neste estudo que nós conhecemos ao menos duas formas de atividades esportivas que os educadores e o Estado devem encorajar e desenvolver ao máximo.

As vantagens do *esporte-competição*, do ponto de vista da formação do caráter em particular, são unanimemente reconhecidas no que concerne ao *esporte-amador*.

Mas é necessário ainda eliminar o máximo possível de inconvenientes físicos resultantes dos esforços excessivos: é fazer uma dosagem do treinamento e da competição. O perigo é limitado, porque ainda é uma *atividade livre*.

Resta ainda estudar uma importante questão do *esporte profissional*: ele é ou não é socialmente útil?¹⁹⁵ (Tradução livre da autora).

¹⁹³ *Une chose est certaine: un état de fait s'impose à nous: des milliers de spectateurs se déplacent pour un match de football, de rugby ou un combat de boxe; des intérêts sont investis; "l'honneur" de la ville, du pays parfois, semble dépendre de la réussite d'un Champion de boxe, de la victoire d'un coureur ou d'une équipe; et les "héros sportifs" est encetés par la presse, félicité et récompensé par le pouvoir. SEURIN, Pierre. Devons-nous reviser nos conception du sport? L'Homme e le Sain, n.03, 1950, p.186.*

¹⁹⁴ SEURIN, Pierre. Devons-nous reviser nos conception du sport? L'Homme e le Sain, n.03, 1950.

¹⁹⁵ Nous pouvons donc conclure de cette étude que nous connaissons au moins deux formes d'activités sportives que les éducateurs et l'Etat doivent encourager et développer au maximum. *Les avantages du sport-competition, au point du vue de la formation du caractere em particulier, sont aussi unanimement reconnus em ce qui concerne le sport-amateur. Mais il faut cepedant em éliminer le plus possible les inconvenients physiques resultant des efforts excessifs: c'est affaire de dosage dans l'entraînement et la competition. Le danger este limite, car il s'agit toujours d'une activité libre. Il reste à étudier l'important question du sport*

É importante destacar que Pierre Seurin não negava o esporte como prática social e educativa. Talvez não por apoiá-lo, mas por identificar que não poderia negá-lo, uma vez que o esporte já ocupava posição de destaque no cotidiano e no gosto dos franceses. Desse modo, Seurin situava o esporte como uma possibilidade educativa, desde que os valores a ele associados fossem, como propôs no próprio título do artigo, revisados.

As representações anunciadas ajudam a pensar como os discursos proferidos e o lugar ocupado por quem os utiliza produziram sentidos para o esporte na sociedade francesa do período e, conseqüentemente, para o aprofundamento, ou não, do debate sobre as possibilidades educativas das práticas esportivas na escola. Tais sentidos foram, por certo, também produzidos no diálogo com as questões políticas e educacionais do período.

O contexto social e político vivido pela França propiciou a elaboração de políticas e ações que destacaram o esporte e a Educação Física, que se tornaram parte importante da estratégia nacional de renovação da França, tanto no Governo Vichy (1940-1944) quanto após a Liberação e o retorno do Governo Republicano.¹⁹⁶ É importante destacar que o esporte já havia aparecido nas prescrições do Estado como conteúdo para o ensino escolar em 1925 com o Método Francês e, posteriormente, sob o regime da Frente Popular (1936-1938) com a elaboração do *Brevet Sportif Populaire*¹⁹⁷ e com a criação do *Office du Sport Scolaire et Universitaire*. Porém, na década de 1940, com a criação do *Commissariat à l'Éducation Générale et Sportive*, durante o Governo Vichy, e as Instruções Oficiais (I.O.)¹⁹⁸ de 1945, após a Liberação, é que se inaugurou definitivamente o uso da expressão *Éducation Physique*

professionnel: *est-il ou non socialement utile?* SEURIN, Pierre. Devons-nous reviser nos conception du sport? *L'Homme e le Sain*, n.03, 1950, p.192, grifos do autor.

¹⁹⁶ Menos de um ano depois da deflagração da Segunda Guerra, o exército francês foi capturado, obrigando à redinção da França ante ao regime nazista. A França, através do marechal Philippe Pétain, assinou o acordo de rendição à Alemanha, sendo dividida em duas zonas principais: ocupada e não ocupada. A chamada França ocupada, que consistia nas partes norte e ocidental, toda a costa do Atlântico Norte e a capital Paris, passou a ser controlada diretamente pelo regime nazista; o restante do território seria administrado por um suposto regime livre, liderado por Pétain, com capital na cidade de Vichy. Surgia, assim, o Estado Francês, vulgarmente chamado de França de Vichy, ou República de Vichy. Com a chegada das forças Aliadas, em junho de 1944, a França seria libertada da ocupação nazista alguns meses depois, movimento chamado de Liberação. Em junho de 1944, o general De Gaulle proclamou o Governo Provisório da República Francesa. Disponível em: <<http://virtualiaomaniesto.blogspot.com.br/2009/07/franca-de-vichy-o-governo-da-desonra-de.html>>. Acesso em: 06 fev. 2017.

¹⁹⁷ De acordo com Thierry Terret (1998), o *Brevet Sportive Scolaire* foi uma tentativa de estabelecer um “esporte para todos” que se propôs a incentivar uma conscientização nacional com a organização regular de eventos esportivos para que todos pudessem participar. Como indicado por Léo Lagrange no prefácio do *Brevet*, a intenção era “liderar as massas do movimento juvenil à educação física e iniciação esportiva” (p. 342).

¹⁹⁸ No Sistema Público de Ensino francês, as Instruções Oficiais são um conjunto de textos que versam sobre a estrutura de ensino, os horários e os programas que devem ser seguidos nas escolas (CHOBAX, 1967).

et Sportive (Educação Física e Esportiva) nos documentos oficiais e, portanto, fixou de vez o esporte na escola, ainda que no âmbito das prescrições.¹⁹⁹

Trata-se de uma mudança significativa. A Educação Física, como disciplina escolar, passou a carregar a conotação esportiva em seu nome, consagrando novas perspectivas no processo de organização e esquadramento da atividade escolar. As Instruções Oficiais de 1945 colocaram fim à obrigatoriedade do uso de apenas um método para o ensino da Educação Física, imposta para todos os professores durante o período Vichy.²⁰⁰ Tais Instruções preconizaram grande liberdade na organização e condução da aula, ficando a cargo do professor escolher um ou mais métodos de ensino que melhor se adequassem aos seus interesses e personalidade. Além disso, o esporte se tornou conteúdo de ensino oficial. As Instruções Oficiais de 1945 estabeleceram dois tipos de sessões de ensino: a lição de Educação Física propriamente dita, que teve lugar no currículo escolar duas vezes por semana; e a meia-jornada ao ar livre. Apesar de diferenciados na grade escolar, esses dois tipos de sessões possuíam os mesmos objetivos: “o desenvolvimento normal da criança: a atitude correta e amplitude respiratória”; “o aprendizado do gesto natural: desenvolvimento da velocidade, da habilidade, da resistência e da força”; e “o refinamento do gesto, o desenvolvimento do espírito de equipe, da disciplina, da virilidade e do altruísmo”.²⁰¹ No corpo do texto das I.O. de 1945, o esporte aparece como conteúdo e como trato metodológico (iniciação esportiva) apenas da meia-jornada ao ar livre. De toda maneira, a partir daquele momento, os esportes e a educação esportiva passaram a ser garantidos no currículo escolar. Garantia essa reforçada e ampliada a cada reformulação das I.O. nos anos de 1959, 1962 e 1967.²⁰²

Aliado a isso, as políticas de incentivo à difusão dos esportes, na escola e fora dela, ganharam cada vez mais espaço nas ações governamentais a partir da década de 1950. O Ministério da Juventude e Esportes tornou o esporte tópico de “interesse nacional que deve ser encorajado” tanto por seus “aspectos educativos” como por seus “aspectos de saúde”.²⁰³ Analisando as propostas para o desenvolvimento do esporte do Estado francês nas décadas de 1950 e 1960, Attali e Saint-Martin (2015) afirmam que o Ministério da Juventude e Esportes,

¹⁹⁹ARNAUD, 1995.

²⁰⁰Nas Instruções Oficiais de 1941 é determinada a obrigatoriedade do Método Natural para o ensino da Educação Física na escola. Esse posicionamento oficial simboliza uma pausa no uso do ecletismo no sistema escolar francês.

²⁰¹LEMAIRE, Lucien. Au chevet du sport scolaire. *Education Physique et sports*, n.22, outubro de 1954, pp. 3-6.

²⁰²Alguns autores da história da Educação Física, como Thierry Terret e Pierre Arnaud, apontam as Instruções Oficiais de 1967 como a consagração do esporte na escola.

²⁰³François Missoffe, ministro da *Jeunesse et des Sports*, conferência de imprensa de 28 janeiro de 1967 (ATTALI; SAINT-MARTIN, 2015).

principalmente sob a direção do alto-comissariado Maurice Herzog, vai concentrar suas atenções na juventude. Promovendo ações como a criação de uma Comissão para a elaboração de uma doutrina esportiva, a promoção de atividades ao ar livre e a construção de equipamentos esportivos, o Estado francês se propôs a desenvolver um projeto de renovação social, a partir de valores e comportamentos próprios àquilo que considerava ser o esporte:

O esporte é o jogo, a luta, o drama, a vida. [...] O esporte não é em si uma moral, a vida também não. Mas sua própria natureza faz dele o aliado mais poderoso da moral [...]. O esportista [...] luta contra a indolência e a negligência [...]. Ele admira a coragem mesmo que infeliz, o que prova que ele atribui menos valor à performance por si do que ela implica em relação à abnegação e à vontade. Ele treina com paciência e renuncia alegrias fáceis. Ele lutou com toda sua força e toda a sua vontade. Ele se curva ao sucesso dos outros e admira seus adversários [...]. Sem dúvida o esforço, a luta, o sucesso, representam perigos. A vida também não os oferece? O esporte não deveria ser capaz de os provocar? E o educador não deveria ter como principal missão a de preparar homens capazes de derrotar esses perigos?²⁰⁴ (Tradução livre da autora).

A crescente importância social e política dada ao esporte, via reformas políticas e educacionais, e a massificação das práticas esportivas, seja para divertimento e consumo, seja para realização de exercícios físicos, permitem dizer que o fenômeno esportivo, nas suas diferentes manifestações, foi ganhando cada vez mais espaço na França. Consequentemente, esses diferentes movimentos também contribuíram para o engajamento das práticas esportivas na educação formal dos jovens franceses. Se, por um lado, a entrada oficial dos esportes na escola por meio das Instruções Oficiais respondeu a demandas e interesses institucionais e/ou governamentais, por outro, ela também guardou relações com a crescente legitimação dos esportes na sociedade. Afinal, a educação escolar faz referência a uma cultura, da qual é expressão e também caminhos de produção. Nesse sentido, a conformação dos esportes aos usos escolares parece participar de um projeto maior de reestruturação social com e pelas práticas esportivas.

²⁰⁴*Le sport est le jeu, la lutte, le drame, la vie. [...] Le sport n'est pas à lui seul une morale ; la vie non plus. Mais sa nature propre fait précisément de lui, l'allié le plus puissant de la morale [...]. Le sportif [...] lutte contre la nonchalance et le laisseraller. [...] Il admire le courage même malheureux, ce qui prouve bien qu'il attache moins de prix à la performance pour elle-même que pour ce qu'elle implique d'abnégation et de volonté. Il s'entraîne avec patience et renonce à des joies faciles. Il se bat de toutes ses forces et de tout son vouloir. Il s'incline devant le succès d'autrui et admire ses adversaires [...]. Sans doute l'effort, la lutte, le succès, présentent des dangers. La vie n'en offre-t-elle pas? Le sport ne doit-il pas être loué d'en provoquer? Et l'éducateur, n'ait-il pas pour première mission de préparer les hommes, capables de les vaincre?* HERZOG, Maurice. *Portée morale du Sport. Education Physique et Sports*, n. 67, 1963, p. 5.

3.1 A *Éducation Sportive* e seus diálogos no campo

A possibilidade de escolha metodológica proporcionada pelas novas diretrizes da educação francesa, via Instruções Oficiais de 1945, e a crescente defesa da presença do esporte na Educação Física escolar, colocaram em evidência a disputa e as oposições entre correntes teórico-metodológicas pelo domínio do campo. Nesse processo, a corrente esportiva, centrada na defesa de um esporte educativo e capaz de educar para a vida em sociedade, ganhou mais adeptos e mais aparato conceitual no confronto com outras perspectivas. Para compreender esse movimento de produção de novos modos de articulação entre esporte e escola, foi necessário estabelecer um diálogo com historiografia da Educação Física francesa, a fim de reconhecer as concepções de Educação Física em disputa e o espaço conquistado pela *Éducation Sportive* nesse período.

A Educação Física francesa se constituiu de influências significativas de determinados métodos ou orientações teóricas, principalmente aqueles que tinham a ginástica, em suas múltiplas expressões, como eixo norteador de sua prática. A análise das fontes, sobretudo periódicos da área, permitiu perceber a coexistência e, por vezes, a disputa entre métodos de ensino na construção do campo até meados do século XX. Destacam-se, dentre eles: o Método Natural de Georges Hébert, concebido sob o ideal de retorno à natureza a partir de exercícios naturais e utilitários; o Método Francês, proposta da Escola de Joinville le Pont, oficializada pelo Regulamento Geral de Educação Física; a corrente teórico-metodológica fundamentada nas ideias de Pierre de Coubertin, denominada Método Esportivo; bem como métodos ginásticos elaborados a partir de princípios científicos, tendo como alguns de seus representantes Georges Demeny, Fernand Lagrange e Phillipe Tissié. Ao analisar tal configuração, alguns autores da história da Educação Física francesa como Arnaud (1991), Atalli *et al.* (2006) e Baillette e Brohm (1994) constataram que tais concepções de Educação Física coexistiram ao longo dessa temporalidade, destituindo esse ou aquele método de uma total hegemonia em sua época.

Essa profusão de modos de pensar Educação Física se manifestou sob o que se convencionou chamar de “guerra dos métodos”²⁰⁵, ou seja, uma disputa por espaço e visibilidade entre sujeitos, entre instituições e até mesmo entre nações. É importante destacar que essa disputa não se deu apenas entre sujeitos e instituições pertencentes a correntes teórico-metodológicas divergentes, como os críticos e os defensores do esporte na escola. As

²⁰⁵Essa expressão é encontrada tanto em artigos e livros da historiografia francesa, como Ulmann (2004) e Arnaud (1991), quanto nos artigos publicados em revistas de Educação Física da década de 1940/50.

oposições se deram em variadas direções. Se, por um lado, Georges Hébert estabeleceu fortes críticas à corrente esportiva, por acreditar que o esporte era perigoso, por outro, ele era criticado pelos defensores da ginástica científica por não mensurar os efeitos dos movimentos que prescrevia em seu método. Do mesmo modo, os conflitos se estenderam também aos participantes de uma mesma corrente de pensamento: a Ginástica Sueca era criticada por Demeny por ser monótona e, em contrapartida, outros defensores dessa corrente afirmavam que a proposta de Demeny era uma ginástica especulativa de laboratório.²⁰⁶

Se nenhuma delas pôde conseguiu prevalecer sozinha, deve-se reconhecer que todas juntas contribuíram para a construção do chamado ecletismo francês. De acordo com Arnaud (1991), Atalli *et al.* (2006) e Baillette e Brohm (1994), o ecletismo, identificado pela tentativa de conciliar diferentes propostas metodológicas, marcou a história da Educação Física escolar francesa pelo menos até a década de 1960.

Dessa forma, a relação entre o esporte e a escola ao longo das primeiras décadas do século XX foi marcada por posicionamentos muitas vezes extremos. Para alguns médicos e educadores, como P. Tissié, defensor da ginástica, o esporte era perigoso para os jovens por causa de seus excessos. Sua violência conduzia a uma tensão física, assim como uma longa jornada de estudos conduzia a uma fadiga mental. Segundo Arnaud (1994), os críticos acusavam o esporte de ser destrutivo e afirmavam que apenas os adultos saudáveis poderiam praticá-lo, mas em decorrência de seus abusos, os esportes poderiam não oferecer práticas saudáveis. Para outros, como o médico Bellin de Coteau, o ensino do esporte exigia racionalidade, progressividade e fundamentação científica, assim como a ginástica e, portanto, seu ensino poderia e deveria ser incorporado à escola.²⁰⁷

É possível afirmar que, nessas primeiras décadas de institucionalização da Educação Física, o esporte não teve seu valor educativo reconhecido pela escola francesa. Para Arnaud (1989), isso se deve, em grande parte, pela ausência de uma teoria suficientemente elaborada para a aprendizagem das práticas esportivas até a década de 1920. No entanto, se a escola rejeitou o esporte como orientação didática, ela não impediu de todo a sua presença.²⁰⁸ Em um artigo intitulado *A evolução do ecletismo francês*, publicado no ano de 1948, Alain Lafarge argumenta que até os fins do século XIX, a França, assim como outros

²⁰⁶ ULMANN, 1971.

²⁰⁷ COUTEAU, B. La méthode sportive. In: LABBÉ, M. (org.) *Traité d'Education Physique*. Paris, Ed. G. Doin, 2004.

²⁰⁸ É importante frisar também que se dentro da escola o esporte não encontra tanto espaço, fora dela as associações desportivas estão se multiplicando. Elas ajudam a dar uma amostra do esforço físico e de disseminação dos princípios de uma vida saudável: na véspera de 1914 quase um milhão de franceses são membros de um clube desportivo, ou cerca de 3% da população francesa. (ARNAUD, 1994).

países, tinha por tradição adotar exclusivamente um método de ensino para aplicar à formação de seus alunos.²⁰⁹ Segundo o autor, com Demeny o país inaugurou outra maneira de pensar a Educação Física: reconhecer nos diferentes métodos o que há de positivo e o que há de condenável para, então, combinar e aplicar o que lhe melhor convém. Destaca-se, nessa construção produzida por Lafarge do que fora a Educação Física escolar francesa, a presença e o papel do esporte ao longo dos anos. Se, num primeiro momento, os esportes individuais e coletivos apareciam tímida e esparsamente, como um coroamento da formação, possível apenas na sua fase final, a partir da década de 1940 a educação esportiva no âmbito escolar passava a ser indicada pelas Instruções Oficiais de Educação Física da França.

Essa mudança dos discursos começou a ser gestada nos fins da década de 1920 e início de 1930, marcada pela ascensão do papel das Ciências Sociais, como a Sociologia e a Psicologia, na construção da Educação Física francesa, e pela crescente crítica ao monopólio médico da área, realizada não apenas pelos defensores do esporte, mas também por alguns defensores da ginástica. À parte sua diferença de cunho mais conceitual em relação ao papel do esporte na construção da área, para G. Hébert a Educação Física era, antes de tudo, uma questão pedagógica, não apenas fisiológica e médica.²¹⁰ Essa linha de pensamento é reforçada por outros autores da época, como Ernest Loisel. Para ele,

Após a idade militar e após a idade médica de educação física deve vir a idade pedagógica, na qual os mestres do primeiro e segundo graus ensinarão a ginástica com a mesma competência e a mesma convicção que o mestre de francês ou matemática. Neste dia, ela será vista como uma matéria de ensino que se integrará no emprego do tempo da vida escolar [...].²¹¹ (Tradução livre da autora).

A essa nova forma de pensar a Educação Física é agregada a ideia de uma educação voltada para a totalidade do ser humano, ou seja, a formação de um homem no que tange as questões biológicas e fisiológicas, mas também morais e sociais. Esse modelo de Educação Física passou a ser orientado não mais por uma ou outra Ciência, mas por sua integração, ou seja, pela união da Biologia com a Sociologia, da Fisiologia com a Psicologia. Nessa amálgama de diferentes conhecimentos, a ideia de que o homem é uma unidade “psico-física” e, portanto, nenhuma Educação Física comprometida com esse ideal é possível sem o

²⁰⁹LAFARGE, A. L'évolution de l'écletisme français. *Le Sport et le Homme*, n. 07, 1948, p.06-12.

²¹⁰HÉBERT, Georges. Médecins halte-là. *Revue l'Éducation Physique*, n. 48, 1927.

²¹¹*Après l'âge militaire et après l'âge médical de l'éducation physique doit venir l'âge pédagogique, celui où les maîtres du premier et du second degré enseigneront la gymnastique avec la même compétence et la même conviction que le français ou les mathématiques. Ce jour-là, c'est une matière d'enseignement qui s'intégrera dans les emplois du temps et dans la vie scolaire [...].* LOISEL, 1935, s/p.

estudo competente dos seus nervos, dos seus músculos, como também dos “seus interesses e dos seus sentimentos” foi cada vez mais promovida por professores do período.²¹²

Em consonância com tal preocupação com a formação de uma determinada maneira de conduzir-se moral e socialmente, Roger Vuillemin, então Inspetor Adjunto da Educação Geral e dos Esportes, expressou seus anseios para com a Educação Física:

Antes de 1940, nosso sistema educacional consistia de grandes lacunas, como notou, em agosto de 1940, o Marechal Pétain na *Revue des Deux Mondes*: os estudos foram orientados para o conhecimento puro, negligenciando fortemente a educação do caráter e, mais ainda, a formação do corpo. E estamos, sem dúvida, por estas razões, que no momento crucial que nosso país enfrenta, falta-nos líderes e homens de ação. Hoje – para se reencontrar – a França precisa de uma juventude ardente, saudável, forte, persistente, equilibrada, física e mentalmente, e possuidora igualmente do gosto e do desejo pelo esforço, pois é dessa juventude que virão os novos chefes, tanto intelectuais e homens de ação que permitirão ao nosso país retomar o seu lugar no mundo.²¹³ (Tradução livre da autora).

É nessa lógica que os esportes e os jogos foram anunciados como parte de um projeto educacional que visava a formação de um cidadão ativo, que possuísse dedicação, vontade e gosto pelo esforço. Afinal “[...] é justamente pelo fator afetivo da ação que reside o valor moral e social do esporte. Entre a vontade e o desejo, há tanto toda a moralidade e toda a vida social”.²¹⁴ (Tradução livre da autora).

Em 1946, J. Marcault, no número 2 da Revista *Héraclès*, afirmou que a Educação Física, como parte da cultura, concerne ao homem como um todo, em seus aspectos morais, sociais e corporais. Portanto, como função social, ela deveria pressupor a formação de homens saudáveis, individual e socialmente, a fim de construir uma sociedade verdadeiramente democrática. Para isso, uma educação integral que fizesse florescer a vontade e a consciência de autonomia era fundamental para a aproximação da Educação Física com a educação e, conseqüentemente, da Educação Física com a sociedade.

Esse autor afirmava que a Educação Física deveria ir além da formação de corpos fisicamente saudáveis. Expressões como “interesse psicológico e fisiológico da criança”,

²¹²MARCAULT, J.E. Éducation Physique et Éducation. *Héraclès*, n.2, 1946, s/p.

²¹³*Avant 1940, notre système éducatif comportait de très grosses lacunes, ainsi que le constatait, en août 1940, le Maréchal Pétain dans la Revue des Deux Mondes: les études étaient orientées vers le pur savoir, négligeant trop la formation du caractère et, plus encore, la formation corporelle. Et c'est pour ces raisons sans doute, qu'au moment cruel de l'épreuve notre pays manqua de «chefs» et d'homme d'action. Aujourd'hui, - pour se retrouver - la France a besoin d'une jeunesse ardente, saine, robuste, tenace, équilibrée physiquement et moralement et possédant également le goût et le désir de l'effort, car c'est de cette jeunesse que sortiront les Chefs nouveaux, à la fois intellectuels et hommes d'action, qui permettront à notre pays de reprendre sa vraie place dans le monde.* VUILLEMIN, 1941, s/p.

²¹⁴[...] c'est justement dans ce facteur affectif de l'action que reside la valeur morale et sociale du Sport. Entre la volonté et le désir il y a toute la morale et toute la vie sociale. MARCAULT, J.E. Éducation Physique et Éducation. *Héraclès*, n.2, 1946, s/p.

“inteligência ativa” e “formação de grupos de ação comum” foram utilizadas para designar como e sob quais aspectos a Educação Física deveria intervir. Para ele, “[...] o interesse, fator afetivo da vontade e da inteligência, será a principal mola da Educação Física” e só assim ela “[...] será inserida no trabalho pedagógico de um Estado Democrático, que visa a saúde integral de todos os cidadãos [...]”.²¹⁵

Ao mesmo tempo em que isso estava acontecendo na Educação Física, a França experimentava intensos debates em favor de uma democratização da educação, alimentados por defensores da *Éducation Nouvelle* na defesa da integração de métodos ativos no currículo do ensino formal.²¹⁶ De acordo com Gutierrez (2011), não é possível dizer de um movimento único e uníssono da *Éducation Nouvelle* na primeira metade do século XX na França. No entanto, é possível afirmar que esse movimento, nos seus diferentes arranjos e intencionalidades, se configurou como uma vontade compartilhada de propor alternativas e possibilidades de complementação ao modelo tradicional de ensino, desde os fins do século XIX. É nesse período que surgem obras e sujeitos que se tornaram referência na difusão da *Éducation Nouvelle* na França, como o sociólogo Edmond Demolins, que expôs em seu livro de 1889 um programa de escola nova que se tornou modelo para o debate francês; e Adolfo Ferrière, cuja atuação esteve intimamente ligada ao movimento da *Éducation Nouvelle*, que desempenhou papel central como Diretor-Fundador do Bureau Internacional das Escolas Novas em 1899 e como autor de várias obras e dos programas mínimo e máximo das *Écoles Nouvelles*.

Apesar de reconhecer que variadas associações educacionais ligadas à *Éducation Nouvelle* conferiram ao movimento um caráter plural, em que cada uma delas representava uma direção e uma identidade pedagógica e ideológica, Gutierrez (2011) afirma que os seus pressupostos foram, pouco a pouco, adentrando aos círculos de debates mais ampliados, à formação de professores e à própria instituição escolar. Para o autor, os conceitos da *Éducation Nouvelle* tiveram importante papel, principalmente após a Segunda Guerra, na produção e na promoção de uma renovação pedagógica. Esse período, propenso a repensar a sociedade e a educação francesas, anunciou também novos desenhos para a sua ancoragem nas escolas. Essa “nova era” da *Éducation Nouvelle*, cuja fisionomia estava ainda a ser desenhada, não parecia ser, em si, um enfraquecimento ou regressão desse movimento, mas

²¹⁵MARCAULT, J.E. Education Physique et Education. *Héraclès*, n.2, 1946, s/p.

²¹⁶Não tenho a pretensão, neste texto, de estabelecer uma discussão sobre o movimento da *Éducation Nouvelle* na França. O que ora realizo é a mobilização de algumas ideias defendidas por Laurent Gutierrez para balizar minhas análises sobre as possíveis aproximações entre a Educação Física e a *Éducation Nouvelle* identificadas nas fontes.

sim uma transformação necessária para que sua divulgação pudesse ocorrer em vários campos da educação.²¹⁷

A relação entre Educação Física e a *Éducation Nouvelle* foi explorada em alguns artigos publicados na revista *Notes Techniques de l'ENSEPS* entre os anos de 1946 e 1947. No artigo *La Pédagogie Nouvelle et l'Éducation Physique*, de M. Pouiron, foram destacadas três características da *Pédagogie Nouvelle* que poderiam subsidiar o professor na transformação de sua prática: a implementação da Psicologia na ação docente, possibilitando ao professor se reconhecer como parte de uma equipe; a promoção de atividades em equipe, valorizando a ação coletiva das crianças; e a ação educativa em colaboração com outros professores. Para além dessas ideias, a noção de centralidade do aluno na dinâmica do ensino, norteadas pelo interesse, participação e adesão voluntária às atividades físicas, sejam elas esportivas ou não, foi recorrente nas relações estabelecidas entre Educação Física e *Éducation Nouvelle* na produção desse periódico. O principal foco era “a mentalidade dos alunos”.²¹⁸ Vestígios dessas ideias podem ser percebidos na produção da corrente teórico-metodológica da educação esportiva.

Para justificar suas propostas, os adeptos de uma pedagogia esportiva se apoiaram em novas referências ancoradas principalmente pela Psicologia. A análise dos gestos do campeão esportivo foi valorizada, a iniciação esportiva foi baseada na demonstração do professor e na imitação dos alunos, e a técnica foi destacada nas sessões de ensino da Educação Física. Ao intentar uma Educação Física tão próxima de valores do jogo, do interesse das crianças e jovens e da exaltação do prazer, os promotores da *Éducation Sportive* encontraram apoio também nos defensores de novos métodos educacionais que se baseavam na Psicologia da infância. Tais constatações indicam que o movimento da *Éducation Nouvelle* colocou a Psicologia em relevo e isso foi também adentrando à Educação Física.

Sem se referir diretamente aos pressupostos da *Éducation Nouvelle*, a argumentação construída por Maurice Baquet ao defender a presença de jogos e esportes na escola caminhava junto com a ideia anteriormente destacada. Para ele, a Educação Física que leva em consideração apenas o desenvolvimento da força e o aprimoramento das estruturas físicas acaba por desconsiderar a complexidade do ser humano ao compartimentalizar sua formação. Julgava necessário reconhecer que, para se atingir o objetivo final de formação de cidadãos, a Educação Física precisava conhecer a “mentalidade” dos sujeitos a quem se

²¹⁷GUTIERREZ, 2011b, p.114.

²¹⁸POIRION, M. La Pédagogie Nouvelle et l'Éducation Physique. *Notes Techniques de l'ENSEPS*, n.04, maio de 1946, p. A1.

direcionava para, assim, conseguir orientar sua prática “pelo interesse e desejo que eles manifestam”.²¹⁹ Nesse sentido, os jogos e os esportes eram, por excelência, “atividades dinâmicas capazes de preparar o ser humano para a vida em sociedade” e a sua prática responde a uma necessidade dos tempos modernos, de conhecimento da Psicologia da juventude para a sua atuação na vida em sociedade.²²⁰

De todo modo, a inserção do esporte na escola nesse período também não foi unânime nem destituída de confrontos. Nas décadas de 1940 e 1950, pôde-se constatar na historiografia e nas fontes acessadas a prevalência de três correntes pedagógicas e a oposição entre elas: o Método Natural, de Hébert, que havia logrado certo êxito e conquistado grande número de defensores; a Ginástica Metódica e/ou Racional, desenvolvimento da ginástica sueca, pensada a partir de princípios médicos e higiênicos, defendida por Pierre Seurin, Robert Marchand e colaboradores; e a Educação Esportiva, que colocava em destaque o valor educativo e social do esporte, promovida inicialmente por Maurice Baquet e, posteriormente, por Auguste Listello, Robert Merand, Justin Teissié, entre outros. É possível perceber, no entanto, que as críticas realizadas à *Éducation Sportive* nessas décadas ganharam outra linha argumentativa.

Publicado na Revista *Éducation Physique et Sports*, número 24 de 1955, o artigo *L'éducation Physique*, de P.R. David, é um texto em defesa do Método Natural. Apoiando-se nos escritos de Hébert, o autor argumentou que a Educação Física não deveria se resumir ao “conhecimento de qualquer forma de exercícios” ou à “aplicação de um conjunto de gestos somente esportivos”. Em sua crítica à utilização de outros métodos que não o Natural, procurou diferenciar a utilização dos esportes no âmbito escolar. Para ele, “os jogos e a competição são excelentes meios pedagógicos”, “criadores de entusiasmo e formadores de caráter”. Afirmou, portanto, que o Método Natural não rejeita nem os jogos nem os esportes; ele os utiliza como “atividades complementares indispensáveis”. Dessa forma, reconhecia que os esportes possuíam valor educativo, mas afirmava que eles não devem ser objeto único de ensino na escola. Essa posição conciliatória vai de encontro a críticas mais severas ao papel e à presença dos esportes no ensino formal, anteriormente estabelecidas pelos defensores do Método Natural. A crítica ao esporte é relativizada. Essa mudança argumentativa parece sinalizar certa adequação aos novos tempos de aceitação social do esporte. Embora os jogos e os esportes não representassem a proposta pedagógica do Método Natural, não era mais

²¹⁹ BAQUET, Maurice. Le sport et l'éducation. *Héraclès*, n.14, maio de 1947, p.8.

²²⁰ *Ibidem*.

possível ir contra toda e qualquer manifestação. Novos consensos foram então sendo produzidos e tal fato consubstancia a crescente importância do esporte na escola.

Assim como nas proposições de Pierre de Coubertin e Bellin de Couteau, o esporte é retomado como peça fundamental para a renovação do sistema educativo francês e formação de sua juventude. Porém, nessa perspectiva que começou a ser desenhada na década de 1940 e ganhou maior notoriedade na década de 1950, o *a priori educativo* do esporte não era algo intrínseco a toda e qualquer manifestação. O esporte seria um excepcional meio de educação desde que orientado, ou seja, desde que fossem feitas adaptações próprias para que ele ocupasse seu lugar no ambiente escolar. Como afirmou Baquet, o “[...] esporte é um poderoso meio de educação e faz-se necessário precisar como ele pode ser utilizado.” (Tradução livre da autora).²²¹ Não obstante, a expressão máxima apresentada no início deste capítulo – “O esporte possui virtudes, mas virtudes que são ensinadas” (Tradução livre da autora)²²² – tornou-se referência para designar a *Éducation Sportive* pensada e disseminada nas décadas de 1940 e 1950.

A partir desse ideal, foram elaboradas diversas propostas de normatização do ensino a fim de direcionar as práticas cotidianas na escola. Visto isso, algumas perguntas orientaram as análises que seguem: Quais são os autores e as instituições que se propuseram a pensar tais propostas? O que eles preconizavam? Para responder a essas perguntas fez-se necessário identificar os atores, as instituições e os espaços de circulação de suas ideias.

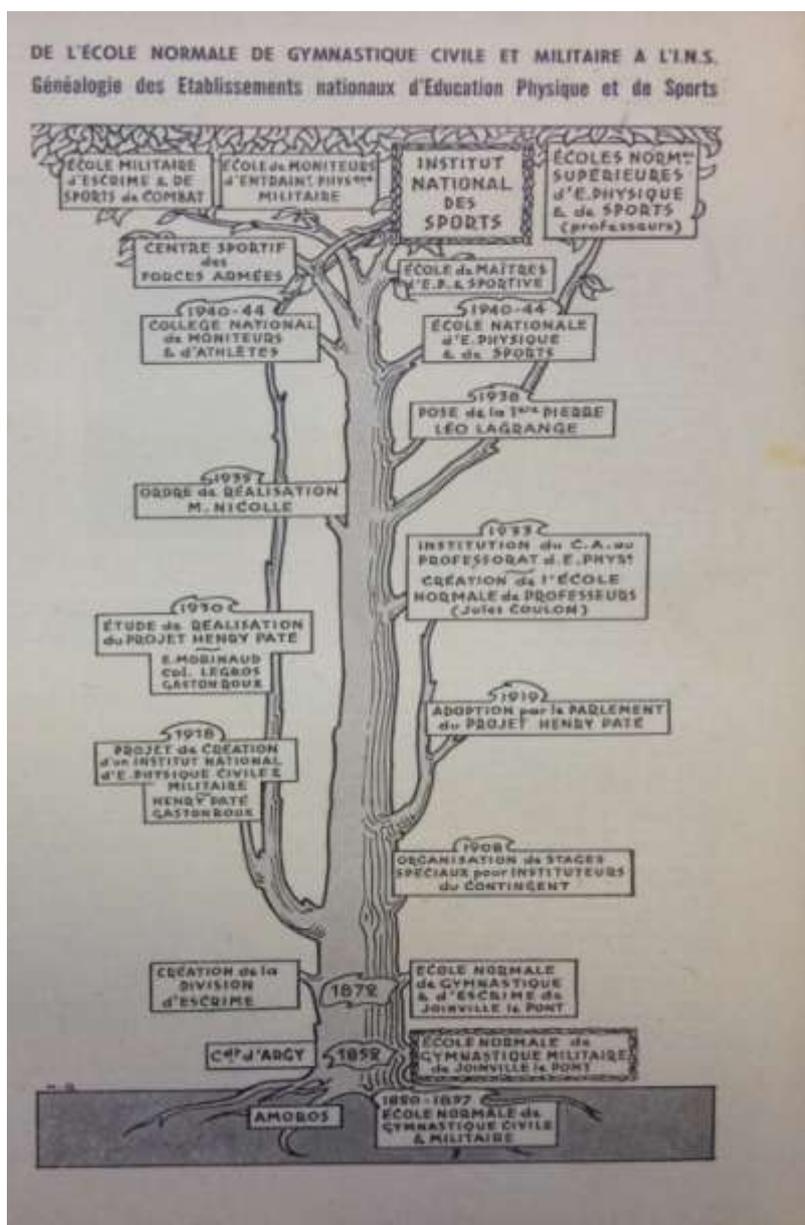
A elaboração de novas propostas pareceu estar diretamente conectada à reorganização das Escolas Superiores de Educação Física da França. Foi principalmente no seio dessas instituições que se configuraram novas sistematizações, assim como reformulações de antigas proposições de ensino da Educação Física. Após 1945, os Centros Regionais de Educação Física e Esportiva substituíram os antigos Centros de Educação Geral e Formação de Professores; a *École National d’Education Physique et Sports* (Escola Nacional de Educação Física e Esportes) se transformou em duas *Écoles Normales Supérieures d’Education Physique e des Sports* (Escolas Normais de Educação Física e Esportes), sendo uma para mulheres e outra para homens; e o *Collège National des Moniteurs et Athlètes* (Colégio Nacional de Monitores Atletas) passou a se denominar *Institut National*

²²¹*Le sport est un puissant moyen d’éducation et il s’agit de préciser comment il peut être utilisé.* BAQUET, Maurice. La doctrine d’Education sportive. *Héraclès*, n.1, março de 1946, s/p.

²²²*Le sport a des vertus, mais des vertus que s’enseignent.* BAQUET, Maurice. Principes d’Education Physique Sportive Generalisée, *INS*, n.13, jan.-fev. de 1951, p. 11.

des Sports (Instituto Nacional dos Esportes).²²³ A FIGURA 1 é uma representação da reordenação dos institutos e das escolas de Educação Física, realizada a partir de 1945, em função das novas orientações nacionais para a área. É possível notar como centros militares e civis foram ora se separando, ora se fundindo, ao longo da constituição dos estabelecimentos de formação de técnicos e professores em Educação Física na França. Aproximações e afastamentos que, por certo, marcaram o campo.

FIGURA 1 – Árvore Genealógica dos Estabelecimentos nacionais de Educação Física e Esportes



Fonte: Cahier Technique et Pédagogique, INS, n.21, mai.-jun. de 1952, p. 06.

²²³INSEP, s/d. Sobre a história da organização do ensino superior em Educação Física na França ver Levett-Labry, 2007.

Nesse ínterim, duas Escolas tomaram a frente no debate e na elaboração de proposições para o ensino da Educação Física escolar: a *École Normale Supérieure d'Éducation Physique et des Sports* (ENSEPS) e o *Institut National des Sports* (INS). A reestruturação conferiu ao INS o objetivo de pesquisa e sua aplicação na formação de atletas e técnicas desportivas e à ENSEPS o tradicional papel de formação de professores, considerando também que pesquisas poderiam ser desenvolvidas em prol da atuação docente.

Em linhas gerais, foi possível perceber uma inversão de papéis, pelo menos até o final de 1940, confirmada também por Lavet-Labry (2007). A ENSEPS, que deveria ter importante função no desenvolvimento de novas propostas para a Educação Física escolar, se limitou à formação de professores. Por sua vez, o INS já inicia suas atividades desenvolvendo uma concepção de educação esportiva, embora o seu objetivo principal fosse a formação de atletas. As revistas foram importantes testemunhas dessa mudança de atitudes em relação ao conteúdo de esportes dessas duas instituições.

Maurice Baquet e Auguste Listello, como representantes do INS, publicaram, ao longo das décadas de 1940 e 1950, inúmeros artigos relativos à sua proposta de *Éducation Sportive*, tanto na revista da própria instituição, a *Cahier Technique et Pédagogique INS* (1949-1959), quanto em periódicos considerados generalistas como as revistas *Héraclès* (1946-1950), *Les Stagiaires* (1946-1953) e *Éducation Physique et Sports* (1950-atual). As publicações de professores da ENSEPS, nesses mesmos periódicos, variavam entre as convictas defesas: da ginástica de formação, feita por Maurice Lagisquet; do Método Natural, feita por P. David; do esporte e de sua didatização na escola, feita por Robert Mérand e Justin Teissié. É a partir dos fins da década de 1950, e principalmente na revista *Éducation Physique et Sports*, que esses professores da ENSEPS passaram a publicar sistematicamente uma orientação de ensino a partir da educação esportiva.

Próximo às proposições de Baquet e Listello, Robert Mérand acreditava em uma Educação Física na qual o jogo e os esportes eram compreendidos como reflexos e também produtos de uma nova sociedade e, portanto, precisavam ser trabalhados no ambiente escolar. Três noções centrais estruturaram sua concepção: a totalidade, do indivíduo e do meio em que vive; o progresso, entendido como elaboração e desenvolvimento da cultura; e a preparação para a vida, realizada pela socialização.²²⁴ Para ele, a competição e a colaboração eram as duas faces do mesmo meio de educação e formação social, o esporte.

²²⁴MÉRAND, R. Basket-ball et problèmes de l'enseignement, *L'Homme Sain*, n.3, 1967.
MÉRAND, R. Que devient la leçon d'EPS?, *Éducation Physique et Sports*, n.90, 1967.

Em uma longa série de artigos, que abrange mais de um ano, Justin Teissié também teorizou sobre o esporte e a forma de abordá-lo na escola. Nessa série de artigos denominada *Educação Física e Esportiva: ensaio de uma sistematização*, publicada entre os anos de 1957 e 1959, ele se propôs a produzir um “[...] ensaio sistemático de educação motora, de inspiração esportiva, capaz de orientar de uma maneira eficaz e progressiva”²²⁵ a atuação na Educação Física e Esportiva. O cerne de sua sistematização estava na compreensão de que “[...] o controle do corpo é expresso pela adaptação de reações motoras, viscerais, emocionais e verbais, para as mais variadas situações em que o indivíduo está envolvido intencionalmente ou acidentalmente.” (Tradução livre da autora).²²⁶ Sugeriu, portanto, uma organização da disciplina que partia dos efeitos, em termos de matrizes corporais, deslocamentos e oposição. Considerado como um dos precursores da educação motora, defendia uma Educação Física que promovesse o desenvolvimento das capacidades atléticas, a partir da elaboração e da execução de movimentos de maneira econômica e adaptadas às situações de jogo. De acordo com Levet-Labry (2007), essa análise marcou profundamente a área e se transformou em guia para a escrita das Instruções Oficiais de 1967.

Assim, pode-se constatar que, até o final dos anos 1950, o INS se mostrou como o polo central de inovação educacional no que diz respeito à educação esportiva e a ENSEPS continuou mergulhada na tradição ginástica, sob forte influência dos professores defensores da Ginástica Sueca e do Método Natural. Somente a partir da década de 1950, sob a ação de Robert Mérand e Justin Teissié, a educação esportiva encontra o seu lugar na ENSEPS.

Essas mudanças marcaram uma inflexão nas competências de cada uma dessas instituições a partir da década de 1960: a ENSEPS voltou suas atenções para o desenvolvimento de sistematizações de ensino sob o viés da educação esportiva enquanto o INS se focou em desenvolver o esporte em todas as suas formas nos diferentes setores da sociedade francesa. Conforme analisou Levet-Labry (2007), do ponto de vista pedagógico, o INS teve, até fins da década de 1950, certa centralidade no desenvolvimento de uma educação esportiva. É desse processo que irei tratar a seguir.

²²⁵ TIESSIÉ, Justin. *Éducation Physique et Sportive: essai d'une systematique*. *Éducation Physique et Sports*, n. 37, 1957.

²²⁶ *La maîtrise corporelle s'exprime par l'adaptation des réactions motrices, viscérales, affectives et verbales, aux situations les plus diverses dans lesquelles l'individu se trouve volontairement ou accidentellement engagé.* Teissié, Justin. *Essai 'une systématique*. *Éducation Physique et Sports*, n.37, 1957, s/p.

3.2 O *Institut National des Sports* (INS): sua atuação, seus personagens

Criado em 1945, o INS se localizava na cidade de Joinville, próximo à ENSEPS de formação de professores homens. Como dito anteriormente, o Instituto herdou do *Collège National des Moniteurs et Athlètes* tanto sua estrutura física quanto seu quadro de pessoal. Em sua concepção primeira, seu objetivo principal era o desenvolvimento de pesquisas com foco nas técnicas desportivas, visando o aperfeiçoamento e a formação de atletas. Contudo, desde o início, suas ações ultrapassaram esse raio de atuação, procurando também alcançar o sistema escolar. Essa ampliação possibilitou que, para além de se preocupar com o treinamento de atletas, o *Institut National des Sports* também se lançasse a elaborar uma concepção de Educação Física que tinha como eixo norteador o ensino dos esportes.

O INS foi uma instituição composta por diferentes frentes de trabalho que compartilhavam o mesmo objeto, o esporte, mas que também possuíam finalidades diversas. Era formado por: um centro de pesquisas científicas e experimentais destinadas às técnicas desportivas; uma escola de formação de treinadores de alto nível; um colégio de atletas de nível nacional; uma Escola Superior de Esgrima e um estabelecimento de formação de mestres em Educação Física e Esportiva.²²⁷ Ao mesmo tempo, preconizava um diálogo com as demais instituições superiores de Educação Física para o estabelecimento de novos conhecimentos e diretrizes da área:

Com este objetivo o *Institut National des Sports* foi criado. Ele não pretende trabalhar de forma isolada, mas estar em contato constante com aquilo que foi anteriormente mencionado: escola normal de professores de educação física, escolas normais de mestres, centros regionais de educação física e esportiva, líderes do movimento da juventude, grandes empresas estatais, mas também todos aqueles que estão lutando com as realidades da vida. O I.N.S. quer ser ao mesmo tempo um centro especializado e um organismo de síntese.²²⁸ (Tradução livre da autora).

Esses diferentes direcionamentos vinculavam-se a um projeto maior de regeneração social através do esporte. Para a nova gestão do *Ministère de la Jeunesse et des Sports* (Ministério da Juventude e dos Esportes), os “numerosos fracassos esportivos”, que creditaram “ao estado de degeneração do povo francês”, eram resultado do “insucesso e da

²²⁷ FORTUNE, 2012; LEVET-LABRY, 2007.

²²⁸ *C'est dans ce but que fut crée l'Institut national des sports. Ce dernier n'entend pas travailler en vase clos, mais se trouver en relation constante avec les organismes précités: école normale de professeurs d'éducation physique, écoles normales de maître, centres régionaux d'éducation physique et sportive, dirigeants de mouvements de jeunesse, grandes entreprises nationalisées, mais aussi tous ceux qui sont aux prises avec les réalités de la vie. L'I.N.S. veut être à la fois un centre spécialisé et un organisme de synthèse. Secrétariat d'Etat à l'enseignement technique, à la Jeunesse et aux Sports, direction générale de la jeunesse et des sports, L'institut national des sports (plaquette de présentation année 1948 - 1949) apud Levet-Labry (2007, p. 132).*

falta de penetração dos métodos de educação física” na população de uma maneira geral.²²⁹ Era urgente a implementação de ações que objetivassem “evoluir certas ideias e concepções” de ensino da Educação Física, conferindo ao esporte certa importância nesse processo. Essa ambição de abrangência se expressou em ações que pretenderam fortalecer a população através da prática esportiva procurando alcançar e educar a massa, ou seja, crianças e jovens de todas as camadas sociais.

Uma análise do principal órgão difusor das ideias dessa instituição – a revista *Cahier Technique et Pedagogique INS* – demonstrou que as questões pedagógicas e sociológicas que envolviam o esporte foram tão importantes quanto o desenvolvimento das técnicas esportivas. Publicada pela primeira vez em 1947, com o nome *Revue de l'Institut National des Sports*, após dois números suas atividades foram interrompidas por dificuldades técnicas.²³⁰ Em 1949 sua publicação foi retomada, dessa vez com o nome pelo qual ficou conhecida – *Cahier Technique et Pedagogique INS* –, pelas iniciativas de André Morice, então secretário de Estado de Ensino Técnico, do *Ministère de la Jeunesse et des Sports*, e de Gaston Roux, então diretor geral de Educação Física e Esportes. Em seu editorial, no número 01 de 1949, foram apresentadas suas novas orientações:

A nova revista se destinará não apenas aos atletas, aos treinadores e educadores físicos, mas a todo o corpo de ensino, e a todos aqueles que, de perto ou de longe, se interessam pelo esporte em todos os seus aspectos: filosófico, artístico, científico, literário. Os amigos do esporte são legião, mesmo entre aqueles que não se conhecem. Para eles, para você, os Cadernos apresentam os técnicos do I.N.S. e seus conhecimentos táticos. As mais diversas personalidades do mundo científico, artístico e literário lhe trarão seus pontos de vista, talvez inesperados, sempre interessantes sobre uma das mais profícuas atividades humanas, o Esporte [...].²³¹
(Tradução livre da autora).

De fato a revista se interessou fortemente por divulgar as pesquisas e as propostas que se dedicaram a transformar, pela ótica do esporte, as concepções e competências dos professores, alunos, treinadores, etc. Foram publicadas pesquisas e propostas desenvolvidas tanto dentro quanto fora do INS. É importante notar que ao mesmo tempo em que a seleção de

²²⁹Secrétariat d'Etat à l'enseignement technique, à la Jeunesse et aux Sports, direction générale de la jeunesse et des sports, *L'institut national des sports* (plaquette de présentation année 1948 - 1949) *apud* Levet-Labry (2007, p. 132).

²³⁰*Cahiers Techniques et Pédagogiques INS*, n. 1, jan. de 1949.

²³¹*La nouvelle revue s'adressera non seulement aux athlètes, aux entraîneurs et aux éducateurs physiques mais à tout le corps enseignant, et à tous ceux qui, de près ou de loin, s'intéressent au sport, sous tous ses aspects: philosophique, artistique, scientifique, littéraire. Les amis du sport sont légion, même parmi ceux que s'ignorent. Pour eux, pour vous, le Cahiers présenteront les techniques de l'I.N.S. et ses aperçus tactiques. Les personnalités les plus diversés du monde scientifique, artistique et littéraire vous apporteront leur point de vue peut-être inattendu, toujours intéressant sur l'une des plus profitables des activités humaines, le Sport [...]. Cahiers Techniques et Pédagogiques INS*, n. 1, jan. de 1949.

artigos da revista estava implicada com uma determinada visão de Educação Física defendida por aquele órgão, também se atentava às preocupações de seus leitores. Nesse sentido, atingiu o objetivo de divulgar informações técnicas e pedagógicas sobre a prática esportiva nos diferentes ambientes, quais sejam, a escola, o clube e até mesmo a instituição militar.

Todavia, dar a esse instituto todas essas funções não foi garantia, pelo menos em seus primeiros anos, de condições físicas e materiais para o desenvolvimento de suas atividades. No número 06 da revista *Héraclès*, de 1946, Marc Godichau denunciou uma série de problemas que entravavam o bom funcionamento do trabalho no INS:

A realização deste vasto programa requer, portanto, salas, escritórios de estudos, laboratórios, salas para os visitantes, assim como um estádio, um ginásio, uma pista coberta, uma piscina. Mas o INS dispõe de apenas edifícios cuja construção, abandonada durante a ocupação, está em curso ao longo de algumas décadas. Um dos raros edifícios utilizáveis no verão foram aqueles que tinham telhado [...]. Professores e monitores levam uma existência desconfortável nestes edifícios, abertos para todos os ventos, onde nenhuma parede interior possui revestimento, cujas instalações elétricas são básicas e o aquecimento é inexistente, o que obrigou o INS a interromper seu trabalho no último inverno.²³² (Tradução livre da autora).

No que diz respeito à sua criação, parece possível afirmar que o INS foi concebido em meio a um movimento de transformações sociais, marcadamente influenciado pelo período pós-guerra. Nesse contexto, algumas das dimensões que compõem o esporte passaram a ter maior relevância. Tanto pela via do esporte de alto rendimento quanto pela via do esporte educativo, a concepção do INS parece guardar relações com o movimento de reconfiguração social e educacional, anunciado pelo governo por meio do *Ministère de la Jeunesse et des Sports*, procurando superar aquilo que fora identificado como a degeneração do povo. Para alguns autores como Saint-Martin e Caritey (2006), o investimento na formação de atletas demonstrava a necessidade de destacar a força e a vitalidade do povo francês frente a outras nações e a inserção do esporte no ambiente escolar contribuía para a formação, tão necessária a uma nação fortalecida, de cidadãos corajosos, saudáveis e capazes de lidar com as questões cotidianas. Para além dessas considerações, cabe lembrar que a formação social pelo esporte, principalmente aquela defendida pelos promulgadores da *Éducation Sportive* e já há algum

²³²*La réalisation de ce vaste programme exige donc des salles, des bureaux d'études, de laboratoires, des chambres pour les visiteurs, ainsi qu'un stade, un gymnase, une piste couverte, une piscine. Or l'INS ne dispose que de bâtiments dont la construction, abandonnée pendant l'occupation, est en cours depuis une dizaine d'années.*

Les rares bâtiments utilisables ont été ceux disposant d'un toit. [...] Professeur et moniteurs mènent une existence inconfortable dans ces bâtiments, ouvert à tout les vents, dont aucun mur intérieur ne possède de revêtement et dont les installations électriques sont sommaires et les moyens de chauffage inexistants, ce qui a contraint, l'hiver dernier, l'INS à interrompre ses travaux. GODICHAU, Marc. L'Institut National des Sports abandonné a lui-même. *Héraclès*, n.06, ago. de 1946, s/p.

tempo discutida em diferentes espaços na França, só poderia acontecer se a prática esportiva cotidianamente realizada e inserida no seio da população pudesse apontar elementos culturais que permitissem o acesso a uma educação autêntica. Para tal, o esporte, principalmente o educativo, teria como papel descobrir caminhos para formação social ao provocar no sujeito a consciência do lugar que ocupa, no tempo e no espaço, no seio da sociedade em que vive, despertando o sentimento de pertencimento de grupo. Dessa maneira, esses elementos vinculados aos esportes balizavam não apenas a educação formal como também as variadas dimensões do viver coletivo.

Nessa linha de pensamento, a perspectiva de atuação apenas no sistema escolar era algo que passava longe das proposições do INS. Assim, as pesquisas, tanto em relação ao esporte de alto nível quanto aquelas relativas ao esporte educacional, foram desenvolvidas com a pretensão de que seus resultados fossem mobilizados dentro e fora do ambiente escolar. Isso implica dizer que a concepção de educação esportiva preconizada pelo INS tinha por objetivo atingir diferentes campos de atuação da Educação Física, ou seja, da escola ao clube, ela serviria como orientação do ensino do esporte.

Essa perspectiva de educação esportiva não se configurou de maneira harmônica e hegemônica no interior do INS. Como um lugar que possuía diferentes frentes de trabalho, discussões sobre o direcionamento das ações centrais permearam o cotidiano do INS. Em seu estudo, Lavet-Labry (2007) identificou argumentações contrárias ao desenvolvimento de uma proposta de ensino para a Educação Física escolar no INS. No entanto, em meio às divergências relativas a essa ação no seio do Instituto, a produção de uma concepção de Educação Física legitimada por um conjunto de ideias, prescrições e práticas que circulavam na França instituiu uma forma de didatização do esporte reconhecida no país e fora dele. No curso das negociações de sentidos que se estabelecia naquele espaço, a consideração de alguns sujeitos e ações permite ver como essa nova sistematização da educação esportiva foi modelada para, então, perceber como ela participou desse novo projeto educativo e social.

Nesse movimento, destaco dois autores que foram importantes para a elaboração da *Éducation Physique Sportive Generalisée* (EPSG) nessa instituição: Auguste Listello e Maurice Baquet. Reconheço que outros tantos personagens poderiam também ter sido destacados. Os livros e os artigos publicados sobre a EPSG anunciam nomes de outros sujeitos que também participaram desse movimento: P. Clerc, R. Crenn e E. Schoebel. Compreendo que todos eles, de alguma maneira, contribuíram para a EPSG. No entanto, pela análise das fontes, dois foram os parâmetros estabelecidos para essa escolha: o protagonismo

dos professores Listello e Baquet na elaboração e na difusão da proposta e a ausência de indícios dos papéis assumidos por esses outros professores nesse processo.

3.2.1 Maurice Baquet

FIGURA 2 – Maurice Baquet no INS, 194?



Fonte: Acervo Pessoal do Professor Auguste Listello

Nascido em 1897, Maurice Baquet foi um dos autores mais referenciados quando se trata da pedagogização do esporte na França. Praticante assíduo de diferentes esportes durante sua juventude, como futebol, atletismo e natação, sua trajetória profissional reverbera a relação que ele estabeleceu com o esporte durante toda sua vida. Ao longo do seu trabalho aliou o ensino do esporte à formação de professores como monitor adjunto de boxe, atletismo e futebol na Escola de Joinville, em 1919; como professor de Educação Física na *École Hoche* em Versalhes (1931); e, na *Université de Paris* (1931-1933), com a função de treinador

esportivo, responsável pela equipe de atletismo polonesa para os Jogos Olímpicos (1921-1924). Nesse período já conquistava representativo reconhecimento profissional dentro e fora da França.²³³

Imediatamente após a criação do INS foi nomeado seu diretor técnico, permanecendo no cargo até 1960. É importante destacar que, ao longo de sua jornada profissional, Maurice Baquet ficou conhecido por seus contemporâneos, e mesmo por professores que vieram a lhe suceder, como um sujeito militante, engajado na defesa do papel social do esporte na educação formal da juventude.²³⁴

No INS, ganhou espaço e suporte para desenvolver algumas ideias relativas à concepção de educação esportiva que já vinha organizando antes de sua entrada nessa instituição. No ano de 1942, publicou um livro pela Editora Godin intitulado *Éducation sportive, initiation et entraînement* (Educação esportiva, iniciação e treinamento) e, em 1943, o livro *Précis de l'initiation sportive à l'usage de l'enseignement primaire e des organisations de jeunesses* (Princípios da iniciação esportiva ao emprego no ensino primário e nas organizações da juventude), pela Editora Bourrelier.

No livro *Précis de l'initiation sportive à l'usage de l'enseignement primaire e des organisations de jeunesses*, Baquet, ao longo das 80 páginas, propôs uma série de sessões de ensino em iniciação esportiva no atletismo, vôlei, lutas, basquete, handebol e rugby.²³⁵ O ensino dessas diferentes modalidades foi dividido em três etapas: aquecimento, educação técnica e volta à calma. Sistematização de aula dessa ordem coloca em evidência traços de permanência de métodos de ensino antecessores, como o *Règlement de l'Éducation Physique* (Regulamento de Educação Física) da *École de Joinville le Pont*. Apesar de possuírem diretivas e até mesmo conteúdos diferentes, as similaridades no processo de formação técnica de seus alunos são ainda vestígios de um modelo de escolarização da Educação Física. Como veremos adiante, a divisão das sessões de ensino será modificada na sistematização proposta por Baquet em seu trabalho no INS, ainda que guardando certos vínculos com a divisão anterior.

²³³FORTUNE, 2012.

²³⁴Baquet era próximo ao Partido Comunista e integrante ativo da Federação Esportiva e Ginástica do Trabalho (*Fédération Sportive et Gymnique du Travail* - FSGT). A FSGT é o resultado da associação da União das Sociedades Esportivas e Ginásticas do Trabalho (*Union des Sociétés Sportives et Gymniques du Travail* - USSGT) e da Federação Esportiva do Trabalho (*Fédération Sportive du Travail* - FST) contra o perigo fascista. Defendia uma prática esportiva baseada na não-especialização e na difusão da massa. Participou também da criação de grandes eventos esportivos populares nas décadas de 1930-1940. (DUCLERC, s/d).

²³⁵Apesar de tocar no ensino dessas diferentes modalidades esportivas, o atletismo é que recebeu maior atenção. São destinadas 69 páginas ao ensino de corridas, saltos e lançamentos.

Essa obra destinou-se à educação de crianças e adolescentes entre 10 e 16 anos. De maneira geral, os princípios que orientaram a organização dessas sessões de ensino pressupunham uma distinção e uma compreensão das diferentes fases constituintes do gesto esportivo sob a lógica da progressividade, do simples para o complexo. É possível perceber que Baquet focalizava sua atenção na apreensão do gesto esportivo e de suas características fundamentais para, processualmente, ir conduzindo o ritmo específico de cada modalidade. Para ele, a aquisição do gesto esportivo, que se constitui na interação entre fluidez, agilidade e beleza de sua execução, se daria pelo esforço, concentração e atenção dos estudantes. Nessa perspectiva, a aquisição e o aperfeiçoamento das técnicas esportivas provocaria também o aprendizado da disciplina “do corpo e da mente”.²³⁶

Ao defender o esporte como uma atividade que sintetizaria o ser humano como um todo, envolvendo corpo, espírito, caráter e valores cívicos e morais, Baquet colocava-o no centro do que acreditava que deveria ser a Educação Física na França. Do mesmo modo, ao afirmar que a presença do esporte na escola só seria profícua para a formação dos jovens se ele fosse bem direcionado pelos professores, levava em consideração a ideia de que o esporte não era um tempo e um espaço neutros, mas sim, imbricado nas questões econômicas, sociais e estéticas de seu tempo. Portanto, para o uso do esporte no ambiente escolar era necessário desnudá-lo de suas características nocivas ao bem-viver coletivo. Para isso, defendia a ideia de que a Educação Física formasse educadores, e não instrutores, pois apenas um sujeito comprometido com a formação integral das crianças e jovens seria realmente capaz de atingir o objetivo final da educação:

[...] o esporte possui valor formativo com a condição de que as crianças e adolescentes sejam iniciados e preparados por professores capazes, garantindo que não haja, devido à oposição de forças e características, nem orgulho, nem vaidade excessiva, nem ódio, desprezo, ou rancor entre os vencedores e os vencidos. Sabemos bem que o desporto exaspera paixões, mas é função do educador acalmá-las, ensinar o espírito do jogo e do esporte e demonstrar ao futuro cidadão a necessidade de ser honesto e de compor com seus semelhantes.²³⁷ (Tradução livre da autora).

Após a sua inserção no INS, Baquet continua a publicar regularmente suas ideias, principalmente em dois periódicos: as revistas *Héraclès* e *Cahier Technique et Pedagogique*

²³⁶BAQUET, Maurice. *Précis de l'initiation sportive à l'usage de l'enseignement primaire e des organisations de jeunesses*. Bourrelier, 1943, p.16.

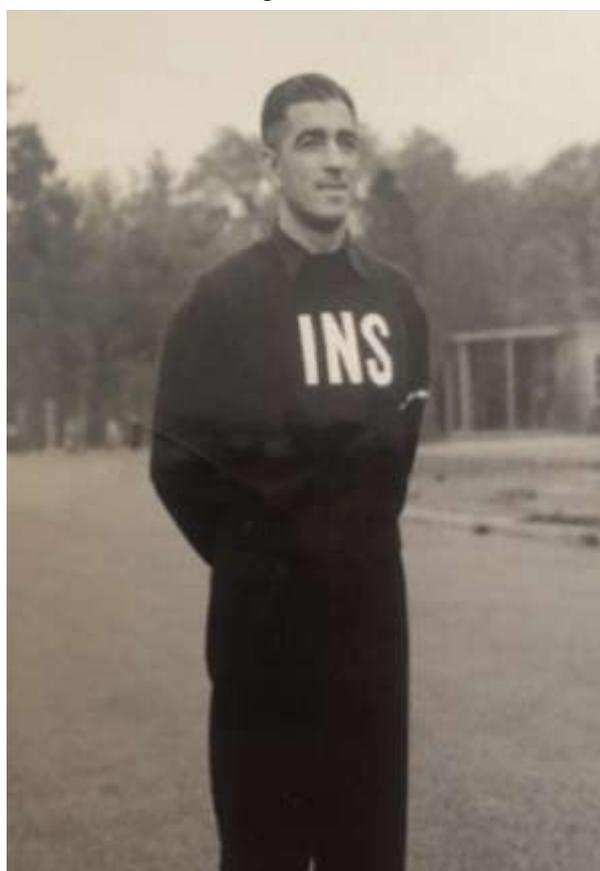
²³⁷[...] le sport n'a de valeur formative qu'à la condition qu'enfants et adolescents y soient initiés et préparés par des éducateurs capables, faisant en sorte qu'il n'y ait, du fait de l'opposition des forces et des caractères, ni orgueil, ni vanité excessifs, ni haine, ni mépris, ni rancune chez les vainqueurs et les vaincus. Nous savons bien que le sport exaspère les passions, mais c'est à l'éducateur de les calmer, d'enseigner l'esprit du jeu et du sport et de montrer au futur citoyen la nécessité d'être honnête et de composer avec ses semblables. BAQUET, Maurice. *Héraclès*, n.13, 1947, s/p.

INS. Nos dois periódicos escrevia artigos para grande parte dos números lançados. Ora dedicando-se a tratar da concepção de educação esportiva que elaborou em parceria com outros professores do *INS*, ora abordando outros temas, usualmente ligados ao papel social do esporte, Baquet toma esses dois veículos como porta-vozes de suas ideias, principalmente entre os anos de 1946 e 1955.

Por certo, as ideias de Baquet antes de sua inserção no *INS* foram basilares para a elaboração da concepção desenvolvida pela instituição. No entanto, se elas foram, num primeiro momento, inspiradoras da proposta, é fundamental reconhecer que a sistematização de uma educação esportiva que viria a ser conhecida como *Éducation Physique Sportive Generalisée* extrapolou e, em certo sentido, se desviou de suas origens. Isso se deu por duas razões: a institucionalização da proposta, pois, a partir do momento em que Baquet se inseriu no *INS*, ela passou a ser domínio e referência da instituição e não mais apenas de um autor; e a co-autoria de outros professores, em especial Auguste Listello, que incorporou outras visões e proposições.

3.2.2 Auguste Listello

FIGURA 3 – Auguste Listello no *INS*, 1949



Fonte: Acervo Pessoal do Professor Nestor Soares Público

Nascido no ano de 1913, na cidade de Boghar, Argélia, Auguste Listello deixou definitivamente seu país no ano de 1928 para residir e trabalhar na França. Nessa data, se inseriu na *École de Mousses*, também conhecida por *École de Apprentis Marins*, onde iniciou sua formação na Marinha Francesa. O ingresso de Listello no campo militar, em um primeiro momento, foi caracterizado por uma escolha mais pragmática que ideológica. Em um trabalho organizado por ele mesmo, contendo detalhes de sua vida profissional²³⁸, afirmou que sua entrada nessa instituição se deu não por vocação, mas para tentar prover um futuro melhor para ele e para sua família. Em 1929 deixa a *École de Mousses*, ingressando, no ano seguinte, na Legião Estrangeira, onde permaneceu por dois anos. Assim como em sua primeira inserção na Marinha, a escolha pela Legião Estrangeira se deu por questões de subsistência.²³⁹ No entanto, essas duas instituições e a experiência por elas proporcionada se mostraram referências importantes para sua formação inicial e para sua conseqüente dedicação ao campo das atividades físicas e esportivas.

Listello retorna à Marinha em 1931, permanecendo aí até o ano de 1945. Nesse período assumiu diferentes funções ligadas ao serviço próprio da Marinha, mas também, ao longo de sua ascensão na carreira militar, foi construindo uma trajetória cada vez mais vinculada aos esportes. De atleta em diferentes modalidades esportivas nos primeiros anos da Marinha, como futebol, marcha esportiva e cross-country a monitor-chefe de Educação Física e Esportes na escola naval denominada *Académie de Paris* até 1944, a passagem de Listello pela Marinha lhe deu a base de sua formação e lhe abriu possibilidades de ampliação da rede de contato com o campo dos esportes e da Educação Física, tanto o militar quanto o civil.²⁴⁰

Em 1941, concomitantemente a seu trabalho na Marinha Francesa, estagiou no *Collège National des Moniteurs et Athlètes* (Colégio Nacional de Monitores e Atletas – CNMA). Mesmo tendo sido instituído em 1940 com o propósito de se tornar um centro civil de formação de professores e monitores de Educação Física para atuar na educação básica

²³⁸Esse trabalho foi uma organização de documentos feita por Auguste Listello, na década de 1990, contendo informações, artigos, fotografias, correspondências, entre outros documentos, sobre toda sua vida profissional. Foi organizado em dois tomos: no primeiro são destacadas as instituições e as funções em que trabalhou até a década de 1950, prioritariamente; e no segundo são apresentados os trabalhos realizados até a década de 1990, bem como as publicações, as comissões e as associações das quais participou. A materialidade do documento indicia uma expectativa de publicação ou, ao menos, de estabelecer uma visão de sua própria história, caso alguém se dispusesse a contá-la. Possui um sumário com as páginas numeradas. Grande parte dos capítulos se inicia com um breve relato do que foi o tempo de trabalho naquela determinada instituição, seguido dos documentos correspondentes. Listello intitulou esse trabalho como *Recueil – Memoires: une vie professionnelle mouvementée et passionnante* (Recordações – Memórias: uma vida profissional movimentada e apaixonante). Esse material foi doado para esta pesquisa pela filha de Auguste Listello, Marina Listello. Conferir Capa, Contracapa e Sumário nos ANEXOS C, D e E.

²³⁹LISTELLO, A. *Recueil – Memoires: une vie professionnelle mouvementée et passionnante*, s/d.

²⁴⁰*Idem*.

nacional, o CNMA guardou fortes relações com as Forças Armadas francesas. Sua criação surge das negociações entre a *Direction de l'éducation générale et sportive* (Direção de Educação Geral e Esportiva), pertencente ao *Ministère Jeunesse et Sports*, e as Forças Armadas, para a transformação do Centro de Educação Física militar de Antibes em um centro de educação física civil. A herança militar do CNMA parece não ter findado nessa questão. De acordo com Levet-Labry (2007), os professores recrutados para iniciar os trabalhos nesse estabelecimento pertenciam à vertente militar da Escola de Joinville. Não obstante, valores como disciplina, dever e confiança foram incorporados à rotina do Colégio.

Apoio-me nas reflexões de Faria Filho *et al.* (2009) acerca da importância das relações que constituem o sujeito, suas filiações, institucionalizadas ou não, na reconstrução de suas trajetórias para atentar para o fato de que a instituição Marinha Nacional Francesa foi significativa na formação e na atuação de Auguste Listello. Embora essa herança não tenha sido destacada nas principais obras individuais e coletivas do professor, ela se fez presente na sua formação pessoal e na sua postura profissional.

A ênfase nas ideias relativas à formação do caráter e da disciplina como orientação para o ensino da Educação Física pode também ser percebida nas entrevistas concedidas pelos professores Antônio Boaventura da Silva, Nestor Públio Soares e Laércio Elias Pereira ao se referirem à condução das aulas ministradas por Listello nos cursos de formação de professores no Brasil.²⁴¹ Ainda que em seus textos ele dissertasse sobre a função da Educação Física na formação e na preparação para a vida por meio de uma “educação corporal, educação do caráter, educação social e, sobretudo, humana”²⁴², nos relatos desses professores se percebe de que forma a conduta moral foi orientadora do seu trabalho como professor, autor de sua prática, e não somente como o autor do método. Estabeleço essa relação professor/autor a fim de destacar que esse sujeito assumira essas duas funções complementares e concomitantemente, mas entendendo que cada uma delas possuía características específicas, dadas pelos lugares de sociabilidades, pelos sujeitos em contato e pelas particularidades de produção/atuação nos diferentes momentos de sua trajetória.

Em 1945, Listello exonerou do serviço militar naval e se inseriu no *Institut National des Sports* (INS), o que não significou que seus vínculos com a Marinha tenham sido totalmente rompidos. Organizou em 1950, ainda que publicadas em 1956, duas apostilas para a Marinha Nacional denominadas *Guide d'entraînement physique des équipages* (Tome

²⁴¹BOAVENTURA DA SILVA, Antônio. Entrevista cedida a Carlos Martinez em 2002.

PÚBLIO, Nestor Soares. Entrevista cedida a Luciana Cunha em 23 de março de 2016.

PEREIRA, Laércio Elias. Entrevista cedida a Luciana Cunha em 02 de dezembro de 2015.

²⁴²LISTELLO, 1953, p. 24.

Premier; Tome Second) que serviriam como “[...] um instrumento de trabalho cômodo e eficaz, que permite organizar a prática desses exercícios em todas as circunstâncias” a fim de “[...] facilitar ao máximo o trabalho do Comando colocando à disposição de todos os seus, especializados ou não [...] a quem incumbe a função de treinamento físico”.²⁴³ Essa obra, que também chegou ao Brasil pelas mãos do próprio professor Listello, guarda estreitas relações com a EPSG. Ainda que não seja nomeada ao longo da obra, a organização e o modelo de ensino são fieis à EPSG, mesmo que direcionada para outro público.

Durante os anos de 1945 a 1958, Auguste Listello dedicou seu trabalho ao INS, onde ocupou as funções de professor, de diretor técnico-pedagógico e de chefe da comissão Educação Física Esportiva (Estudo e Experimentação) para a elaboração de “[...] uma certa concepção de ensino e de educação à partir das atividades físicas, esportivas e de lazer”.²⁴⁴

Concomitantemente ao seu trabalho no Instituto, na década de 1950 assumiu a responsabilidade de ministrar cursos nos Estágios Nacionais da *Union Sportive de l'Enseignement del Premier Degré* (União Esportiva de Ensino do Primeiro Grau - USEP). A USEP foi um órgão governamental, oficializado em 1950, responsável pela iniciação e organização esportiva nas escolas do primeiro grau. Os Estágios foram criados em 1951 e tinham por objetivo

[...] desenvolver a competência dos mestres em Educação Física, mas, sobretudo, fixar nos novos tempos a visão concreta da USEP na França [...] propiciando aos estagiários, instrutores, professores e inspetores, vindos de todas as regiões da França, um momento para exporem suas necessidades e reforçando os meios de continuarem sua missão.²⁴⁵

Dessa função originou-se um projeto, sob a coordenação de Listello, de organização de Informação Pedagógica e de Documentação Técnica sobre a iniciação esportiva nas escolas de primeiro grau.²⁴⁶ Em outra frente de trabalho, nesse mesmo período, Listello acumulou também a função de preparador físico da equipe francesa de Sky e de diretor dos Estágios de treinadores de futebol da Federação Francesa de Futebol. As diferentes inserções de trabalho com o esporte parecem ter influenciado as formulações individuais e coletivas de Auguste Listello sobre a concepção de educação esportiva que desenvolveu tanto no INS quanto após sua saída.

²⁴³BARJOT, 1956, p. II in LISTELLO, 1956.

²⁴⁴LISTELLO, 1999, p. 04.

²⁴⁵HAURE-PLACE (Presidente da Comissão Nacional Técnica da USEP). *Le Sport dans le premier degré ou ...l'USEP à l'école*. In: LISTELLO, A. *Recueil – Memoires: une vie professionnelle mouvementée et passionnante*, s/d, p. 234/1.

²⁴⁶Comitê Nacional da USEP. *Ordre du jour de la réunion du Comité National de l'USEP*. 03 de março de 1955.

Aquelas primeiras influências da Marinha, produtoras de uma compreensão do papel do esporte na formação do sujeito, somaram-se às concepções e aos projetos desenvolvidos no âmbito do INS, delineando não apenas os caminhos traçados por Listello, como também uma abordagem da Educação Física que circulou de maneira expressiva no contexto brasileiro. Afinal, as características singulares à trajetória do professor Auguste Listello influenciaram a elaboração da EPSG na França e também marcaram o modo de ver e de conceber essa proposta no Brasil.

Dessa forma, parece-me plausível considerar que Maurice Baquet foi o idealizador dos conceitos balizadores e que Auguste Listello foi quem materializou, no que tange às questões didático-metodológicas, as orientações da *Éducation Physique Sportive Generalisée*.

3.3 A *Éducation Physique Sportive Generalisée*: do conceito à sistematização do fazer

*[...] os promotores do esporte educativo, a partir dos anos cinquenta, defenderam a ideia de que ele pode, bem como a educação física de base, se tornar o suporte de uma educação motora transformando habilidades (potenciais) em capacidades. Além disso, a escola deve atualizar seus programas e conteúdos de ensino que deverão atender as motivações e interesses dos alunos. [...] Na década de sessenta, a vontade política superou as últimas resistências corporativas à introdução de esporte nos programas de ensino. A Ginástica do vovô morreu... mas a vitória da corrente esportiva é o prenúncio de dificuldades...*²⁴⁷ (Tradução livre da autora).

Em um complexo exercício de demarcação de lugares e estabelecimentos de novas práticas culturais e políticas, a adesão ao esporte pela escola foi gradativamente se realizando e sendo aceita pela sociedade francesa. De alguma maneira, o esporte passou a representar mudanças muito caras a esse período da história. Era necessário formar uma população que fosse capaz de lidar com os novos tempos e o esporte, tanto dentro quanto fora da escola, apresentou códigos necessários a essa transformação. Incorporar o esporte ao cotidiano das pessoas era uma forma de inseri-las nos novos ritmos, como se sua prática expressasse os diferentes aspectos da vida social. E dessa prática, muito poderia ser aprendido.

²⁴⁷ [...] les promoteurs du sport éducatif, à partir des années cinquante, défendent l'idée qu'il peut, tout aussi bien que l'éducation physique de base, devenir le support d'une éducation motrice en transformant des aptitudes (potentielles) en capacités. De plus, l'École doit actualiser ses programmes et contenus d'enseignement ne serait-ce que pour répondre aux motivations et intérêts des élèves. Au formalisme des "leçons" doit succéder le "réalisme" culturel : pas d'éducation physique anachronique. Dès les années soixante, la volonté politique vient à bout des dernières résistances corporatives à l'introduction du sport dans les programmes d'enseignement. La gymnastique de grand-papa est morte... mais la victoire du courant sportif est annonciatrice de difficultés... ATTALI; SAINT-MARTIN, 2015, p. 188.

Nesse clima cultural e político, os anos de 1950 foram reconhecidos como um tempo de aprofundamento do debate e das proposições ao esporte escolar e a década de 1960 foi seu período de consolidação. O debate e a promoção de novos modos de fazer esporte na escola configuraram-se como uma prática cultural, em que sujeitos e instituições, em seus múltiplos movimentos, possibilitaram a produção de sentidos para esse encontro entre esporte e escola. Dentre as experiências provocadas por esse novo fazer educativo, o INS e seu corpo docente se mostraram precursores ao elaborar uma proposta de educação esportiva já em meados da década de 1940.

A primeira publicação sobre a sistematização do ensino da educação esportiva do INS foi veiculada na Revista *Héraclès*, em 1946. O artigo intitulado *La doctrine d'Éducation Sportive*, escrito por Baquet, foi dividido em dois números dessa revista – 01 e 02 – e teve por pretensão apresentar os fundamentos básicos da concepção empreendida. Segundo Baquet, tal elaboração partiu de uma demanda do Ministério da Educação Nacional, tendo como propósito inicial a promoção do esporte na sociedade:

Face ao exposto, a Direção de Esportes nos encarregou de estudar, em acordo com os técnicos de cada federação esportiva, uma doutrina de educação esportiva destinada às sociedades esportivas e se propondo a preparar o esporte pelo esporte. [...] Trata-se de obter de nossos adolescentes o que eles são capazes de praticar, fora a natação e o atletismo que são obrigatórios, um esporte individual ou ao ar livre, um esporte coletivo e um esporte de combate. O projeto estabelecido e experimentado pelo Instituto Nacional de Esportes inclui dois tipos de sessão:

1. Uma educação esportiva
2. A outra, de treinamento ou de especialização esportiva.²⁴⁸ (Tradução livre da autora).

Nesse conjunto de informações, é possível perceber que a elaboração de princípios para uma educação esportiva pelo INS se forjou a partir da conjunção de motivações internas e externas à própria instituição. Como escopo teórico, a proposta se baseou nos trabalhos de Maurice Baquet previamente desenvolvidos à sua entrada no INS. É possível inferir que a inserção de Baquet nessa instituição revelou-se uma real possibilidade de promoção de suas ideias, bem como certa liberdade para desenvolvê-las. Conforme

²⁴⁸*Etant donné ce qui précède, la Direction des Sports nous a charges d'étudier, em accord avec les techniciens de chaque fédération sportive, une doctrine d'éducation sportive destinée aus sociétés sportives et se proposant de préparer au sport par le sport. [...] Il s'agit d'obtenir de nos adolecents, qui'ilssoient capables de pratiquer, em dehors de la natation et del'athletisme obligatoires, um sport individuel ou de plein air, um sport colletif et um sport de combat.*

Le projet établi et experimete par l'Institut National des Sports comprend deux sortes de séance:

1° L'une education sportive

2° L'autre, d'entrainement ou de spécialisation sportive.

BAQUET, Maurice. La doctrine d'éducation sportive. *Héraclès*, n.02, 1946, s/p.

apresentado por Levet-Labry (2007), Baquet teve nesse instituto um lugar de propagação de suas ideias, seja por cursos de formação, seja por publicações em revistas.

Como motivação política, a educação esportiva pretendida pelo INS atendeu também as prerrogativas da Direção Geral da Juventude e Esportes, ligada ao Ministério, que constatou certa carência na formação dos alunos das escolas francesas relativa à baixa inserção de jovens na prática esportiva. A elaboração dessa proposta se apresentou, portanto, como uma experiência possível diante das demandas social, política e cultural cada vez mais fortes em favor do esporte na França.

Conforme já anunciado, no universo das publicações especializadas do campo da Educação Física, as revistas *Cahier Technique et Pedagogique INS*, *Héraclès*, *Les Stagiaires* e *Éducation Physique et Sports* se tornaram espaços importantes de visibilidade acerca do que se pensava e se produzia no tocante à educação esportiva. No entanto, é importante retomá-las a fim de destacar que assumiram posições e papéis diferentes no debate da área. Enquanto a *Cahier Technique et Pedagogique INS* apostava na difusão de ideais relacionadas à educação esportiva, as revistas *Héraclès*, *Les Stagiaires* e *Éducation Physique et Sports* quase sempre não se posicionavam a favor ou contra determinada concepção de Educação Física. Isso implica dizer que esses periódicos publicavam, em maior ou menor grau, artigos que traziam ao debate diferentes, e em alguns casos até divergentes, perspectivas de Educação Física. De maneira geral, a elas importava tornar público “[...] tudo que interessa diretamente ou indiretamente à Educação Física e aos Esportes”, considerando que todas as concepções “podem e devem ser expressas”.²⁴⁹ “Abertas a todos aqueles que se interessam pela Educação Física [...]”²⁵⁰, tais revistas refletiam a posição dos órgãos e/ou instituições a que estavam vinculadas. Nesse movimento, a *Cahier Technique et Pedagogique INS* se destinou a divulgar as ações do próprio instituto e de outras instituições que compartilhavam de sua concepção.

Dessa forma, os caminhos de análise possibilitados pela mobilização desses periódicos se mostraram importantes para a compreensão dos discursos e práticas que representaram as formas de organização e mobilização do campo naquele período.²⁵¹ Uma análise dos artigos publicados por Listello e Baquet possibilitou reconhecer nuances das diferentes fases da construção da *Éducation Physique Sportive Generalisée*, bem como mudanças no léxico e nas ideias que constituíram e deram sentidos a essa concepção. Iniciativas de publicações dessa natureza colocaram em evidência um conjunto de

²⁴⁹Éditorial. *Héraclès*, n.03, dez. de 1948, p.18.

²⁵⁰Comité de redaction. Ensemble. *Education Physique et Sports*, n.17, out. de 1953, p.03.

²⁵¹A construção deste argumento se baseia nas ideias de Catani e Bastos (1997).

argumentações e formulações pedagógicas que pareceram ser fundamentais a esses autores, tanto pela sua recorrência nos diferentes artigos, quanto pela forma com que eram apresentadas. Consequentemente, foi pela leitura desses periódicos que se tornou possível discutir o papel de cada um desses autores na elaboração da EPSG.

Um dos elementos recorrentes em seus textos era a defesa da função educativa dos jogos e esportes na formação das crianças e jovens. Os autores afirmavam que se os esportes fossem trabalhados de maneira coerente e direcionados por professores qualificados, poderiam proporcionar a “formação de um ser humano *equilibrado*, integrado harmoniosamente à sociedade”, ao “agir utilmente sobre os corpos, o espírito e a personalidade” das crianças, dos jovens e também dos adultos.²⁵² Nessa linha de pensamento, os autores se mostraram preocupados em atuar na educação de jovens e de crianças compreendendo as “diversas manifestações da vida e o indivíduo de uma maneira integral” e não apenas a partir de uma visão limitada ao “domínio técnico e/ou anatômico” de seus corpos.²⁵³ O valor formativo do esporte se apresentava tanto do ponto de vista “físico” e “técnico”, quanto “social”, “intelectual” e de formação da “personalidade”.²⁵⁴ Para tanto, eles se fundamentavam na compreensão de que o esporte é uma importante manifestação da vida coletiva e, como tal, não poderia ser esquecida e ter suas possibilidades educativas menosprezadas nos tempos e espaços relativos ao ensino da Educação Física.

Essa linha argumentativa, que é nuclear da proposta, suscita questões importantes para sua compreensão. Uma primeira pergunta que se fez fundamental para esta análise foi: Quais características relativas aos jogos e aos esportes os tornavam um meio tão importante de promover a educação? Aliás, para responder a essa interrogação foi fundamental reconhecer a referência aos jogos e aos esportes como *meio de formação* da Educação Física. Expressões como “Educação Física através do esporte” e “o esporte como meio de formação” foram representativas no anúncio das ideias de Listello e Baquet. O esporte não era em si, na proposição desses professores, a razão final nem o conteúdo absoluto da Educação Física. Para eles, o valor da Educação Física na escola, e na sociedade como um todo, era de “ordem corporal”, ou seja, vinculado aos seus fatores “funcionais, higiênicos e estéticos” e o esporte entrava nessa perspectiva como uma possibilidade de atrair e formar, “por prazer” e não “por dever”, os futuros cidadãos.²⁵⁵ Sobre tal entendimento, Listello publicou um artigo em que

²⁵² BAQUET, Maurice. Le Sport et l'éducation sportive. *Héraclès*, n.14, 1947, p.08, grifos do autor.

²⁵³ LISTELLO, Auguste. 1953, p. 24.

²⁵⁴ BAQUET, Maurice. La doctrine d'éducation sportive. *Héraclès*, n.01, 1946, s/p.

²⁵⁵ BAQUET, Maurice. La doctrine d'éducation sportive. *Héraclès*, n.01, 1946, s/p.

sintetizou as principais preocupações suas e de Baquet na elaboração da proposta e esclareceu algumas questões que parecem ter sido colocadas a eles:

Os exercícios que nós preconizamos são o resultado da experiência e de uma longa observação do trabalho corporal em todas as suas formas (educação física, ginástica de manutenção, iniciação esportiva). Eles são uma síntese destas diferentes atividades e marcam uma evolução que nós constatamos, de fato, em muitos países. Em outras palavras, não é um novo método como alguns têm pensado, mas uma sábia utilização de velhos sistemas de educação física. Em função do poder atrativo que o esporte exerce sobre o espírito dos jovens e até mesmo dos adultos, nós o consideramos tanto como um *objetivo* quanto como um *meio*; é por isso que, como o Sr. Baquet escreveu, nós queremos ganhar as mentes de milhares de jovens (meninos e meninas) para a prática de atividades físicas.²⁵⁶ (Grifos meus). (Tradução livre da autora).

A EPSG foi tomada como forma de reconfiguração de outros modos de fazer Educação Física, reordenando as estruturas e as práticas conformadoras do processo de ensino e centralizando o papel dos jogos e dos esportes na formação dos jovens. Ao enxergá-la como síntese, Listello estabeleceu um modo de conciliar, propor e legitimar a premissa de que as diferentes formas de trabalho corporal da Educação Física eram partes indissolúveis de um todo. Porém, anunciar os jogos e os esportes como *objetivo* e *meio* era necessário para o projeto de incorporação dessas práticas ao cotidiano de crianças e de jovens para, conseqüentemente, torná-la uma prática cultural imbricada em diferentes tempos e espaços sociais. Isso implica considerar a *Éducation Physique Sportive Generalisée* mais que uma simples convenção metodológica para o ensino dos esportes. A proposta, que pretendia “ganhar as mentes de milhares de jovens”, tanto meninos quanto meninas, pode ser lida como uma das bases de um processo de convencimento para uma mudança de costumes. Essa passagem retoma a ideia, anteriormente anunciada por Dumazedier e demais autores (1980), de formação social pelo esporte. Tomando essa ideia como referência, a prática esportiva torna-se parte de um processo de educação social, na medida em que possibilita o acesso de toda uma sociedade a elementos culturais importantes para sua dinâmica. Essa ideia também serviria como ponto de partida para variadas reflexões, principalmente se tal modo de olhar para a educação esportiva se iniciasse na infância e nas escolas. Esses debates são aqui

²⁵⁶*Les exercices que nous préconisons sont les résultat de l'expérience et d'une longue observation du travail corporel sous toutes ses formes (éducation physique, gymnastique de maintien, initiation sportive). Ils constituent une synthèse de ces différents activités et marquent une évolution que l'on constate, d'ailleurs dans nombreux pays. Autrement dit, il ne s'agit pas d'une nouvelle méthode comme certains on pu le penser, mais d'une judicieuse utilisation des anciens systèmes d'éducation physique. En raison du pouvoir attractif qu'exerce le sport sur l'esprit des jeunes et même des adultes, nous le considérons à la fois comme un but et un moyen; c'est pourquoi, comme l'a écrit M. Baquet, nous voulons gagner l'esprit de milliers de jeune (garçons et filles) à la pratique des activités physiques.* LISTELLO, Auguste. Précisions sur la doctrine de l'éducation sportive. *Héraclès*, n.26, jun. de 1948, p.19.

tomados como ponto de convergência entre uma visão sociológica e uma visão pedagógica do esporte: transformação da vida cotidiana, possibilidade de emancipação, sentimento de coletividade, educação da vontade. Ambas as visões, a partir de direcionamentos diferentes, mas não contrários, anunciaram possibilidades educativas capazes de modificar hábitos e costumes.

Para tanto, era necessário reformular, no plano mais concreto, as orientações didáticas e metodológicas, assumindo a presença do esporte como um modo possível de fazer Educação Física. O direcionamento dessa sistematização do processo de ensino tomou como referência a possibilidade de formar cidadãos, obviamente, mas cidadãos emancipados, capazes de agir, capazes de escolher e com senso de coletividade e de solidariedade. Ideias que associavam a disciplina, o civismo, mas também a vontade, manifestada pelo querer agir em prol de algo que é coletivo. Os novos tempos pediam indivíduos capazes de agir e uma concepção da Educação Física que adotava a centralidade do fortalecimento e do desenvolvimento muscular não seria capaz de cumprir tal objetivo, formando apenas sujeitos individualistas.

Esse era, por sinal, um dos principais argumentos dos autores a favor da educação esportiva quando confrontada com outros sistemas de ensino caracterizados pela rigidez, pela obrigatoriedade da prática e limitados à reprodução de exercícios corporais que visavam apenas o desenvolvimento físico. Afinal, como conseguiriam formar sujeitos emancipados se o sistema educativo constringia a todo momento seus sujeitos em formação? De fato, para os autores da EPSG, a presença dos jogos e dos esportes nas aulas de Educação Física era importante, pois promovia situações de ensino em que problemas e dificuldades poderiam ser superados e também proporcionavam oportunidades de aprendizado que tinham como foco o agir coletivo em prol de um objetivo comum.

Listello e Baquet criticavam os métodos de ensino que cerceavam a liberdade de escolha e a participação ativa do aluno nas atividades propostas, mas não o conteúdo central delas, que era a ginástica. Para eles, o problema da Educação Física baseada apenas na cultura física e nas ginásticas estava na ausência, em suas aulas, de atividades e conteúdos que possuíssem elementos importantes para o conhecimento de si e para a formação para a vida dos jovens como a auto emulação, a competição, o antagonismo. Nesse sentido, a inserção do esporte na Educação Física proposta pelo INS não negava nem abandonava, *a priori*, a ideia de uma “educação física de base”²⁵⁷, mas nela se apoiava, transformando-a no alicerce da

²⁵⁷ Expressão utilizada pelos autores para designar exercícios ginásticos e/ou preparatórios.

aprendizagem esportiva. Como o próprio Listello sinalizou no artigo *Précisions sur la doctrine de l'éducation sportive*, da revista *Héraclès* de 1948, todas as atividades físicas interessavam à EPSG, mas os jogos e os esportes eram o seu *objetivo e meio* de formação principal.

Retornando a questão anunciada anteriormente, as características comumente associadas por Listello e Baquet a fim de conferir aos jogos e aos esportes a sua potencialidade como meio de formação foram a *auto emulação*, forma de luta contra si mesmo, e a *competição*, forma de luta contra o outro. Para esses autores, a iniciação esportiva compreendia a aprendizagem da vida, uma vez que, assim como os jogos e os esportes, ela comportava momentos de luta e enfrentamento com os outros e consigo mesmo. Os atos de comparar e concorrer proporcionados pela prática esportiva eram, portanto, a base do conhecimento de si e dos outros. Era nesses momentos de luta que impulsos e instintos nocivos à vida social poderiam surgir e, com isso, caberia a ação do professor: educar e disciplinar para uma competição sã e honesta.²⁵⁸ Nesse sentido, a auto emulação e a competição parecem ter sido elementos indissociáveis para o conhecimento e para o domínio de si mesmo. Conhecer a si e aos outros para controlar o seu corpo, a sua ação no mundo. Conhecimento esse mediado pelo olhar e pela ética do professor. Nesse emaranhado, modos de agir e de estar no mundo aparecem como lugares de ação educativa orientados pelo e com o esporte.

Embora sempre enfatizando a vida em sociedade, a ideia de esporte cooperativo e solidariedade foi pouco abordada nas publicações sobre a proposta. A premissa de realização de um trabalho coletivo a fim de alcançar um objetivo mútuo era considerada como parte salutar dos jogos competitivos e não, necessariamente, como algo que só poderia ser encontrado em atividades de não enfrentamento. Conforme apresentado, os objetivos comuns e as atitudes compartilhadas participam do processo de formação social provocado pela competição, sendo fundamentais para a educação das crianças e dos jovens, desde que orientado pelo professor. Essas ideias de competição e auto emulação, recorrentes no conjunto argumentativo da EPSG, parecem comportar uma inspiração liberal, em que cada aluno se vê inclinado a encontrar a sua orientação, por meio do seu próprio esforço. Apesar de não citar diretamente nenhum autor desse campo do pensamento, a defesa da ideia de que a competição transforma e se apresenta como meio fundamental para a apreensão da vida em sociedade e para o seu bom funcionamento pareceu orientar parte do trabalho nessa proposta. Não

²⁵⁸BAQUET, Maurice. Éducation Sportive. Première étape: l'initiation sportive. *Cahier Technique et Pédagogique INS*, n.3, mai.-jun. de 1949.

obstante, o conceito de desenvolvimento do gosto pelo esforço é referência basilar para a iniciação esportiva pretendida.

Foi recorrente também nos artigos de Listello e de Baquet a argumentação dos vícios e potencialidades do esporte como meios de educação e, com isso, a necessidade de formação de educadores capazes de bem orientar o processo de aprendizagem das crianças e dos jovens. Dessa maneira, uma grande preocupação dos autores foi a formação de professores e instrutores que estavam, ou que ainda entrariam, em contato direto com a educação de jovens e de crianças. O caminho encontrado para formar e possibilitar o acesso dos professores a essa proposta foi caracterizado por duas ações: a divulgação massiva de modelos de sessões de ensino²⁵⁹ da EPSG nos periódicos e a promoção de cursos e palestras em diferentes espaços de formação em Educação Física.

Referente à primeira ação, foram divulgados sistematicamente nos primeiros 23 números da revista *Cahier Technique et Pedagogique INS*, entre os anos de 1947 e 1952, artigos apresentando os conceitos orientadores da proposta, seus objetivos, características e exemplos de construção e sequência de atividades pertinentes ao ensino da EPSG. Nos demais exemplares da revista até o ano de 1959, as publicações sobre a proposta tornaram-se um pouco mais esparsas, mas não deixaram de ter um número de artigos expressivos em comparação com outras atividades desenvolvidas no INS. Apesar desse periódico constituir-se como espaço fundamental para a propagação das ideias de Baquet e Listello, eles também publicaram em outras revistas, com objetivo de fornecer elementos para a compreensão e para a aceitação de uma outra Educação Física²⁶⁰:

É necessário para isso [desenvolver a Educação Física pelo esporte], educadores competentes e entusiastas, é necessário formá-los e guiá-los. É para ajudá-los que nós trazemos o exemplo de sessão de ensino a seguir. Nós não devemos nos fechar em uma fórmula rígida, cada um deve agir com *bom senso*, em função do meio, das necessidades daqueles a quem nos direcionamos.²⁶¹ (Tradução livre da autora).

²⁵⁹Por “modelos de sessão de ensino” entende-se um formato de aula que não é pronto e fechado, como havia no Método Francês, por exemplo. Tratava-se de um repertório de atividades organizado em uma sugestão de sequência pedagógica que pressupunha dos professores alguns saberes para que eles elaborassem aulas direcionadas para suas turmas.

²⁶⁰Listello e Baquet participaram ativamente das discussões de seu tempo por meio desses periódicos, escrevendo artigos na grande maioria dos números publicados pela *Cahier Technique et Pedagogique INS* desde a sua criação, em 1947, ao seu encerramento, em 1959; da mesma forma na *Héraclès*, de 1946 a 1950; e, em menor medida, na *Éducation Physique et Sports*, de 1958 a 1970, e na *Les Stagiaires*, entre 1946 e 1953.

²⁶¹*Il faut pour cela des éducateurs compétents et enthousiastes, il faut les former et les guider. C'est pour les aider que nous donnons l'exemple de séance qui suit. Nous ne devons pas les enfermer dans une formule rigide, chacun doit agir avec bon sens, en fonction du milieu, des besoins de ceux auxquels il s'adresse.* BAQUET, Maurice. *Éducation Sportive. Héraclès*, n.05, julho de 1946, p.7, grifos do autor.

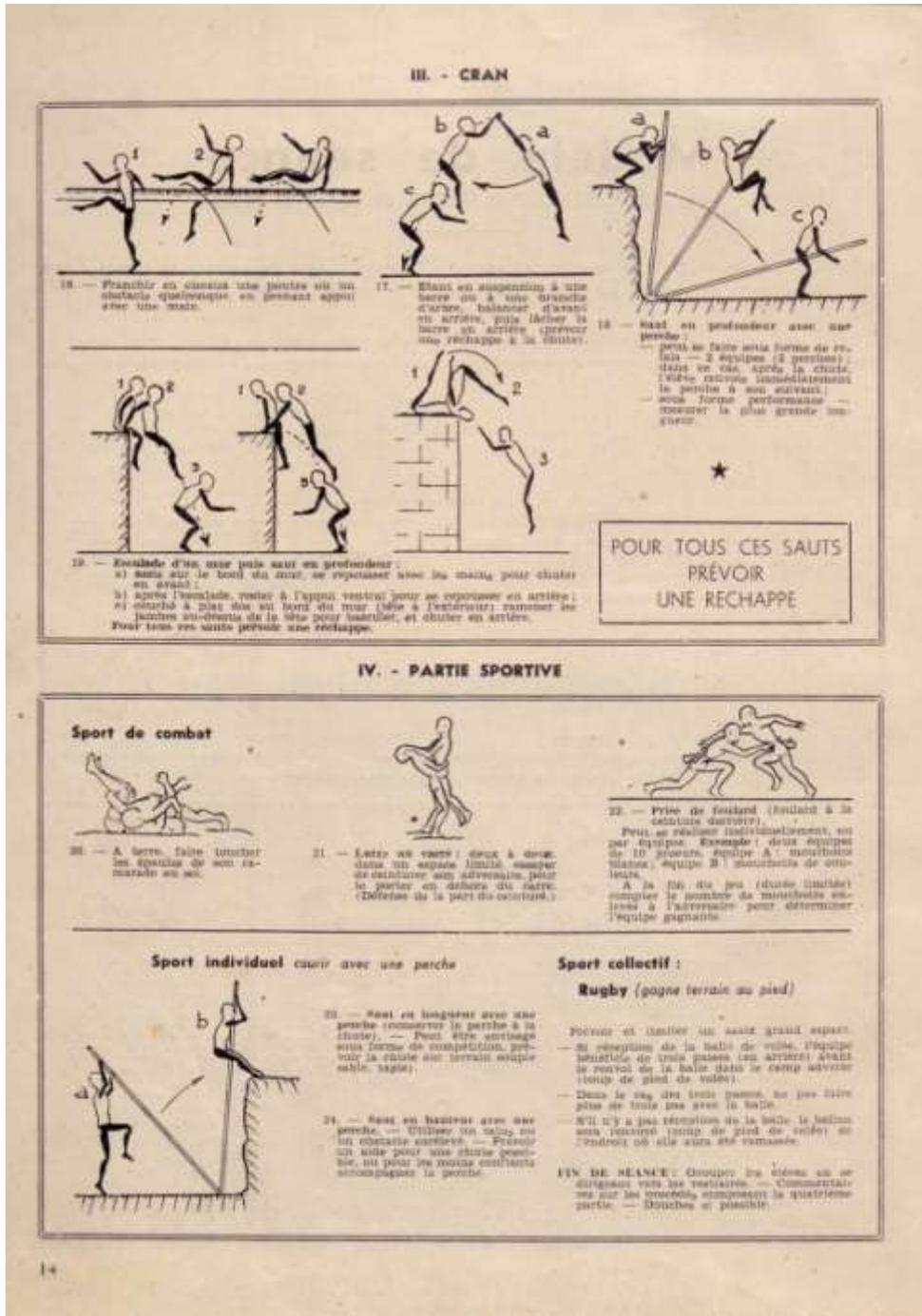
Tais modelos de ensino apontados por Baquet foram dispositivos utilizados recorrentemente para a apresentação do que seria uma aula estruturada sob a orientação do INS. Do ponto de vista de seu conteúdo, eram essencialmente descritivos e enfatizavam uma sequência pedagógica direcionada pela técnica dos movimentos específicos de cada modalidade esportiva. Ao traduzir essas ideias para o leitor, os autores se apoiaram na linguagem visual. Cada etapa da aula era apresentada com descrições dos exercícios acompanhadas da sua representação gestual, conforme mostrado nas FIGURAS 4 e 5.

FIGURA 4 – Modelo de sessão Educação Esportiva Generalizada (1/2)



Fonte: *Cahier Technique et Pedagogique INS*, n.01, 1947

FIGURA 5 – Modelo de sessão Educação Esportiva Generalizada (2/2)



Fonte: *Cahier Technique et Pédagogique INS*, n.01, 1947

A primeira parte, denominada *Mise en train* (Aquecimento), corresponde aos exercícios considerados por eles como de efeito higiênico: preparação muscular, articular e nervosa, além de informar ao corpo, de maneira prudente, sobre o início do exercício. A segunda parte, denominada *Assouplissement et Développement musculaire* (Flexibilidade e Desenvolvimento muscular), considerada como a parte formativa, consiste em exercícios de efeito morfológico, como os de flexibilidade e tonificação muscular. *Agilité e Cran* (Agilidade e *Cran*), como é chamada a terceira parte, caracteriza-se pelo efeito sobre o caráter por meio de atividades técnicas capazes de desenvolver o gosto pelo risco, adquirir a confiança em si e o domínio do corpo. Por fim, a *Applications Sportives* (Aplicações Esportivas), como o próprio nome sugere, destina-se à realização de jogos, esportes individuais, coletivos e de combate, considerando suas formas competitivas e recreativas, tendo caráter de emulação coletiva.²⁶² Em conjunto, essas quatro partes possuíam uma lógica que era processual, sendo cada uma delas considerada dimensão formativa importante para o ensino do esporte. Nesse sentido, fez-se notar que a tradição francesa em relação aos exercícios ginásticos não é necessariamente abandonada, mas sim, reconfigurada, tendo em seu horizonte não mais o aprendizado do gesto corretivo, mas sim, o aprendizado do gesto esportivo.

Tanto nos artigos de cunho mais conceitual quanto nos modelos de sessões de ensino veiculados nas páginas desses periódicos, parece evidente que a formação promovida pelos autores do INS enfatizava os conteúdos esportivos a partir de processos de aprendizado técnico. A ideia de progressão dos exercícios ao longo da sessão (ou das sessões) para que, ao fim, o aluno pudesse realizar a execução correta do gesto esportivo foi importante na organização do ensino. A fragmentação do gesto esportivo era considerada pelos autores da EPSG como uma maneira simplificada, porém eficaz, de fazer com que os alunos “assimilassem e progredissem rapidamente” no aprendizado das diferentes técnicas esportivas.²⁶³ O “bom aprendizado” da técnica implicava uma “boa preparação” para formas mais complexas de jogos e atividades físicas esportivas. E a utilização de jogos e esportes nas aulas de Educação Física promovia uma educação voltada para o desenvolvimento do esforço e do gosto, características fundamentais para o exercício da vida social, segundo esses

²⁶²BAQUET, Maurice. Principes de l'Éducation Physique Sportive Généralisée. *Cahier Technique et Pédagogique INS*, n. 13, jan.-fev. de 1951, p.14.

Foram encontradas pequenas alterações nas denominações de cada parte da lição, não ocorrendo, no entanto, divergências entre as definições de cada uma. Opto por trabalhar com a nomenclatura desse artigo em especial, pois foi traduzido e publicado por alguns autores brasileiros, tornando-se representativo no processo de circulação da EFDG no Brasil.

²⁶³LISTELLO, Auguste *et al.* Applications sportives: jeux et procedes pedagogiques. *Cahier Technique et Pédagogique INS*, n. 3, mai.-jun. de 1949, p.14.

autores. Nesse sentido, a técnica se junta a outros dois elementos: o esforço e a formação social, para compor o corpo central da proposta. É através dessas três características que os autores acreditavam que se chegaria a uma educação plena, capaz de “desenvolver atitudes e hábitos” e de criar “bons automatismos sociais e morais”.²⁶⁴ Operando com a ideia de tornar automáticos hábitos e atitudes, sejam eles sociais, morais ou corporais, a proposta de Educação Física que se apresentava parecia dialogar de maneira próxima com as dimensões e com os processos formativos do esporte, dentre eles, o domínio da técnica, a eficiência do gesto, o gosto pelo esforço e o trabalho com e pelo outro.

Tal constatação pode ser observada quando os autores sinalizam que a iniciação esportiva deveria propor a realização, simultânea ou sucessivamente, de três perspectivas de trabalho: a *iniciação à vida coletiva e social*, a *iniciação ao esforço* e a *iniciação à técnica*. A primeira centrava-se fundamentalmente nos conceitos de auto emulação e de competição anteriormente discutidos. Sob a direção do professor, a prática esportiva poderia desenvolver o senso de coletividade e cooperação, caros à vida em sociedade. Mas somente teria tais resultados se o professor bem orientasse, afinal, sem tal cuidado a prática esportiva poderia “se revelar nefasta, e engendrar desordem e imoralidade”.²⁶⁵ A segunda perspectiva, iniciação ao esforço, compreendia um trabalho “prudente e progressivo” preocupado em desenvolver “esforços” relativos à “destreza, velocidade, impulsão, flexibilidade e coordenação”. Tal iniciação, para seus autores, não se direcionava apenas aos aspectos físico e fisiológico, mas também, com igual importância, à formação do caráter, uma vez que “o fato de se mensurar com seus semelhantes no decorrer da competição esportiva” provocaria o desenvolvimento da “vontade”, do “espírito de disciplina” e de “decisão”.²⁶⁶ Por fim, na terceira perspectiva, compreendia-se que para a aprendizagem dos gestos técnicos era necessária a aquisição da técnica por meio de um trabalho de “concentração, atenção e força de vontade”. Tal trabalho se constituía de uma “frequente repetição dos mesmos movimentos”, gerando um automatismo sem o qual não se poderia obter “rendimento eficaz”. O ensino da técnica reclamava “muita perseverança, esforço paciente e tenaz”, inculcando nos jovens “bons princípios técnicos” sem, necessariamente, “exigir o gesto ideal do campeão”.²⁶⁷ Juntas, essas três perspectivas de trabalho objetivariam despertar o interesse das crianças e dos jovens, criando a necessidade e o hábito da prática esportiva. Como nos provoca a pensar Alexandre

²⁶⁴BAQUET, Maurice. Principes de l'Éducation Physique Sportive Généralisée. *Cahier Technique et Pédagogique INS*, n. 13, jan-fev de 1951, p.12.

²⁶⁵BAQUET, Maurice. Principes de l'Éducation Physique Sportive Généralisée. *Cahier Technique et Pédagogique INS*, n. 13, jan-fev de 1951, p.12.

²⁶⁶*Ibidem*.

²⁶⁷*Ibidem*.

Vaz (2001), nas sociedades modernas, a técnica ganha destaque por seu papel na formação das subjetividades e na incorporação de padrões, como medida e critério que orientam a vida social. Talvez, o ensino da técnica tenha sido reconhecido nessa concepção de Educação Física como uma maneira eficaz de produzir outros modos de viver em sociedade, mediados pela ideia de domínio de si como condição para reconhecer e estar com o outro.

Em relação à segunda ação para formar e possibilitar o acesso dos professores à EPSG, qual seja, a promoção de cursos e palestras em diferentes espaços de formação em Educação Física, foram muitas as participações de Baquet e de Listello em cursos e palestras em espaços de formação além do INS. E também acontecia com frequência o acolhimento de professores nas dependências do Instituto para formação complementar em educação esportiva. O trabalho realizado pelos professores do INS teve repercussão em espaços não formais de preparação de professores, como o Departamento de Educação Nacional de Bases-*Pyrénées*. Durante o ano de 1951, esse Departamento contou com a presença de Listello, que foi chamado a conversar com professores e mestres para a formação na proposta de educação esportiva que desenvolvia. Na correspondência enviada pelo Inspetor-chefe do Departamento ao diretor do INS, Dr. Jaquet, assim consta:

O chefe do Serviço da Juventude e dos Esportes prevê o imenso sucesso que a propaganda do Instituto Nacional de Esportes receberá pela passagem de Listello entre nós. [...] De qualquer forma, de imediato, nossos professores e mestres terão novas curiosidades sobre a Esportiva que eles devem dirigir tanto para as atividades do OSSU [*Office du Sport Scolaire Universitaire*] quanto para as suas atividades ao ar livre. As formulações do INS são, de maneira geral, perfeitas e nós já pensamos que, graças a vocês e ao seu papel na USEP, o Ensino Primário compreendeu melhor o Esporte, o lugar do Esporte na formação do indivíduo, que o educador secundário, apesar de um desenvolvimento máximo das atividades esportivas e de uma excelente organização devida à OSSU, tem excessivamente copiado das Federações Esportivas, conservando a fórmula clássica dos campeonatos. ²⁶⁸ (Tradução livre da autora).

Nesse documento, a Direção da Juventude e dos Esportes explicita sua adesão ao modelo de educação esportiva desenvolvido pelo INS ao convocar Listello para uma formação de professores e ao afirmar a necessidade da escola pensar de outra maneira o

²⁶⁸*Le Chef du Service de la Jeunesse et des Sports suit d'avance l'immense succès de propagande que va obtenir l'Institut National des Sports par le passage de Listello au milieu de nous. [...] De toutes manières, dans l'immediat, nos professeurs et maîtres auront des curiosités nouvelles en ce qui concerne l'initiation sportive qu'ils doivent diriger tant pour les activités OSSU que pour leurs activités plein air. Les formules de l'INS sont, d'un avis général, parfaites et on pense déjà que grâce à votre Maison et à son rôle dans l'USEP, l'enseignement primaire a mieux compris le Sport, la place du Sport dans la formation de l'individu que l'enseignement secondaire où, malgré un développement maximum des activités sportives et une organisation excellent due à l'OSSU, on a trop copié les Fédérations Sportives et trop conservé la formule classique des championnats.* Acervo pessoal de Auguste Listello. Correspondência de Hauret Palce a Dr. Jaquet. 03 de outubro de 1951.

ensino do esporte. Essa correspondência conferiu visibilidade aos diálogos dessa rede, constituída por diferentes órgãos responsáveis por fomentar a Educação Física na França, na promoção de um modelo de esporte escolar. Por fim, anunciou também as representações que tais instituições construíram sobre o trabalho no INS.

Para a análise da elaboração da EPSG foi também preciso considerar a questão do léxico, pois ele possibilita pensar implicações muitas vezes imperceptíveis a uma leitura desavisada. Nesse sentido, é importante ponderar que a mudança de nomenclatura não assegura necessariamente uma alteração automática das práticas e significações, assim como o seu contrário também é válido, ou seja, a mudança de costumes não implica em mudança de nomenclatura.²⁶⁹ No entanto, nesse caso, as diferentes nomeações escolhidas para designar a proposta do INS pareceram-me profícuas para pensar o seu papel no movimento interno à instituição, através dos seus sujeitos, e externo a ela, vinculado a questões mais amplas da área.

A designação do qualitativo “generalizada” parece dialogar com duas questões caras aos seus autores. A primeira delas relaciona-se às críticas direcionadas à educação esportiva, principalmente aquelas feitas por Hébert e seus seguidores. Tais posicionamentos contrários baseavam-se na especialização provocada pelo esporte. Para eles, o esporte era perigoso porque levava à especificação de movimentos importantes a uma ou outra modalidade esportiva, provocando fragilidades motoras no desenvolvimento geral do corpo. De acordo com os defensores do movimento natural do corpo, entendido como todo movimento que respeita a anatomia e a fisiologia humanas, o movimento do esporte certamente fugiria a esse conceito, sendo, portanto, nocivo à saúde física do homem.²⁷⁰ É possível perceber forte movimento de críticas e de respostas a essas críticas entre Baquet e os defensores do Método Natural no que tange essa questão. Contrapondo uma crítica, Baquet escreveu:

O erro fundamental de muitos educadores é acreditar que nos termos da iniciação esportiva, preconiza-se unicamente a educação técnica. *Ora, quando se trata de jovens, a fase elementar da educação esportiva não é a técnica, mas a competição coletiva.* [...] Nós pensamos que uma verdadeira iniciação esportiva (forma elementar da educação esportiva) deve se propor a realizar, simultaneamente ou sucessivamente, através da ação corporal: a iniciação à vida social e coletiva [...]; a iniciação ao esforço [...]; e a iniciação à técnica [...].²⁷¹ (Tradução livre da autora).

²⁶⁹BLOCH, 2001.

²⁷⁰As principais críticas de Hébert ao esporte são encontradas sobretudo em sua obra *Le Sport contre l'Éducation Physique* de 1943 (3 ed.).

²⁷¹*L'erreur fondamentale de nombreux éducateurs a été de croire qu'em initiation sportive, il s'agissait uniquement d'éducation technique. Or, quand il s'agit de jeunes, la phase élémentaire de l'éducation sportive n'est pas la technique mais la compétition collective [...] Nous pensons qu'une véritable initiation*

A segunda questão, em complementaridade à primeira, remete à estruturação da proposta pelo ensino das diferentes modalidades esportivas, ou pelo menos de um conjunto de esportes que desenvolveriam qualidades físicas e técnicas diferentes, caracterizadas por eles como esportes de base. Mesmo ressaltando preferência pelo atletismo e pela natação, Listello e Baquet afirmavam que as modalidades esportivas poderiam ser selecionadas a partir de três grupos: esportes coletivos, esportes individuais e esportes de combate (para meninos) e de ritmo (para meninas).²⁷² Essa escolha garantiria não apenas maior variedade de gestos esportivos como também a possibilidade do aluno acessar diferentes esportes e, futuramente, escolher algum, para se especializar, que melhor lhe conviesse e que lhe desse prazer.

Dessa maneira, a atenção ao termo “generalizado” é dada pelos seguintes motivos:

A educação esportiva deve ser realizada na sua forma inicial generalizada por duas razões:

- 1) É necessário iniciar pelas formas variadas de exercícios, porque ninguém sabe como será o crescimento e a evolução morfológica, fisiológica e mental de cada indivíduo;
- 2) Além disso, é necessário corrigir automaticamente pelos esportes de compensação e de equilíbrio as repercussões adversas que se pode ter eventualmente pela prática exclusiva de um só esporte.²⁷³ (Tradução livre da autora).

Nos termos apresentados, a demarcação de uma educação esportiva generalizada se mostrou contrária a uma concepção orientada pelo desenvolvimento biológico do corpo. A ideia de que “[...] é necessário iniciar pelas variadas formas de exercício porque ninguém sabe como será o crescimento e a evolução morfológica, fisiológica e mental de cada indivíduo” organizou certa maneira de olhar para a formação dos alunos para além do caráter físico. Ainda que pensada a partir de uma perspectiva reparadora, tal educação esportiva, sob a

sportive (forme élémentaire de l'éducation sportive) doit se proposer de réaliser, simultanément ou successivement, au travers d l'action corporelle: l'initiation à la vie sociale et collective [...]; l'initiation à l'effort [...]; l'initiation à la technique [...]. BAQUET, Maurice. *Éducation Sportive – La première etape: la initiation sportive. Cahier Technique et Pedagogique INS*, n. 3, mai.-jun. de 1949, p.2, grifos do autor.

²⁷²De acordo com os autores, a prática esportiva poderia e deveria ser realizada por crianças e jovens de ambos os sexos, porém algumas modalidades, quando trabalhadas na etapa da especialização, não seriam indicadas ao gênero masculino ou feminino. Apesar dessa diferenciação, a temática de gênero não parece ter sido uma preocupação central dessa proposta. Nas diferentes publicações, dos artigos aos livros, poucas vezes são encontradas orientações didático-metodológicas diferentes para meninos e meninas. Percebem-se diferenciações mais significativas no que diz respeito à idade e ao nível de especialização da modalidade esportiva do que ao gênero.

²⁷³*L'éducation sportive doit être dans sa forme initiale généralisée pour deux raisons: 1) Il s'agit d'initier à des formes variées d'exercice, car nul ne sait comment ce fera la croissance et l'évolution morphologique, physiologique et mentale de chaque individu; 2) Par ailleurs, il faut corriger automatiquement par des sports de compensation et d'équilibre les répercussions fâcheuses qui pourrait avoir éventuellement la pratique exclusive d'un seul sport.* BAQUET, Maurice. *Characteristics de la séance d'Éducation Sportive. Cahier Technique et Pedagogique INS*, n. 06, nov.-dez. de 1949, p. 03.

forma generalizada, se mostrou uma construção pedagógica próxima de uma visão mais abrangente do esporte e da própria Educação Física.

O termo *Generalisée* foi agregado à denominação da proposta alguns anos depois do início de sua divulgação pelo INS. Desde sua primeira publicação na revista *Héraclès*, de 1946, até o ano de 1949, a designação variava entre *Éducation Sportive* e *Éducation Sportive Generalisée*. O termo *Éducation Physique Sportive Generalisée* apareceu pela primeira vez em 1949, no número 06 da *Cahier Technique et Pédagogique INS*, porém com pouco destaque, em um artigo publicado sobre a Lingíada. Ainda assim, nas edições seguintes, os termos *Éducation Sportive* e *Éducation Sportive Generalisée* continuavam sendo largamente usados tanto por Baquet quanto por Listello. Será somente no número 13, de 1951, que o termo EPSG aparecerá com destaque pelo artigo de Baquet denominado *Principes d'Éducation Physique Sportive Generalisée*.

Cabe aqui pensar a produção de cada um desses autores nos periódicos da área, mas principalmente na revista *Cahier Technique et Pédagogique INS*. Em geral, os artigos escritos por Baquet se caracterizavam por uma explanação teórico-conceitual do que se tratava a EPSG, discutindo o papel dos esportes na formação, os objetivos e os alcances educativos possibilitados pela iniciação esportiva na educação das crianças e dos jovens. Já as publicações de Listello estavam direcionadas à organização do trabalho, à apresentação de modelos de sessão de ensino e de atividades adequadas a cada etapa da aula. Tal diferenciação é acentuada a partir do ano de 1954. Após essa data, Auguste Listello e alguns colaboradores, como Roger Crenn e Pierre Clerc, assumiram, definitivamente, a função de estruturar e divulgar a EPSG, no formato de artigos em periódicos e no formato de livros. Em outro caminho, Maurice Baquet se voltou a publicar artigos relacionados à educação esportiva sem, no entanto, referir-se diretamente à EPSG. Entre os números 36 (1954) e 47 (1955) da *Cahier Technique et Pédagogique INS* esses dois autores continuaram a publicar sistematicamente suas ideias: Baquet denominando sua produção como *Éducation Sportive* e Listello como *Éducation Physique Sportive Generalisée*.

Essa reconfiguração de termos não provocou, necessariamente, rompimento total com a fundamentação teórica construída, em grande parte junto a Baquet, para o projeto de educação esportiva do INS. A EPSG continuava a defender um modelo de Educação Física próximo às proposições de Baquet. O que parece modificar-se na produção desses dois autores a partir de então é a organização do ensino. A proposta de educação esportiva então desenvolvida por Listello e colaboradores apresentava outra classificação de procedimentos pedagógicos, denominados por eles como “formas de trabalho”, que possibilitariam ao

professor “enriquecer” seu ensino ao permitir uma “análise das vantagens” e uma “adaptação” dos exercícios de acordo com o objetivo estabelecido para cada aula e para cada turma.²⁷⁴

FIGURA 6 – Formas de trabalho da *Éducation Physique Sportive Generalisée*

Exercices à classer dans :	Buts recherchés	FORMES DE TRAVAIL POSSIBLES PRÉSENTÉES PAGES 16 ET 17			
		Formes jouées	Formes collectives de travail	Formes de travail par petits groupes	Formes individuelles de travail
Le rôle en team	Solécace	I. Les papas du livre.	II. Changer de ligne.	I. L'écran.	II. Changer de direction.
L'entraînement et le développement musculaire	Partie centrale du corps (abdomen)	II. Médecine - valley	II. Pous - pous du cadastre - ball par - dessus - tout par le côté.	II. Les cercles deux à deux.	II. Le ballon.
L'agilité et le cran	Equilibre manuel	III. Supprimer les appuis.	III. Equilibre un-côté.	III. L'équilibre à deux.	III. L'équilibre seul.
Les applications sportives ou utilitaires	Hand-ball (le lancer)	IV. Démolir les quilles.	IV. « La « ronde » ou « À toi à moi au cercle ».	IV. Trois contre deux.	IV. Lancer contre un seul ou un groupe quelconque.

Fonte: LISTELLO, Auguste. *Éducation Physique Sportive Generalisée: les différents forms de travail. Cahier Technique et Pédagogique INS*, n.40, jul.-ago. de 1955, p. 15.

Essa formatação da EPSG foi detalhadamente apresentada em dois livros publicados coletivamente pelos professores do INS sob a coordenação de Listello²⁷⁵: *Récréation et Éducation Physique Sportive*, de 1956, e *Récréation et Éducation Physique Sportive: orientation sportive*, de 1959. Outro livro ainda fora publicado em colaboração com os professores do INS, em 1964, denominado *Éducation Physique pour tous*.

Nessas obras, o ensino da Educação Física com base nos pressupostos da educação esportiva foi organizado em duas grandes “sessões de aprendizagem”: a primeira, denominada *educação esportiva geral* ou *educacional*, era tida como a principal forma de organização do ensino da EPSG na escola. Nessa sessão, o ensino dos diferentes esportes e jogos era realizado em lições. Cada lição era composta pela sequência de atividades anteriormente citada: Aquecimento; Flexibilidade e Força; Agilidade e *Cran* e, por fim, as Aplicações Esportivas. A chamada “volta à calma” e as medidas de higiene corporais não eram componentes obrigatórios à lição de EPSG, mas poderiam ser realizadas a critério do professor.

²⁷⁴LISTELLO, Auguste. *Education Physique Sportive Generalisée: les différents forms de travail. Cahier Technique et Pédagogique INS*, n. 40, jul.-ago. de 1955, p. 15.

²⁷⁵As duas obras publicadas na França circularam também no Brasil. Importante anunciar que uma versão da primeira obra foi publicada em espanhol por uma editora argentina em 1964. Sua presença em arquivos e em bibliotecas brasileiras sugere que essa edição também circulou pelo Brasil. Nenhuma delas foi traduzida para o português.

Nesse primeiro momento intentava-se que os alunos tivessem conhecimento geral de todos os esportes, sem a preocupação de se especializar em nenhum deles. Isso era o foco da segunda sessão de aprendizagem. Chamada de *especialização esportiva*, nela eram enfatizados os aspectos técnicos e táticos de cada esporte, ficando a critério do aluno escolher e se especializar naquele que mais lhe interessasse.²⁷⁶ Esse momento não deveria acontecer, necessariamente, dentro do programa curricular da escola. Poderia ocorrer em outros tempos e espaços escolares e até mesmo fora da escola, em clubes, por exemplo. Com isso, os autores chamam a atenção para o caráter contínuo e abrangente da sua proposta de educação esportiva. Afinal, poderia se iniciar na escola, mas não deveria nela se encerrar.

Para compor essas duas grandes sessões de aprendizagem, a EPSG pressupunha diferentes formas de trabalho que, tomadas em seu conjunto, conseguiriam atingir os objetivos propostos. São elas: *forma de jogo*, que implica em liberdade de ação e de competição; *forma coletiva de trabalho*, a qual objetiva a iniciação ou aperfeiçoamento esportivo a partir da intervenção do professor; *forma de trabalho em pequenos grupos*, pressupõe assistência, ajuda, participação e cooperação entre os integrantes; *forma individual de trabalho*, na qual o aluno realiza a atividade sem ajuda do professor.²⁷⁷ Essas formas de trabalho organizam o ensino dos grupos de atividades selecionadas pela EPSG que são os jogos recreativos; corridas e saltos; lançamentos; agilidade; aparelhos; jogos de equipe com bola; luta e força; folclore; natação; grandes atividades ao ar livre. Propunham também que os exercícios físicos, executados até então por obrigação no ambiente escolar, passassem a ser realizados por prazer, pois seriam levados em consideração as experiências, as necessidades e os interesses dos alunos.

No livro *Éducation Physique pour tous*, os autores estabeleceram quatro pontos fundamentais que, segundo eles, todos os educadores deveriam levar em consideração para a organização de seu trabalho docente. O primeiro ponto diz respeito a todas as atividades físicas generalizadas que todo indivíduo precisa para viver saudavelmente; o segundo, refere-se às necessidades particulares provocadas pela especialização esportiva ou pelo estado físico de cada um, em caso de deficiências; o terceiro relaciona-se à prevenção do mal; e, por fim, o quarto ponto considera as atividades recreativas, complementares ou de diversão durante o aproveitamento das horas livres. Os jogos e as atividades desportivas, fundamentados em tais

²⁷⁶LISTELLO, A.; CLERC, P.; CRENN, R., 1956.

²⁷⁷LISTELLO, A.; CRENN, R.; CLERC, P.; SCHOEBEL, 1956.

princípios, eram considerados como a base inicial para a organização do trabalho e como fonte de equilíbrio para o homem moderno.²⁷⁸

É sob esses códigos que a *Éducation Physique Sportive Generalisée* foi apresentada ao Brasil com a denominação de Educação Física Desportiva Generalizada (EFDG). Porém, uma última questão se mostrou importante no que tange à elaboração da proposta da EPSG. Inicialmente divulgada como uma doutrina²⁷⁹, a EPSG ganhou diferentes conotações ao longo de sua elaboração. De acordo com Lavet-Labry (2007), após discussões internas ao próprio INS, passou a ser considerada como um sistema de princípios. Nas palavras do então diretor, em 1949, “[...] o INS, estabelecimento de pesquisa, não promulga, não preconiza nenhuma doutrina educativa nem nenhum método em matéria de educação física e esportiva; eles são acolhidos [no INS] para serem experimentados e estudados”.²⁸⁰ No artigo *Principes d’Éducation Physique Sportive Generalisée*, Baquet a classificou como um “sistema de Educação Física Esportiva, que utiliza como base as formas de jogo”.²⁸¹ Listello, no mesmo número da revista, afirmou que “[...] longe de combater os métodos utilizados nos dias atuais, nossos princípios tendem a estabelecer uma síntese de diferentes sistemas de educação física”, denominando-a como “concepções do Instituto Nacional dos Esportes sobre o ensino da Educação Física Desportiva Generalizada”.²⁸²

Tal mudança semântica carregou em si o resultado de debates, conflitos e interesses dos sujeitos envolvidos na sua elaboração como também da própria área da Educação Física. O debate *doutrina x método x sistema* era algo fervescente na década de 1950. Diferentes autores se propuseram a pensar suas implicações e diferentes instituições também se preocuparam em classificar as formas de trabalho em Educação Física para compreender a própria dinâmica da área.²⁸³ No intuito de contribuir com esse debate, Lucien Barnier assim definiu esses conceitos:

²⁷⁸LISTELLO, A.; CLERC, P.; CRENN, R., 1964.

²⁷⁹Os primeiros artigos publicados na revista *Héraclès*, em 1946, sobre a proposta do INS foram intitulados *La doctrine de l’éducation sportive*.

²⁸⁰*L’I.N.S., établissement de recherche, ne promulgue, ne préconise ou ne recommande aucune doctrine éducative ni aucune méthode pédagogique en matière d’éducation physique et sportive ; il les accueille toutes pour les expérimenter et les étudier*. INSEP, boîte d’archives 1941 - 1955: centre national des moniteurs et athlètes. Dossier d’instance: collège national d’athlètes: note de service n° 16/51: Directives générales *apud* LEVET-LABRY, 2007, p.173.

²⁸¹BAQUET, Maurice. Principes de l’Éducation Physique Sportive Generalisée. *Cahier Technique et Pédagogique INS*, n.13, jan.-fev. de 1951, p. 11.

²⁸²LISTELLO, Auguste. La séance de l’Éducation Physique Sportive Generalisée suivant les conceptions de l’Institut National des Sports. *Cahier Technique et Pédagogique INS*, n.13, jan.-fev. de 1951, p. 14.

²⁸³Nesse movimento é importante destacar a enquête promovida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), no ano de 1947, a fim de compreender quais programas e métodos orientavam a Educação Física francesa. Essa pesquisa está descrita na revista *Cahier Technique et Pédagogique INS*, n.54, nov.-dez. de 1957.

Doutrina é a expressão de um conjunto de concepções educativas; é ela que fixa os objetivos fisiológicos e psíquicos da educação corporal; ela dá a característica a uma “escola” nacional. Exemplos: a escola anglo-saxônica, a escola francesa. Ela é necessariamente definida, estável e formal.

O Método é uma articulação ordenada e lógica de acontecimentos coordenados e do mesmo tipo, respondendo a um princípio-diretor, a uma ideia-mestra, agrupados para atender objetivos determinados e classificados. Exemplos: método sueco, método natural. Ele é evolutivo, perfectível e preciso.

O Sistema concerne à maneira de ensinar os melhores elementos de um método, adaptando racionalmente ao caso, ao indivíduo e ao meio. Exemplos: sistema analítico, sistema lúdico. Ele é eminentemente variável e manejável, pois é constituído por “receitas” pedagógicas e suas múltiplas apresentações.

Dito de outra maneira, [...] uma doutrina se elabora, um método se aplica, um sistema se imagina.²⁸⁴ (Tradução livre da autora).

Levando em consideração tais definições de método, sistema e doutrina, pode-se inferir que a construção da *Éducation Physique Sportive Generalisée* no interior do INS parece ter sido uma espécie de tentativa de combinação, talvez não intencional, entre essas três classificações. Tem-se nessa tentativa uma síntese da pretensão de envolver perspectivas de formação social e pedagógica, orientadas por um conjunto conceitual de normativas relativo às dimensões formativas do esporte. Portanto, ser uma ou outra classificação dizia mais da necessidade de pertencimento e autoria da instituição e de seus autores que, necessariamente, de uma alteração do *corpus* central da proposta.

Tal desejo em classificar também esteve presente na apropriação da EPSG no Brasil, uma vez que as denominações escolhidas para conceituá-la (ora como *método*, ora como *princípios*, ora como *metodologia*) também comportaram questões conceituais importantes para sua compreensão. Com isso pretendo chamar atenção para aquilo que entendo como reflexos da circulação e da apropriação da EFDG no Brasil. Reflexos esses que se manifestaram como mudanças importantes no plano conceitual da proposta. Essas ponderações sobre a construção desses conceitos fazem emergir questões sobre a compreensão da negociação de sentidos entre aquilo que se convencionou chamar de *Éducation Physique Sportive Generalisée* e o que se traduziu como Educação Física Desportiva Generalizada. A atuação de Listello, mediador dessa proposta em seu trânsito

²⁸⁴ *La doctrine est l'expression de l'ensemble des conceptions éducatives ; c'est elle qui fixe les buts physiologiques et psychiques de l'éducation corporelle ; elle donne son caractère à une 'école' nationale. Exemples : l'école anglo-saxonne, l'école française. Elle est nécessairement définie, stable et formelle. La méthode est une articulation ordonnée et logique d'événements cohérents et de même type répondant à un principe directeur, à une idée maîtresse, groupés pour atteindre des buts, déterminés et classés différemment. Exemples : méthode naturelle. Elle est évolutive, perfectible et précise. Le système concerne la façon de s'y prendre pour enseigner au mieux les éléments d'une méthode en les adaptant rationnellement au cas, l'individu, au milieu. Exemples : système analytique, système ludique. Il est éminemment variable et maniable puisqu'il est constitué par les 'recettes' pédagogiques des éducateurs et leurs multiples présentations. Autrement dit, [...] une doctrine s'élabore, une méthode s'applique, un système s' imagine. BARNIER, Lucien. Systemes, Méthodes et Doctrine. Cahier Technique et Pédagogique INS, n.54, nov.-dez. de 1957, p. 06.*

entre França e Brasil, pode ser lida como um aspecto importante para a sua classificação na Educação Física brasileira. Esse intenso movimento de idas e vindas de ideias e práticas implicou em releituras, usos e apropriações pelo próprio Listello, bem como pelos sujeitos que se envolveram de alguma maneira nesse processo. Foi possível perceber que ele não apenas promoveu a circulação desse método, como também participou do movimento de produção das novas configurações resultantes de seu trânsito.

Tratar a EFDG como um método, como ela era comumente considerada no Brasil, não parece ter sido mera tradução descuidada ou sem sentido. Partindo da hipótese de que a Educação Física Desportiva Generalizada se reconfigurou em terras brasileiras, tornou-se necessário reconhecer os processos vividos para tal deslocamento de sentidos. Em certo sentido, pode-se dizer que ela se transformou porque foi transferida para outro ambiente, para outra cultura. Compreendê-la nesse novo contexto requer entendê-la em toda a sua complexidade, ou seja, no diálogo entre os sujeitos, as instituições e os objetivos estabelecidos para sua difusão no Brasil.

4 A RECEPÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA DESPORTIVA GENERALIZADA NA DÉCADA DE 1950: PRODUÇÕES DE SENTIDOS E PRÁTICAS DE TRANSFORMAÇÃO

Ao longo das três décadas que abarcam este estudo, 1950, 1960 e 1940, a proposta de organização de ensino identificada como Educação Física Desportiva Generalizada (EFDG) e a figura de seu autor, Auguste Listello, foram largamente divulgadas em cursos, periódicos, livros e tantos outros meios e espaços de sociabilidade e legitimação da área como uma importante possibilidade metodológica. Tomando tal constatação como base inicial para o exercício de compreensão dos movimentos de circulação, de apropriação e o esforço de construção de uma representação (ou representações) da EFDG no Brasil, me pareceu fundamental reconhecer a produção cultural e pedagógica a ela relacionada. Remetendo ao seu contexto de possibilidades na educação brasileira, dado, entre outros fatores, pela representatividade da França na Educação Física do país e pelo já abordado desejo de reorganização da área, as ideias, os sujeitos e as formas de produção de identidade mobilizadores desse processo apresentaram-se como pistas para constituição de significados para a presença de Listello no Brasil ao longo de quase três décadas, bem como para a indicação da EFDG como método de ensino por mais de três décadas.²⁸⁵ Atentar para tais constituições possibilitou enxergar imagens da proposta e de seu autor produzidas pelos e para os brasileiros. Em razão disso, foi possível considerar que a representação construída da EFDG no Brasil dependeu, dentre outros fatores, das maneiras pelas quais suas imagens foram recebidas e interpretadas. Ou seja, as formas pelas quais a Desportiva Generalizada foi dada a ler continham em suas próprias estruturas as expectativas e as capacidades do público a quem visava.

Partindo, então, desse movimento, um fator relevante para a adesão brasileira à EFDG foi a sua identificação como o *novo* modo de fazer Educação Física na França. Presente em muitas das publicações brasileiras, a ideia de que a Desportiva Generalizada poderia ser traduzida como o projeto mais recente e moderno do sistema de Educação Física nacional francesa marcou, de forma significativa, sua classificação e delimitação na Educação Física brasileira. O mesmo ocorreu com o Método Francês na primeira metade do século XX. Tal representação, produzida e posta em circulação desde o início de sua presença no Brasil,

²⁸⁵ Apesar de extrapolar a temporalidade deste estudo, é importante destacar que a EFDG esteve presente nos programas de Escolas Superiores de Educação Física também na década de 1980, como a Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais. Neste tópico, agradeço o gentil empréstimo do caderno de graduação do professor Tarcísio M. Vago, da década de 1980, no qual a Desportiva Generalizada é tematizada como conteúdo de sua formação.

pode ser lida como uma estratégia de reconfiguração da Educação Física brasileira com ênfase no campo escolar.²⁸⁶

Ao seguir o fio das reportagens, artigos e demais trabalhos publicados nos anos seguintes à sua apresentação ao Brasil, pôde-se identificar que a EFDG foi considerada, por alguns, como a concepção de Educação Física hegemônica em seu país de origem, por outros, como um método que caminhava rapidamente em direção a todas as escolas francesas. No próprio jornal local da cidade de Santos, *A Tribuna*, imediatamente após o fim da segunda edição do Curso de Santos, em 1952, foi publicada uma sequência de quatro artigos tematizando a proposta francesa. Assim se iniciava o primeiro deles, apresentando a EFDG e seu autor:

O prof. A. Listello, da França, foi um dos catedráticos ao II curso de aperfeiçoamento técnico e pedagógico de educação física recentemente concluído em nossa cidade, sob os auspícios do Departamento de Educação Física, da Secretaria de Educação.

As suas aulas sobre pedagogia esportiva tiveram o condão de aumentar o cabedal de conhecimentos dos matriculados além de lhes indicar o que, na França, em matéria de educação física vem se fazendo após guerra para transformar o exercício executado com prazer.

O trabalho que apresentamos é de autoria desse emérito educador e o publicaremos em partes, iniciando-o hoje.

A matéria é deveras interessante e para os princípios de educação física generalizada que oferece chamamos a atenção dos esportistas em geral.²⁸⁷

Três aspectos presentes nessa sequência de artigos merecem destaque. O primeiro refere-se à argumentação que se segue nesse artigo e nos três subsequentes. Tratou-se da transcrição de um artigo originalmente publicado em 1951 na revista *Cahier Technique et Pedagogique INS*, denominado *Principes de l'Éducation Physique Sportive Generalisée*, de Maurice Baquet.²⁸⁸ Vale ressaltar que esse artigo de Baquet, juntamente com o de Listello publicado no mesmo número da revista francesa, intitulado *La séance de l'Éducation Physique Sportive Generalisée suivant les conceptions de l'Institut National des Sports*²⁸⁹, foram a base para diversas publicações brasileiras sobre a EFDG, que serão tratadas na sequência deste capítulo.

O segundo aspecto diz respeito à relevância dada à proposta por esse jornal. A Educação Física Desportiva Generalizada foi a única, dentre as diferentes concepções

²⁸⁶O conceito de estratégia mobilizado tem como referência os escritos de Michel de Certeau (1994).

²⁸⁷Esportes: Princípios de Educação Física Generalizada. *A Tribuna*, quarta-feira, 10 de julho de 1952, p. 07.

²⁸⁸BAQUET, Maurice. Principes de l'Éducation Physique Sportive Generalisée. *Cahier Technique et Pedagogique INS*, n.13, jan.-fev. de 1951, p. 11.

²⁸⁹LISTELLO, Auguste. La séance de l'Éducation Physique Sportive Generalisée suivant les conceptions de l'Institut National des Sports. *Cahier Technique et Pedagogique INS*, n.13, jan.-fev. de 1951, p. 14.

apresentadas durante o II Curso, a ser retratada com tamanho detalhamento. Outros professores, métodos e atividades chegaram a ser brevemente citados, porém apenas a EFDG tivera seus princípios e estruturação destacados. Ainda que tenha sido em um jornal de circulação local, é representativa a atenção dirigida à proposta francesa. Mais significativo ainda se pensarmos que, nas demais reportagens publicadas nesse jornal sobre as edições seguintes do Curso de Santos nos anos de 1953, 1954 e 1957, nenhuma outra proposta metodológica trabalhada nesses cursos fora dessa maneira reportada. Uma constatação das temáticas destacadas por esse jornal sobre os Cursos de Santos possibilitou indicar que a dinâmica de projeção de visibilidade à EFDG mobilizou também a imprensa local.

Por fim, no terceiro aspecto destacado e mais diretamente ligado à ideia em questão, é possível notar, ainda que brevemente, uma produção de sentidos sobre a representatividade e a abrangência da EFDG na França. Não foi incomum encontrar nas reportagens de jornais e em artigos de revistas uma conexão quase que automática entre a reconfiguração da Educação Física francesa no pós-guerra e a centralidade da Desportiva Generalizada nesse processo. Ela foi caracterizada como o método que estava presente em todas, ou em quase todas, as escolas francesas, ou como responsável pela renovação da Educação Física naquele país. Ambas as imagens construídas sugerem o anseio em enaltecê-la, torná-la uma referência importante em seu país de origem para que pudessem identificá-la como potencial método renovador também no Brasil.

É fundamental destacar que França ainda era uma referência importante para a Educação Física brasileira, uma vez que o Método Francês, mesmo recebendo diversas críticas e deixando de ser o método oficial na década de 1950, permanecia como base de ensino para muitos professores em atuação e também em formação. Se outrora a Educação Física francesa já havia contribuído significativamente para a constituição da Educação Física brasileira, a chegada de um novo método francês poderia significar um impulso importante para a desejada reconfiguração da área; principalmente se tal proposta de ensino viesse de uma instituição já reconhecida pelos brasileiros, como a *École de Joinville le Pont*. Essa correlação foi percebida em parte da imprensa. Alguns artigos identificaram erroneamente Auguste Listello como professor vinculado à *École de Joinville le Pont*, que já não mais existia a essa época.²⁹⁰ Representá-lo como representante dessa Escola pode ter sido mais uma estratégia de projetar visibilidade ao novo método que se apresentava.

²⁹⁰No entanto, é importante ressaltar que, apesar de ser uma instituição nova, o INS foi herdeiro dessa Escola.

Nesse movimento de produção de outros sentidos para a Educação Física brasileira a EFDG passou a ser apresentada como síntese apropriada aos novos tempos e Listello, como o seu porta-voz por excelência. O jornal *A Gazeta Esportiva*, da cidade de São Paulo, também se dedicou a expor, em diferentes números de sua publicação, os princípios da EFDG, procurando situá-la no contexto mais geral da Educação Física no Brasil e em outros países. Na primeira reportagem, de 1953, intitulada *Um trabalho do prof. Listello revoluciona a Educação Física em todo mundo*, a caracterização apresentada é a seguinte:

Eles [os alunos] exigem algo mais, querem a parte lúdica propriamente dita. Querem liberdade durante a aula e não a disciplina formal. E é justamente isso que existe bem pouco nos sistemas atuais. Foi por isso que começou a haver movimentos evolutivos na educação física, e caminham quase todos para a atração, para a liberdade do professor e para o desporto, que figura entre as mais lúdicas e as mais importantes atividades físicas, sob o ponto de vista biológico.

A competição é um outro capítulo. [...] Uma criança começa a competir desde que nasce e não se pode negar que a própria vida não seja uma luta, uma competição. Nesse ponto é que os processos pedagógicos modernos diferem dos mais antigos.

Não resta a menor dúvida que tais conceitos promoveram uma verdadeira revolução nos sistemas de educação física. Nos Estados Unidos ele se manifestou primeiro e a maioria das escolas tomou o exclusivo caminho dos desportos. [...] Na Suécia, o trabalho ginástico foi todo modificado [...].

Na França, porém, este trabalho de renovação encontrou no professor Listello um dos maiores entusiastas. Fez ele um sistema de Educação em que a atração e os objetivos psicológicos estão no lugar que merecem. Nem por isso foram olvidadas a parte formativa muscular, a atitude, os exercícios de agilidade, equilíbrio e destreza e, ainda, o desporto, ou melhor a Generalização Esportiva. O novo processo chama-se Educação Física Esportiva Generalizada.

Iniciada em 1945, está se difundindo dia a dia na França. [...] Ela alastra-se em todos os educandários gauleses como consequência de sua atualidade e pelo fato de estar muito mais de acordo com o espírito da época por que passamos. [...]

O novo prisma de educação física, que se alastrou na França, começa a atravessar fronteiras. Os congressos fazem sua grande divulgação. No Brasil, porém, é que ele está tendo grande aceitação, uma vez que seu autor, o prof. Auguste Listello, uma das maiores capacidades de educação física dos nossos tempos, veio ao Brasil, contratado pelo Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo. Teve ele de, em Santos, ministrar um curso para mais de 500 professores brasileiros e de outras nações da América do Sul e, agora, para um grupo mais restrito de apenas três dezenas de educadores. [...]

Este o trabalho que a A GAZETA ESPORTIVA está procurando divulgar a seus leitores através de uma série de artigos. É uma maneira de contribuir para o progresso da educação física do Brasil, lema deste jornal.²⁹¹

Como anunciado nessa passagem desse artigo, alguns princípios e características em circulação na área eram identificados como necessários a outro projeto de Educação Física, como a presença do lúdico, da competição e a sua conformação com o “espírito da época”. Inserir tais princípios e características nos modos de pensar e fazer Educação Física constituía, então, ação fundamental na aposta em uma Educação Física moderna e na

²⁹¹Um trabalho do prof. Listello revoluciona a Educação Física em todo mundo. *A Gazeta Esportiva*, 11 de setembro de 1953, s/p.

possibilidade de tornar as crianças mais participativas e aptas para as novas exigências que orientavam a vida em sociedade. Nesse pretendido movimento de renovação, o esporte, com suas diferentes possibilidades de orientação didática e metodológica na escola e como atividade que comporta tais características em circulação, ganhou centralidade. Não obstante, os Estados Unidos aparecem também como referência.²⁹²

Ao inserir o esporte em sua proposta pedagógica, a EFDG é anunciada como o “sistema de Educação” que mais parece estar “de acordo com o espírito da época”. Afinal, aliada à prática esportiva, a proposta não se esqueceu da “parte formativa muscular”.²⁹³ Lembremos que expandir, modernizar e aperfeiçoar eram signos recorrentes e representados como o espírito da época. Portanto, essas ideias em circulação aqueciam o debate sobre o outro projeto de educação entre sujeitos da área que iam se convencendo de que pretendido progresso da Educação Física no Brasil passava pelo desenvolvimento da ação (competição) e pela atração e liberdade do processo pedagógico (ludicidade), por meio de modernos métodos de ensino. Nova maneira de olhar e de tratar os problemas nacionais e certa racionalidade esportiva são aqui compreendidas como balizas para a produção cultural do período.

Da profusão de temas abordados nessa passagem do artigo, alguns pontos se destacaram importantes para o enfrentamento de questões relativas à recepção da EFDG no Brasil. Além de reafirmar a ideia, construída pela narrativa dos brasileiros, sobre aceitação e utilização do método por grande parte das escolas francesas, o artigo, a começar pelo título, também reforçou a imagem de autoridade de Listello no que diz respeito à sua atuação profissional na França e em outros países. Ao dotá-lo da responsabilidade de “revolucionar a Educação Física em todo mundo” o artigo põe em evidência o papel do professor Listello na recepção da Desportiva Generalizada. Ainda que tal menção tenha extrapolado o alcance que, de fato, a atuação de Listello pôde obter nos cenários francês e mundial, mais particularmente, os documentos consultados, principalmente aqueles ligados à imprensa, apontam para uma exaltação por parte dos brasileiros da figura do professor Auguste Listello desde a sua primeira participação no Curso de Santos. Expressões como “ilustre educador francês”, o “gênio da Educação Física” e o “poeta de um método” foram utilizadas em títulos de reportagens para chamar a atenção do leitor para a representatividade do método e do seu autor.²⁹⁴

²⁹²Sobre a influência estadunidense na Educação Física brasileira, ver Giovanna Silva (2011).

²⁹³Um trabalho do prof. Listello revoluciona a Educação Física em todo mundo. *A Gazeta Esportiva*, 11 de setembro de 1953, s/p.

²⁹⁴Auguste Listello, ilustre educador francês, divulga novos processos na formação física do homem. *Folha da Tarde*, 05 de agosto de 1957.

Cabe destacar que essas imagens construídas no Brasil, da Educação Física Desportiva Generalizada e de Auguste Listello, comportam contrastes quando colocadas em contraponto com o lugar de ambos no contexto educacional francês. A Educação Física Desportiva Generalizada disputava a atenção de estudiosos e de professores franceses com outros métodos pertencentes tanto à corrente esportiva, da qual ela fazia parte, quanto a métodos vinculados às correntes voltadas para a defesa da ginástica. Longe de ser um embate rigidamente polarizado entre esporte e ginástica, a reorganização da Educação Física francesa pós-guerra comportou múltiplos olhares e atores em meio a uma luta de representações entre projetos educativos que ora se aproximavam, ora se distanciavam. Dentre esses projetos, figurou-se com representatividade, mas não com a centralidade dada pelos brasileiros, a Educação Física Desportiva Generalizada e um de seus autores, Auguste Listello.

Anunciada ora de maneira sutil, ora de maneira explícita, a representação construída da EFDG como o novo Método Francês, ou como o método que viria a substituí-lo, pode ser compreendida como parte de um efeito produzido por sua circulação. Em outras palavras, configurou-se como produto de sujeitos que, a partir de uma rede de sociabilidades, iam materializando e desenhando modos de ler e de representar a nova proposta francesa. Expressivo dessa linha de interpretação foi o material didático (volume II) do 5º Curso de Aperfeiçoamento sobre Educação Física (1953), dirigido e ministrado pelo professor Inezil P. Marinho. Nele, a EFDG é apresentada dentro do tópico intitulado *O Método Francês (Reg. N°7) – Apreciação Geral. Novas diretrizes para a Educação Física na França*. A EFDG é tratada mais especificamente no subtópico *Novas diretrizes – Método Francês (Educação Física Desportiva Generalizada)*. É interessante notar que há certa construção de continuidade entre um método e outro, como se um fosse a evolução do outro. Mesmo que essa não tenha sido uma interpretação recorrente nos demais trabalhos de Inezil em que a EFDG aparece, é fundamental destacar tal correlação. Afinal, ela foi realizada também por sujeitos implicados no debate da Educação Física nacional e inseridos nos centros de formação de professores, como Inezil, e não apenas por jornais e revistas de ampla circulação, conforme apresentado anteriormente. Para compreender essas e outras práticas ordenadoras de significados da Educação Física Desportiva Generalizada como um método que, desde a sua recepção, obteve visibilidade, considero necessário ressaltar que, na trama desta reconfiguração da Educação Física brasileira dos anos cinquenta, os pontos de contato entre as diversas recepções e as identidades criadas por esse movimento inicial de reconhecimento

da proposta guardaram estreita relação com a continuidade de sua circulação no Brasil nas décadas seguintes.

O processo de recepção da EFDG pelos brasileiros foi fortemente associado às representações já inscritas no cenário escolar brasileiro sobre a Educação Física francesa. Recebida como a “evolução” do “sistema de ensino de Educação Física” na França, a Desportiva Generalizada foi dada a ler como uma nova “grandiosa contribuição” da França para a Educação Física brasileira.²⁹⁵ Para muitos, dadas as condições materiais e subjetivas do contexto educacional brasileiro, a EFDG já chegou ao país impregnada de sentidos previamente associados às produções francesas.

Nessa ambiência cultural e pedagógica, de inovação e de modernização dos modos de pensar e de fazer educação e Educação Física, a EFDG foi recebida com a pretensão de participar de um movimento de reorientação da área, necessário ao progresso da educação e, conseqüentemente, da nação. Nesse cenário, diferentes sujeitos ligados a departamentos, a associações e a escolas de formação de professores de Educação Física, mobilizados por variados interesses e identidades, constituíram, então, diálogos entre a Educação Física Desportiva Generalizada e a Educação Física brasileira e, a partir deles, estabeleceram lugares de produção e de circulação cultural. Uma gama de projetos e ideias de inovação pedagógica promoveu a construção de certo sentimento de pertencimento e validação da Desportiva Generalizada como necessária ao projeto de modernização da Educação Física nacional.

Compreendo que tal proposta de reorientação da Educação Física brasileira na década de 1950 não se apresentou como algo que determinou e condicionou a ação de todos os sujeitos envolvidos no debate da área. De fato, a pretensão é mostrar, nesta trama, o movimento contrário: reconhecer as iniciativas dos sujeitos envolvidos, suas possibilidades de aliar interesses e de organizar práticas, enfim, de compreender as alternativas utilizadas para a resolução do que acreditavam ser o problema da Educação Física e como a Desportiva Generalizada participou desse processo.

A constituição do campo de atuação de Listello e de inserção da Desportiva Generalizada na Educação Física brasileira deu-se, portanto, num movimento que envolveu, ao mesmo tempo, os interesses dos sujeitos e das instituições que buscavam difundi-los e as maneiras pelas quais seus princípios foram diversamente apreendidos, revelando, assim, as nuances e particularidades vividas nesse processo. A trajetória da EFDG no Brasil por certo

²⁹⁵ Liberdade e ecletismo invadem a educação física na França. *A Gazeta Esportiva*, 25 de setembro de 1953, s/p.

não obedeceu a uma regularidade temporal ao longo das três décadas estudadas neste trabalho. Se, em momentos, a trajetória da EFDG pareceu ter seu trânsito acelerado, com inúmeros sujeitos e iniciativas sobre o seu fazer acontecendo simultaneamente, em outros, esse trânsito se tornou mais lento, a ponto de parecer estático, como algo que não precisava mais ser tensionado. No decorrer desta trama, essas alterações de ritmo foram fundamentais para reconhecer a sua continuidade, assim como para compreender os sentidos construídos e também modificados ao longo desses quase trinta anos de circulação através de seu autor e de tantos outros sujeitos envolvidos.

4.1 Os anos 50 e a rápida expansão da Educação Física Desportiva Generalizada

Se, para os brasileiros, a experiência com os modos de fazer e de pensar da Educação Física Desportiva Generalizada foi, desde o início, considerada positiva, o mesmo pode se dizer da percepção de Listello sobre sua participação no Curso de Santos e nas demais iniciativas brasileiras posteriores a ele. Nessa dinâmica circulatória entre Brasil e França, as idas e vindas de Listello marcaram não apenas as ideias e as proposições na Educação Física brasileira, como também comportaram implicações em relação aos interesses, às práticas e às maneiras de fazer do professor. Sobre sua primeira participação no Curso de Santos, assim relembra Listello:

O DOUTOR JACQUET, DIRETOR DO INSTITUTO NACIONAL DE ESPORTE, convocou-me para anunciar a notícia da minha partida e para me dar o bilhete aéreo, cujo dia e hora estavam fixados.

Tive 72 horas diante de mim, recusei energeticamente as 4 conferências propostas pelo BRASIL.

O diretor insistiu e me mostrou a carta, rasgou-a e disse-me; vá para SÃO PAULO como se nunca tivesse conhecido a carta do BRASIL. Você tem toda a minha confiança, estou convencido de que você terá sucesso.

Então concordei, tive 3 dias para preparar minha partida e pelo menos uma conferência. Imagine minha ansiedade sobre ter que falar diante de uma numerosa assembleia neste país distante e desconhecido que era para mim o BRASIL, 17 vezes a França, 12.000 KM de verdadeiro continente, cuja língua e as reações eu não conhecia. [...]

Quanto mais o tempo passava, mais eu me preocupava porque eu tinha mais 3 conferências para apresentar depois desta. De repente, tive uma inspiração salutar, a de apresentar uma concepção diferente de ensino e educação de atividades físicas, esportivas e de lazer, com alguns exemplos precisos esboçados no próprio palco.

Foi com essa façanha que eu terminei o meu discurso, agradecendo às autoridades por me terem feito a honra de me convidar para o seu país maravilhoso, mas também por me dar confiança em uma responsabilidade educacional considerável. Agradei também ao público por seguir minha longa exposição com grande seriedade, atenção e, acima de tudo, sem mostrar nenhuma lassitude.

A resposta foi imediata e deslumbrante, todos estavam de pé, aplaudindo a todo intervalo, alguns gritaram VIVA A FRANÇA e terminou em chamadas: LISTELLO! LISTELLO! Enquanto um jovem professor, um brasileiro, me deu um magnífico buquê dessas flores, tipicamente tropical e tão bonito.

Mas então, que emoção! [...]

Tudo isso foi maravilhoso, extraordinário, e me fez esquecer temporariamente as palestras que ainda tinha de apresentar: quando de repente! Meu intérprete veio a mim com o professor A. BOAVENTURA e me fez a seguinte pergunta: o professor pergunta se você não pode fazer uma apresentação sobre seus novos princípios educacionais e demonstrar algumas formas de trabalho.

Estava salvo e me remeti à ocasião inimaginável alguns minutos antes, e respondi positivamente com grande alívio.

Eu apontei que as outras 3 conferências não trariam praticamente nada de concreto para todos os professores que chegaram de tão longe, para muitos com a esperança de descobrir algo novo, enquanto eu poderia oferecer um trabalho teórico e prático com o mesmo espírito da demonstração da LINGÍADA na SUÉCIA que eu dirigi.

Eu garantiria o sucesso total desta experiência.

A decisão foi tomada imediatamente pelos responsáveis.

À noite, os horários foram modificados para me permitir trabalhar em tempo integral ao longo do curso.

O estágio terminou com grande pompa, me restando a maravilhosa lembrança de um trabalho realizado com descontração e a fraternização sem igual com todos.

As noites fabulosas na praia com a luz da lua, em torno de uma grande fogueira onde Brasileiros, Argentinos, Mexicanos, Peruanos, do Uruguai, do Paraguai e outros grupos, proporcionaram, por sua vez, sua música mágica.

E então, tantos seguidores mais... que uma correspondência benéfica com amigos reais cuidaria de me lembrar, se necessário.

ENTÃO ME LEMBREI DO DOUTOR JACQUET, o Diretor do I.N.S. que me enviou a carta dizendo-me; vá para BRASIL, você tem toda a minha confiança.

Ele estava certo, coloquei tudo em movimento para fazê-lo rir e ter sucesso, pois ele estava totalmente envolvido nessa aventura.

ESTE ESTÁGIO FOI UM TRIUNFO que se repetiu muitas vezes ao longo desses cursos brasileiros.

Meu objetivo era demonstrar e provar que, a partir de uma "Educação Física Esportiva" ou de uma única atividade esportiva, era possível educar fisicamente (é claro), mas também socialmente, moralmente e civicamente.²⁹⁶ (Tradução livre da autora).

²⁹⁶*Le DOCTEUR JACQUET DIRECTEUR DE L'INSTITUT NATIONAL DES SPORTS me convoqua pour m'annoncer la nouvelle de mon départ et me remettre le billet d'avion dont le jour et l'heure étaient fixes. J'avais 72 heures devant moi, j'e refusai énergiquement devant les 4 conférences proposées par le BRESIL. Le directeur insista puis me montrant la lettre, la déchira et me dit; va à SÃO PAULO fais comme si tu n'avais jamais eu connaissance de la lettre du BRESIL. Tu as toute ma confiance, je suis convaincu que tu réussiras. J'acceptai donc, j'e disposais de 3 jours pour préparer mon départ et au moins une conférence. Imaginez mon inquiétude d'avoir à parler devant une nombreuse assemblée dans ce lointain pays inconnu qu'étais pour moi le BRESIL, 17 fois la France, 12.000 KM de cotes véritables continent, dont j'ignorais et la langue et les réactions.[...] Plus le temps passait plus j'e m'inquiétais car normalement j'avais encore 3 autres conférences à présenter après celle-ci. Soudainement j'eus une inspiration salutaire, celle de présenter une autre conception de l'enseignement et l'éducation à partir des activités physiques, sportives et de loisirs, avec quelques exemples précis esquissés sur la scène même. C'est sur cet exploit que j'e terminai mon intervention em remerciant les autorités de m'avoir fait honneur de m'inviter dans leur merveilleux pays, mais aussi de me Donner em toute confiance une charge éducative considérable. Je remerciai aussi l'assistance d'avoir suivi mon long exposé avec beaucoup de sérieux, d'attention et surtout sans manifester la moindre lassitude. La reponse fut immédiate et éclatante tout le monde était debout, applaudissant à tout rompre, certains criaient VIVE LA FRANCE et cela se termina par des appels: LISTELLO! LISTELLO! tandis qu'une jeune professeur, bien Brésilienne, me remettait un magnifique bouquet de ces fleurs typiquement tropicales et tellement belles. Mais alors, quelle émotion! [...] Tout cela était merveilleux, extraordinaire, et me faisant oublier passagèrement les conférences que j'avais encore à présenter: quand soudainement! Mon interpréte vint vers moi em compaigne du professeur A. BOAVENTURA et ma posa la question suivante: le professeur le demande si pedant le stage vous ne pourriez pás faire un exposé sur vos nouveaux principes éducatifs et démontrer quelques formes de travail. J'étais saucé, j'e me jetai sur l'occasion inimaginable quelque minutes avant, et je répondis positivement avec um grand soulagement. Je fis remarquer que les 3 autres conférences n'apporteraient pratiquement rien de concret à tout ces professeurs venu si loin pour beaucoup avec l'espoir de découvrir du nouveau, tandis que*

Nesse depoimento, Listello põe em evidência alguns aspectos que parecem ter sido salutares ao processo de circulação da Desportiva Generalizada no Brasil. É interessante observar quando o professor afirma sua indicação como representante do INS no Brasil, pelo então diretor, corroborando a ideia defendida de que a EFDG chegou ao Brasil por uma escolha de representatividade do próprio Instituto e não por uma indicação prévia por parte do Brasil. A reação do professor Antônio Boaventura, narrada por Listello, ao solicitar que, nas demais conferências que ele deveria realizar, fosse abordada essa nova concepção de Educação Física esportiva, e não mais aquilo que ele havia previamente solicitado, parece denotar certo desconhecimento dessa proposta. Há de se considerar, nessa passagem, que, mesmo se tratando de uma abordagem desconhecida tanto da comissão organizadora do curso, quanto do público, a apresentação da proposta de Listello, de acordo com seu testemunho, agradou a todos de imediato.

Chama-se a atenção aqui para dois importantes fatos que possibilitam compreender tal adesão imediata à conferência de Listello. O primeiro fato refere-se ao papel da Educação Física em relação à formação do homem integral, pretendida com o movimento de renovação em debate nesses anos. Construir a personalidade, preparar para a vida coletiva e formar o caráter significava também uma ampliação das pretensões da área e de seu campo de ação na formação de crianças e jovens. Esses eram desafios colocados a todo momento como urgentes para o progresso da Educação Física, demandando novos dispositivos para o desenho de novos olhares e configurações, dentre os quais o esporte aparecia com relativa centralidade.

Isso foi possível perceber entre grande parte dos professores brasileiros que se dispuseram a contribuir com o debate por meio de artigos e entre aqueles que deram a sua contribuição por meio da organização de eventos para tais fins. Tanto em um caso quanto em

jê pouvais offrir um travail théorique et pratique dans l'esprit de la démonstration de la LINGIADE em SUEDE que j'avais dirigée. Je garantissais le succès et la réussite totale de cette expérience. La décision fut prise immédiatement par les responsables. Dans la soirée les emplois du temps furent modifiés afin que jê puisse travailler à temps plein durant toute la durée du stage. Le stage se termine em grande pompe, me restèrent alors les souvenirs merveilleux d'un travail accompli dans la détente, la fraternisation sans égale avec tous. Les soirées fabuleuses sur la plage au clair de lune, autour d'un grand feu de joie ou les groupes Brésiliens, Argetins, Mexicains, Péruviens, d'Uruguay, du Paraguay et autres, dispensaient à tour de rôle leur musique magique. Et puis tant d'autres souvenirs... qu'une correspondance bénéfique avec de vrais amis se chargerait de me les rappeler si besoin était. JE PENSAIS ALORS AU DOCTEUR JACQUET le directeur de l'I.N.S. qui avait déchiré la lettre em me disant; va au BRÉSIL tu as toute ma confiance. Il avait eu raison, j'avais tout mis em oeuvre pour lui faire plaisir et réussir, car il s'était totalement engagé dans cette aventure. CE STAGE FUT UM TRIOMPHE qui se répéta de nombreuses fois au curs de mès campagnes Brésiliennes. Mon but était de démontrer et prouver qu'à partir d'une "Education Physique Sportive" ou d'une seule activité sportive on pouvait éduquer physiquement (bien entendu) mais aussi socialment, moralment, et civiquement. LISTELLO, A. Recueil – Memoires: une vie professionnelle mouvementée er passionnante, p. 311, G/H.

outro, a modelagem da Educação Física pensada impregnava-se dos mesmos códigos culturais que modelavam, em grande parte, as proposições pedagógicas da EFDG, como o desenvolvimento do espírito de coletividade, a educação da ação e a formação para a vida em sociedade através da prática esportiva. Ao afirmar que sua fala objetivou “[...] demonstrar e provar que, a partir de uma ‘Educação Física Esportiva’ ou de uma única atividade esportiva, era possível educar fisicamente (é claro), mas também socialmente, moralmente e civicamente”²⁹⁷, é possível pensar que os princípios da proposta francesa foram ao encontro desses pressupostos que passaram, então, a compor a argumentação do período sobre qual Educação Física se queria.

O segundo fato que possibilitou compreender a adesão imediata à conferência de Listello foi a apresentação do esporte como possibilidade educativa que, da mesma maneira, passou a fazer parte da referida argumentação. É notável em publicações desse período a identificação do esporte como potencial meio educativo, dada, entre outros fatores, por suas “funções dinâmicas” e pela sua capacidade de “inspirar novos, e talvez maiores esforços” de interesse e aprendizado dos alunos.²⁹⁸ Se a defesa do esporte na escola já era algo que, processualmente, passava a ser mais aceito nesse período, as maneiras de abordá-lo na prática docente ainda não eram intensamente debatidas e careciam de elementos mais concretos para subsidiá-las. Assim, ao expor uma proposta que apresentava aspectos didático-metodológicos para o ensino do esporte tendo por base uma formação física, moral, social e cívica, Listello parece ter chamado a atenção, para si e para a EFDG, de uma área aberta e carente de novos métodos de ensino.

Importa registrar que as reações à sua participação no Curso de Santos foram reverberadas tanto pela imprensa brasileira, a especializada e a de circulação geral, quanto de maneira oficial, em correspondência com as autoridades francesas. A começar por esse último aspecto, as correspondências trocadas por Antônio Boaventura da Silva e Arthur Alcaídes Valls, como representantes do DEF-SP, com Dr. Jacquet, diretor do INS, entre os anos de 1952 e 1954, demonstram certo reconhecimento e enaltecimento, por parte dos brasileiros, em relação à proposta francesa e a seu autor, bem como certa disponibilidade e desejo, por parte dos franceses, em tornar conhecido o trabalho desenvolvido no INS. As variadas correspondências trocadas entre os representantes dessas duas instituições acabaram por expressar pontos de vista sobre esse movimento.

²⁹⁷ LISTELLO, A. Recueil – Memoires: une vie professionnelle mouvementée et passionnante, p.311, H.

²⁹⁸ NETTO, Américo R. Ginástica e Esporte. *Revista da Apef*, ano I, n. 2, dezembro de 1953, pp.2-3.

O tom das cartas enviadas ao INS após as participações de Listello no evento era, geralmente, dado por um agradecimento pela “[...] perfeita condução de um programa apto a contribuir de maneira eficaz à construção da educação integral de nossa juventude” e pela liberação de um professor “[...] que se revelou não somente como um grande técnico, mas também como um notável educador e amigo, ao serviço de uma causa universal”. Ao final, sob o argumento de “fixar e afirmar este importante trabalho” desenvolvido por Listello, tornava-se “indispensável” contar com a presença dele na estrutura da próxima edição do curso.²⁹⁹ Em resposta, a autorização concedida à presença de Listello nesses cursos no Brasil, por um período de aproximadamente um mês por ano, vinha sem demoras ou obstáculos. Na estrutura dessa troca de correspondências de solicitações e concessões, o que estava em questão era a constituição de outro projeto de Educação Física, interessado em absorver novos métodos e sistemas de ensino que pudessem ser capazes de promover uma mudança nos campos escolar e extraescolar brasileiros. É importante destacar que a comissão organizadora de tais cursos não estava preocupada apenas com o desenvolvimento da Educação Física escolar, mas sim com o desenvolvimento do campo mais amplo de atuação. Nesse sentido, a Desportiva Generalizada parece mais uma vez ir ao encontro das expectativas de parte da Educação Física brasileira, uma vez que o seu foco de atenção não se encerrava na escola, mas dela se expande para outros tempos e espaços.

Os esforços, financeiros e de qualificação de pessoal, foram intensos nesses primeiros anos de troca entre Brasil, por meio do DEF-SP, e França, por meio do INS. Concomitantemente aos pedidos de cessão do professor Listello, constatou-se também, pelo menos por duas vezes, a intenção em enviar para o INS, com o propósito de estágio, professores brasileiros ligados ao Estado de São Paulo. No início de 1953 foi solicitado, pelo então diretor do Departamento de Esportes da Secretaria de Governo do Estado de São Paulo, o Major Sylvio de Magalhães Padilha, o pedido de acolhimento do professor José Benedicto de Aquino.³⁰⁰ Em fins do mesmo ano, Boaventura da Silva, na posição de presidente da APEF-SP, requereu também um estágio de três meses para os professores Júlio Herculano Pedroso Mazzei e Mauro Soares Teixeira, da Escola de Educação Física de São Carlos-SP, como indicação do próprio Listello.³⁰¹ Sabe-se que as duas solicitações foram aceitas e que, no caso específico de Júlio Mazzei e Mauro Teixeira, tal encontro possibilitou diálogo muito

²⁹⁹Acervo Pessoal do Professor Auguste Listello. Correspondência enviada ao Dr. Jacquet por Antônio Boaventura da Silva e Arthur Alcaídes Valls. São Paulo, 30 de novembro de 1953.

³⁰⁰Arquivo Pessoal do Professor Auguste Listello. Correspondência enviada a Arthur Alcaídes Valls por Dr. Jacquet. Paris, 21 de abril de 1953.

³⁰¹Arquivo Pessoal do Professor Auguste Listello. Correspondência enviada ao Dr. Jacquet por Antônio Boaventura da Silva. São Paulo, 24 de novembro de 1953.

próximo desses brasileiros com a EFDG, que incluiu traduções de artigos de Listello, citações em obras e utilização da EFDG como fundamentação na elaboração de um programa de ensino de Educação Física de autoria desses dois professores.

No que tange aos esforços financeiros, a instituição francesa fazia questão de reafirmar (em praticamente toda correspondência) que os custos de transporte, alimentação, hospedagem e demais despesas seriam de responsabilidade do Estado de São Paulo ou do governo brasileiro. E assim era feito. O financiamento veio, pelo menos nos três primeiros anos de participação de Listello (1952, 1953 e 1954), essencialmente do Estado de São Paulo, por meio do Departamento de Educação Física. Listello participou de mais uma edição do Curso de Santos na década de 1950, realizada em 1957.³⁰² Pôde-se constatar que apenas nesse ano houve financiamento da Divisão de Educação Física do Ministério de Educação e Cultura (DEF-MEC), sob a direção do professor Alfredo Colombo, e que esse recurso foi especificamente liberado para a participação de Auguste Listello, por meio de uma solicitação feita pela APEF-SP. Tal financiamento subsidiou também a participação do professor no I Estágio Internacional de Educação Física, no Rio de Janeiro.

Na década de 1950, a comissão organizadora dos Cursos de Santos contou essencialmente com sujeitos ligados ao Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo, à Associação de Professores de Educação Física do Estado de São Paulo e à Escola de Educação Física de São Paulo.³⁰³ Apenas em 1957 a DEF-MEC se inseriu como colaboradora e apoiadora do projeto. A comissão foi liderada pelo professor Antônio Boaventura da Silva como diretor da Secção Técnica do DEF-SP nas edições de 1952/53/54 e como representante da Escola de Educação Física de São Paulo em 1957, com apoio do Dr. Artur Alcaídes Valls, diretor-geral do DEF-SP entre os anos de 1952 a 1954, e do Dr. Domingos Luz de Faria, diretor-geral do DEF-SP em 1957. Pôde-se identificar outros professores que participaram da organização de pelo menos uma das edições como: Idílio Alcântara de Oliveira Abade, técnico de educação do DEF-SP, em 1952; Moacir Daiuto, do DEF-SP, em 1957; Antônio Rennó Ribeiro, presidente da APEF-SP, em 1957.

³⁰²Essa foi a quinta edição do Curso de Santos. Não houve, portanto, cursos nos anos de 1955 e 1956, já que a quarta edição foi do ano de 1954. Não foi possível apurar as razões desse intervalo entre tais edições do curso.

³⁰³É importante ressaltar que, até a década de 1950, os mesmos sujeitos que compunham o DEF-SP eram também ligados à Escola de Educação Física de São Paulo. Nesse período, por exemplo, em função do decreto 19.819f de 11 de outubro de 1950, o diretor do Departamento deveria ser também diretor da Escola de Educação Física. Apenas em 1958 a Escola é desvinculada do Departamento, tornando-se um Instituto isolado de Ensino Superior (LOURDES, 2007). Como faziam parte de instituições de referência para a Educação Física do Estado, não era incomum encontrar esses mesmos sujeitos vinculados à Associação de Professores de Educação Física de São Paulo. Por isso, nesse período, as ações dos sujeitos vinculados a essas três instituições se entremeiam a todo momento.

A FIGURA 7 retrata um momento de confraternização da direção do II Curso de Aperfeiçoamento Técnico Pedagógico de Santos. Além dos membros da comissão organizadora, é possível notar a presença de Curt Johansson, da professora Eurídice³⁰⁴ e do professor de Educação Física e jornalista Henrique Nicolini. Formado em Educação Física e em Filosofia, Nicolini foi professor do Ensino Médio do Estado de São Paulo (1948-1983), presidente da Federação Paulista de Natação (1960-1964 e 1989-1992) e repórter do Jornal *A Gazeta Esportiva* desde o ano de 1946, tendo lá trabalhado por mais de 60 anos. Apesar de não creditar em seu nome os artigos publicados pelo jornal sobre Listello e a EFDG, é possível inferir que grande parte tenha sido escrita por ele que, em 1952, conheceu o professor francês, o acompanhou ao longo do curso e se tornou seu amigo. Além disso, Nicolini foi um grande entusiasta da EFDG, tendo afirmado em entrevista que, como professor da Educação Básica, aplicava o método.³⁰⁵

FIGURA 7 – Encontro da Direção do Estágio Internacional de Santos – 1952 – e 21 anos após a primeira edição do Curso



Fonte: LISTELLO, A. Recueil – Memoires: une vie professionnelle mouvementée et passionnante, p. 311, K.

³⁰⁴Há poucos registros sobre as funções assumidas pela professora Eurídice. Sabe-se que ela foi diretora da APEF-SP na década de 1960, mas não foram encontradas outras fontes que pudessem revelar suas ações no âmbito dessa e de outras instituições.

³⁰⁵NICOLINI, Henrique. Entrevista cedida a Carlos Martinez em 2011.

Ao ponderar que esses sujeitos e essas instituições foram fundamentais no processo de circulação da EFDG, quer-se indicar que a adesão e a atribuição ao método de um potencial renovador não surgiram de vontades isoladas, mas da conjugação de uma série de fatores que possibilitaram o modo específico como a EFDG se estabeleceu no Brasil. Entendendo que a circulação de saberes é provocada por sujeitos e, conseqüentemente, as maneiras pelas quais são apreendidos esses saberes estão impregnadas dos sentidos que os envolvidos produziram para si e para o objeto de atenção. Sendo assim, pode-se afirmar que, nesse movimento, Antônio Boaventura da Silva teve certo protagonismo.

Boaventura, fosse como representante do DEF-SP, da APEF-SP ou da Escola de Educação Física, buscava sempre articular ideias e promover ações que estivessem em consonância com seus ideais de Educação e de Educação Física. Acreditava que seu trabalho, principalmente no Departamento, poderia contribuir para a área na medida em que possibilitava o contato com programas de ensino aos professores escolares, ao invés de apenas fiscalizar e inspecionar o trabalho deles.³⁰⁶ Com esse espírito, Boaventura estimulou a realização dos Cursos de Santos e, reconhecendo no professor Listello e na EFDG uma possibilidade de impulsionar a Educação Física brasileira, promoveu o trânsito do professor e do método. Sobre tal empenho, assim lembrou:

Com a sequência de cursos que estávamos para dar, procuramos outros representantes de outros países e foi aí que veio o professor Listello, a primeira vez em 1952. Ele foi convidado e veio junto com o professor Curt Johansson, para ministrar cursos por três vezes no Brasil. Curt Johansson, juntamente com o professor Listello, eram os âncoras destes cursos. Foi assim que pudemos começar a sentir a diferença entre o professor Listello e o professor Johansson. Não a diferença de técnicas e sim a diferença no espírito do trabalho. Não há nenhuma crítica ao professor Curt Johansson e sim uma observação que fazemos, porque na realidade, em face ao temperamento e à natureza dos brasileiros e dos latino-americanos, nós precisávamos de alguma coisa mais humana e foi ali que o professor Listello pôde trazer um conceito técnico-pedagógico e, principalmente técnico, por pelo menos mais treze vezes.³⁰⁷

Apesar de ter sido reconhecido como um “sujeito da Ginástica”³⁰⁸, muito provavelmente em função de sua cadeira de atuação no ensino superior,³⁰⁹ Boaventura foi o

³⁰⁶ Entrevista. *A Gazeta Esportiva*, 26 de outubro de 1946.

³⁰⁷ BOAVENTURA DA SILVA, Antônio. Entrevista cedida a Carlos Martinez em 2002.

³⁰⁸ PEREIRA, Laércio Elias. Entrevista cedida a Luciana Cunha em 02 de dezembro de 2015. Belo Horizonte-MG.

³⁰⁹ Ao longo de sua carreira como docente na Escola, ele foi responsável, em grande parte do tempo, por ministrar a disciplina de Educação Física Geral Masculina. Mas, além dela, por diversas vezes substituiu professores nas cadeiras de Natação, Atletismo, Futebol e Handebol (LOURDES, 2007).

grande mobilizador da Desportiva Generalizada no Brasil. Como relatou o entrevistado Alfredo Gomes de Faria Júnior:

Bem, é, [o professor Boaventura] foi a figura mais importante, na circulação e na apropriação da Desportiva Generalizada. Mas é, é... Eu acho que é importante [a gente frisar] que o Boaventura, se não tivesse aderido... Ele [Listello] não teria tido... sucesso no Brasil que teve. Essa é a opinião minha... Porque veja, eles estavam sempre juntos...³¹⁰

Boaventura esteve próximo à Listello ao longo de toda sua trajetória no Brasil. Nesses anos, Listello e Boaventura firmaram uma estreita relação de amizade que perdurou pelas suas trajetórias pessoais e profissionais. Essa ligação pessoal e profissional gerou maior abertura para a circulação da EFDG por meio dos cursos de aperfeiçoamento e dos artigos de revistas da área e de jornais de grande circulação. Essa parceria se deu, num primeiro plano, na tradução dos artigos escritos em francês por Listello e posteriormente publicados em revistas brasileiras e, num segundo plano, pela escrita conjunta de textos que foram utilizados nos cursos de aperfeiçoamento e publicados em periódicos.

Tal ação mediadora de Boaventura em relação ao professor Auguste Listello e em relação à EFDG, na promoção de cursos de aperfeiçoamento técnico e pedagógico no Estado de São Paulo, conferiu visibilidade à proposta e ao seu autor, possibilitando seu reconhecimento e ampliando os espaços de atuação e divulgação para além de seu estado. Atuando nos lugares e nas redes de sociabilidade, Boaventura e tantos outros professores que se inseriram no processo de circulação da EFDG pelo Brasil agregaram interesses, jogando com as circunstâncias e possibilidades dadas para, processualmente, expandir e remodelar ideias e proposições da área.

4.2 Espaços de inserção da proposta: os cursos de aperfeiçoamento

Os Cursos de Santos foram a porta de entrada da Educação Física Desportiva Generalizada no Brasil, mas não foram o único lugar de atuação de Listello ainda na década de 1950. Foi possível constatar que, nesse período, ele também participou de cursos e proferiu palestras em outras cidades e estados brasileiros. Nos anos de 1952 e 1954, sua presença parece ter se restringido aos Cursos de Santos, mas nos demais (1953 e 1957), realizou palestras e cursos em outras cidades do estado de São Paulo e em outros estados.

Em 1953, no estado de São Paulo, Listello esteve na Escola de Educação Física de São Paulo e na Universidade Mackenzie, ambas na capital; na Escola de Educação Física de

³¹⁰ FARIA JÚNIOR, Alfredo Gomes. Entrevista a Luciana Cunha em 16 de janeiro de 2017. Niterói-RJ.

Bauru, na de São Carlos e na de Araraquara, no interior do estado. Em Minas Gerais, proferiu uma conferência solicitada pelo Serviço Social do Comércio de Minas Gerais e uma na Escola de Educação Física, ambas realizadas em Belo Horizonte.³¹¹ No ano de 1957, além do Curso de Santos, Listello retornou a Belo Horizonte, dessa vez para participar da I Jornada de Estudos da Educação Física, a convite do professor Sylvio Raso. Em Porto Alegre (RS), ministrou um curso sobre a EFDG na Escola de Educação Física do Estado e foi também convidado a falar na Escola dos Oficiais do Rio Grande do Sul. Participou também, como já anunciado, do I Estágio Internacional de Educação Física no Rio de Janeiro e, nessa mesma cidade, realizou uma palestra sobre organização do futebol francês, na Associação Brasileira da Imprensa (ABI).

Apesar de Listello ir a Porto Alegre pela primeira vez apenas em 1957, é possível perceber nas fontes que a EFDG chega a essa cidade anos antes, por meio de um de seus importantes mediadores, o professor Major Jacinto Targa. Na década de 1950, Targa acumulou cargos de presidente na Associação de Professores do Rio Grande do Sul (APEF-RS), de representante da Região Sul no Comitê da FIEP, e de diretor e professor na Escola de Educação Física do Rio Grande do Sul. No cruzamento de suas funções nessas três instituições, se tornou uma referência importante para a circulação da Desportiva Generalizada no seu estado. Como professor da cadeira de Metodologia da Educação Física, já em 1953 inseriu em seu programa de ensino a Desportiva Generalizada; como representante da APEF-RS e da FIEP, promoveu cursos sobre a EFDG, com e sem a presença de Listello; e como alguém que procurou contribuir com o debate da área, escreveu artigos e obras em que o método ora foi abordado como tema central, ora como fundamento para a promoção de suas ideias.

Em Minas Gerais, tal papel mediador pôde ser percebido nas ações do professor Sylvio Raso. Responsável pela organização das Jornadas Internacionais e de outros eventos de caráter formativo, atuando no ensino e na gestão do curso de Educação Física da Escola de Minas Gerais e inserido em órgãos estatais, como a Diretoria de Esportes de Minas Gerais, se apresentou como um sujeito engajado nas questões relativas ao desenvolvimento da área. Foi também um dos responsáveis por fazer circular, em Minas Gerais, principalmente nas décadas de 1950 e 1960, outros modos de pensar e de fazer Educação Física, como a Desportiva

³¹¹ Informações encontradas em um documento manuscrito de Listello, por ele intitulado *Missions accomplies a l'étranger* (Missões realizadas no estrangeiro), entre 1941 a 1963.

Generalizada.³¹² Assim como Targa, já na década de 1950 Raso incorporou a EFDG como um conteúdo de destaque em suas aulas na cadeira de Educação Física Geral Masculina.³¹³

O I Estágio Internacional de Educação Física foi particularmente importante para a circulação e a visibilidade da EFDG pela abertura a ela proporcionada em outra instituição significativa da Educação Física brasileira, a Divisão de Educação Física do MEC, sob a coordenação de Alfredo Colombo. O ano de 1957 marca um investimento financeiro e de qualificação pessoal por parte da DEF-MEC na difusão da Desportiva Generalizada, que vai se estender por mais alguns anos com, por exemplo, a colaboração e a indicação de professores para trabalhar o método em cursos do gênero em outros estados.

Essa iniciativa do DEF-MEC é simbólica da nova fase da direção desse órgão a partir da entrada de Alfredo Colombo, em 1955. Os rumos da Educação Física nacional era um dos temas em debate nessa nova fase da Divisão de Educação Física, que tinha como plano de ação prioritário “levar ao povo os serviços educativos”, com a pretensão de não mais ser uma “[...] Divisão-polícia e sim uma Divisão-serviço, a fim de que os requisitos legais sejam exequíveis e os objetivos educacionais atingidos”.³¹⁴ “Harmonizar interesses e necessidades comuns da sociedade” pela Educação e pela Educação Física significava a possibilidade de tangenciar a integração nacional, desafios que demandavam a procura e o investimento em outros modos de fazer Educação Física, mais próximos ao projeto da Divisão. No âmbito das ações, prescrições necessárias a essa modernização da Educação Física culminaram na retirada da obrigatoriedade do Método Francês como método de ensino nacional, assim como incentivaram a circulação de outros métodos, como a Desportiva Generalizada.

O I Estágio Internacional de Educação Física fora largamente anunciado na imprensa carioca como um importante espaço de atualização dos conhecimentos através de modernos métodos de ensino e como uma possibilidade de troca de experiências entre os professores. A EFDG e o Método Natural Austríaco, apresentado pelo professor Gehard Schmidt, foram os grandes destaques desse evento nos diferentes jornais:

Esses dois mestres farão com que os estagiários tomem contato com dois ramos da moderna educação física: o francês, que explora a espontaneidade dos movimentos, utilizando-se para isso, quase sempre, de uma competição e, o austríaco, que

³¹²LIMA, 2012.

³¹³Acervo do CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969). Programa – Educação Física Geral Masculina. 1959.

³¹⁴*Boletim de Educação Física*, n.13, vol./ano V I, 1955, p.5.

exercita o indivíduo no sentido de obter uma absoluta naturalidade de movimentos [...]³¹⁵

Nessa reportagem, e em outras sobre esse evento, esses dois sistemas e seus autores são representados como aqueles que deveriam ocupar o lugar de intérpretes do que havia de mais novo na área, corroborando a premissa de que uma reorientação da Educação Física nacional poderia ter, em suas propostas, uma diretriz moderna. Se, num primeiro momento, podíamos dizer que tal premissa circulava com mais ênfase no estado de São Paulo, é possível dizer que, a partir desse evento, ela se tornou também reconhecida no estado do Rio de Janeiro e, de maneira especial, na Escola Nacional de Educação Física e Desportos e na Divisão de Educação Física do MEC. Em entrevista, Alfredo Gomes de Faria Júnior pontua que esse curso e suas edições seguintes foram determinantes para a inserção da Educação Física Desportiva Generalizada no estado.³¹⁶ Por meio deles a EFDG foi adentrando as escolas de formação de professores e as escolas secundárias.

Cabe também perceber e destacar os modos de apresentação da Desportiva Generalizada nesses diferentes cursos. O ordenamento de tempo e espaço, a seleção de conteúdos e a organização da aula esboçada nesses eventos foram reconhecidos como importantes balizas para o seu ensino em outros lugares de formação. É outra representação sobre a EFDG que figura nas memórias e nas práticas de ensino que construíram a Educação Física daquele momento. Nessa construção, constatou-se tanto as reproduções dos códigos relativos a essa sistematização de aula quanto as reformulações, apropriações de seus elementos, tomados como referência para o fazer docente.

À parte as particularidades de cada um desses eventos, as imagens selecionadas junto às memórias dos sujeitos que participaram desses movimentos são capazes de nos revelar alguns dos princípios que nortearam o fazer relacionado à EFDG no Brasil. A ênfase nos jogos e nas atividades lúdicas, a predominância de aulas práticas, a postura do professor e a organização das atividades, dos espaços e dos materiais necessários à aula são representativos de um modo de fazer Educação Física que passou a ser vinculado ao método e ao seu autor. Todas essas características, bem como seus arranjos e composições possíveis, desenharam a EFDG de maneira singular, definindo modos de compreender e de transmitir posteriormente o que fora assimilado.

³¹⁵Estágio de EF instalou-se, ontem, no Rio. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, quarta-feira, 17 de julho de 1957, 1º caderno - p.12.

³¹⁶FARIA JÚNIOR, Alfredo Gomes. Entrevista a Luciana Cunha em 16 de janeiro de 2017.

FIGURA 8 – Curso ministrado por Auguste Listello – Estado de São Paulo – 1953



Fonte: Acervo Pessoal Professor Auguste Listello

FIGURA 9 – Curso ministrado por Auguste Listello – Estado de São Paulo – 1953



Fonte: Acervo Pessoal Professor Auguste Listello

FIGURA 10 – Curso ministrado por Auguste Listello – Estado de São Paulo – 1953



Fonte: Acervo Pessoal Professor Auguste Listello

FIGURA 11– Curso ministrado por Auguste Listello – Estado de São Paulo – 1953



Fonte: Acervo Pessoal Professor Auguste Listello

Essas imagens, reunidas em um álbum de fotografias pelo professor Listello e por ele nomeadas como *Aulas ministradas no estado de São Paulo no ano de 1953*, revelam a forma como ele era enlaçado pela dimensão prática em seu fazer docente. A maneira de expor os princípios e os conteúdos da EFDG realizada por Listello sob uma perspectiva prática fora anunciada, ainda que indiretamente, em suas lembranças sobre a primeira participação no Curso de Santos. Ao afirmar que “[...] poderia oferecer um trabalho teórico e prático com o mesmo espírito da demonstração da LINGÍADA na SUÉCIA que eu dirigi”³¹⁷, Listello indicava sua maneira de lidar com os conhecimentos e as práticas relativas à proposta, próximas à ideia de demonstrar para ensinar, realizar para aprender.

Legitimada pelas fotografias de seus cursos e pelos relatos dos professores que deles participaram, a dimensão prática de suas aulas parecia ir ao encontro do que as pessoas procuravam e de um molde de formação de professores ainda muito impregnado do fazer prático da Educação Física. Em seu depoimento, Élcio Paulinelli afirmou que as aulas de grande parte das disciplinas que compunham o currículo do curso da Escola de Educação Física de Minas Gerais era essencialmente prática dos respectivos esportes e de seus métodos de ensino:

Aulas, aulas práticas. Era uma época em que a Educação Física era eminentemente prática. Quer dizer, tudo da Educação Física era prática. [...] Dentro deste contexto eminentemente prático, a Educação Física era muito limitada, quando veio a Desportiva Generalizada, deu a oportunidade de abrir um pouco o nosso campo, porque nós ficávamos muito presos ao regulamento número sete, que era coisa de militar.³¹⁸

Considerando as representações construídas pelos sujeitos daquele tempo e os registros imagéticos, parece-me plausível afirmar que Listello emprestava à dimensão prática um significado de amplitude tal que acabava por incluí-la até mesmo em ocasiões de aula teórica. Nas FIGURAS 12 e 13 é possível perceber que, no momento de aula retratado, o que se destaca não são conceitos ou princípios teóricos do método, mas sim movimentos, posições corporais, ou seja, possibilidades de ação e organização para a prática.

³¹⁷LISTELLO, A. *Recueil – Memoires: une vie professionnelle mouvementée et passionnante*, p.311, G.

³¹⁸PAULINELLI, Élcio Guimarães. Entrevista cedida a Luciana Cunha em 07 de junho de 2016. Belo Horizonte-MG.

FIGURA 12 – Aula teórica ministrada por Auguste Listello no I Estágio Internacional de Educação Física com a tradução de Júlio Mazzei – Rio de Janeiro – 1957



Fonte: Acervo Pessoal Professor Auguste Listello

FIGURA 13 – Aula teórica ministrada por Auguste Listello no I Estágio Internacional de Educação Física com a tradução de Júlio Mazzei – Rio de Janeiro – 1957



Fonte: Acervo Pessoal Professor Auguste Listello

É fundamental também destacar a estruturação das aulas que ficou marcadamente vinculada ao método: 1ª parte – exercícios de aquecimento; 2ª parte – exercícios de flexibilidade e desenvolvimento muscular; 3ª parte – exercícios de agilidade e *Cran*; 4ª parte – aplicações esportivas. De fato, Listello, na condição de professor dos cursos, parece ter apostado nessa formatação como maneira de apresentação da organização das atividades da EFDG, pelo menos nesse primeiro momento. Nas FIGURAS 14-15 e 16-17 apresentam-se, respectivamente, uma parte do programa de um curso ministrado por Listello contendo atividades e temas que seriam tratados em suas aulas e uma espécie de apostila produzida por um de seus alunos a partir dos conteúdos abordados. Aliados às lembranças dos entrevistados, tais documentos indicam que essa estruturação de aula fora um dos atributos da proposta que mais ganhou visibilidade.

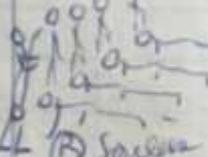
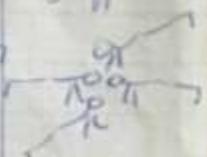
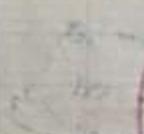
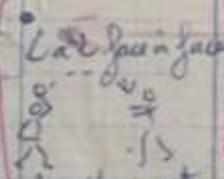
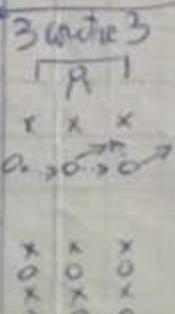
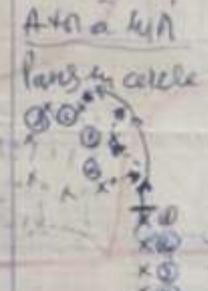
No documento apresentado na FIGURA 14, intitulado por Listello *Exemplos de exercícios relacionados às formas de atividades*, ele apresenta um quadro relacionando cada parte da aula (aquecimento, exercícios de alongamento e desenvolvimento muscular, *Cran* e aplicações esportivas) aos respectivos objetivos e às atividades correspondentes a cada forma de trabalho (individual, pequenos grupos, coletiva e jogos). As marcas de leitura e as traduções possíveis de serem vistas nesse documento indiciam seu uso em uma das passagens do professor pelo Brasil, bem como suas proposições de ensino iniciais e as mudanças realizadas, provavelmente, ao longo das experiências de aula.

FIGURA 14 – Material de curso manuscrito pelo professor Listello contendo as quatro partes de uma aula, com respectivos objetivos e formas de trabalho, s/d (1/2)

Exemples d'exercices suivant l'esprit des formes de Travail d'activités.					
EXERCICES de:	OBJECTIFS.	FORMES Individuelles de Travail	FORMES de Travail non collectif	Formes Collectives de Travail	Formes Joueurs
Mise au Travail <i>Agrippement</i>	REFLEXES Action Reaction dans le Marquage et Amarquage	GENOUX - de l'arrêt différents g. - de déplacement <i>diagonalement</i> - horizontales <i>les Postulades</i>	TELH - L'écran - Peron R. - l'inverse.	Changement de équipe 5 + 5 3 + 2 1 + 1 1A maître 1B quilibre 1C maître en face de 1A 1A est en la équipe de 1B 2A tout à fait	LES Postulades a) debout b) allis 2 a 2. Face à Face Sur la main position inversée Relation et action
ASsefflim Musculature	MUSCULATION Partie centrale du corps.	Tiers de l'élève la tête.	Force mobile - avec appui de de jambes. - la gironde de la - Paille sur le sol	Pailles par retour sur le côté - une joue - jeu de - 2 jambe - 2 - 2 - 2 - 2	Hockey Volley détaillement nombre de Pailles dans chaque camp
			Travail - 1 - 1 - 1 - 1 - 1 - 1 - 1 - 1	Travail - 1 - 1 - 1 - 1 - 1 - 1 - 1 - 1	

Fonte: Acervo Pessoal Professor Auguste Listello

FIGURA 15 – Material de curso manuscrito pelo professor Listello contendo as quatro partes de uma aula, com respectivos objetivos e formas de trabalho, s/d (2/2)

Exercices	Objetifs	Formes individuelles de Travail	Formes de travail en petits groupes	Formes collectives de Travail	Formes Jouees
Abilities (2ay)	Equilibre Manuel	<p>contre un obstacle</p>  <p>sur 2 appuis bas.</p> 	<p>Equilibre à 2</p>  	<p>Equilibre chaise de</p>  <p>② Sauter calmement et mesurer les autres</p>	<p>surprimer les appuis</p> 
Initiation Sportive	Lancer en Hand-Ball	<p>Contre un obstacle</p> <p>Lance-Mains</p> <p>lancers individuels divers</p>  <p>La 2e partie</p>  <p>Reception, et lancer sans arrêt. (sur un obstacle)</p>	<p>3 contre 3</p> 	<p>Avis à un dans le cercle</p>  <p>① regards @ partie ② qui les redonne, sans ③ et... faire tout le Tour.</p>	<p>Hand-balls au cercle</p> 

Fonte: Acervo Pessoal Professor Auguste Listello

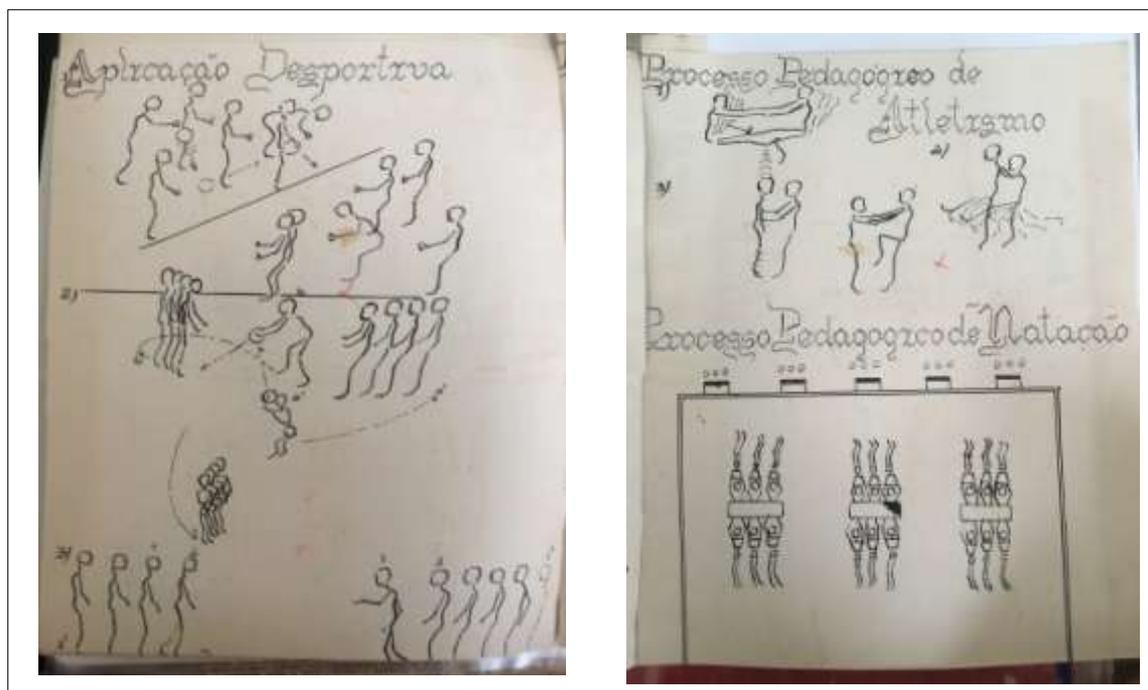
Por outro lado, o documento apresentado nas FIGURAS 16-17 auxilia a compreender, sob a ótica dos alunos, os ensinamentos e as práticas constitutivas da EFDG em meio a essas experiências.

FIGURA 16 – Anotações de aluno durante o IV Curso de Aperfeiçoamento Técnico Pedagógico de 1954 (1/2)



Fonte: Acervo Pessoal Professor Auguste Listello

FIGURA 17 – Anotações de aluno durante o IV Curso de Aperfeiçoamento Técnico Pedagógico de 1954 (2/2)



Fonte: Acervo Pessoal Professor Auguste Listello

Vale lembrar que a proposta do INS indicava uma educação esportiva que tinha por base essa estruturação de aula, mas nela não se encerrava. Havia uma sistematização de ensino a longo prazo que pretendia, num primeiro momento, o acesso e a aprendizagem das diferentes modalidades esportivas, compondo a educação esportiva generalizada e, num segundo momento, a especialização no esporte escolhido pelo jovem. Tal organização compreendia anos de ensino, seja na escola, seja nos clubes. As escolhas e as práticas que modelaram a realização e a organização desses cursos possibilitam pensar que, de todos os princípios e sistematizações que compuseram a EFDG na França, o que parece ter sido mais acolhido pelos brasileiros tenha sido a estruturação da aula. A formação docente no Brasil ainda estava muito impregnada do formato de sessões em decorrência dos métodos de ensino como o Método Francês e o Sueco, ainda muito presentes nas escolas de formação de professores. Tal formatação pode ter refletido no processo de apropriação da Desportiva Generalizada fazendo com que algumas de suas conformações fossem sendo sutilmente eclipsadas, enquanto outras fossem ganhando visibilidade, como a estruturação das aulas.

Se, no entanto, os modos de estruturar a aula aproximavam-se daqueles métodos, os princípios pareciam se distanciar. A dimensão valorativa do ensino do esporte e o envolvimento dos alunos na dinâmica da aula foram norteadores do trabalho docente na perspectiva da EFDG.

Nas fotografias, nos registros de aula, nos depoimentos dos professores, o *ethos* esportivo aparecia disseminado em cada atividade e prática, como forma e como conteúdo. Reforçando a ideia de que o esporte, devidamente orientado, era meio de aprendizagem e desenvolvimento de crianças e de jovens para a vida em sociedade, as variadas atividades elencadas para cada etapa da aula guardavam relação com a prática esportiva ou carregavam seus símbolos. A competição, o prazer, a ética e a disciplina esportiva eram ingredientes apropriados na organização do trabalho. Até mesmo a utilização da bola, um dos poucos materiais mobilizados para a realização de atividades, evidencia a referência simbólica do campo dos esportes na estruturação de cada parte da aula.³¹⁹

Essa maneira de ver estava expressa na fala dos entrevistados. Sobre as aulas ministradas nos cursos, assim relembra Nestor Soares Públio:

[...] eram aulas práticas, aulas práticas. Ele botava os professores que queria fazer aula prática e dava uma aula prática como professor deveria dar pros seus alunos nas escolas. Inclusive ele tinha uma coisa muito engraçada, que todo mundo perdia tempo fazendo chamada: “Antônio? Presente. Fulano? Presente”. Era um tempão que você perdia na aula, aí ele ensinou a turma como é que fazia chamada. Botou o pelotão em forma, trinta alunos, cada um com seu lugar fixo: “E aí, como é que chama você? Luciano. Como é que chama você? Laercio. Então o cara que tá na sua frente chama Luciano, o cara que tá atrás, Laércio”. Então todo mundo ficava se conhecendo. “E agora vamos entrar em forma e deixar o lugar vago de quem tá faltando. De quem é esse lugar? Ah, é do Antônio. E aquele? É do Pedro. E aquele?” Então em dois tempos cê acabava a chamada. Ele tinha umas coisas muito bacanas na parte educacional assim, dando muita responsabilidade ao aluno. Na escola dele cada semana um aluno era o chefe pra ajudar ele a fazer tudo: pegar material, dar ordem pros outros pegar material, recolher material, etc. Cada um tinha uma responsabilidade. Nos campeonatos que ele fazia, dividia a turma dele em três grupos: grupo do bom, dos médios e dos ruim. Fazia campeonato entre os ruins, entre os médios e entre os bão. Era o que chama muita atenção nas aulas dele. E essa parte quando há qualquer possibilidade na aula que você possa aproveitar pra educar o aluno, você para a aula e vai dar uma aula de educação pros alunos tendo em vista o que aconteceu. Eu te falei do problema do apito: “Tô apitando um jogo qualquer, o aluno chega lá e reclama. Aí bota todo mundo sentado, todo mundo erra na vida, seu pai erra, seu irmão erra, você erra, eu também posso errar como professor, nós vamos botar uma regra no jogo aqui, quem reclamar da arbitragem vai assumir o apito”. Aí o primeiro que reclama: “Oh pega o apito. Não, mas não precisa. Não, pega o apito, nós combinamos lá”. Aí o cara começa apitar o outro reclama, oh... aí o terceiro ou quarto ninguém mais reclama da arbitragem porque o pessoal que jogar, não quer arbitrar. Era uma maneira de fazer a turma se educar, se disciplinar, etc. Eu te falei ele treinava lá um ritmo pros garotos pra não prejudicar ninguém, ninguém fazer uma atividade física muito forte, sem ter possibilidade, botava um ritmo ali de trinta segundos pra cem metros, um minuto pra duzentos metros, e fazia uma competição de mil metros com o pessoal dizendo: “Vai ganhar quem se aproximar mais dos quatro minutos”. É quem chegar na frente, porque tem aquele

³¹⁹Sobre essa questão, Auguste Listello afirmava que não eram necessários muitos recursos materiais para o bom andamento das aulas. Grande parte das atividades selecionadas para as diferentes etapas da aula era feita sem a necessidade de recursos materiais e, até mesmo, de espaços determinados. Dessa forma, a presença da bola como um dos poucos materiais elencados, mas, ao mesmo tempo, bastante utilizados, indica aproximações com a dimensão esportiva.

ritmo pra correr mil metros, quatro minutos que ativa bastante a circulação sanguínea, faz um trabalho aeróbico bacana, etc. Isso era o Listello.³²⁰

Uma característica muito destacada nesse depoimento e nos de outros professores foi a de conferir responsabilidades aos alunos, envolvendo-os na direção e na organização de algumas atividades durante as aulas. Representações sobre a necessidade de preparar as crianças e os jovens para uma vida adulta consciente e autônoma estavam presentes nos princípios da EFDG que circularam nos periódicos franceses. Dessa forma, ao dotar os alunos de responsabilidade, eles eram submetidos a uma nova posição na dinâmica das aulas, com a intenção de produzir outras atitudes e sensibilidades. Essas características estavam próximas de um projeto de educação social, na medida em que o esporte possibilitava, para os autores da EFDG, o acesso de crianças e de jovens a elementos culturais importantes para a dinâmica social.

No âmbito do trabalho de Listello no Brasil, muitas orientações lembradas pelos entrevistados guardavam relação com o próprio modo de trabalho dele, como autor de sua prática; orientações sempre relacionadas a algum jogo ou atividade esportiva, e não apenas como diretiva geral do método em questão. Nessa convergência entre os princípios do método e a subjetividade docente de Listello, uma imagem da Desportiva Generalizada foi processualmente construída no âmbito da Educação Física nacional. Em sua função de apresentar e reverberar a EFDG, Listello anunciou, junto aos princípios da proposta, caminhos próprios de tratar a Educação Física. Nesse sentido, além de seu papel de representar o Instituto onde trabalhava e a sistematização de ensino lá desenvolvida, foi possível perceber que sua atuação do Brasil carregou aspectos de sua formação e de sua leitura de mundo, transformando suas experiências e práticas como professor. Não por acaso a sua figura, o seu modo de olhar e de tratar as aulas de Educação Física foram tão destacados quanto as novidades metodológicas trazidas pelo método.

Nesse clima de novidades questiona-se se tal ordenamento de ensino da Educação Física mobilizou no fazer docente daqueles que participaram desses eventos a adesão a esse outro projeto. Na busca por respostas, as lembranças de Élcio Paulinelli, professor da Escola de Educação de Minas Gerais, ofereceram alguns indícios:

[...] eu estava no terceiro ano, quando nós fizemos lá no DI, um curso, o Listello deu aula da Educação Física Desportiva Generalizada. Então nós tivemos a oportunidade, alunos, do contato com esse método. Tanto que eu tive uma influência muito grande na minha atividade, inclusive de uma certa forma um certa dificuldade

³²⁰ PÚBLIO, Nestor Soares. Entrevista cedida a Luciana Cunha em 23 de março de 2016. Atibaia-SP.

em mudar alguma coisa, depois eu como profissional de Educação Física, de sair da Desportiva Generalizada. Porque eu achei um método assim, espetacular, eu achava ele extraordinário, a ideia, a filosofia do trabalho do Listello, que é fazer das aulas de Educação Física, uma iniciação esportiva. Ele fazia das aulas de Educação Física uma iniciação esportiva, era isso. Eu achei que aquilo era a reinvenção da Educação Física, porque nós aprendíamos, até então, o regulamento número sete do método francês e a calistenia que era ginásticas alemãs, muito rígido.³²¹

Assim, ao longo dos cursos, nas ações e demonstrações mais corriqueiras, as construções corporais relacionadas ao esporte vão ganhando aparências, demarcando gestos e valores. Prescrições de uma pedagogia do corpo e dos esportes articuladas por questões de ordem social, física e moral. Nas imagens, nas memórias e nas reportagens foram identificadas possibilidades de ensino do esporte caracterizadas por uma singular maneira de conceber a Educação Física construída coletivamente por um grupo de professores na França. Porém, mediada pelo olhar e pelas características pessoais de Listello, foi também possível perceber que a EFDG que passou a ser representada no Brasil guarda fortes relações com a forma de trabalho particular desse professor. Assim, a circulação da EFDG no Brasil fora promovida, ao mesmo tempo, pelo seu caráter inovador relativo à didatização do esporte e pela operacionalização do seu modo de trabalho dado por características próprias de seu porta-voz, Listello.

Acompanhando os testemunhos sobre as diversas passagens de Listello pelo Brasil e as maneiras pelas quais suas ideias e obras circularam, pode-se inferir que a reverberação de seus princípios por meio dos cursos foi bastante significativa para os processos de circulação e de apropriação da Desportiva Generalizada. Identificado nas narrativas dos entrevistados, ao lado de um conjunto relativamente pequeno de sujeitos que mobilizaram os livros de Listello, havia um grupo muito maior daqueles que citavam e utilizavam seus conceitos e sua organização de aula apresentados nos diferentes cursos de aperfeiçoamento realizados por ele. E, posteriormente, os conceitos apresentados nos cursos foram também mobilizados por aqueles que passaram a assumir a divulgação da EFDG em seu exercício profissional.

Nesse movimento, foi possível identificar, já na década de 1950, professores brasileiros participando de eventos como responsáveis por ensinar a Desportiva Generalizada. Em 1958 Boaventura participou do que fora anunciado como I Curso Técnico Pedagógico de Educação Física em Curitiba, organizado pela Associação de Professores de Educação Física do Paraná, com apoio do Conselho Regional de Desportos e da Prefeitura de Curitiba. Segundo a reportagem sobre o Curso, o professor teve a responsabilidade de “[...] ministrar

³²¹ PAULINELLI, Élcio Guimarães. Entrevista cedida a Luciana Cunha em 07 de junho de 2016.

aulas de Ginástica Sueca e Ginástica Esportiva Generalizada” entre os dias 30 de junho e 05 de julho daquele ano.³²² Publicado no jornal *Diário de Pernambuco*, em 1959, o Departamento de Educação Física desse estado anunciou a presença do professor Júlio Mazzei, designado pela Divisão de Educação Física do MEC, com o propósito de ministrar “[...] um programa de atualização de conhecimentos sobre Educação Física Desportiva Generalizada”.³²³

Essas ideias e práticas postas em circulação nos cursos, simbolizadas pelos gestos, pelas demonstrações e por anotações de estruturas e atividades de aula, foram também organizadas e divulgadas em outro espaço, a imprensa periódica. Com o intuito de ampliar sua rede de leitores e, conseqüentemente, de adeptos e defensores do método, representações sobre a EFDG circularam na imprensa periódica especializada da área, com destaque para ideias e condutas consideradas centrais para a Educação Física brasileira daquele período. Nesta trama, a imprensa, importante meio de legitimação de saberes, apareceu como aliada na circulação da Desportiva Generalizada.

4.3 A veiculação da Educação Física Desportiva Generalizada nos periódicos: estratégia de legitimação

Renovação pedagógica, formação integral, dimensão educativa do esporte e educação pelo prazer foram alguns dos signos que circularam pela imprensa periódica vinculados à Educação Física Desportiva Generalizada. Signos esses muito próximos de um projeto mais amplo de Educação Física que também circulava pelos mesmos periódicos da década de 1950. Partilhando de alguns dos princípios associados ao pensamento pedagógico moderno, no qual a Educação Física era parte indissociável da formação integral das crianças e jovens, a EFDG chamou a atenção de alguns educadores e, sob a ótica de cada um deles, foi apresentada aos leitores de diferentes jornais e revistas. Ao longo da década de 1950 foi possível identificar a publicação de 14 artigos que tiveram como tema central a Educação Física Desportiva Generalizada. Entre os anos de 1952 e 1958, Auguste Listello e outros educadores, listados no QUADRO 1, anunciaram fundamentos e propostas de aula para uma Educação Física que se pretendia moderna por meio dos esportes e atenta aos novos tempos.

³²² I Curso Técnico Pedagógico de Educação Física. *Paraná Esportivo*. Curitiba, sábado, 28 de junho de 1958, s/p.

³²³ Vida Escolar. *Diário de Pernambuco*. Recife, 19 abril de 1959, p.18.

QUADRO 1 – Artigos que abordaram a EFDG – década de 1950, Brasil

Título	Autor	Periódico	Ano
Princípios da Educação Física Esportiva Generalizada	Auguste Listello	Jornal A Tribuna	1952
Princípios da Educação Física Esportiva Generalizada	Auguste Listello	Revista da APEF	1953
Princípios da Educação Física Desportiva Generalizada	Auguste Listello	Revista de Educação Física (Exército)	1953
Educação Desportiva Generalizada	Jacinto Targa	Revista de Educação Física	1953
Os desportos conquistam a escola (série de artigos)	Inezil P. Marinho	Jornal dos Sports	1954
Educação Física Esportiva e Generalizada	Auguste Listello e Antônio Boaventura da Silva	Revista da APEF	1954
Lição de Educação Física Esportiva Generalizada	Auguste Listello e Antônio Boaventura da Silva	Revista da APEF	1954
Educação Física Esportiva Generalizada	Auguste Listello	Revista da APEF	1955
Educação Física Desportiva Generalizada	Hélio de Macedo Medeiros	Boletim de Educação Física	1956
Método e Educação Física Esportiva Generalizada	Homero Morelli	Revista da APEF	1957
Educação Física Esportiva Generalizada	Auguste Listello (trad. de Mauro Teixeira e Júlio Mazzei)	Revista da APEF	1957
Da estreita relação que deve existir entre as cadeiras práticas e teóricas na Escola Nacional de Educação Física e Desporto	Maurette Augusto	Revista Arquivos da Escola de Educação Física e Desportos	1957
Educação Física Esportiva Generalizada	Antônio Boaventura da Silva	Revista da APEF	1958
Lição de Educação Física Esportiva Generalizada	Antônio Boaventura da Silva	Boletim da Educação Física	1958

Fonte: Elaboração própria, 2017

Os artigos escritos por Baquet e Listello que se transformaram em referência para a publicação de diferentes autores brasileiros, e até mesmo aqueles creditados a Listello, foram originalmente divulgados na revista do INS no ano de 1951.³²⁴ Trazidos para o Brasil pelo próprio professor como base conceitual para a promoção da Desportiva Generalizada³²⁵, esses dois artigos se fundiram em um só na imprensa brasileira. No Brasil, essa fusão foi publicada por Listello com o título *Princípios da Educação Física Esportiva Generalizada* no jornal *A Tribuna*, em 1952; na *Revista de Educação Física* e na *Revista da APEF*, ambos em

³²⁴BAQUET, Maurice. Principes de l'Education Physique Sportive Generalisée. *Cahier Technique et Pedagogique INS*, n.13, jan.-fev. de 1951, p. 11.

LISTELLO, Auguste. La séance de l'Education Physique Sportive Generalisée suivant les conceptions de l'Institut National des Sports. *Cahier Technique et Pedagogique INS*, n.13, jan.-fev. de 1951, p. 14.

³²⁵No Arquivo Pessoal do Prof. Antônio Boaventura da Silva foi encontrada uma cópia desses artigos com anotações, rasuras e modificações de texto realizadas por Listello. Algumas dessas alterações foram possíveis de se encontrar nas traduções desses artigos.

1953. Cópias integrais e parciais desse artigo também puderam ser encontradas em publicações de autores brasileiros: no artigo *Educação Desportiva Generalizada*, de Jacintho Targa, na *Revista de Educação Física*, em 1953 e na série de reportagens denominada *Os desportos conquistam a escola*, de Inezil P. Marinho, no *Jornal dos Sports*, em 1954.

Em 1958, Inezil P. Marinho, em seu livro *Sistemas e Métodos*, dedicou um capítulo inteiro à Educação Física Desportiva Generalizada. Dividido em sete tópicos, esse capítulo é iniciado por uma introdução (tópico I), na qual discorre sobre as referências conceituais para a elaboração do método.³²⁶ As subdivisões seguintes (tópicos “II – O projeto de Doutrina de Educação Física Desportiva estabelecido pelo *Institut Nacional des Sports*”, “III – Princípios de Educação Física Desportiva Generalizada” e “IV – A Sessão de Educação Física Desportiva Generalizada”) são traduções literais dos artigos em questão, de Baquet e de Listello *et al.*, respectivamente. Me parece plausível pensar que os princípios apresentados pelos autores franceses nos artigos acima citados tenham sido, por meio de Inezil P. Marinho e pela sua própria circulação no Brasil (vide referência em demais artigos), significativos para a construção de uma representação acerca da Educação Física Desportiva Generalizada. Nas entrevistas, os professores Alfredo Gomes, Laércio Pereira e Élcio Paulinelli afirmaram que os livros produzidos por Auguste Listello e demais colaboradores na França circularam, mas foram pouco utilizados ou referendados como base para o estudo e o ensino da EFDG no Brasil. Uma das justificativas para essa não utilização seria a língua francesa, uma vez que nenhum dos livros chegou a ser traduzido para o português.³²⁷ Dessa forma, a aproximação dos brasileiros com um texto ou obra que abordasse com maior nível de detalhamentos os conceitos que orientaram a elaboração da EFDG se deu, prioritariamente, por meio dos artigos e livros elaborados por esses professores brasileiros. Reconhecer os sentidos compartilhados por eles em suas produções foi importante para delinear modos de ler e interpretar o método no campo educacional brasileiro, destacando os elementos de complementaridade entre uma e outra representação.

³²⁶Nessa introdução, ao traçar as “origens” do método, Inezil P. Marinho apresenta as contribuições de François Rabelais (1483-1553), Francisco Amoros y Ondeano (1770-1848), Georges Demeny (1850-1917), Georges Hébert (1875-1957) e Dr. Bellin de Coteau (1883-1938) para a constituição do método. Em um movimento de análise das obras francesas (LISTELLO, A. *et al.*, 1956; LISTELLO, A. *et al.*, 1959; LISTELLO, A.; CLERC, P.; CRENN, R.; 1964; LISTELLO, A.; BOAVENTURA, A.; *et al.*, 1979) nenhuma citação direta foi feita aos autores anunciados pelos brasileiros como referência para a elaboração da EFDG.

³²⁷Apenas o livro *Récréation et Éducation Physique Sportive* (1956) foi traduzido e publicado em espanhol pela Editora Kapeluz (Buenos Aires), com o título *Recreación y Educación Física Deportiva*, no ano de 1965. Sabe-se que essa edição também circulou no Brasil, mas não houve possibilidade de se precisar o ano de chegada.

Na produção de autores brasileiros sobre a Educação Física Desportiva Generalizada, algumas características ganharam destaque. No que diz respeito às ideias e aos conceitos relacionados à EFDG tratados nos periódicos, é possível afirmar que há, também nesse espaço, a produção de um discurso de legitimação do método por seu caráter renovador e moderno. Assim o método é considerado por comportar características que rompem com uma Educação Física meramente racional, individualizada e desmotivadora.

De acordo com Morelli (1957), a “[...] Educação Física Esportiva Generalizada conseguiu o fator tantas vezes justificado, mas pouco evidente nas atividades dedicadas aos grupos colegiais”, que foi incluir os esportes, prática essencialmente moderna, inserindo, assim, “atividades necessárias ao desenvolvimento dos adolescentes”.³²⁸

Outras características destacadas pelos autores brasileiros que escreveram nesse período em defesa e pela promoção da Educação Física Desportiva Generalizada no Brasil foram a *auto emulação* e a *motivação*. A importância da presença desses dois atributos nas aulas de Educação Física era proporcionada, principalmente, pelas diferentes formas de trabalho que envolviam *atividades em grupos e jogos*. Afirmavam que era importante que as atividades físicas passassem a ser praticadas por *prazer* e não mais por obrigação, pois, dessa forma, as crianças e jovens continuariam a realizá-las na vida adulta. Ao considerarem tal proposição, a Educação Física compreenderia o indivíduo como um ser total, atuando sobre seu corpo, seu espírito, seu caráter e seu senso social.

Uma dimensão a ser considerada nesse aspecto é a correspondência dessa argumentação com o movimento de renovação pedagógica no Brasil, vinculado ao pensamento escolanovista, iniciado na década de 1920. De acordo com Tarcísio M. Vago (1999b), desde fins da década de 1920 e início da década de 1930, outros elementos, como a educação integral, a valorização dos jogos, o sentimento de coletividade e ações vinculadas ao prazer foram lentamente adentrando a Educação Física escolar, provocando certa adequação da Educação Física às novas demandas da vida social.³²⁹ Esse enunciado, marcadamente articulado com os pressupostos da Escola Nova, apontava uma preocupação com a formação dos sujeitos em sua totalidade. Meily Linhales (2006), a partir de documentos ligados à Associação Brasileira de Educação (ABE), afirmou também que a escolarização dos jogos e dos esportes comportou uma dimensão educativa e produtora de novas sensibilidades, sendo

³²⁸MORELLI, 1957, s/p.

³²⁹Para o autor, o ensino da ginástica que, até então, vinha sendo organizado com o intuito de corrigir e endireitar os corpos infantis e juvenis passou a congregiar novos hábitos, ligados a uma “atitude corporal eficiente”. É a partir desse contexto que ele chama a atenção para o deslocamento da Educação Física escolar de um “primado da correção” para o “primado da eficiência”. VAGO, 1999b.

considerada ao mesmo tempo “uma maneira de realizar as necessidades psicológicas das crianças e também uma ferramenta pedagógica capaz de ensinar regras de convivência”.³³⁰ Parece que as matizes do pensamento escolanovista nortearam também o debate educacional sobre a presença dos jogos na Educação Física nesse período. Essas ideias relativas às possibilidades educativas dos jogos e esportes conectadas à motivação, ao trabalho coletivo e ao prazer na aprendizagem são aqui compreendidas como pontos de convergência entre alguns princípios do pensamento escolanovista e os princípios da Educação Física Desportiva Generalizada. Relação também notada no contexto de produção da EFDG no campo educacional francês. Tanto esse pensamento quanto esses princípios estiveram presentes e foram anunciados, em diferentes perspectivas e amplitudes, como possibilidade de reorientação da Educação Física brasileira.

Nesse movimento, uma argumentação também bastante ressaltada pelos autores brasileiros refere-se ao *esporte como ferramenta pedagógica*. Direcionado pelo professor, o esporte se apresentava como *meio de formação e preparação para a vida*, permitindo ao aluno uma formação moral, o domínio do corpo, o desenvolvimento do espírito de disciplina e coletividade, do altruísmo, do respeito e a iniciação à vida social, ao esforço e à técnica. Alguns professores, no que diz respeito ao *alcance* da EFDG nas aulas, afirmaram que se tratava de um método abrangente já que, em sua estruturação, se direcionava para o ensino das práticas esportivas a todos os alunos, “bem-dotados” ou não de habilidades físicas, e também apresentava a possibilidade de ser realizado em diferentes espaços físicos e com poucos recursos materiais. Por esses atributos, aliados ao trabalho por jogos que preconizam a *competição coletiva elementar*, a Educação Física Desportiva Generalizada buscava atingir a *massa* sem, contudo, se esquecer da *elite*. No exercício de sintetizar a EFDG, Hélio Medeiros, então professor da ENEFD, assim a definiu:

A Educação Física Esportiva Generalizada tem por finalidade condicionar uma atividade corporal espontânea – “expressão”, “exaltação do ser” – através de processos de trabalho coletivo e, de um modo geral, lúdicos, partindo das formas básicas e elementares, dos “flexionamentos” e jogos até a especialização esportiva. Proporciona o prazer no esforço, domínio e educação do corpo e formação do caráter, exercendo dessa forma uma ação psico-morfo-fisio-sociológica, o que, em educação, se pode considerar como o coroamento de uma fórmula para os objetivos e fins a serem atingidos, por um professor, na aplicação e resultados do seu trabalho.³³¹

³³⁰ LINHALES, 2006, p.121-122.

³³¹ MEDEIROS, 1956, p.13.

Os artigos acerca da EFDG publicados em jornais e revistas apontam para a centralidade dos periódicos como uma instância de consagração desse método e também como lugar de agregação e cooptação de mais adeptos à proposta nesse período. Acolhidos por seus pares na tarefa de difusão da EFDG, os professores “porta-vozes” do método ocuparam o espaço dos periódicos como estratégia de legitimação de suas ideias. Cada um deixou, portanto, sua marca como intérprete do método.

A publicação de artigos concomitante às vindas de Listello instigou a pensar que houve rápida aproximação e apropriação do método por parte dos professores brasileiros, considerando a proximidade entre a data da primeira vinda de Listello ao Brasil, em 1952, e as publicações de artigos sobre o método, já no mesmo ano. As publicações de capítulos de livro se deram poucos anos depois. Além disso, aos fins da década de 1950, já era possível perceber a presença do método também em outros espaços, como nos currículos dos cursos de formação de professores e até mesmo em escolas secundárias.

Em uma entrevista para o *Jornal do Brasil*, em 1957, Inezil P. Marinho aborda as influências de métodos ginásticos estrangeiros no Brasil no período. Para ele, duas das “[...] grandes tendências atuais da Educação Física na Europa e na América” são a “Moderna Ginástica Sueca e a Educação Física Desportiva Generalizada”, mas, em sua opinião, elas estavam “[...] ainda circunscritas no âmbito das escolas especializadas [...]”.³³² Apesar dessa análise de Inezil (que, provavelmente, foi realizada tendo como principal referência a Educação Física no Rio de Janeiro) circunscrever a EFDG às escolas de formação, pistas de outros estados sugerem sua inserção nas escolas secundárias em fins da década de 1950. Perguntado sobre a situação da Educação Física no Paraná, Germano Bayer³³³ assim responde:

Melhoras sensíveis vem sofrendo a Educação Física no Paraná, esperando-se mesmo ótimos resultados com os novos métodos que vem sendo adotados em diversos estabelecimentos de ensino.
Principalmente onde leciono (Colégio Estadual do Paraná) adotamos os métodos Sueco, Alemão, Francês (Educação Física Generalizada) e o Americano.³³⁴

³³²Há um conflito de influências de métodos ginastas no Brasil. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 03 de setembro de 1957, p.07.

³³³Chaves Junior (2015) ressalta a trajetória do paranaense Germano Bayer e afirma que a participação desse professor em cursos de aperfeiçoamento no Brasil e no Uruguai possibilitou o contato com os métodos por ele apresentados nessa entrevista. Analisando os relatórios de Bayer, no Colégio Estadual do Paraná, o autor se deparou com um fazer docente que articulou elementos dos métodos Francês, Sueco, Desportivo Generalizado e Natural Austríaco.

³³⁴Tomará vulto em nosso Estado a prática da Educação Física. *Diário do Paraná*. Curitiba, quinta-feira, 27 de setembro de 1958, p. 8.

Foi possível perceber que a EFDG já figurava nos currículos de formação de professores como os das Escolas de Educação Física de Minas Gerais, do Rio Grande do Sul, de São Paulo e do Rio de Janeiro em fins da década de 1950. Porém, é na década de 1960 que parece ter havido maior investimento na formação inicial de professores, com a produção de significativo número de obras para tais fins e com a sua consolidação nos currículos das escolas superiores de Educação Física, o que pareceu ser mais um passo para a inserção e para a apropriação da Educação Física Desportiva Generalizada no Brasil.

5 ENTRE PERMANÊNCIAS E MODIFICAÇÕES: EXPERIMENTAÇÃO E RESSIGNIFICAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA DESPORTIVA GENERALIZADA NAS DÉCADAS DE 1960 E 1970

O clima de proposições pedagógicas se estendeu dos cursos e periódicos à formação docente no âmbito das escolas superiores, percebido tanto pela presença da Desportiva Generalizada nos programas das disciplinas quanto pela sua veiculação em livros voltados para tais fins. Se atentarmos para o número de artigos publicados em periódicos na década de 1960, em comparação com os publicados na década anterior, percebemos uma redução significativa. Conforme apresentado no QUADRO 2, foram encontrados apenas três artigos relativos à EFDG ao longo da década de 1960.

QUADRO 2 – Artigos que abordaram a EFDG – década de 1960, Brasil

Título	Autor	Periódico	Ano
A Educação Desportiva	Mário Muniz Pereira	Revista de Educação Física (Exército)	1964
Sessão de atividades físicas generalizadas	Antônio Boaventura da Silva	Boletim Técnico Informativo	1968
Educação Física Desportiva Generalizada	Vicente L. da Rocha	Boletim Técnico Informativo	1968

Fonte: Elaboração própria, 2017

No entanto, considerando o período, há uma produção significativa de obras destinadas à formação de professores que destacaram a Educação Física Desportiva Generalizada como método de ensino pertinente a um projeto de Educação Física tido como moderno. Tais obras são apresentadas no QUADRO 3:

QUADRO 3 – Obras que abordaram a EFDG – década de 1960, Brasil

Título	Autor	Ano
Manual de Educação Física, Jogos e Recreação (2ª edição)	Mauro Soares Teixeira e Júlio Mazzei	1963
Educação Física Desportiva Generalizada	DEF/MEC (curso por correspondência)	1966
Coleção CER – Segundo Volume	Mauro Soares Teixeira e Júlio Mazzei	1967
Introdução à Didática de Educação Física	Alfredo Gomes de Faria Júnior	1969

Fonte: Elaboração própria, 2017

Ao organizarem, no formato de livro destinado à formação de professores, as questões tidas como essenciais para a educação do período, os autores dessas obras teceram

considerações gerais sobre três aspectos: o papel da Educação Física no plano geral da educação; formação e atuação docentes; e os principais métodos e técnicas de ensino em voga. Nesses três aspectos estão presentes referências importantes oriundas de obras de autores dos campos da Educação, da Sociologia, da Filosofia e da própria Educação Física que, reunidas, contribuíram para a definição de possíveis leituras do campo educacional daquele período.

As obras voltadas para a formação de professores desse período normalmente destinavam-se a apresentar as atribuições do docente, os objetivos, os meios e os fins do componente escolar, a organização dos conteúdos, os métodos e técnicas de ensino. Em outras palavras, traziam orientações para o auxílio de docentes, já formados e em formação, no seu exercício. Certamente esses livros carregaram vestígios sobre o ensino da Educação Física, revelando aspectos que se consideravam desejáveis para o exercício profissional daqueles que ainda iriam iniciar sua carreira, mas também disseram de um processo de incorporação de signos que passaram a ser caros a um determinado momento histórico. Portanto, as representações contidas nesses livros revelam o resultado de debates e negociações travados em momentos anteriores e em diferentes espaços – congressos, periódicos, instituições de ensino e órgãos governamentais –, ainda que do corpo de seus textos possam ter sido apagadas as contradições que permearam tais ambientes. Nesse sentido, foi necessário reconhecer os elementos relativos ao entendimento da Educação Física no plano geral da educação e à concepção de formação e atuação docentes para, então, perceber como a EFDG figurou como um dos principais métodos de ensino em voga para esses autores.³³⁵

5.1 Os anos 60 e o debate da Educação Física Desportiva Generalizada nas obras em destaque destinadas à formação docente

Nos livros *Manual de Educação Física, Jogos e Recreação* (1963) e *Coleção CER* (1967)³³⁶, de Júlio Mazzei e Mauro Teixeira, a Educação Física era tida como uma

³³⁵Neste primeiro investimento de reconhecimento dos elementos anunciados a obra *Educação Física Desportiva Generalizada*, organizada para o Curso de Correspondências da Divisão de Educação Física, não foi abordada, pois teve como tema único o próprio método, não anunciando no corpo do seu texto tais questões.

³³⁶No *Manual de Educação Física, Jogos e Recreação* (Editora Obelisco), os autores tiveram por pretensão reunir ideias, modelos e sugestões relativas à pedagogia, à metodologia e à didática da Educação Física, a fim de auxiliar os professores, em formação e em atuação, em seu exercício profissional. Já o livro *Coleção CER* (Editora Fulgor) é composto por textos escritos pelos seus organizadores. Dentre seus textos consta a reprodução integral do *Manual de Educação Física, Jogos e Recreação*, mas também constam textos de outros professores, como Sylvio Raso, relatórios, planos de ação e planejamento de órgãos como o Departamento de Educação Física de São Paulo e o Conselho Nacional de Desportos. Todos esses textos, escritos ao longo das décadas de 1950 e 1960, foram reunidos e organizados para servir como referência de

possibilidade de educação através das atividades físicas e não como uma educação do físico, conforme destacaram em várias partes das obras. Para eles, “[...] realizando-se em função da educação e juntamente com ela, se propõe aos mesmos fins, tem as mesmas bases e se ajusta a princípios científicos idênticos”³³⁷. A Educação Física, “tanto quanto qualquer outra forma ou fase da educação geral”, deveria “oferecer ao indivíduo uma soma de conhecimentos, práticas e experiências” capazes de promover a “aquisição de hábitos sadios que venham influenciar a sua conduta durante toda a sua vida”³³⁸. Mais uma vez, o discurso de que a Educação Física é parte indissociável da educação se apresentou como estratégia de legitimação. Tal representação anunciava também a necessidade da área em apresentar sua fundamentação e seu diálogo com princípios relacionados às ciências da educação, comprovados à luz da experimentação e reconhecidos pelo campo educacional.

Já na obra *Introdução à Didática de Educação Física* (1969)³³⁹, de Alfredo Gomes de Faria Júnior, não foi perceptível tal preocupação em situar a importância da Educação Física na educação. Talvez por, na concepção do professor, ser um fato consolidado, talvez por preocupar-se em dar destaque a outras construções teóricas possibilitadas justamente pela incorporação de tal ideia. De todo modo, fica claro em seus escritos a importante correlação entre os modos de pensar e fazer da Pedagogia e da Educação Física. Em função da sua dupla formação nessas duas áreas isso provavelmente não poderia ser diferente.

Assim, as concepções de Educação e de Educação Física percebidas nos artigos publicados em diferentes periódicos das décadas de 1950 e 1960 parecem ter servido também como referência da produção de outras formas de discurso sobre novas configurações da área. Caracterizadas pela preocupação com uma formação da e para a vida em sociedade e pela importância delegada ao professorado no direcionamento dos processos de ensino, por meio de certa racionalização técnica da função docente, tais ideias foram também incorporadas a

planificação de aulas de Educação Física na formação docente. Em virtude dessa característica, opto por trabalhar, a partir deste momento, apenas com a edição da obra *Coleção CER* ao me referir às ideias desses dois autores.

³³⁷ MAZZEI; TEIXEIRA, 1967, p.310.

³³⁸ MAZZEI; TEIXEIRA, 1967, p.182.

³³⁹ De acordo com a entrevista concedida pelo professor Alfredo Gomes para este estudo, a ideia do livro surgiu em decorrência da necessidade de pensar a formação didática em Educação Física, dada por um concurso para professor do estado de São Paulo. No Prefácio desse livro consta que “[...] esta obra está proposta de modo a oferecer subsídios aos alunos das Escolas Superiores de Educação Física e aos nossos especializados, de modo geral, no referente ao setor hoje considerado básico e prioritário, o da Didática. Considerando que as Escolas Superiores de Educação Física ainda não conseguiram uma adaptação condizente à preparação didática de professores por falta de tradição, por incompreensão da problemática educacional ou por falta de meios, o aparecimento de material bibliográfico do tipo ora em apresentação é realmente útil e auspicioso para o desenvolvimento de Educação Física e os Desportos nacionais” (s/p). Sua primeira edição foi promovida pelo MEC e teve distribuição gratuita em todo o Brasil.

esses livros destinados à formação docente; construindo representações a partir de outro lugar do campo e, conseqüentemente, produzindo, sob outros formatos, compreensões de educação e de Educação Física e de seus modos ideais ao exercício profissional. Dessa forma, a produção e a circulação de conhecimentos pedagógicos por meio dessas obras se mostraram importantes ferramentas de codificação das práticas, pois, por se destinarem à formação de professores, essas obras colaboraram na construção de um conjunto de normativas ditas como necessárias para um bom exercício profissional desde o início de suas trajetórias docentes.

Destacam-se nessas obras as representações sobre o papel do professor em meio aos conceitos de educação e de Educação Física ditos como modernos. Aliás, a designação moderno/a foi recorrente ao se referirem à linha de pensamento defendida nos escritos de cada um. Assim, a *educação física moderna*, a *educação moderna*, a *didática moderna*, entre outras, tornaram-se quase que sinônimos do que eles acreditavam ser o conceito da educação mais adequado, o bom exercício profissional e os métodos mais atuais. Por certo havia variações na compreensão de cada um sobre o que significa ser moderno em cada uma dessas áreas. Dados tempo e lugar de formação, atuação e produção desses professores, proximidades e distanciamentos puderam ser percebidos em seus escritos. No entanto, foi possível perceber pontos de contato em questões relevantes atinentes à formação e à atuação docentes, que ajudam a reconhecer os novos elementos atribuídos a esse período.

Nesse sentido, algumas orientações foram exemplares para abordar um entendimento comum que perpassou tais livros, destacando-se a consideração das necessidades dos alunos no planejamento das aulas, maior responsabilidade em sua atuação didática e a racionalização do trabalho docente. Uma análise sobre esses três aspectos mostrou o quanto eles estavam intrinsecamente conectados.

O debate educacional sobre a centralidade do aluno no processo de ensino foi uma das bases da ação didática propostas por esses autores.³⁴⁰ Nesse aspecto, certa liberdade e, conseqüentemente, certa responsabilidade de organização e planejamento das aulas foram se desenhando como prática possível e desejada para os professores. Prática essa estabelecida a partir de princípios que se orientavam pelo direcionamento de técnicas mais apropriadas para o ensino e pelo melhor desenvolvimento do aluno, chegando aos objetivos finais com maior eficiência. Nesse quadro de possibilidades, parece-me plausível dizer que a associação de tais

³⁴⁰ Ao destacar tal aspecto nessas obras reconheço que não se trata de um debate novo na educação e, conseqüentemente, na Educação Física, uma vez que, desde a década de 1920, educadores ligados ao movimento da Escola Nova no Brasil, como Lourenço Filho e Anísio Teixeira, já apontavam a necessidade da centralidade das crianças nas relações de aprendizagem. Sobre tal debate na educação, ver Marcus César Freitas (2000) e Carlos Monarcha (2005; 2007).

práticas discursivas estabeleceu um modo de ver a atuação docente de maneira mais autoral e, conseqüentemente, definidora dos novos rumos necessários ao desenvolvimento e à educação do país.

Tais orientações sobre a atuação docente foram encontradas mais explicitamente na obra de Alfredo Gomes de Faria Júnior. Para ele,

A didática atual colocou, como vimos anteriormente, o educando como todo o centro do processo educativo. O aluno, na escola moderna, é o elemento pessoal para onde convergem os ilimitados esforços dos educadores e da escola propriamente dita. [...] O professor de Educação Física em exercício, seja na escola de primeiro grau, seja na escola de segundo grau, ou de curso superior, [...] precisa conhecer o educando com a maior profundidade possível para oferecer um desempenho gradativamente melhor de suas funções. A seleção dos conteúdos e das formas de trabalho levadas a efeito pelo professor de Educação Física depende do conhecimento do educando.³⁴¹

Na unidade seguinte, em que vai tratar especificamente dos requisitos básicos para formação e atuação docentes, afirmou que

O professor de Educação Física passou a ter autonomia para escolher os objetivos do ensino que mais julgar adequados aos seus alunos, dentro de um mesmo estabelecimento de ensino, levando em conta os interesses e as necessidades dos educandos e as disponibilidades locais. Em contrapartida, dele se exige mais responsabilidade, pois se a ele coube a escolha dos objetivos propostos, a ele cabe toda a responsabilidade.³⁴²

Nessas duas passagens Alfredo Gomes de Faria Júnior anunciou direções de sua aposta na atuação docente. Por um lado, a centralidade do aluno no processo educativo libertava o professor de antigas amarras em relação aos meios e conteúdos de ensino, estimulando a composição de um universo mais amplo de possibilidades metodológicas. Por outro lado, dialeticamente, tal centralidade conferiu mais autoria e responsabilidade pela organização do processo de ensino ao professor. Nessa tessitura, o docente precisava ter acesso a um maior e mais adequado conjunto de técnicas e métodos, a fim de reconhecer e mobilizar aqueles que seriam mais pertinentes à realidade escolar em que estava inserido. Juntas, essas duas perspectivas implicam uma forma de pensar a atuação docente que guarda relações com movimentos anteriores da educação e da Educação Física, mas que também se expande pela necessidade de se modificar, de se aperfeiçoar e de se adequar ao ritmo dos novos tempos.

³⁴¹ FARIA JÚNIOR, 1969, p.35.

³⁴² FARIA JÚNIOR, 1969, p.85.

Próximos a essa ideia, Júlio Mazzei e Mauro Teixeira também defenderam a liberdade do professor nas escolhas didático-metodológicas tendo por referência os objetivos e a realidade escolar, enfatizando o papel fundamental do planejamento nesse processo. “Planejar para prever, prever para prover... eis o caminho”³⁴³. Para tanto, o reconhecimento e a seleção de métodos de ensino passaram a ser prerrogativa fundamental para a concretização dessa experiência didática moderna. Não por acaso, os autores das obras mobilizadas produziram explanações sobre sistemas, métodos e técnicas de ensino que poderiam servir de base para o trabalho dos professores, dentre elas e com destaque, a EFDG. Em relação a tal aspecto, Faria Júnior lançou o seu entendimento:

A Didática moderna não admite, também, métodos “rígidos e estereotipados”, que predeterminam todos os “passos”, técnicas e procedimentos a serem seguidos pelo docente, com autonomia dos objetivos, dos conteúdos a ministrar, da personalidade do professor e dos alunos. [...]

Assim, para a Didática moderna, o bom professor é aquele que está em constante busca de um “método melhor”, realista, eficaz, flexível, dentro das modernas técnicas de ensino e que se adapte às realidades em que se situa o seu trabalho.³⁴⁴

Junto ao tema dos métodos aparecia também com certa visibilidade o debate dos conteúdos a serem ensinados. Não era possível falar em como ensinar sem abordar também o que ensinar. Da mesma forma que a educação integral direcionou o olhar para outros métodos de ensino, ela também justificou a presença de conteúdos que atendessem aos interesses e necessidades dos alunos, que valorizassem exercícios dinâmicos e que pudessem ser executados de maneira mais espontânea e prazerosa. Dessa maneira, os jogos, os esportes, as danças e as ginásticas ditas modernas integraram as orientações do conceito ideal de atuação docente. Nesse contexto, o esporte foi tomado ora como inovação, ora como possibilidade educativa capaz de contribuir com a almejada educação integral. Para os autores, as práticas esportivas convergiam aspectos da pedagogia moderna e aspectos da formação da personalidade fundamentais para o projeto de Educação Física que anunciavam. A prática esportiva, avalizada há décadas pela sociedade e naquele momento também pela Educação Física, se apresentava no período como componente essencial para alcançar os resultados almejados. Características como o trabalho em equipe, o rendimento e a racionalização do trabalho congregaram as condições objetivas necessárias à desejada eficiência do trabalho escolar.

³⁴³ MAZZEI; TEIXEIRA, 1967, p.436.

³⁴⁴ FARIA JÚNIOR, 1969, p.130.

Diante desse quadro, foi possível perceber nas obras aproximações implícitas e explícitas com as proposições didáticas e metodológicas da Educação Física Desportiva Generalizada. No livro *Introdução à Didática da Educação Física* (1969), de Faria Júnior, a Educação Física Desportiva Generalizada foi apresentada na *Unidade VI – Método e Ciclo docente*, mais especificamente no tópico *Principais Métodos Empregados no Brasil*. Junto à EFDG encontrava-se apenas mais um método destacado pelo autor, o Método Natural Austríaco. A parte do capítulo intitulada *Educação Física Desportiva Generalizada* incluía em seu conjunto propositivo alguns elementos emblemáticos do método no Brasil, como seu ordenamento de aula, seleção de objetivos e atividades para cada parte e as formas de trabalho. Foram esboçados também exemplos de jogos e atividades relativas a algumas práticas esportivas. Nessa construção constavam referências às ideias desenvolvidas nos artigos de Baquet e Listello – e reproduzidas por vários professores brasileiros – e àquelas apresentadas no livro *Éducation pour tous*, de Listello e colaboradores.

Ao discorrer sobre os princípios da EFDG, Faria Júnior abordou o debate da educação integral como norteadora da proposta, o fator psicológico como elemento preponderante na seleção de conteúdos e as premissas da emulação sadia e da competição elementar por meio dos jogos e dos esportes. Esses debates apresentaram-se como possibilidade de análise dos sentidos propostos para a indicação da Desportiva Generalizada como método salutar aos tempos vivenciados naquele período. Ressaltando o esporte como “meio de formação e preparação do indivíduo para a vida”³⁴⁵, o professor sublinhou a dimensão social da EFDG, com destaque para o desenvolvimento da personalidade e da atitude como baliza para tal indicação.

Já na obra produzida para o Curso de Correspondências da Divisão de Educação Física do MEC, intitulada *Educação Física Desportiva Generalizada*, o que pareceu ter conduzido a análise do autor foi a dimensão educativa do jogo, em especial o jogo esportivo.³⁴⁶ O livro foi dividido em três capítulos: no primeiro, correspondente à *Introdução*, são apresentados os princípios, a organização do trabalho e as formas de trabalho; o segundo, denominado *Repertório de Exercícios*, contém inúmeros exemplos de atividades possíveis de serem desenvolvidas em cada parte da aula e, por fim, no terceiro, *Modelos de Lições de*

³⁴⁵FARIA JÚNIOR, 1969, p.156.

³⁴⁶Essa obra não possui identificação de autores. Em sua parte final, em uma nota também sem autoria, é dito que as informações e dados contidos naquele trabalho foram enxertos de textos de autoria de Maurice Baquet, Auguste Listello, Antônio Boaventura da Silva, Inezil Penna Marinho e, principalmente, de Érico Straz Júnior. Referindo a si mesmo como organizador da manual, o autor da nota afirma que, dado o curto espaço de tempo organização da obra, ele se limitou a uma “[...] pesquisa bibliográfica, à tarefa de disposição do material coletado e a pequenas contribuições doutrinárias”. DEF-MEC, 1996, p.195.

Educação Física Desportiva, diferentes construções de aula são apresentadas como referência para o leitor. Apesar do corpo do texto ser, essencialmente, uma compilação das ideias dos autores da proposta, bem como das de alguns dos seus intérpretes brasileiros, ao final da *Introdução* é apresentada uma espécie de conclusão, com a visão do autor sobre a EFDG. Nessa conclusão uma argumentação se destaca, a necessidade de pensar o esporte como opção de lazer:

Muita incompreensão observa-se, entre educadores de crianças e jovens, relativamente à maneira de encarar o jogo desportivo. Eles parecem ignorar que o “desporto”, fator social indiscutível, será, ao lado da leitura e de outras orientações culturais, o elemento primordial no preenchimento das horas de lazer, e que constitui obrigação dos educadores preparar os indivíduos para a sua prática, dando-lhe, ao mesmo tempo, o gosto pelo esforço.³⁴⁷

Seriam pistas de um pensamento que ganharia força no Brasil, na década seguinte, relacionado ao esporte de massa ou ao esporte para todos? Uma correlação linear não é possível de ser afirmada, mas tal aproximação de ideias parece um indício importante a ser pontuado.

Nas obras de Júlio Mazzei e Mauro Teixeira, a EFDG é diretamente apresentada no que chamaram de *Ponto n° 7 – Considerações sobre os esquemas do Método Francês, Sistema Sueco Moderno, Educação Física Esportiva Generalizada, Método Natural Austríaco, etc.* Todo o destaque conferido à EFDG é voltado para a estruturação das aulas, denominado pelos autores “esquema não rígido, dividido em 4 partes”.³⁴⁸ Além disso, a EFDG também foi abordada como a principal referência para a elaboração de um planejamento do ensino da Educação Física a longo prazo denominado Programa por Temporada.

O Programa por Temporada constituiu-se como uma organização do ensino elaborada em fins da década de 1950, que, segundo Júlio Mazzei, teve por base a EFDG, adaptando-a às necessidades brasileiras e introduzindo a iniciação esportiva como base da Educação Física nas escolas secundárias.³⁴⁹ De acordo com os autores, o Programa por Temporada “é uma experimentação a longo prazo” que deveria ser realizada ao longo dos “[...] quatro anos de curso ginásial, onde duas vezes por semana [o aluno] está

³⁴⁷DEF-MEC, 1966, p.31.

³⁴⁸MAZZEI; TEIXEIRA, (1967, p.74; 1963, p.45)

³⁴⁹Nesse documento Mazzei agradece a Listello pela contribuição para sua formação e para sua atuação no campo, afirmando que no Brasil a Educação Física tinha dois períodos: “antes e depois de Listello”. Correspondência enviada por Júlio Mazzei a Auguste Listello em 24 de dezembro de 1959. Acervo Pessoal do Professor Auguste Listello.

obrigatoriamente em contato conosco”.³⁵⁰ Levando em consideração fatores como material, local, número de alunos, necessidades, interesses e habilidades de cada turma, os autores orientaram a escolha de grandes modalidades esportivas, a serem trabalhadas semestralmente cada uma, para serem condutoras do ensino.

O Programa comportava três fases: a iniciação, preocupada em orientar os primeiros passos dos alunos no aprendizado de determinada modalidade esportiva; o aperfeiçoamento, caracterizado pelo aprimoramento dos gestos essenciais da prática da modalidade escolhida; e o coroamento, etapa em que os jovens participariam espontaneamente de competições realizadas da maneira que melhor conviesse aos professores e aos alunos. Assim como na proposta do INS, a primeira fase era, de fato, o grande objetivo da Educação Física escolar, representando grande parte do planejamento educacional. As demais eram consideradas como consequências positivas da iniciação esportiva, cabendo à escola, mas também a outros espaços, desenvolvê-las.³⁵¹ Para seus autores, esse Programa permitiria acabar de vez com o regime de improvisação tão recorrente na Educação Física, proporcionando parâmetros indispensáveis a um planejamento docente responsável e comprometido com o aprendizado dos alunos.

As referências à Desportiva Generalizada não acabam por aí. Ao tratar dos princípios técnicos, dos processos pedagógicos, da metodologia de iniciação esportiva e do planejamento de cada aula os nome da EDFG e de Listello eram acionados para subsidiar suas argumentações. Também era acionado o conceito de educação das massas, em que o ensino das diferentes modalidades esportivas deveria estar organizado de modo a oferecer a todos, sem distinção, possibilidade de assimilar as habilidades fundamentais que permitissem a prática recreativa e, caso fosse do desejo do aluno, também a prática competitiva; além de despertar o gosto por um esporte e a vontade de continuar praticando fora do espaço escolar. “A ação da escola deve ser tão duradoura quanto a própria vida.”³⁵²

Apesar de afirmarem que “os outros meios da Educação Física”³⁵³, como as ginásticas, não seriam desprezados na condução das aulas, é evidente a centralidade do esporte nesse Programa. Ele foi considerado como meio e fim da Educação Física, servindo, ao mesmo tempo, como estímulo e como possibilidade de aquisição de comportamentos saudios, social e fisicamente, que viriam a influenciar as escolhas e as condutas ao longo a vida

³⁵⁰ MAZZEI; TEIXEIRA, 1967, p.186.

³⁵¹ Diferentemente desse Programa, na proposta do INS tanto a fase da iniciação quanto a da especialização comportavam as competições desportivas, respeitando as especificidades pedagógicas de cada etapa. Não existia, portanto, a fase de coroamento.

³⁵² MAZZEI; TEIXEIRA, 1967, p.184.

³⁵³ MAZZEI; TEIXEIRA, 1967, p.185.

dos alunos. Pareceu-me possível considerar que tal Programa, balizado por códigos esportivos, se apresentou como uma “versão brasileira” da Educação Física Desportiva Generalizada, mais ampla e fundamentada prioritariamente no aprendizado esportivo, conseqüentemente, mais próxima a um projeto de Educação Física que viria a ganhar força e espaço principalmente na década de 1970.³⁵⁴

No que diz respeito à estruturação das chamadas Lições ou Sessões de Educação Física Desportiva Generalizada, um aspecto destacado por esses autores mereceu atenção por apresentar divergências quando fora tratado por outros professores brasileiros. Acrescida às quatro partes da aula (exercícios de aquecimento; exercícios de flexibilidade e desenvolvimento muscular; exercícios de agilidade e *Cran*; aplicações esportivas), havia uma quinta parte denominada “volta à calma”, a qual alguns autores³⁵⁵ apresentaram como obrigatória e outros³⁵⁶ afirmaram ser opcional. Composto o grupo dos professores que a compreendiam como eletiva, Mazzei e Teixeira defenderam que, apesar de não ser obrigatória, essa etapa da aula poderia ser utilizada, caso o professor julgasse necessário. Afirmaram que isso não implicava dizer que os autores da EFDG não planejaram uma parte final da aula, uma vez que havia recomendações sobre orientações e atividades que poderiam ser elencadas para tal fim, mas cabia ao professor decidir se e como realizá-las.

Pode parecer um item banal, mas a presença ou a ausência do componente “volta à calma” na aula revelam, e sustentam, discursos presentes na área da Educação Física até os dias atuais. A defesa da presença desse componente nas aulas, segundo os autores brasileiros, baseava-se no argumento de fazer voltar à normalidade as grandes funções como respiração e circulação, restituindo “[...] o aluno às atividades escolares em condições perfeitamente normais”.³⁵⁷ Balizada por princípios termodinâmicos, assim como no Método Francês, a volta à calma inserida por alguns autores na EFDG é mais um aspecto a indiciar que a apropriação feita por eles fora mediada pela relação que desenvolveram com o referido método. A utilização de diferentes referenciais franceses para afirmar ou negar a obrigatoriedade da volta à calma pode indicar uma possível leitura dessa construção didática, pois nem todas as obras francesas publicadas relativas à EFDG circulantes no Brasil apresentaram justificativa para a presença dessa etapa em suas sessões. Outra possibilidade é pensar tal fato a partir de

³⁵⁴Foi possível perceber aproximações entre o Programa por Temporada, de Júlio Mazzei e Mauro Teixeira, e o Programa de Educação Física por Temporada, formulado pela Divisão de Esportes e Recreação Orientada (DERO) da cidade de Curitiba em 1971, apresentado por Tabora de Oliveira em sua tese de doutoramento (2001). Uma investigação mais detalhada sobre os aspectos de cada um dos Programas se faz necessária para reconhecer os possíveis encontros e desencontros entre eles.

³⁵⁵ROCHA, 1968; MARINHO, 1958.

³⁵⁶FARIA JÚNIOR, 1969; BOAVENTURA DA SILVA, 1971.

³⁵⁷ROCHA, 1968, p. 108.

reminiscências de um formato de organização da aula, evidenciando que o ensino da Educação Física escolar ainda estava condicionado às orientações provenientes dos métodos ginásticos, principalmente o Método Francês.

Mas esse não foi o único acréscimo da Educação Física brasileira à EFDG. Houve outra interpretação diretamente vinculada à sua classificação, presente nas obras de Mazzei e Teixeira, mas também em outros textos e espaços:

Se o programa (o todo) deve ser planejado, a lição (a unidade) também precisa ser! Ainda mais: cada lição deve representar a continuidade da lição educacional anterior e a da qual se seguirá. A lição, a nosso ver, é como a página de um livro escolar: cada uma que folheamos, novos conhecimentos adquirimos! Isso é o que entendemos por uma lição de Matemática, de História, de Geografia, de Línguas, de Ciências, de Trabalhos Manuais, de Anatomia e de Educação Física. Como, então, devemos planejar uma lição de Educação Física? Tendo-se em vista diferentes objetivos ou a diversidade dos elementos utilizados, vamos encontrar vários esquemas de lições, preconizados por vários sistemas e métodos de ensino de Educação Física.³⁵⁸

Dessa maneira, ao mesmo tempo em que a Desportiva Generalizada envolvia perspectivas de formação social e pedagógica, orientadas por um conjunto de normativas e práticas relativas às dimensões formativas do esporte num plano mais amplo, ela era também apropriada como uma mera normatização da sequência estruturante de uma aula, ou de uma lição, em um plano mais específico. Ela foi, ao mesmo tempo, o todo e a unidade. Tal arranjo, como outras escolhas culturais, comportou maneiras diversas de apreensão e de compreensão de seus sentidos. Adotar a EFDG como uma nova referência cultural para o fazer da Educação Física brasileira implicou uma redefinição de seus significados, dada pelas formas pelas quais ela foi ofertada e recebida. Esses elementos de tensão entre a matriz cultural e os destinatários brasileiros puderam ser percebidos, por exemplo, nos programas das disciplinas de cursos superiores de formação de professores.

5.1.1 A Educação Física Desportiva Generalizada nos cursos de formação de professores: método de ensino, conteúdo a ser ensinado ou didatização do esporte?

Descortinar esses elementos no âmbito das prescrições institucionalizadas das Escolas Superiores de Educação Física implicou olhar não só aquelas orientações presentes

³⁵⁸ MAZZEI; TEIXEIRA, 1967, p.73.

nos planos de trabalho dos professores em suas respectivas disciplinas, mas também em outros lugares de inscrição dessas práticas docentes. O trato pedagógico dos princípios e sistematizações da EFDG foi também encontrado em cadernos de alunos, em pontos de provas aplicadas, nos diários e em ações promovidas pelos professores das escolas que extrapolavam os currículos, por exemplo, com exames para o provimento de cadeiras nos colégios, ginásios e escolas normais dos estados e com orientações didáticas para o ensino da Educação Física escolar.

O ensino da Educação Física Desportiva Generalizada nos cursos de formação de professores de Escolas Superiores se configurou como possibilidade metodológica já na década de 1950 em alguns estados como Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, estendendo sua presença nesses programas, pelo menos, até as duas décadas seguintes.³⁵⁹ Nos programas de ensino das disciplinas dessas Escolas, diferentes construções de lugar e de sentido foram identificadas.³⁶⁰ Composto o conteúdo programático de disciplinas relacionadas à metodologia e ao ensino da Educação Física escolar, prioritariamente, como Educação Física Geral Masculina e Feminina, Ginástica Geral Masculina e Feminina e Metodologia da Educação Física, a EFDG ora era apresentada em meio a um conjunto de métodos de ensino, ora em meio a um conjunto de movimentos ginásticos e esportivos.

As maneiras como os diferentes professores responsáveis por essas disciplinas representaram a EFDG revelam a pluralidade de apropriações em torno dela. Tratá-la como método de ensino, como parte de um conjunto de práticas corporais ou como um modo de ler a Educação Física de seu tempo permite desnaturalizar algumas representações e descolá-las de generalizações comuns à história das práticas humanas. Ao olhar para os planos de ensino e para os diários foi preciso reconhecer suas possibilidades, mas também limitações de análises. Sem dar detalhes de seus processos e conteúdos, eles trazem informações mais

³⁵⁹ Apesar de ter pistas sobre a presença da EFDG nos cursos de formação de outros estados, foram os citados que constituíram lugares de referência para a escrita desta tese, possibilitando maior acesso a um conjunto de fontes que indicaram onde, como e em quais circunstâncias a EFDG foi trabalhada nos programas de ensino. Dessa forma, a análise aqui empreendida, sobre a presença da EFDG nas prescrições dos cursos superiores de Educação Física, se restringiu a esses estados e suas respectivas Escolas.

³⁶⁰ É importante destacar que algumas dessas escolas possuíam mais de uma modalidade de curso superior, dentre elas: Superior de Educação Física, Educação Física Infantil, Medicina Especializada, Massagem Especializada e Técnico Desportivo. Sendo assim, para esta análise foram considerados apenas os programas de disciplinas do Curso Superior de Educação Física que possuíam similaridades de duração, grade curricular e objetivos. Essas Escolas funcionaram seguindo a orientação da ENEFD através do disposto no Decreto-Lei n.º 8.270, de 3 de dezembro de 1945. Esse Decreto alterava as disposições do Decreto-Lei n.º 1.212, de 17 de abril de 1939, que vigorava sobre as disciplinas tidas como obrigatórias para os cursos de ensino superior no Brasil. Sobre os cursos de Educação Física nessas Escolas ver: OLIVEIRA, 2014; CAMPOS, 2007; LINHALES, 2013; MELO, 1996; LOURDES, 2007; MAZO, 2005.

pontuais sobre a temática, o dia, e, por vezes, os objetivos das aulas. De toda maneira, a estruturação e a seleção de conteúdos apresentadas não deixam de comportar uma estratégia de atribuição de sentidos à constituição de cada uma das disciplinas.

Diretamente envolvido na circulação da Educação Física Desportiva Generalizada ao longo das três décadas neste estudo analisadas, Antônio Boaventura da Silva, na posição de professor da cadeira de Educação Física Geral Masculina da Escola de Educação Física de São Paulo, abordou a EFDG de duas maneiras³⁶¹: diretamente, como uma das possíveis formas de se empregar os conteúdos das aulas, por meio das “Sessões de atividades esportivas generalizadas” e, indiretamente, como referência na elaboração de um programa de ensino da Educação Física por ele elaborado, denominado Esquema Padrão.

No primeiro caso, a EFDG adentra um programa de ensino que tinha por objetivo “[...] racionalizar o ensino da educação física; estabelecer unidade, continuidade e eficiência da ação educativa e cumprir um mínimo de conteúdo, quanto aos meios utilizáveis e universalmente aceitos”.³⁶² Os conteúdos elencados eram, essencialmente, movimentos ginásticos: técnicas de movimento, posições e combinações, marchas, movimentos de oscilação, lançamentos, dentre outros. As sessões de atividades físicas generalizadas entram nesse programa como uma das formas de se trabalhar tais conteúdos, junto às sessões de jogos e às demonstrações. Nesses termos, o modo de inserção da Desportiva Generalizada no programa como um todo comportou ênfase em sua dimensão metodológica, apenas, especialmente por vincular a sua estruturação ou sequência pedagógica a um determinado “molde”, no qual caberia o ensino de diferentes conteúdos.³⁶³

Apesar do estreito vínculo de Boaventura com Auguste Listello e, conseqüentemente, com os conceitos e as proposições da Desportiva Generalizada, essa maneira de manusear algumas das orientações do professor francês não pareceu desconectada dos seus próprios modos de ler e de fazer Educação Física. Ao longo de toda sua formação e de sua atuação docente, a ginástica fora por ele identificada como um importante meio de trabalho da Educação Física, por sua contribuição à formação corporal do homem e por seu papel no desenvolvimento das funções e habilidades humanas. Ao mesmo tempo, Boaventura era também um defensor do progresso da Educação Física e da liberdade de escolha de

³⁶¹As fontes acessadas me permitiram reconhecer apenas essas duas maneiras de abordagem da EFDG no trabalho de Boaventura como professor da EEF-SP. Por certo, ele pode ter inserido a Desportiva Generalizada de outras formas ao longo de sua extensa carreira, porém, neste estudo, me restrinjo às fontes que me foram possíveis encontrar.

³⁶²Biblioteca da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Acervo Pessoal do Professor Antônio Boaventura da Silva. Programa de curso. 196?.

³⁶³Essa correlação foi também percebida em um dos planos de curso da disciplina de Educação Física Geral Masculina, ministrada por Sylvio Raso no ano de 1959.

programas e métodos que melhor se encaixassem no cotidiano específico de cada sistema ou comunidade escolar. Aberto a diferentes proposições e capaz de estabelecer articulações tanto no plano pedagógico quanto no plano político, as amálgamas por ele produzidas em seu fazer docente parecem ser mais uma faceta dessa sua característica conciliadora.

Não obstante, a elaboração do plano de ensino que ele denominou Esquema Padrão guarda relações com o desejo de produzir um esquema de aula específico para o ensino da Educação Física no Brasil, com base em métodos já reconhecidos. Desejo esse emanado pelas ideias apresentadas ao longo da década de 1950 nos Cursos de Aperfeiçoamento de Santos e amadurecido pela observação das aulas de Educação Física nas escolas de São Paulo, principalmente. Dessa observação, Boaventura destaca como justificativas para a elaboração de tal programa a “falta de continuidade e perseverança da ação educativa”, o “desajustamento das atividades selecionadas e incompreensão dos seus objetivos específicos” e a “prevalência das aptidões e das preferências do professor na escolha das atividades impostas aos alunos”, dentre outras.³⁶⁴ Em suas palavras, o Esquema Padrão surge, como o próprio nome indica, da necessidade de padronização, “como garantia da unidade, da continuidade, da objetividade e da eficiência do trabalho educativo”.³⁶⁵ De fato, o Esquema Padrão pareceu ser organizado como um plano de aula, não apresentando novidades em relação às estruturas já conhecidas e reconhecidas na Educação Física brasileira.³⁶⁶ Embora reconhecendo que esse Esquema não era um modelo ideal, Boaventura acreditava que ele poderia servir como base para um amplo trabalho de observação e de adaptação no campo da Educação Física, conferindo-lhe “real significação do ponto de vista educacional”.³⁶⁷

O que ele chamou de Sessão de Atividades Físicas Generalizadas foi dividido em três partes. Novamente, o Método Francês parece ter servido como referência para a permanência de tal divisão no fazer da Educação Física. Na parte inicial, constavam exercícios de aquecimento e preparação do organismo para a realização de esforços mais intensos. A parte principal foi dividida em três tempos: exercícios de formação corporal, relativos aos “exercícios ginásticos propriamente ditos, realizados independentemente de qualquer objetivo exterior”; exercícios de agilidade, objetivando o “desenvolvimento do gosto

³⁶⁴BOAVENTURA DA SILVA, Antônio. Sessão de atividades físicas generalizadas. *Boletim Técnico Informativo*, n.4, julho-agosto de 1968, p. 21-22.

³⁶⁵BOAVENTURA DA SILVA, Antônio. Sessão de atividades físicas generalizadas. Continuidade do Esquema Padrão. *Boletim Técnico Informativo*, n.6, novembro-dezembro de 1968, p. 57.

³⁶⁶Não foram encontradas muitas fontes que trouxessem pistas mais concretas e detalhadas sobre o Esquema Padrão de Antônio Boaventura da Silva. De acordo com o professor Laércio Elias Pereira, esse esquema foi pouco assimilado pela Educação Física brasileira.

³⁶⁷BOAVENTURA DA SILVA, Antônio. Sessão de atividades físicas generalizadas. Continuidade do Esquema Padrão. *Boletim Técnico Informativo*, n.6, novembro-dezembro de 1968, p.34.

pelo perigo” e “seus efeitos sobre o caráter”; e os exercícios de aplicação, “constituído[s] fundamentalmente de exercícios naturais e esportivos”, aplicados de forma a criar situações nas quais problemas concretos precisam ser resolvidos. Por fim, a parte final deveria ser caracterizada por “um aspecto agradável de ordem, de disciplina, de organização e de satisfação pessoal”.³⁶⁸ Pela análise das poucas fontes encontradas sobre o Esquema Padrão, me pareceu que Boaventura elaborou essa estrutura de aula muito próxima dos objetivos, da seleção e da sequência de exercícios da EFDG, alterando apenas a centralidade do esporte na etapa de “exercícios de aplicação” da aula. Para o professor, tanto a ginástica quanto o esporte poderiam ser compreendidos como conteúdos principais da aula.³⁶⁹

No âmbito da Escola de Educação Física de Minas Gerais (EEF-MG), a EFDG compunha a unidade didática das disciplinas (masculinas e femininas) que visavam apresentar a organização de uma aula com base em diferentes métodos. Nos planos de curso das cadeiras de Educação Física Geral e de Ginástica Geral voltadas para as mulheres, a EFDG dividia a carga, principalmente, com a Ginástica Feminina Moderna, a Ginástica Sueca Moderna e a Calistenia.³⁷⁰ De maneira muito próxima, nos planos de curso dessas mesmas disciplinas voltadas para os homens, a EFDG figurava junto às sessões de Calistenia, Ginástica Sueca, *Circuit Training*, Método Natural Austríaco ou Atividade Física Natural, dentre outras. Ora aparecia também elencada antecedendo ou sucedendo conteúdos, como os exercícios ginásticos de saltos sobre o plinto, emprego do banco sueco e saltos acrobáticos. Sem discriminar o que era conteúdo e o que era método de ensino, a EFDG, por vezes, parecia se confundir com práticas e movimentos da Educação Física. Em alguma medida, pode-se dizer que se apresentava como o próprio esporte em alguns desses planos. Se os saltos acrobáticos, por exemplo, representavam um modo de fazer Ginástica, a EFDG representava um modo de fazer esporte.

Nesse aspecto, faz-se importante destacar que os programas de curso da EEF-MG apresentavam variações entre as turmas masculinas e femininas, bem como entre os professores responsáveis por ministrar cada disciplina. Tendo como referência diferentes perspectivas pedagógicas da Educação Física, os programas de curso foram se modificando ao longo dos anos e à medida que diferentes professores passaram a assumir a direção das

³⁶⁸BOAVENTURA DA SILVA, Antônio. Sessão de atividades físicas generalizadas. Continuidade do Esquema Padrão. *Boletim Técnico Informativo*, n.6, novembro-dezembro de 1968, p.30-31.

³⁶⁹Em sua entrevista, o professor Laércio Elias Pereira também chamou atenção para tal característica na estruturação de aula do Esquema Padrão. Para ele, tal fato se deve à posição de Boaventura como professor da cadeira de Ginástica na EEF-SP.

³⁷⁰Essa recorrência pode também ser percebida nos diários da disciplina de Ginástica Geral Feminina da Escola de Educação Física do Rio Grande do Sul.

cadeiras. No entanto, uma característica se mostrou regular nos programas de curso, independentemente do professor ou do curso superior em que estavam sendo ofertadas as cadeiras: a coexistência de métodos ditos renovadores, como a EFDG e o Método Natural Austríaco, com outros métodos presentes há décadas na Educação Física brasileira, como o Método Francês.³⁷¹

Com a entrada desses novos métodos de Educação Física no Brasil, as décadas de 1950 e 1960, prioritariamente, parecem ter sido um período em que diferentes perspectivas de ensino da Educação Física conviveram nos currículos dos cursos superiores. Nesse sentido, foi notada em alguns dos programas de curso das disciplinas Educação Física Geral Masculina e Feminina a presença de métodos já tradicionalmente reconhecidos pela área, como o Método Francês. Nas disciplinas de Ginástica Feminina e Masculina e de Metodologia da Educação Física, além dos métodos já citados, figurou também o Método Natural de Georges Hébert. Ao apresentarem, em um mesmo período, diferentes métodos que traziam perspectivas diversas de formação de sujeitos, os docentes não pareciam se preocupar em abordá-las e tensioná-las. Na verdade, tem-se a impressão de que os docentes defendiam essa coexistência e até mesmo estimulavam que os alunos dos Cursos Superiores de Educação Física retirassem de cada método o que julgassem pertinente, mesclando, sem pouca ou nenhuma problematização, métodos por vezes divergentes.³⁷²

No que diz respeito aos princípios e sistematizações da EFDG, foi possível perceber em grande parte dos planos de curso, nas diferentes Escolas de Educação Física, que o seu ensino estava focado na assimilação das quatro partes que compunham a estrutura de uma aula/sessão do método: aquecimento, exercícios de flexibilidade, exercícios de força e agilidade (*Cran*) e aplicações desportivas. Novamente, tal como nos cursos de aperfeiçoamento, uma das principais apropriações no âmbito do Ensino Superior reconhecia a EFDG justamente como uma estruturação de aula. Embora em sua formatação primeira a EFDG tenha sido elaborada para ser mais que uma organização fechada de aula, compondo-se como sistema de ensino,³⁷³ a Educação Física brasileira parece ter preferido, na prática cotidiana, se apropriar de sua organização de ensino no tempo-espaço de uma aula. Nos cadernos dos alunos e nos pontos de prova³⁷⁴ o destaque para tal configuração foi também evidente. Em um material de aula produzido por Sylvio Raso constam 10 pontos diferentes de

³⁷¹Esse debate foi também estabelecido no artigo de CUNHA; LIMA. No prelo.

³⁷²CUNHA; LIMA. No prelo.

³⁷³Vale destacar que o termo “sistema” é utilizado nas fontes francesas para se referir à EFDG.

³⁷⁴A EFDG apareceu como ponto de prova tanto nas avaliações das disciplinas quanto nos exames de suficiência de provimento de cadeiras de Educação Física nos ginásios e escolas do estado de Minas Gerais.

provas a serem sorteados. Em todos eles a EFDG aparece da mesma forma: como um plano de aula:

1960

Pontos para a primeira prova parcial
Cadeira: Educação Física Geral masculina
Professor: Sylvio José Raso
Curso: Superior de Educação Física – 3ª série

PONTO 1

- a) Teste escrito
- b) Plano de aula Sistema Natural
- c) Plano de aula Esportiva Generalizada
- d) Direção de aula para uma turma de 24 meninos de 12 a 15 anos
- e) Séries de Ginástica de Solo

PONTO 2

- a) Direção de aula
- b) Plano de aula Processo Natural
- c) Teste escrito
- d) Plano de aula Esportiva Generalizada
- e) Ginástica de Solo - Séries³⁷⁵

Acredito que essa apropriação guarde relações com uma das principais e primeiras maneiras com que esse método foi divulgado no Brasil, que foram os cursos de aperfeiçoamento. Devido a seu caráter essencialmente prático e focado na instrumentalização de professores, esses cursos foram um importante espaço de ressignificação do ensino da EFDG sob tais perspectivas. Foram também a base conceitual e prática para a aplicação dos novos métodos apresentados no exercício cotidiano de muitos professores, tanto no ensino superior quanto na escola básica, conforme apontaram Élcio Paulinelli e Alfredo Faria Júnior em suas respectivas entrevistas.

Outro ponto que foi ressaltado nas análises dos documentos relativos à formação inicial de professores foi o uso de diferentes termos para designar a EFDG. Ela aparece ora como Método Desportivo Generalizado, ora como Ginástica Esportiva Generalizada, ora como Atividade Física Generalizada. Nos artigos e livros da EFDG, de autoria dos professores do INS que circularam no Brasil, não foi encontrada a denominação Ginástica Esportiva Generalizada. O termo Atividade Física Generalizada foi, por vezes, utilizado como uma maneira de referenciar exercícios ou conteúdos que compunham a proposta, mas não como uma forma de apresentá-la ou nominá-la. Essa constatação levou a pensar que tal maneira de denominar o método foi uma produção de professores e autores brasileiros. Mas

³⁷⁵ CEMEF. Fundo Institucional. Pontos para a primeira prova parcial, Sylvio Raso, 1960.

será que a mudança de nomenclatura avalizou também alteração dos hábitos, práticas e significações? Uma leitura das fontes acessadas permite inferir que as diferenças semânticas apresentadas parecem dizer mais de um contexto de negociação de sentidos para a própria Educação Física brasileira que de uma mudança de sentidos entre aqueles que a nominavam como Método Desportivo Generalizado, Ginástica Esportiva Generalizada ou Atividade Física Generalizada. Afirmar isso comporta compreender que, para alguns sujeitos e instituições, o termo *ginástica* ainda carregava signos de identificação e representação da área. No processo de reorganização dos discursos e das práticas acerca do que seria ou deveria ser a Educação Física brasileira nas décadas de 1950 e 1960, a Ginástica como representação do campo vai cedendo a uma ideia mais ampliada de Educação Física, abrindo espaço para outras práticas, como os esportes. Como apontou Jacintho Targa³⁷⁶, em um artigo que escreveu justamente para discutir a questão da conceituação e da classificação dos termos Ginástica e Educação Física nesse período, ainda havia muita confusão na utilização dessas duas expressões. Segundo o professor,

É evidente que o emprego já generalizado da expressão “Educação Física” constitui uma confusão de fins com meios. Educação Física é o objetivo. Os meios utilizados pela Educação Física são os exercícios físicos: a ginástica, os jogos, os desportos, a dança, o campismo, etc., aliados a medidas higiênicas de alimentação, repouso, etc... Portanto, a ginástica é apenas um meio empregado para atingir um fim que é o de educar.³⁷⁷

Nesses termos, a EFDG foi apreendida como uma maneira de empregar os conteúdos de aula, em especial, os esportes. Portanto, tratá-la como meio de se atingir algo, e assim denominá-la, pode ser visto como uma outra produção de significado para ela. Dessa forma, a redefinição de suas denominações foi mais uma das suas diversas apropriações.

Se, de alguma maneira, essa representação da EFDG pode ter sido uma leitura reducionista da proposta elaborada originalmente pelos professores do INS, ela não deixou de imprimir um aspecto inovador à Educação Física brasileira: um trato metodológico específico para o ensino do esporte. De todos os métodos e sistemas de ensino encontrados nos currículos, obras e demais lugares de formação de professores desse período, a EFDG foi, sem dúvida, a que mais deu centralidade ao ensino do esporte. Seja encarada como uma estruturação de aula, seja como um método ou como um conteúdo, a Desportiva Generalizada

³⁷⁶TARGA, Jacintho F. Conceituação e classificação da ginástica. *Arquivos Nacionais da Escola de Educação Física e Desportos*, Rio de Janeiro, a.18, n. 17, jun. 1962, pp. 143-162.

³⁷⁷TARGA, Jacintho F. Conceituação e classificação da ginástica. *Arquivos Nacionais da Escola de Educação Física e Desportos*, Rio de Janeiro, a.18, n. 17, jun. 1962, p.144.

colocou o esporte em um lugar de destaque no processo de ensino da Educação Física escolar. Ao oferecer para os professores orientações sobre a abordagem do esporte na escola e, mais especificamente, uma sequência pedagógica, próxima até de uma formatação de aula já reconhecida pela Educação Física brasileira, a EFDG contribuiu significativamente para o processo de consolidação do esporte como conteúdo escolar.

Penso que, nesse movimento de reconhecimento e de inserção da EFDG na formação de professores, seja nas escolas, seja nos cursos de aperfeiçoamento, não foi necessariamente o esporte o grande atrativo que conferiu, por si só, visibilidade a ela. As características atribuídas à Desportiva Generalizada como um método renovador da Educação Física brasileira a partir da década de 1950 ultrapassaram a mera presença do esporte. Formação integral das crianças e jovens, maior liberdade docente, presença de jogos e foco na motivação e prazer pelo aprender foram signos recorrentes e representados a partir de diferentes nuances na educação brasileira desse período. Aliada ao esporte e dialogando de maneira muito próxima com esses signos, a Educação Física Desportiva Generalizada se mostrou um importante meio para alcançar a pretendida renovação pedagógica em um movimento de qualificação e de modernização dos processos metodológicos e da formação de professores.

Porém, se num primeiro momento o ensino dos esportes não foi o fator único da denotação da EFDG como método renovador e necessário à Educação Física brasileira, ele pode ter sido fundamental para a manutenção da EFDG e de seu autor, Auguste Listello, na configuração do campo que se apresentou aos fins dos anos 60, mas principalmente nos anos 70. Como 1960 foi uma década que comportou permanências e mudanças expressivas na Educação Física brasileira, foi preciso olhar os debates e as ações sobre as orientações metodológicas na formação e na atuação docentes promovidos nesse período para compreender o papel da Desportiva Generalizada em meio ao cenário da década de 1970.

5.1.2 Mudanças anunciadas

Foi possível perceber que o investimento na expansão e qualificação de professores, anunciado na década de 1950, continuou, de certa forma, no início da década de 1960. Nas *Conclusões e Recomendações* estabelecidas em plenárias, compostas com o objetivo de sugerir parâmetros para o melhor desenvolvimento da Educação Física, durante o II Congresso Luso-Brasileiro de Educação Física, ocorrido no Rio de Janeiro, em 1963,

algumas orientações sobre os rumos da Educação Física brasileira foram desenhadas. No que diz respeito à formação e à atuação docentes, os educadores reunidos nesse evento indicaram que:

- A formação de professores e demais especializados em Educação Física deverá processar-se *sempre* nas Escolas de Educação Física das Universidades ou em estabelecimentos isolados de grau universitário onde se considere, de maneira muito especial, a pesquisa científica indispensável ao progresso e *aperfeiçoamento das técnicas* de que nos valem na Educação Física em geral e nos Desportos em particular.

[...]

- As Escolas de Educação Física deverão empenhar-se no sentido de criar Institutos de Desportos, Ginástica e Recreação a elas anexos e com a finalidade de *estimular as pesquisas científicas*, concentrar atletas para preparação desportiva e *realizar cursos de aperfeiçoamento ou extensão cultural*.

- Estimular a *preparação de obras de natureza didática, técnica, científica e filosófica* que possam contribuir para um maior rendimento do ensino nas Escolas de Educação Física e ainda para a elevação da cultura luso-brasileira neste importante ramo de atividades humanas.

[...]

- Os professores de Educação Física, tendo em vista *melhor eficiência de seu trabalho*, precisam adotar as modernas técnicas de comunicação nas relações humanas com seus alunos.³⁷⁸

O quadro apresentado, ou almejado, por esse relatório reafirma grande parte dos aspectos didático-metodológicos que se destacaram na década de 1950 com o debate do desenvolvimento nacional: expansão das escolas especializadas em Educação Física para a formação de professores; aperfeiçoamento técnico dos docentes, apoiado por novos e modernos métodos de ensino; e concretização da ideia de eficiência como diretriz do trabalho escolar.

Pode-se dizer, portanto, que o discurso da eficiência, do aperfeiçoamento técnico docente e do desenvolvimento nacional e a Educação Física continuaram vinculados nesse período, como também corrobora Taborda de Oliveira (2003). Para o autor, essa década abarcou um conjunto de “[...] políticas para a Educação Física brasileira que visavam a melhora do perfil acadêmico e profissional do professor escolar de Educação Física como pedra de toque da tentativa de renovação e expansão da área”.³⁷⁹ Com efeito, mesmo levando em consideração que a ditadura militar iniciada em 1964 provocou reformulação em algumas diretrizes da área, é possível dizer que a necessidade de qualificar o professor, sob a ótica do que era moderno e desenvolvido, permaneceu. Coube compreender se o que era moderno e desenvolvido para a área, na década de 1950 e início da década de 1960, permaneceu ou se

³⁷⁸ II Congresso Luso-Brasileiro: conclusões e recomendações. *Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos*. Ano XIX, n.18, jun.-dez. de 1963, pp.162-169, grifos meus.

³⁷⁹ TABORDA DE OLIVEIRA, 2003, p.163.

alterou nos fins dos anos 60 e na década de 1970. De toda forma, em todo esse período, foi notável uma preocupação latente, tanto por parte dos professores quanto por parte do governo, em expandir e melhorar a formação docente em Educação Física no Brasil.

Nesse clima, algumas ações de cunho educativo foram empreendidas a fim de expandir e aperfeiçoar o ensino superior na área. Para perceber como essas ações se configuraram, uma obra importante foi o *Diagnóstico de Educação Física e Desportos*³⁸⁰, lançado em 1971 sob a coordenação de Lamartine Pereira da Costa, uma vez que auxilia a reconhecer algumas das iniciativas intentadas no âmbito da formação e aperfeiçoamento docente em Educação Física nas décadas de 1950 e 1960.

O *Diagnóstico* foi produto de um conjunto de ações proposto pelo Governo Federal, por intermédio do MEC, no final da década de 60 e início da de 70, que tiveram por propósito difundir a prática de esportes no Brasil.³⁸¹ Essas ações envolveram, além do Poder Legislativo e das Escolas Superiores de Educação Física, diferentes órgãos e agentes dos Governos Federal, Estaduais e Municipais. Como uma das primeiras medidas adotadas, promoveu-se a constituição de um grupo de trabalho para estudar e propor medidas para a expansão da Educação Física e do Desporto no País (Portaria Ministerial n. 94-A, de 28/2/69), tendo como resultado a produção do documento *Diagnóstico da Educação Física e Desportos no Brasil*.³⁸²

Olhando em retrospectiva, alguns dados do *Diagnóstico* ajudam a problematizar pontos relativos à formação docente em Educação Física no Brasil, afinal, no intuito de fundamentar políticas públicas a partir década de 1970, o livro reúne dados e estatísticas importantes para compreender o desenvolvimento da Educação Física nas décadas de 1950 e 1960. No que diz respeito ao número de Escolas de Educação Física no país, o *Diagnóstico* apontou que, até o ano de 1969, havia 12 estabelecimentos civis em funcionamento e três militares. Das 15 Escolas, nove foram autorizadas a funcionar a partir da década de 1950.³⁸³

³⁸⁰DACOSTA, Lamartine Pereira. *Diagnóstico de Educação Física e Desportos no Brasil*. Brasília: CDRH-MP/DEF-MEC, 1971.

³⁸¹Essa obra foi uma elaboração conjunta entre a Divisão de Educação Física do MEC e o Centro Nacional de Recursos Humanos/Instituto de Pesquisas Econômicas e Avançadas (CNRH-IPEA) do Ministério do Planejamento e Coordenação Geral e teve como objetivo reunir um conjunto de dados que expressasse o contexto da Educação Física brasileira. Tratou-se de um estudo quantitativo das condições de desenvolvimento da Educação Física no Brasil que subsidiou um novo plano de trabalho e uma nova política governamental para a área nos anos seguintes. Se apresentou também como estudo norteador de políticas públicas para a Educação Física na década de 1970. Como alguns dos produtos desse trabalho, elaborou-se, dentre outras ações, o Plano Nacional de Educação Física e Desportos (PNED) e a Campanha Nacional de Esclarecimento Desportivo (CNED).

³⁸²PINTO, 2003.

³⁸³DACOSTA, 1971, pp. 45-46. Das 9 Escolas, 6 situam-se na região Sudeste do Brasil, que até então possuía a maior concentração de escolas de formação em Educação Física.

Em contrapartida, entre os anos de 1968 e 1971, 42 estabelecimentos foram autorizados para funcionamento ou estavam em processo de organização, sendo que 31 eram iniciativas particulares, quatro municipais, quatro estaduais, dois federais e um militar.³⁸⁴

É possível notar um aumento exponencial de iniciativas de abertura de instituições de ensino superior nos fins dos anos 60. A justificativa dada pelos autores do *Diagnóstico* para essa expansão universitária foi organizada em três aspectos: primeiro, e mais importante, foi resultado da obrigatoriedade da prática da Educação Física em todos os níveis de ensino pelo Decreto-Lei 705/1969; segundo, a busca de *status* pelos municípios ao abrigarem cursos superiores incentivaram a criação de cursos em diferentes cidades; e por último, foi também produto da necessidade de criação de novas unidades de ensino para atingir o mínimo requerido para a criação de universidades. Na leitura dessa justificativa, é passível de questionamento a importância dada ao fato de um decreto tão recente àquele período (Decreto-Lei 705/1969) poder provocar um aumento tão significativo no número de instituições de ensino superior, como apontam os autores.

Parece-me que, nesse movimento, outros fatores precisam ser também tensionados. Um de natureza legal e outro cultural. No que diz respeito à legislação, acredito que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB de 1961 (Lei 4.024/61) e a Reforma Universitária de 1968 (Lei 5.540/68) possam ter papéis significativos nessa expansão do ensino superior no Brasil. Principalmente em relação ao ensino secundário, a LDB de 1961 gerou mudanças significativas no sistema de ensino, possibilitando “uma descentralização e flexibilização” na educação e rompendo o “predomínio de caráter humanista ao implantar uma cultura técnico-científica”.³⁸⁵

Nesse movimento de descentralização, a LDB de 1961 promulgou a criação do Conselho Federal de Educação (CFE), destinado a definir quais seriam as disciplinas obrigatórias, a estabelecer a duração e o currículo mínimo dos cursos superiores, entre outras atribuições.³⁸⁶ A partir de então, o CFE, junto aos conselhos estaduais, assumiram importante papel na definição do currículo da educação nacional, ao estabelecerem, com certa liberdade proporcionada pela lei, as maneiras como deveria ser organizado o currículo escolar. De acordo com Rosa Souza (2008), em suas normativas, o Conselho Federal de Educação conferiu visibilidade à Educação Física, que passou a ser obrigatória em todas as etapas do

³⁸⁴ DACOSTA, 1971, p.47. Não é informado no *Diagnóstico* onde todas essas Escolas estariam situadas. Aponta apenas que 39 delas localizavam-se nos estados de São Paulo e Rio Grande do Sul.

³⁸⁵ DACOSTA, 1971, p. 07.

³⁸⁶ BRASIL, 1961, Art. 9º.

sistema de ensino sob a justificativa de que auxiliaria no desenvolvimento do indivíduo e na aquisição de disciplina por meio das competições esportivas.

Paralelamente aos pareceres do CFE, Mário Cantarino (1988) aponta que as Constituições Estaduais de alguns estados como Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul, Santa Catarina e Sergipe incorporaram, na década de 1960, a Educação Física como componente obrigatório.³⁸⁷ Em outros, como Paraná e Rondônia, as Constituições Estaduais instituíram a criação de órgãos especializados a fim de estimular o desenvolvimento da Educação Física e dos Esportes na sociedade em geral. Em suma, a Educação Física passou a figurar na legislação de alguns estados brasileiros em diferentes perspectivas e nuances. Em todas elas, no entanto, o desenvolvimento da Educação Física e dos Esportes, no âmbito escolar e também fora dele, ganhou destaque e relevância. Esse conjunto de prescrições parece ter conferido visibilidade à Educação Física como componente do currículo escolar e, conseqüentemente, estimulado à formação de seus professores.

Esse mesmo Conselho Federal de Educação foi também o principal articulador da Reforma Universitária de 1968, que teve como um dos pontos principais a expansão universitária e a relação entre ensino superior e desenvolvimento nacional.³⁸⁸ Fruto de uma série de discussões anteriores e posteriores ao regime autoritário, os princípios que nortearam a Reforma foram discutidos no Conselho desde a sua instalação em 1962. Nos encontros realizados pelos membros do Conselho ao longo da década de 1960, destacaram-se os seguintes temas: a indissociabilidade entre ensino e pesquisa, os ciclos básico e profissional, a instituição da carreira do magistério e o desenvolvimento da pesquisa na universidade.³⁸⁹ Nesse sentido, em cada uma dessas iniciativas, e nos pontos de contato entre elas, foi possível apreender nas alterações indicadas a pretensão de se formar uma determinada identidade social, ajustando-a às demandas da sociedade de seu tempo, destacando-se, dentre elas, a importância da Educação Física e a necessária qualificação de seus docentes.

O segundo fator, de natureza cultural, menos objetivo, mas não menos importante, relaciona-se a uma mudança lenta e não linear dos modos de conceber a Educação Física e a formação de seus professores. É latente, nas publicações da área, a necessidade de construir uma nova imagem para a Educação Física, estruturada pela sua importância na educação e na sociedade, pelas suas renovações técnicas e metodológicas e pelo reconhecimento social da atuação de seus professores dentro e fora das escolas. Esse fator relaciona-se, portanto, a um

³⁸⁷Esse dado possibilita inferir que esse pode ter sido um dos fatores que subsidiaram a significativa criação de cursos superiores no estado do Rio Grande do Sul, conforme apontado no *Diagnóstico*.

³⁸⁸ROTHEN, 2008.

³⁸⁹ROTHEN, 2008.

processo de reorientação da área, em que novos elementos adentram no debate e passam a fundamentar outra prática ou, ao menos, a questionar práticas enraizadas no cotidiano escolar. Esse deslocamento de sentidos do que seria a Educação Física capaz de promover a formação de um novo homem, preparado para uma nova sociedade mais moderna e industrializada, vai, sutilmente, redefinindo também os modos de formação e de atuação docentes. Afinal, era necessário reorganizar, qualificar e expandir a formação de professores para que esse outro modo de ver a Educação Física chegasse significativamente às escolas. Assim, como uma estratégia de modificações dos costumes, a expansão e qualificação universitária pode ter participado também de uma operação de reorientação do modo de se compreender a Educação Física.

Nessa operação, certa preocupação com a produção de uma determinada identidade e com os possíveis caminhos da Educação Física se reafirma na década de 1970. É possível perceber nos periódicos daquele tempo grande mobilização de autores brasileiros preocupados em definir quais seriam esses novos rumos. Com esse mesmo intuito, foi também recorrente a publicação de artigos de autores estrangeiros, de diferentes países europeus, asiáticos e americanos, que traziam perspectivas diversas sobre a Educação Física e suas abordagens. A procura por uma delimitação das ciências e dos parâmetros para a constituição da área parece ter sido também uma característica da Educação Física ao longo desses anos. Conforme apresentado, se a Educação Física, especialmente na década de 1950, dava centralidade ao ideal da formação humana em todas as suas dimensões, priorizando campos disciplinares tais como a Psicologia, a Sociologia e a Didática, na década de 1970 começam a circular, com mais ênfase, propostas distintas desse projeto. De acordo com Santos (2017),

[...] o novo modelo idealizado para o campo ancorava seu saber científico na pesquisa e na empiria e buscando, através destas práticas, um padrão explicativo para um fenômeno da realidade. Ou seja, pesquisa e mensuração empírica passaram do lugar de “mecanismos de auxílio” para a leitura de um determinado fenômeno para o lugar de protagonistas na construção de uma “realidade ideal”, e esse deslocamento necessitava de grandes investimentos, em diferentes sentidos. Embora com divergências sobre o que seria ou não científico, a reivindicação de um estatuto de ciência para a Educação Física se fazia clara nos mais diferentes documentos legislativos, meios de divulgação da produção de conhecimento da área e dentro da própria comunidade acadêmica. [...] No embalo desse impulso, a Educação Física passa a ser confundida, igualada e até subjugada a uma “nova roupagem” atribuída à área, crescente no Brasil a partir de fins dos anos de 1970 - as Ciências do Esporte.³⁹⁰

³⁹⁰ SANTOS, 2017, p.60-61.

Se o esporte foi tema destacado no debate da reorientação da Educação Física brasileira, seus diferentes códigos e valores participaram também da produção dos múltiplos caminhos da modernização do campo, a partir da influência de diferentes países. Em meio a esse cenário, Auguste Listello e sua proposta de educação esportiva continuaram circulando, com relativa frequência e abrangência, em eventos realizados por diferentes estados brasileiros. O olhar apurado sobre as possibilidades de trânsito e de diálogo da Desportiva Generalizada nesse período oferece oportunidade para pensar os sentidos que conferiram legitimidade à sua presença, bem como suas mudanças e seus refinamentos, no contexto educacional brasileiro em mais uma década.

5.2 Os anos 70 e as transformações na concepção de Educação Física esportiva e na Educação Física brasileira

Em seu currículo, Auguste Listello anunciou cinco visitas ao Brasil ao longo da década de 1970 (1970, 1971, 1973, 1976 e 1978) e uma última participação profissional em 1980, com o propósito de ministrar cursos em diferentes estados brasileiros.³⁹¹ Analisando o número de cursos bem como a disposição geográfica dos estados que o acolheram, pode-se dizer que o seu trânsito pelo Brasil na década de 1970 foi consideravelmente maior que na década de 1960 e, até mesmo, que na década de 1950. Ao olhar com cuidado para cada uma dessas visitas, sujeitos, instituições e conexões foi viável reconhecer condições de possibilidades para esse trânsito significativo de Listello e de sua proposta em um contexto bastante diferente daquele encontrado na década de 1950, quando chegaram pela primeira vez ao Brasil.

Em 1970, sabe-se que Listello ministrou aulas na cidade de Curitiba, no II Curso Internacional de Atualização e Aperfeiçoamento em Educação Física e Recreação, promovido pelo Departamento de Educação Física e Desportos do estado do Paraná, e que em São Paulo, sob a coordenação do Centro de Estudos e Pesquisas da Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo (USP), realizou o curso de Organização e Conteúdos do Programa de Educação Física e Desportiva e de Recreação.³⁹² Logo após sua participação no curso da cidade de São Paulo, o jornal *A Gazeta Esportiva* divulgou uma reportagem sobre Listello e sua passagem pelo país, assim dizendo:

³⁹¹ Apesar de este subtópico referir-se à década de 1970, opto por trabalhar a última visita profissional de Listello, do ano de 1980, como parte desta trama, em função de sua correlação com os fatos aqui apresentados.

³⁹² Mestres da Ginástica Moderna já estão aqui. *Diário da Noite*. 2º Caderno. São Paulo, quinta-feira, 19 de fevereiro de 1970, p.09.

Esta semana Auguste Listello, oficial de Marinha, conhecedor da educação física do mundo todo, retornou à França. Tinha ministrado mais um curso realizado pelo Centro de Estudos de Educação Física e pelo Centro Acadêmico Rui Barbosa. Nesses dias, retirado de seu posto no Instituto Nacional dos Esportes, é o chefe do Departamento de Educação Física de uma cidade pequena da “Cote d’Azur”. Trata-se de Seine-Sur-Mer, com 40.000 habitantes, onde Listello criou uma forma de trabalho que coloca o esporte como o centro de uma ação que não se destina exclusivamente a uma elite bem dotada mas, principalmente, a uma coletividade. O objetivo do social, o objetivo da valorização de uma coletividade, de conjunto em vez da unidade, constitui uma constante em oposição à tendência individualista. [...] Foi esta a mensagem de Listello em sua última viagem. Uma transposição para o plano de ensino secundário de todo um espírito de comunidade e justiça social. Dando um balanço do que Listello já deu à Educação Física do Brasil, não podemos deixar de sempre recebê-lo de braços abertos. A cada vez este poeta da educação física nos traz um novo poema, que, por sinal, tornou-se prático e plenamente adaptável à realidade brasileira.³⁹³

Essa reportagem permite pontuar que a visibilidade de Listello na Educação Física brasileira, dada pelo seu longo e representativo trabalho durante duas décadas, conferiu certa autoridade à figura do professor no que diz respeito ao ensino dos esportes na escola. Como anunciado pelo autor da reportagem, por toda a colaboração já prestada por Listello à Educação Física brasileira, não se poderia “deixar de sempre recebê-lo de braços abertos”, ou seja, de atentar às orientações e aos ensinamentos que poderia trazer de novo. Esse aspecto parece ter sido fundamental para a renovação, por mais uma década, do compromisso da Educação Física brasileira com as proposições de Listello.

Entretanto, outro aspecto apontado nessa reportagem também parece ter importado e servido como ponto de composição com outros projetos circulantes no campo nos anos 70: trata-se do trabalho desenvolvido por Listello na escola da cidade de *Seine Sur Mer*, após sua saída do INS no ano de 1958. Nessa escola, sob os mesmos princípios da perspectiva de educação esportiva que compuseram a EFDG no âmbito do Instituto, o professor estabeleceu, de maneira mais autoral, uma organização do ensino da Educação Física que abrangia a comunidade escolar e os pais dos alunos, com o propósito de estimular a prática esportiva dentro e fora dos momentos de aula propriamente ditos. Como produto final dessa organização, encontrava-se o que ele denominou Clube de Lazer.

Portanto, para compreender as transformações nas concepções de Educação Física, Esportes e Lazer apresentadas por Listello na década de 1970, é preciso voltar brevemente a atenção ao seu trabalho como professor de Educação Física nessa escola pública francesa. Em uma correspondência enviada ao Ministro da Juventude, dos Esportes e do

³⁹³O Poeta de um Método. *A Gazeta Esportiva*. São Paulo. 05 de março de 1970.

Lazer, em 12 de abril de 1976, Listello afirmou ter saído voluntariamente do INS, em 1958, para assumir a vaga de professor de uma escola secundária pública francesa na cidade de *Seyne Sur Mer*, onde permanece até o ano de 1973, quando se aposenta. Nesse documento, anuncia que sua decisão foi tomada com a “ambição de atacar os problemas e lhes fornecer soluções práticas”, o que parece ter realizado ao longo de toda a década de 1960.³⁹⁴ Os problemas a que se refere dizem respeito às dificuldades, tanto de ordem material quanto de ordem pessoal, que eram encontradas no dia a dia das escolas e que impediam, ou atrapalhavam, o ensino da Educação Física para crianças e adolescentes.³⁹⁵ Sua explicação dizia da necessidade de provar que os princípios da concepção de Educação Física esportiva que vinha defendendo em sua atuação no INS poderiam ser aplicados e desenvolvidos com sucesso em um estabelecimento de ensino.

Nessa escola Listello passou a desenvolver uma forma de organização do ensino que pudesse colocar em prática o seu projeto de Educação Física por meio de experimentação. Uma expressão por ele utilizada ao se referir aos princípios desse novo trabalho – “em constante evolução” – denota sentidos importantes para compreendermos a continuidade de seu trabalho. Ao apresentar essa proposta pela primeira vez na revista *Éducation Physique et Sports*, de 1964, Listello afirmou que:

Essa realização baseia-se no bom senso e na lógica, e corresponde às necessidades técnicas, psicológicas e sociais (como uma escola da vida).

É uma concepção evolutiva do sistema já apresentado em 1956 no livro “Educação Física Recreativa e Esportiva”.

Pretende se adequar, tanto à forma quanto ao espírito, a muitos educadores ansiosos por obter, através de uma disciplina que muitas vezes não é reconhecida, um valor agregado dos jovens que lhes são confiados, tanto no plano físico como no plano humano.³⁹⁶ (Tradução livre da autora).

Estão implícitas nas publicações em periódicos franceses sobre essa concepção as orientações basilares do trabalho desenvolvido por Listello e demais professores no INS. No entanto, a única referência explícita ao trabalho realizado ainda no Instituto nessa “evolução”

³⁹⁴Acervo Pessoal do Professor Auguste Listello. Correspondência enviada ao Ministro da Juventude, dos Esportes e do Lazer por Auguste Listello. 12 de abril de 1976.

³⁹⁵Além dessa correspondência, não foi encontrado nenhum outro documento que apresentasse informações sobre a saída de Listello do INS. Portanto, se tornou difícil precisar se houve algum outro fato ou iniciativa que pudesse ter motivado tal mudança de atuação.

³⁹⁶*Cette réalisation est basée sur le bon sens et la logique, et correspond à des besoins techniques, psychologiques et sociaux (sorte d'école de la vie). C'est une conception évolutive du système déjà présente em 1956 dans le livre “Récréation et Education Physique sportive”. Elle devrait convenir, aussi bien dans la forme que dans l'esprit, à bon nombre d'éducateurs soucieux d'obtenir, au travers d'une discipline trop souvent méconnue, une plus value certaine des jeunes qui leur sont confiés, à la fois sur le plan physique et sur le plan humaine.* LISTELLO, Auguste. *Éducation de notre temps: organization pédagogique. Éducation Physique et Sports*, n. 71, julho de 1964, p.85-86.

da concepção de Listello foram os quatro pontos por ele denominados Educação Física para todos; Educação Física orientada; Prevenção do mal e Aproveitamento das horas livres. Apresentados pela primeira vez em um artigo de 1958, também na revista *Éducation Physique et Sports*³⁹⁷, e retomados no livro *Éducation Physique pour tous*, de autoria de A. Listello, P. Clerc, e R. Crenn, publicado em 1964, segundo os autores, todos os educadores deveriam levar em consideração esses pontos para a organização de seu trabalho docente. Eles atribuíram a cada um desses pontos, aspectos físicos, morais e sociais indispensáveis ao planejamento do ensino, conforme demonstra o QUADRO 4:

QUADRO 4 – Pontos básicos do Planejamento do Ensino – década de 1960, França³⁹⁸

Educação Física para todos	Educação Física orientada	Prevenção do mal	Aproveitamento das horas livres
Aspectos físicos			
-Treinamento físico generalizado -Aquisição e manutenção de boa condição física	-Exercícios específicos condicionados pelas necessidades particulares (deficientes) ou pela especialização esportiva	-Autoridade e segurança nas ações -Higiene, sobriedade e repouso - Conhecimento de si próprio e de suas possibilidades físicas	-Atividade física de divertimento e distração, ajudando a ocupação dos lazers durante e, sobretudo, após o período escolar
Aspectos morais e sociais			
-Assegurar ao homem melhor equilíbrio físico e nervoso -Viver dignamente do ponto de vista físico	-Ajudar ao homem a aperfeiçoar e progredir para melhor viver -Menos fadiga, diminuindo riscos de incidentes	-Respeito à dignidade -Autodomínio -Respeito às regras do jogo e da vida	-Ocupar sadia e utilmente o espírito e o corpo -Poder praticar atividades físicas individualmente, em família ou em grupos, de acordo com as possibilidades, os gostos e o caráter de cada um

Fonte: Elaboração própria, 2017

Esses quatro pontos básicos constituíam o esquema e a base de partida para a organização do trabalho anual, levando em consideração tanto os momentos de aula quanto as atividades extraclasse proporcionadas pelo Clube de Lazer, por vezes também denominado Clube de Recreação. Sobre esse Clube, assim discorre Listello:

³⁹⁷ LISTELLO, Auguste. L'Éducation Physique pour tous. *Éducation Physique et Sports*, n. 40, maio de 1958.

³⁹⁸ Quadro elaborado com base no artigo: LISTELLO, Auguste. Estudo sobre uma concepção da organização do ensino da educação física, esportes e recreação. *Revista Brasileira de Educação Física*, ano 5, n.14, março/abril de 1973.

O clube de recreação, além de constituir uma parte muito importante do programa de ensino, é também seu prolongamento indispensável. Hoje em dia não se pode mais pensar somente no que os alunos fazem durante as horas obrigatórias de Educação Física, mas também pensar, e com muito mais interesse, no que farão após o horário escolar. [...] Nosso primeiro objetivo é, pois, preparar e levar nossos alunos quando adolescentes ou já adultos formados a continuarem seu treinamento, a exercitarem-se fisicamente, a divertirem-se e a prevenirem-se de uma estafa física e nervosa. Em resumo: levá-los a utilizarem de modo útil e sadio, o tempo de lazer.³⁹⁹

Em suas palavras, o objetivo dessa organização de trabalho “[...] é guiar a criança e o adolescente, a fim de que, uma vez adultos, possam viver dentro das condições e com meios que bem correspondam às necessidades morais, sociais, físicas e cívicas de sua época”.⁴⁰⁰ Tanto o objetivo quanto a proposição de fazer com que crianças e jovens levem a prática esportiva para fora dos muros escolares não são novidades dessa nova formatação em relação à proposta do INS. O que está implicado nela é, por certo, a materialização dessa ideia, possibilitada justamente pela experimentação, pelas tentativas, que tiveram sucesso ou fracasso, de implementação dessa concepção de Educação Física esportiva em uma realidade escolar francesa. Após um período de aproximadamente cinco anos de trabalho nessa escola, Listello chegou a um determinado programa de ensino da Educação Física, testado e por ele aprovado, para o desenvolvimento das atividades esportivas e de lazer no âmbito escolar. Entendendo aqui que esse âmbito escolar não se encerrava nos tempos e espaços das disciplinas obrigatórias, mas deles se expandiam, produzindo outros momentos com possibilidades educativas por meio do esporte. Compreendo, portanto, que o que Listello passou a chamar de Concepção da Organização do ensino da Educação Física, Esportes e Recreação, no lugar de Educação Física Desportiva Generalizada, em seus cursos e em seus artigos, não se desvincula dos princípios norteadores da proposta do INS. Ao contrário, neles se ancora para produzir um modo de desenvolvê-los, com sucesso, em um estabelecimento de ensino, como afirmou Listello. Esse refinamento da Desportiva Generalizada, provocado pela atuação e pela experimentação de Listello em uma escola secundária francesa, pode ter sido um dos fatores que possibilitaram sua presença no Brasil na década de 1970, principalmente por sua ênfase na prática esportiva como agente educacional e como possibilidade de lazer e de representação do desenvolvimento do homem e, conseqüentemente, do país. Ênfase essa não percebida no primeiro momento de circulação da EFDG e de Listello pelo Brasil.

³⁹⁹ LISTELLO, Auguste. Estudo sobre uma concepção da organização do ensino da educação física, esportes e recreação. *Revista Brasileira de Educação Física*, ano 5, n.14, março/abril de 1973, p.25.

⁴⁰⁰ LISTELLO, Auguste. Estudo sobre uma concepção da organização do ensino da educação física, esportes e recreação. *Revista Brasileira de Educação Física*, ano 5, n.14, março/abril de 1973, p.24.

A ideia de que o esporte, do ponto de vista social, era tido como meio de desenvolvimento do país nesse período é reconhecida como uma das frentes de trabalho dos órgãos ligados à Educação Física durante a ditadura militar. Nessa linha de pensamento, as práticas esportivas eram vistas pelo governo como corresponsáveis pela formação e pelo desenvolvimento humano do país, uma vez que, para seus agentes, elas atuavam tanto na melhoria da saúde da população quanto no preenchimento adequado dos momentos de lazer e, dessa forma, também influíam no bem-estar social.⁴⁰¹ Como problematizado por Carlos Fico (1997), a estruturação do discurso do governo militar deu-se pelo “aprofundamento entre ordem e caos”. Em outras palavras, caberia ao governo inaugurar um novo tempo de progresso e desenvolvimento, uma vez que, segundo o governo, nos anos anteriores ao ano de 1964 o país experimentava uma situação de atraso moral e material. Nesse movimento, o esporte passou a ser mobilizado como meio de ajustar o indivíduo à sociedade, colocando-o no caminho certo para tal desenvolvimento.

Arlindo Lopes Corrêa, economista, engenheiro e então secretário executivo do Centro Nacional de Recursos Humanos do Ministério do Planejamento, defendeu de forma contundente o papel do esporte no desenvolvimento do país, sob a ótica do governo. Sobre os esportes, seu comentário é prioritariamente de ordem utilitária:

[...] o esporte influencia a sociedade e seus componentes, atuando como fator de seu aperfeiçoamento. Cumpre ressaltar, agora, que o esporte não se situa apenas no campo das influências, sendo também efeito do estado de desenvolvimento de uma nação. Estando a eficiência esportiva condicionada pelo estado de saúde da população, é fácil observar como os padrões higiênicos sanitários e a alimentação influem no sistema. Além disso, a parcela da população que se pode dedicar ao esporte é aquela que habita o meio urbano e suburbano - onde se localizam os agentes intermediários - e tem renda suficiente para desfrutar momentos de lazer. Finalmente, a escolarização entra no circuito pelo fato de a iniciação esportiva e a prática sistemática de educação física ocorrerem, primordial e inicialmente, nos estabelecimentos de ensino, especialmente os de nível primário; não se deve esquecer, também, que a capacidade de realizar pesquisa esportiva e aperfeiçoar resultados individuais reflete o poder criador e transformador de uma sociedade.⁴⁰²

De acordo com Nailze Pazin (2014), a preocupação com a divulgação da Educação Física e do Esporte emergiu também em meio à discussão sobre a deterioração das condições de vida das populações de baixa renda. Dessa forma, as práticas esportivas e de lazer constituíam-se como um direito que não poderia ser negado, sob o infortúnio de comprometer o desenvolvimento do indivíduo e do próprio país. Nessa perspectiva, a tarefa

⁴⁰¹ TABORDA DE OLIVEIRA, 2001.

⁴⁰² CORRÊA, Arlindo. *Revista Escola*, n.º 0, 1971, p. 7.

do sistema educacional era preparar a população para as novas demandas do país, para as quais o aluno era encarado como indispensável e estratégico para a promoção do desejado desenvolvimento. Detectados os problemas relativos a tal situação, o governo estabeleceu programas e iniciativas visando à integração regional e social⁴⁰³, mas, para tanto, era imprescindível a participação da comunidade. Nesse contexto, a Educação Física e os Esportes passaram a ser compreendidos como peças fundamentais para o desenvolvimento da saúde dos cidadãos e como premissa básica para a integração social desejada para o período.

Nesses termos, é possível perceber que a nova roupagem dada por Listello às proposições pedagógicas do ensino no esporte engloba muitas questões que foram caras à ditadura naquele momento. Além de colocar o esporte como centro da Educação Física escolar, deu destaque às possibilidades do esporte como momento de lazer útil e sadio, indo ao encontro da orientação política daquele período. Defendendo a prática dos esportes no combate aos problemas sociais, Listello afirmou que “[...] por falta de um ideal, a ociosidade da juventude é fruto de muitos de seus dramas” e que “[...] se quisermos que eles [seus dramas] sejam diminuídos no presente e eliminados no futuro, faz-se urgente que todos os educadores da Educação Física e Desportiva [...] decidam agir em um caminho certo”.⁴⁰⁴ Nesse movimento, tinha também por pretensão envolver a comunidade escolar e a familiar nas práticas esportivas e de lazer apresentadas aos alunos no âmbito escolar. Ao configurar tal ação, trazia para dentro da escola e, conseqüentemente, para as práticas esportivas, pequenos círculos de pessoas que já não mais frequentavam esse espaço e que, talvez, não tiveram acesso a essas práticas enquanto viveram a escolarização. Em uma espécie de troca, demais professores e familiares incentivavam a prática de esportes das crianças e jovens ao mesmo tempo em que também passavam a se envolver com as atividades esportivas e recreativas, seja para organizá-las, seja para praticá-las. Se a ditadura militar pretendia envolver o maior número de pessoas no esporte, pelo alto rendimento ou pelo esporte de massa, com a intenção de potencializar o desenvolvimento do país, tal proposição de Listello pareceu, em certo sentido, próxima aos seus objetivos: uma possível estratégia de captura da população para adesão ao esporte, ainda que fora dos padrões de cientificidade almejados por esse governo.

Não se pode afirmar, no entanto, que tal proposição de Listello tenha seduzido os militares e se tornado uma orientação para o período em questão. Na década de 1970 percebe-

⁴⁰³Para Nailze Pazin (2014), dessas iniciativas destacam-se a elaboração do Diagnóstico de Educação Física/Desporto no Brasil, em 1971, e as ações e programas dele gerados, como o Plano Nacional de Educação Física e Desportos (PNED) e o programa Esporte para Todos (EPT).

⁴⁰⁴LISTELLO, Auguste. Estudo sobre uma concepção da organização do ensino da educação física, esportes e recreação. *Revista Brasileira de Educação Física*, ano 5, n.14, março/abril de 1973, p.23-24.

se forte influência de correntes da Educação Física alemã e estadunidense, preocupadas com um determinado modo de produzir pesquisas e dotar o campo de cientificidade, como aponta Fernanda Santos (2017). Da França, a corrente que passou a ser recorrentemente divulgada no Brasil nesse período foi a Psicomotricidade, representada por Le Bouch, tendo a infância como ponto de preocupação. O que parece acontecer é que, balizado pelo fazer da experiência, e não da ciência, Listello trouxe contribuições para a sistematização da prática que, em determinados aspectos, iam ao encontro das orientações do período. Dessa forma, a centralidade do esporte e das práticas de lazer foram pontos de aglutinação com o projeto de Educação Física de então.

Apesar de não ser mais considerada como representante da Educação Física desses anos, como fora nos anos 50, a educação esportiva de Auguste Listello tampouco foi apagada do cenário brasileiro. Ao contrário, alguns arranjos pessoais e negociações políticas em meio a esta trama permitiram sua presença e circulação em variados espaços e tempos de formação de professores e de debate sobre os possíveis caminhos da Educação Física brasileira.

No ano de 1971, a iniciativa de promover cursos no Brasil partiu do próprio professor Listello. Em correspondências trocadas com Antônio Boaventura da Silva foi possível identificar que, nesse ano, Listello avisou ao professor e amigo que iria tirar férias no Brasil e que, se fosse da vontade dele e das instituições brasileiras, poderia ministrar “dois ou três pequenos estágios, em São Paulo ou em outros estados”.⁴⁰⁵ A pedido do professor Jacintho Targa à São Paulo, Porto Alegre foi a outra cidade a receber Listello para a realização desses pequenos estágios. Targa solicitou também que, além do professor Listello, sua esposa, Guinevere Listello, pudesse ministrar novamente um curso sobre Ginástica Feminina.⁴⁰⁶ Essa foi a primeira indicação de que sua esposa, também professora de Educação Física e sempre presente nas viagens de Listello ao Brasil, havia ministrado aulas no país.

A fidelidade ao laço de amizade e de parceria profissional construído entre Listello e Boaventura pode também ser vista como um elemento preponderante de sua circulação pelo Brasil na década de 1970, assim como fora nas décadas anteriores. Todas as suas visitas ao país nessa década foram, de alguma maneira, intermediadas pelo professor brasileiro. Por vezes, a pedido do próprio Listello, como aconteceu no ano de 1971, outras

⁴⁰⁵Biblioteca da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Arquivo Pessoal do professor Antônio Boaventura da Silva. Correspondência enviada por Auguste Listello a Antônio Boaventura da Silva em 22 de fevereiro de 1971.

⁴⁰⁶Biblioteca da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Arquivo Pessoal do professor Antônio Boaventura da Silva. Correspondência enviada por Auguste Listello a Antônio Boaventura da Silva em 02 de maio de 1971.

vezes, por solicitação sua e de outros professores brasileiros, como sucedeu nos anos de 1973, 1976 e 1978, Boaventura mobilizou sua rede profissional para promover a circulação e o debate dessa nova roupagem da Desportiva Generalizada.

No entanto, nesse período, Boaventura, ainda professor da EEF da USP, passou a falar de outro lugar: a Federação Internacional de Educação Física (FIEP). Ao mediar, dentro do Departamento de Educação Física e Desportos (DED)⁴⁰⁷, financiamentos, publicações e participações em eventos relativos ao professor Listello e à sua proposta ele, na maioria das vezes, se colocou no lugar de representante regional da FIEP, e não mais como representante da APEF ou do DEF-SP, como na década de 1950. Outro professor brasileiro que adentrou com mais visibilidade nesse trânsito foi Jacintho Targa, também no lugar de representante regional da FIEP.⁴⁰⁸

Na década de 1970 a FIEP já alcançava visibilidade e representatividade, tanto em nível nacional quanto em nível mundial, bem mais amplas que aquelas percebidas na década de 1950, quando esses dois professores, junto a Sylvio Raso e a Alfredo Colombo, criaram o comitê brasileiro dessa Federação. No plano internacional, um marco dessa representatividade foi o Manifesto Mundial da Educação Física, lançado em 1970, cujo objetivo foi contribuir, no plano mundial, para a ação educativa por meio das atividades físicas e, nesse caso, o esporte ganhou lugar de destaque. Não obstante, o Manifesto foi também orientação para o Plano Nacional de Educação Física e Desportos (PNED), que destacava a necessidade de esclarecer a população sobre os benefícios da prática dos esportes e das atividades de recreação.⁴⁰⁹

De maneira geral, o Manifesto vislumbrou oferecer contribuições para a orientação internacional da Educação Física e dos Esportes, sustentando seus argumentos no campo científico. No corpo de seu texto, duas possibilidades de escolha de prática esportiva foram destacadas: o esporte de competição e o esporte como recreação e lazer. Embora reconhecesse que o esporte de alto rendimento fosse uma realidade inegável do período,

⁴⁰⁷“Em 1970, o Decreto-Lei n.º 66.967 vai substituir a então Divisão de Educação (DEF) pelo Departamento de Educação Física e Desportos (DED), tendo como diretor-geral o General Eric Tinoco Marques, [...] e diretor adjunto o Coronel Octávio Teixeira. Os professores de Educação Física Ari Façanha de Sá e Jorge Marsao Takarashi trabalhavam como coordenadores do novo órgão, e o Capitão Roberto Jenkins de Lemos era o responsável pela área de comunicação. O DED era um órgão subordinado ao Ministério da Educação, na época sob o comando do senador Jarbas Passarinho. Suas ações passaram a dirigir-se particularmente em duas linhas de ação: a primeira como assistência técnica e cooperação financeira com os três níveis de governo, municipal estadual e federal, e instituições privadas envolvidas com o setor. A segunda linha de ação foi no sentido de relacionar-se com os diferentes órgãos da administração educacional e cultural.” (PAZIN, 2014, p.134).

⁴⁰⁸ Entre os anos de 1980 e 1991, Jacintho Targa foi eleito vice-presidente da FIEP na América do Sul.

⁴⁰⁹ PAZIN, 2014.

importante e necessária, defendia-se no Manifesto que o foco dos investimentos em Educação Física e Esportes precisaria caminhar para a recreação e o lazer, contemplando as finalidades do esporte de massa, pois, seria por meio dele que a difusão da prática esportiva para os demais níveis aconteceria:

De um lado, há o desporto profissional e o desporto de alta competição (mais ou menos profissionalizado), que apenas podem atingir uma minoria de indivíduos, particularmente dotados. Temos de aceitar este profissionalismo ou semiprofissionalismo como sendo realidade incontestável - lógica em um mundo dominado pelo espírito de competição, pela satisfação da glória nacional e pelos interesses financeiros, mas, sobretudo, como um fato que pode adquirir certo valor humano e social. Pode ser profissão honesta e, como toda profissão, ter sua utilidade, suas alegrias e sua grandeza. Porém, o desporto deve tornar-se mais claro em suas intenções, mais bem estruturado e mais social em sua organização. Ele deve servir à promoção humana e social dos especialistas e não ao seu aviltamento. Por outro lado, existe o desporto essencialmente animado por preocupações educativas, higiênicas e recreativas, que é necessariamente o desporto para todos, aquele que mais se integra no sistema geral da Educação Física.⁴¹⁰

É importante ressaltar que, nesse período, estava em circulação amplo debate sobre a importância do bom uso das horas de lazer e, sobretudo, a do desenvolvimento de hábitos e atitudes sadias. Nota-se, nesse Manifesto, conciliação entre uma perspectiva de saúde e bem-estar individual e uma perspectiva de saúde e bem-estar social. Essa harmonização parece ter sido uma das prerrogativas de organismos internacionais como a FIEP, conforme assegura Taborda de Oliveira (2001). Parece também ter orientado algumas ações dos seus representantes no Brasil.

Como produto de diálogo internacional, é possível perceber no Manifesto uma relação direta entre o significado, a legitimação social e a cientificidade da Educação Física.⁴¹¹ Dessa forma, a Educação Física só ganharia legitimidade quando referida cientificamente, ideia largamente difundida no país na década de 70.⁴¹² No plano nacional, a FIEP participou de tal difusão sobretudo por meio de seu principal órgão de divulgação, o *Boletim da FIEP*. Pelas páginas da edição brasileira do *Boletim* circularam autores brasileiros e estrangeiros de diferentes nacionalidades e orientações metodológicas. Ao longo da década de 1970, diversos artigos publicados em sua língua original puderam também ser encontrados

⁴¹⁰FIEP, 1970, s/p.

⁴¹¹TABORDA DE OLIVEIRA, 2001.

⁴¹²Apesar de não ser o foco desta tese, é importante ressaltar que o discurso científico daquele período não foi uníssono. Portanto, em sua construção, a Educação Física sofreu um cambiável e suscetível conjunto de influências de diversos modos de pensar e de fazer ciência. No campo da relação entre ciência e Educação Física o debate ainda estava aberto. Como apontou Taborda de Oliveira (2001, p.118) “[...] não havia consenso em torno das bases científicas da Educação Física. E mais: o consenso estava ainda mais distante quando o problema era a necessidade ou não de um trato científico para a área.”

traduzidos para o português, ampliando, assim, as possibilidades de alcance de seus debates. No que se refere ao conteúdo, os editores do periódico se preocupavam em fazer circular as iniciativas e produções da FIEP, determinados pontos de vista sobre a Educação Física no Brasil e em diferentes países, além de manifestar um apelo à produção científica vinculada ao desenvolvimento do campo, tanto no plano nacional quanto no plano mundial. Com artigos voltados para a Educação Física escolar e para o esporte de alto rendimento, a FIEP, por meio de seu *Boletim*, abriu espaço para a exposição e para o debate de ideias em torno do conceito, dos pressupostos e do significado da Educação Física no campo como um todo e na escola. Nesse conjunto de ideias, as bases científicas da Educação Física e o trato metodológico do esporte, seja na escola ou fora dela, ganharam destaque.

No entanto, a existência de padrões não implica necessariamente que todas as pessoas irão aderir ou se comportar da mesma maneira. Trata-se de uma orientação geral que acaba por configurar uma produção cultural acentuada. No campo das ações e interesses individuais há sempre margem para a opção entre diferentes caminhos. As escolhas dos sujeitos, e conseqüentemente de instituições, podem guardar relação tanto com as questões mais gerais que orientam um determinado projeto em voga quanto com as demandas e interesses pessoais, que nem sempre se conjugam intrinsecamente com o contexto mais amplo.⁴¹³

Dessa forma, Jacintho Targa e Antônio Boaventura, em especial, continuaram confiando em Listello e em sua proposta de Educação Física como possibilidade de pensar e de intervir na Educação Física brasileira, ainda que tal proposta não partilhasse dos novos padrões de cientificidade em debate nos planos internacional e nacional. A notoriedade conquistada por Listello e por seu trabalho (que tinha o esporte como eixo central) ao longo dessas décadas também contribuiu para que esses sujeitos pudessem, com alguma expressividade e a partir de um lugar institucional, promover o trânsito dessas ideias em tempos e em espaços de debate e de formação. Afinal, Listello ainda era, de alguma maneira, referência internacional, vindo de um país em que o Brasil se inspirou e continuava a se espelhar no âmbito da Educação Física.

Isso pode ser visto no ano de 1973, em que o professor Listello participou do I Estágio de Educação Física, organizado pelo DED. Noticiado no *Jornal do Brasil*, o evento

⁴¹³ Tomo como referência para tal reflexão as proposições Jean-François Sirinelli e Serge Berstein, no livro *Para uma história cultural* (1988), no qual discutem o conceito de apropriação no contexto da cultura política.

teve por propósito reconhecer o sistema de educação desenvolvido em cada um dos países representantes, a fim de contribuir para a Educação Física nacional⁴¹⁴:

Com o objetivo de melhorar o nível da Educação Física no Brasil, em seu setor básico e prioritário, da 1ª a 6ª série, foi aberto, ontem, nesta capital, o I Estágio de Educação Física do Ministério de Educação e Cultura. [...] O I Estágio de Educação Física está sendo coordenado pelo professor George Massao Takahashi, assessor do departamento de Educação Física do MEC, e os professores estrangeiros são: Paul Swinnen, da Bélgica; G. M. Takahashi, do Brasil; Rodolfo Alvarez Sanz, da Espanha; Auguste Listello, da França; Ce. Leldo Ribeiro, de Portugal; e I. Iamakafa, do Japão.⁴¹⁵

Uma particularidade importante desse Estágio foi o público-alvo. Foram escolhidos pelo DED 50 educadores, representantes de todas as regiões brasileiras, responsáveis por “[...] realizar observações completas durante o estágio e concluir depois o que poderá ser aplicado em suas regiões”.⁴¹⁶ Ficou claro na argumentação do professor Takahashi, em entrevista ao referido jornal, que não se tratava de importar um ou outro sistema como um contrato fechado, uma vez que as diferenças sociais, culturais e econômicas entre o Brasil e os demais países, e até mesmo entre os variados estados brasileiros, impediam ou dificultavam tal apropriação. Também não pareceu importar muito qual ou como o sistema de cada país serviria de referência para o fazer da Educação Física nas respectivas regiões e estados dos representantes presentes no Estágio. Interessava a ele, prioritariamente, promover esses intercâmbios internacionais a fim de fazer progredir a Educação Física nacional.

Tal constatação leva a outro ponto que foi também caro às políticas do DED nesse período, que diz respeito ao processo de internacionalização da Educação Física brasileira. Ainda que possa parecer paradoxal, projetos e sistemas de diferentes países que eram identificados como mais desenvolvidos que o Brasil, no âmbito da Educação Física e dos Esportes, foram muito bem recebidos no país, mesmo apresentando divergências conceituais e, até mesmo, ideológicas. O Brasil, por meio de seus órgãos governamentais, como o DED,

⁴¹⁴De acordo com Faria Júnior (2014), o Departamento de Educação Física e Desportos mostrou certa preocupação com os objetivos contidos no Art. 3º do Decreto nº 69.450/71, que regulamentou o Art. 22 da Lei nº 4.024/61 e a alínea ‘c’ do Art. 40 da Lei 5.540/68. Foi tal preocupação que provocou a realização desse seminário, em fevereiro de 1973, reunindo expertos no assunto para estudar o problema: Liselott Dien, August Kirsch, Jacob Muth e Wolfgang Gehnen (alemães), Paul Swinnen (belga), Rodolfo A. Sanz (espanhol), Auguste Listello (francês), Iwanosuke Yamakava (japonês) e Lelio Ribeiro (português). Ainda segundo o autor, “[...] foi a partir do debate realizado nesse evento que se formulou uma sugestão para a aplicação de um currículo básico nos 1º e 2º graus das escolas brasileiras. (BRASIL, 1976 *apud* Faria Júnior, 2014, p.27).

⁴¹⁵E. Física quer subir seu nível. *Jornal do Brasil*. Esportes - 1ª Coluna. Rio de Janeiro. Terça-feira, 18 de setembro de 1973, p.34.

⁴¹⁶Plano português entusiasma a EF. *Jornal do Brasil*. Esportes - 1ª Coluna. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 19 de setembro de 1973, p.30.

recrutou profissionais e ideias de vários lugares, como se pode perceber na listagem do estágio anunciado. Esse recrutamento também ocorreu em vários outros espaços e tempos de formação e debate, como outros eventos dessa natureza e nas Escolas Superiores.

Como destacou Fernanda Santos (2017), muitos dos projetos constituídos para o campo da Educação Física nesse período viriam a endossar um movimento importante para a área naquele contexto: o alinhamento ao internacional. Para a autora, esse movimento “[...] operou em sentidos diferentes, porém complementares, promovendo, assim, tanto ações que tangenciavam as questões das práticas ligadas à Educação Física quanto ações que contribuíram fortemente para um impulso científico dentro do campo.”⁴¹⁷ Problematicando tal questão aliada a outros temas e termos caros ao debate do contexto mais amplo da Educação Física dessa década, Taborda de Oliveira (2001) observou uma grande dependência brasileira dos conhecimentos produzidos nos centros mais desenvolvidos, ao mesmo tempo em que se destacava na área o esforço de integração do Brasil ao debate acadêmico-científico internacional da Educação Física. Nesses termos, a presença de Listello, como autoridade da Educação Física francesa reconhecida no campo da Educação Física brasileira, pode ter sido favorecida por tal necessidade de alinhamento ao debate internacional. Em relação a essa representação é importante destacar que: se por um lado a Educação Física brasileira reconheceu Auguste Listello como uma autoridade importante para a Educação Física francesa, por outro, na França, sua visibilidade se deu justamente pela sua grande circulação e notoriedade em cursos de formação de professores no Brasil. Nessa dinâmica circulatória, Listello passou a ser reconhecido em seu país, principalmente nas décadas de 1960 e 1970, como o sujeito que revolucionou o campo da Educação Física brasileira.⁴¹⁸

Ainda no ano de 1973, Boaventura da Silva intermediou, junto à FIEP e à Escola de Educação Física da USP, o financiamento para a realização de estágios de orientação didático-pedagógicos nas Escolas de Educação Física de Assis, Tatuí, Cruzeiro e Ribeirão Preto, cidades do estado de São Paulo. Encaminhou ao DED os artigos de autoria de Listello publicados ainda naquele ano na *Revista Brasileira de Educação Física*, órgão de divulgação ligado a esse Departamento.⁴¹⁹ Não é de se estranhar que todos os artigos relativos à EFDG publicados na década de 1970 tiveram Antônio Boaventura da Silva, Jacintho Targa e Auguste Listello como autores, conforme apresentado no QUADRO 5:

⁴¹⁷SANTOS, 2017, p.45.

⁴¹⁸Tal representação pode ser claramente percebida nas reportagens de jornais franceses, principalmente locais, desse período, que noticiavam as diversas viagens de Auguste Listello ao Brasil.

⁴¹⁹Em correspondência direta com o Cel. Otávio Teixeira, Boaventura claramente se refere a um contato entre o Cel. Teixeira e Listello, no qual tal possibilidade de publicação foi firmada.

QUADRO 5 – Artigos que abordaram a EFDG – década de 1970, Brasil

Título	Autor	Periódico	Ano e Número
Sessão de atividades físicas generalizadas	Antônio Boaventura da Silva	Boletim da APEF do Rio de Janeiro	1971
Educação Física Esportiva e Generalizada	Antônio Boaventura da Silva	Revista Brasileira de Educação Física	n.11, 1972
Estudo sobre uma concepção da organização do ensino da educação física, esportes e recreação	Auguste Listello	Revista Brasileira de Educação Física	n.14, 1973
Considerações sobre uma concepção da organização do ensino da educação física, esportes e recreação	Auguste Listello	Revista Brasileira de Educação Física	n.16, 1973
Princípios da Educação Físico-Desportivo-Recreativo para o ciclo fundamental	Jacinto Targa	Educação e Movimento	1974

Fonte: Elaboração própria, 2017

Há, porém, uma diferença entre os artigos de Boaventura e os de Targa merecedora de destaque. Enquanto Boaventura continuava a “reproduzir” em seus artigos as sistematizações da Desportiva Generalizada, tal como ela fora pensada e produzida desde a década de 1940, Targa passou a utilizá-la como referência para o estabelecimento de princípios que deveriam orientar uma Educação Física Desportiva e Recreativa para a educação escolar. No artigo *Princípios da Educação Físico-Desportivo-Recreativo para o ciclo fundamental*, Targa mobilizou autores e linhas de pensamento da Educação Física de diferentes países, como Alemanha, Áustria, França e Estados Unidos para compor tais princípios. Alinhada a essa publicação, percebe-se nas suas demais publicações desse período grande preocupação com o debate da iniciação esportiva como ferramenta educacional. Em sua linha argumentativa, Targa valorizava o aspecto social de formação do esporte e criticava a orientação pragmática dele, que voltava a atenção da Educação Física escolar apenas para o ensino e para a competição. De fato, seja na difusão da própria Desportiva Generalizada, seja no interesse em com ela dialogar, esses dois professores permaneceram comprometidos com uma perspectiva do ensino da Educação Física escolar alinhada a uma dimensão social da formação pelo esporte.

Nesse propósito, ainda em 1973, Boaventura iniciou um diálogo com representantes do DED e da FIEP para promover aquela que foi a visita mais longa e de maior abrangência no território brasileiro.⁴²⁰ Sob o tema “Organização e Técnica de ensino de

⁴²⁰ Não é possível afirmar qual foi o grau de investimento desses órgãos nessa viagem, mas ficou evidente que houve algum tipo de financiamento de ambas as partes.

Educação Física, dos Esportes e do Lazer”, Listello ministrou, no ano de 1976, cursos nas seguintes cidades:

- 1- Londrina (PR): Faculdade de Educação Física do Norte do Paraná – 17 a 29 de maio de 1976
- 2- Campo Grande (MT): Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Estadual de Mato Grosso – 14 a 19 de junho de 1976
- 3- Rio de Janeiro (RJ): Associação dos Professores de Educação Física do Rio de Janeiro – 28 de junho a 02 de julho de 1976
- 4- Manaus (AM): Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Amazonas – 11 a 24 de julho de 1976
- 5- Belém (PA): Escola Superior de Educação Física do Pará – 26 a 31 de julho de 1976
- 6- São Luiz (MA): Instituto Tecnológico de Aprendizagem – 02 a 06 de agosto de 1976
- 7- Natal (RN): Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – 10 a 13 de agosto de 1976
- 8- Aracaju (SE): Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Sergipe – 16 a 21 de agosto de 1976
- 9- Jundiá (SP): Escola Superior de Educação Física de Jundiá – 30 de agosto a 04 de setembro de 1976⁴²¹

Mas por que todo esse investimento na difusão de um programa de Educação Física, produzido por um saber da experimentação, da prática, e não de bases científicas, na década de 1970? Um caminho possível para responder tal questão é atentar para os altos investimentos financeiros, para os materiais de divulgação e para as parcerias internacionais concretizados nessa década. Foram muitos sujeitos de vários países circulando, cada um com uma proposta de Educação Física, bem como foram vários os projetos desenvolvidos no âmbito das universidades e do próprio DED. Foi, portanto, uma época em que o governo estava fortemente comprometido com a expansão da Educação Física, muito em função dos dados apresentados pelo *Diagnóstico* e dos programas desenvolvidos a partir dele, comprometendo-se com o financiamento de uma pluralidade de projetos. Muitos desses projetos estavam ligados às grandes campanhas do governo militar, mas alguns outros, originados pelo interesse pessoal de algum professor ou de alguma instituição em particular, tiveram apoio do DED pelo bom trânsito e relacionamento junto ao Departamento.⁴²² Assim como ocorreu com tais projetos, me parece que a iniciativa dessa grande circulação de Listello e de sua proposta pelo Brasil em 1976 recebeu o apoio do DED, e de outras instituições como a FIEP, por ter sido avalizada por sujeitos de representatividade na Educação Física brasileira, como Boaventura da Silva. Transitando na rede de sociabilidade desses sujeitos, interesses

⁴²¹Biblioteca da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Arquivo Pessoal do professor Antônio Boaventura da Silva. Correspondência enviada por Antônio Boaventura da Silva em março de 1978. Sem destinatário.

⁴²²Como exemplo, cito o Projeto Brasil, estudado por Fernanda Santos (2013), que para ser implementado teve como decisivo o trânsito do professor Mauricio Leal Rocha Janeiro.

peçoais promoveram também caminhos possíveis para a experimentação de outros projetos de Educação Física no período da ditadura militar.

Nesse investimento de viagem, Listello estabeleceu uma base única para o conteúdo programático dos cursos nas diferentes cidades, a partir de uma exposição teórica seguida de exemplos práticos dos principais pontos do programa. Foram eles: Organização do trabalho por ciclos; Organização Administrativa e Pedagógica da classe; Organização Pedagógica do trabalho para as atividades individuais e para os jogos em equipe; e Ensino da Competição entre os grupos da classe.⁴²³ Fica evidente que esse programa correspondeu a uma versão preliminar do livro que viria a ser publicado em 1979. Nas fontes mobilizadas foi possível identificar que a ideia de organização dessa obra se iniciou logo após a vinda de Listello ao Brasil no ano de 1971. Essa vinda parece ter motivado o professor a sistematizar melhor as ideias que vinha desenvolvendo em sua atuação na escola francesa para poder apresentá-las com mais detalhamento e refinamento. Um primeiro exercício dessa sistematização foram os artigos publicados na *Revista Brasileira de Educação Física* em 1973. Um segundo foi a realização desses cursos em 1976, que contou com um programa bastante detalhado e mais próximo da estrutura do livro em questão.

Aposentado desde 1973, Listello parece ter assumido a elaboração desse livro como prioridade nos anos seguintes, tanto que sua visita ao Brasil em 1978 teve como principal propósito se reunir com demais professores brasileiros envolvidos também nesse processo para definir a formatação final da obra. A realização de cursos nas cidades de São Paulo, Belo Horizonte e Campo Grande foi como um efeito colateral desse investimento. O livro orientou também a vinda de Listello ao Brasil no ano de 1980, dessa vez no intuito de divulgá-lo.

Ao longo desses anos, inúmeras foram as correspondências trocadas entre Auguste Listello e Antônio Boaventura da Silva contendo ideias, propostas e rascunhos do que viria a ser a estrutura do livro. Em uma de suas últimas cartas, quando o esquema do livro já estava praticamente definido, Listello, em um tom de convencimento e esperança, afirmou:

Estou realmente muito feliz por concordar com o livro como eu já lhe disse, eu faço de tudo o que posso para que este livro seja um sucesso “nacional”, eu diria “internacional”. No que diz respeito à correspondência entre [o sistema de educação] francês e o brasileiro, fiquei muito satisfeito ao ver que o trabalho no livro cobre perfeitamente o 1º grau do Brasil, de 7 a 15 anos. Este trabalho poderá servir de base

⁴²³ Acervo Pessoal do Professor Auguste Listello. Base do Programa – Listello – Brasil 1976.

para a reforma do ensino de educação física, esportes e recreação no Brasil.⁴²⁴
(Tradução livre da autora)

É dessas experiências que nasce o livro de 1979, trazendo elementos da proposta elaborada no INS, mas extrapolando-a.

5.2.1 Educação pelas atividades físicas, esportivas e de lazer: uma obra para o Brasil

Lançado em 1979 pela Editora da Universidade de São Paulo, o livro *Educação pelas atividades físicas, esportivas e de lazer* tem como autor principal Auguste Listello e como colaboradores Antônio Boaventura da Silva (tradução e adaptação); Laércio Elias Pereira e Nestor Soares Públio (tradução); Roger Lambert (tabelas e esportes coletivos) e Geneviève Listello (correção do original em francês). Essa obra traz uma particularidade, em relação às outras três de autoria de Listello, muito importante para sua interpretação: trata-se da única obra traduzida e publicada em português. Processo de tradução e publicação esse que teve Boaventura da Silva como um dos principais atores: mais que principal tradutor, assumiu também as responsabilidades de formatar e de adaptar do livro. A estreita ligação pessoal e profissional entre Auguste Listello e Antônio Boaventura acentuava o papel autoral assumido por esse tradutor na composição da obra.⁴²⁵

Assim é anunciado no início do livro por Listello:

Este trabalho é dedicado ao Brasil e a todos os seus educadores, professores, treinadores e, em especial, ao Professor Antônio Boaventura da Silva, da Universidade de São Paulo, pioneiro e apaixonado defensor da Educação Física no Brasil, com o qual tivemos a oportunidade de comungar ideias de educação desde a nossa primeira participação no Curso Internacional de Educação Física em Santos, em 1952.⁴²⁶

E também por Antônio Boaventura da Silva:

⁴²⁴*Je suis réellment très heureux que le livre nous convienne como je nous l'ai deja dir, je fais tout ce qui em mon puvoir pour que cet ouvrage sois une reussite "nationale", je dirais même "internationale". En ce qui concerne le correspondance entre les dans Françaises et Bresiliennes, je mis très satisfait de constater que le travail qui en dans le livre, couvient parfaitement ao 1° degré Bresilienne 7 a 15 ans. Ce travail pourrait servir de base à la reforme de l'enseignement de l'éducation physique, des sports e des loisirs au Brésil.* Biblioteca da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Arquivo Pessoal do Professor Antônio Boaventura da Silva. Correspondência enviada a Antônio Boaventura da Silva por Auguste Listello em 30 de março de 1978.

⁴²⁵No Arquivo Pessoal do Prof. Antônio Boaventura da Silva, na Unicamp, há um conjunto significativo de manuscritos das primeiras versões do livro com as traduções e observações do Prof. Boaventura da Silva. A noção de tradução torna-se aqui importante a partir do entendimento de que tradutores são como "[...] elos na cadeia de transmissão do conhecimento entre sociedades separadas por barreiras lingüísticas" (GUERINI, 1998, p. 45), os quais, além da função técnica de decodificação de uma língua para outra, assumem também uma função social de produção e disseminação de saberes.

⁴²⁶LISTELLO, 1979, p.XIII.

Por tudo quanto ofereceu, soube se fazer merecedor do reconhecimento e da admiração dos professores brasileiros, que o têm como exemplo de autêntico educador. Mas ainda não está satisfeito o grande brasileiro, nascido francês, na sua vontade incontida de ser útil ao nosso País. Quis congregar seus “doze anos de experiência e de realizações em um estabelecimento de ensino público”, no sul da França, consagrando-os nessa obra que constitui sua homenagem ao “País que lhe depositou uma confiança total e sem reserva, desde julho de 1952”, conforme sua própria expressão, em mensagem dirigida ao Senhor Ministro da Juventude e dos Esportes da França em 12.4.1976.⁴²⁷

Organizado a partir de um Prólogo, Introdução, nove capítulos e o Glossário, o livro foi construído em duas partes.⁴²⁸ Na primeira, que corresponde à Introdução e ao Capítulo I, Listello discorreu sobre a base teórico-metodológica na qual apoia seu trabalho, trazendo para o corpo do texto princípios (os quatro pontos diretores) da Educação Física Esportiva Generalizada apresentados em suas obras anteriores, principalmente no livro *Éducation Physique pour tous*, ainda que não faça referência direta a essas obras. Na segunda, composta pelos Capítulos II ao IX, apresentou uma “forma possível” de organização do ensino da Educação Física em uma escola, tendo como fundamentação os princípios norteadores anteriormente citados.

Na primeira parte, os objetivos da publicação do livro *Educação pelas atividades físicas, esportivas e de lazer* foram apresentados na Introdução: praticar uma verdadeira educação através dos aspectos físicos, sociais e morais; dispor de maneira fácil e eficaz o problema do esporte para todos e do esporte de alto nível; demonstrar a evolução pedagógica baseada no bom senso e na lógica, apresentada sob a forma de grupos homogêneos.

Como anunciou Boaventura em seu Prólogo, a obra em análise foi a consagração de 12 anos de experiência em um estabelecimento público de ensino francês no qual Listello desenvolveu o que ele próprio denominou “uma nova concepção de ensino das atividades físicas, esportivas e de lazer”.

Portanto, na segunda parte do livro, a partir do Capítulo II, o autor apresenta a orientação e a organização do ensino da Educação Física por ele produzida e sistematizada ao longo de sua experiência em um colégio na França. Segundo ele,

⁴²⁷BOAVENTURA DA SILVA, 1979, p. XVII.

⁴²⁸Identifico essa obra como uma materialização das ideias produzidas por Listello ao longo de sua atuação na escola secundária francesa e nos cursos de aperfeiçoamento técnico-didático realizados no Brasil ao longo da década de 1970, prioritariamente. Portanto, o debate dos princípios e formulações realizado no subtópico anterior, concernente a essa proposição, não será retomado neste momento. Também não tive a pretensão de realizar uma análise mais aprofundada da materialidade, da produção e da circulação dessa obra, em função da temporalidade recortada para este estudo. O que aqui se pretendeu foi apresentar essa obra como síntese de um trabalho no e para o Brasil.

Não se trata de um método de Educação Física rígido, que deva ser seguido ao pé da letra, mas sim de um método de trabalho e de uma organização coletiva, a começar daquelas em que o professor, sem nenhum constrangimento, pode pôr em evidência toda sua inteligência, sua consciência profissional e as suas qualidades de adaptação. No que concerne ao conteúdo, colocamo-nos numa corrente pedagógica em que são indissociáveis a *teoria* (pensamento) e a *prática* (ação). O aluno é sempre considerado como um ser “total”, com suas necessidades físicas, fisiológicas, psicológicas e com as necessidades de viver em equipe, em grupo, e de aprender a assumir responsabilidades.⁴²⁹ (Grifos do autor).

A construção da concepção de ensino da Educação Física pretendida pelo autor se baseou na organização do trabalho por meio dos quatro pontos básicos já apresentados: Treinamento Físico Generalizado; Exercícios Específicos; Prevenção do Mal e Atividades de Lazer. Para ele, era indispensável destacar que esses

[...] *quatro pontos* tratados num objetivo físico devem ser considerados simultaneamente sob um prisma *social e moral*, se desejamos que o plano de ação educativo seja completo e permita alcançar um resultado esportivo global satisfatório. [...] Não nos cansamos de repetir que, em se tratando de *EDUCAÇÃO*, os dois aspectos *são absolutamente indissociáveis* e o segundo não deve jamais ser negligenciado ou esquecido pelo Educador.⁴³⁰ (Grifos do autor)

Ainda na segunda parte do livro, Listello discorreu detalhadamente sobre as concepções, as diretrizes e até mesmo sobre os exemplos da organização do ensino da Educação Física a partir de categorias como: organização administrativa (ficha de informações individuais e controle médico) e pedagógica (definição de equipes de classe, assistentes das equipes, responsáveis pela classe, etc); organização técnica e pedagógica do trabalho para as atividades individuais e para os esportes coletivos (formação de grupos de trabalho); campeonatos interclasses e interestabelecimentos; e clubes de lazer.

Nessa perspectiva de trabalho, três elementos ganharam destaque: a participação dos alunos na dinâmica das aulas, uma vez que eles se tornam co-responsáveis pelo bom andamento da aula; a organização do ensino a partir de equipes de classe e grupos de trabalho, em que os alunos trabalham juntos nas mesmas equipes ao longo de todo o ano, promovendo relações mais duráveis e a noção de trabalho coletivo; e o entendimento de competição como importante aspecto de formação do aluno, em que todos devem e podem participar, de acordo com as características específicas de cada um.

Por fim, no último capítulo, denominado Clube de Lazer, mais que expor as minúcias do funcionamento do que Listello chama de Clube de Lazer, acredito ser importante

⁴²⁹ LISTELLO, 1979, p.32.

⁴³⁰ LISTELLO, 1979, p.5-6.

destacar a preocupação do autor em sistematizar uma dinâmica de trabalho a ser realizada fora da escola, “como um prolongamento lógico, normal e indispensável”⁴³¹ ao programa de ensino da Educação Física escolar. Para ele,

A nossa única intenção é informar e demonstrar o que poderá ser feito no domínio do lazer, tão importante a nossa época de civilização industrial e que os sociólogos tem considerado indispensável ao homem, fato que há muito já estávamos convencidos. Esse lazer – atualmente em moda – sobre o qual tanto se tem falado e escrito, e que, na realidade pouco se tem concretizado em benefício da população.⁴³²

Dar à Educação Física escolar a função de pensar os tempos de lazer é uma ideia enunciada já no livro *Éducation Physique pour tous*, mas é apenas nesse livro que ela ganha contornos mais definidos sob a estrutura de um “clube”. Nota-se, nesse sentido, que nesse livro Listello formatou, para melhor apresentar, aquilo que denominou “evolução” da Educação Física Desportiva Generalizada. Sua experiência como professor de uma escola secundária francesa, transformada em programa de curso no Brasil ao longo da década de 1970, produziu mudanças na sistematização originalmente elaborada no INS. Na construção de Listello, a base de uma perspectiva da Educação Física francesa justaposta às necessidades e à realidade da brasileira, deu fruto a uma proposta singular, marcada pela experiência de um sujeito e possibilitada pelo seu trânsito entre esses dois países.

As possíveis recepções, leituras e apropriações dessa obra precisam ainda ser tensionadas na historiografia da Educação Física brasileira. Em seus depoimentos, Laércio Pereira e Nestor Públio acreditam que houve pouca adesão por parte dos professores brasileiros a essa obra realizada justamente para eles. A falta de interesse, a dificuldade de intervenção e a incompreensão de seus sentidos foram algumas das justificativas por eles apresentadas. Independentemente de quais sejam as justificativas reais, essa obra, aqui, se apresentou como um marco para a escrita dessa história. Como produto final de um intenso movimento de trocas, esse livro indicia as construções e as transformações promovidas pelo encontro entre a Educação Física brasileira e a Educação Física Desportiva Generalizada e seu autor, Auguste Listello. Também materializa as pretensões desse professor de continuar atuando, de alguma maneira, na constituição desse campo no Brasil. Nesse sentido, se, nesta tese, a publicação desse livro foi o “último registro” de um movimento que começou no início da década de 1950, me parece que também pode ser um “primeiro rastro” para estudos futuros, a fim de compreender um novo ciclo de transformações da Educação Física brasileira.

⁴³¹ LISTELLO, 1979, p.101.

⁴³² LISTELLO, 1979, p.100.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A primeira lição da história, aquela que os historiadores aprendem mesmo sem se darem conta, é a de que as coisas têm um começo, um meio e um fim. [...] O historiador se move como que naturalmente em uma temporalidade que ele recorta em períodos, que ele reconstitui e percorre ao seu gosto: o tempo, como continuidade de ritmo desigual, mas inexorável; o tempo, que não se pode parar, nem fazer voltar atrás e avançar.⁴³³

Este estudo que aqui tem um fim não exaure, de todo modo, a história que se pretendeu contar. Ao contrário, ele oferece possibilidades interpretativas para uma temática e para uma temporalidade ainda abertas a novas investigações. No recorte estabelecido, procurei compreender como e por que a Educação Física Desportiva Generalizada chegou ao Brasil e se tornou referência metodológica, em meio a um processo de reorientação da Educação Física brasileira na década de 1950, tendo seus princípios e sistematizações circulados e apropriados no contexto educacional brasileiro ao longo das duas décadas seguintes. Partindo da ideia de que um determinado fato precisa ser situado em uma trama histórica mais ampla para tornar-se inteligível, me lancei à tarefa de tentar compreender os interesses, as motivações, enfim, as circunstâncias que possibilitaram a inserção da EFDG na formação de professores nos anos 1950 para, então, estabelecer uma narrativa que pudesse dar coerência aos fatos em seu encadeamento.

Para tanto, foi preciso, antes de mais nada, transformar as representações coletivas acerca da EFDG produzidas no campo da Educação Física brasileira em orientação investigativa. Nas fontes foi possível identificar um conjunto diverso de elementos que permitiram tensionar desencontros entre o que a memória e alguns estudos da área construíram e o que esta investigação possibilitou inferir. Das negociações estabelecidas para a participação do professor Auguste Listello, autor e porta-voz da Educação Física Desportiva Generalizada, em cursos de aperfeiçoamento didático no Brasil às motivações e arranjos que permitiram sua circulação por três décadas; dos conceitos balizadores da elaboração da EFDG no contexto da Educação Física francesa às práticas de transformação e à sua ressignificação no cenário brasileiro, algumas interpretações se mostraram pertinentes para a compreensão dessa história.

No que diz respeito ao contexto de possibilidades que provocou o reconhecimento da EFDG como uma proposta de ensino capaz de participar de um processo de reorientação

⁴³³ PROST, 2000, p.08.

da área desejado por sujeitos envolvidos nesse movimento, foi necessário abraçar um tempo mais longo que aquele da sua chegada ao Brasil. Ao buscar as causas e as condições múltiplas da inserção da Desportiva Generalizada no país, identifiquei um movimento de procura por novas orientações metodológicas iniciado ainda na década de 1940. O debate relativo à atualização e à ampliação dos conhecimentos dos professores apresentou-se como possibilidade de fazer desenvolver e modernizar a Educação Física brasileira, provocando na área o desejo de adotar novos métodos de ensino que pudessem contribuir com esse processo. Nesse movimento, a EFDG se apresentou, de maneira não intencional, como uma referência dada mais por sua vinculação com a França e com a *École de Joinville le Pont*, caras à configuração da Educação Física escolar brasileira, que pelo reconhecimento de professores brasileiros de suas proposições.

Ao examinar mais atentamente o peso das causas e dos caminhos percorridos a partir de então na inserção e na circulação da EFDG, resalto o papel dos sujeitos nas escolhas tomadas e nas relações estabelecidas em meio a esta trama. Concluída essa pesquisa, considero que atores individuais, no seio de suas redes de sociabilidades, tiveram importância ímpar na circulação e na apropriação da Desportiva Generalizada no Brasil. Envoltos em mediações por vezes simples, por vezes complexas, professores brasileiros, com destaque para Antônio Boaventura da Silva, tiveram papel decisivo tanto na intermediação para a chegada da EFDG ao Brasil quanto na sua permanência no contexto da área por quase três décadas. Obviamente, os interesses e as escolhas desses sujeitos não justificaram por si só a presença da EFDG e de Listello no Brasil ao longo de todos esses anos.

Por um lado, no momento da chegada da EFDG ao Brasil, a Educação Física orientada principalmente pelo discurso da eficiência, do aperfeiçoamento técnico docente e do desenvolvimento nacional, especialmente na década de 1950, dava centralidade ao ideal da formação humana em todas as suas dimensões, priorizando campos disciplinares tais como a Psicologia, a Sociologia e a Didática. Com seus códigos e modos de ação, o esporte foi gradativamente assumindo lugar de destaque nesse projeto de Educação Física: anunciava valores caros a essa configuração como o senso de coletividade, a disciplina corporal e a eficiência. Nesse contexto, os princípios orientadores de um pensamento hegemônico do período iam ao encontro das ideias e proposições da EFDG. Dessa maneira, as escolhas dos sujeitos estavam, nesse período, avalizadas pela tendência educacional vigente, conferindo maior visibilidade e representatividade ao produto de suas ações, ou seja, a adesão à Desportiva Generalizada. Não por acaso, em um ritmo quase que acelerado, a EFDG já se encontrava, aos fins da década de 1950, nos cursos de formação de professores, nas obras

voltadas para a formação docente, nos periódicos da área e também no fazer cotidiano de algumas escolas.

Por outro lado, aos fins dos anos 1960, mas principalmente nos anos 1970, a mediação desses professores se deu em meio a outro contexto. O projeto ainda em implementação nesse período ancorava seu fazer no saber científico, na pesquisa e na empiria, buscando, através dessas práticas, um padrão explicativo para um fenômeno da realidade, mais distante, portanto, do ideal humanista da proposta de Listello. No entanto, nesse jogo de forças entre a tendência teórico-metodológica mais ampla e a responsabilidade dos atores na constituição da área, possíveis pontos de encontro entre a orientação científica do período e a proposta de Listello proporcionaram um universo de manutenção da EFDG como alternativa metodológica para a Educação Física. A ênfase na prática esportiva como agente educacional e como oportunidade de lazer, junto à representatividade conquistada por Listello ao longo dessas décadas de circulação pelo Brasil, foram lidos como elementos preponderantes para tal continuidade.

Como o período analisado por este estudo comportou, talvez, duas fases distintas da história da Educação Física brasileira, procurei captar o que existiu de continuidade e de ruptura ao longo desses anos. Nesse movimento, certa ênfase no período de chegada da EFDG ao Brasil se mostrou fundamental. Afinal, para compreender de que forma esse método foi reconhecido como referência metodológica, principalmente na década de 1950, era necessário reconhecer o contexto vivido pela Educação Física brasileira. Assim como para entender sua presença em um cenário educacional diferente, principalmente na década de 1970, foi preciso identificar os pontos de encontro que sustentaram sua permanência.

Nesse ínterim, a figura do professor Auguste Listello não passou ilesa. Conforme afirmou Antônio Boaventura da Silva em um ofício de 1978, muitos professores europeus passaram pelo Brasil ao longo desse período, porém a identificação de Listello com “a índole, o espírito e os anseios” dos professores brasileiros levaram-no a estabelecer um vínculo, pessoal e profissional, muito forte com o país. Conhecendo a rede de sociabilidade estabelecida por Auguste Listello foi possível identificar que o seu modo de ensinar Educação Física aliado aos princípios da EFDG foram preponderantes para a sua permanência como parte de um processo cultural de incorporação de códigos esportivos ao exercício de produção de um fazer da Educação Física escolar.

A ação desse sujeito e sua função mediadora permitiram também pensar as práticas de transformação realizadas a partir do encontro entre uma proposta de ensino da Educação Física elaborada na França com o contexto educacional brasileiro. Perceber as

aproximações e os distanciamentos entre o contexto de produção da EFDG na França e o contexto de circulação e apropriação de seus princípios no Brasil apresentou-se como um desafio à pesquisa. Foi preciso reconhecer os sentidos iniciais da proposta para compreender como a Educação Física brasileira interpretou e manuseou seus princípios e sistematizações, algo que, por vezes, foi de difícil verificação.

Ao identificar as formas com que os sujeitos, principalmente Listello, transitaram e ressignificaram suas proposições, foram percebidos acordos e negociações de sentidos no processo de apropriação da EFDG. A ênfase na estruturação das aulas e o papel formativo do esporte ganharam destaque nesse processo. No entanto, não considerei prudente tomar essa ênfase no esporte como expressão primeira da chamada esportivização da Educação Física escolar. Diferente disso, preferi pensar a EFDG como uma inovação metodológica, como uma possibilidade de ensino do esporte estruturada e codificada para a escola, algo ainda pouco visto na constituição do campo na década de 1950.

Assim, este estudo procurou contribuir para discutir a questão da formação de professores e da conformação da Educação Física brasileira a partir do olhar de um método que tinha o esporte como ferramenta pedagógica central. Além dessa questão, outros tantos potenciais estudos foram identificados nesta pesquisa. Muitos temas e fontes apresentados merecem ser revisitados com mais vagar e densidade de análise. Como uma temática que ainda havia sido pouco explorada pela historiografia da Educação Física, a análise da Educação Física Desportiva Generalizada no Brasil gerou várias indagações e vários caminhos interpretativos. Tal fato provocou, por vezes, a necessidade de “contar pela primeira vez” escolhas, ações e trajetórias vividas por personagens desta trama para, então, compreendê-las e tensioná-las no contexto mais amplo de realizações do campo. Identifico nesse movimento possibilidades para a continuação dessa e de outras histórias correlatas a serem cotejadas pelas ideias de modelagem pedagógica, presença do esporte na escola e o contínuo desejo de renovação da Educação Física.

Se a questão inicial deste trabalho era compreender como a EFDG circulou e foi apropriada no contexto educacional brasileiro, ao longo dessa investigação outras perguntas foram surgindo. Se algumas delas puderam ser respondidas, outras ficaram a merecer novos olhares. Desse modo, pode-se pensar: No fazer cotidiano dos professores nos centros de formação docente e nas escolas de educação básica, como a Educação Física Desportiva Generalizada foi tematizada e trabalhada? Ou ainda: Como as novas proposições de Listello, principalmente as tratadas em seu livro para o Brasil, foram recebidas? Acredito que essas e outras questões merecem investigações mais detalhadas, constituindo possíveis continuidades

de pesquisa para o objeto que aqui se discutiu. É importante assinalar ainda que o livro *Educação pelas atividades físicas, esportivas e de lazer*, tomado neste estudo como marco importante dessa história, merece, em estudos futuros, ser analisado também como objeto, dada sua relevância para a temática que se apresentou. Tal movimento implicaria em uma investigação mais detalhada de sua materialidade, produção e circulação, o que escaparia aos objetivos desta pesquisa.

Acredito que o período proposto neste estudo, principalmente as décadas de 1950 e 1960, precisa ser estudado com mais rigor e profundidade no que diz respeito à historiografia da Educação Física brasileira. Muitos documentos e temáticas desse período, ainda pouco explorados, formam um conjunto de interrogações para a realização de outros estudos capazes de iluminar questões sobre a formação de professores, as práticas docentes e a própria constituição da Educação Física brasileira de então. Instituições, sujeitos e orientações pedagógicas que constituíram este estudo merecem ser investigados para que melhor possamos interpretar as permanências e as transformações do campo.

Por fim, é preciso atentar para a necessidade de se estabelecer conexões, reconhecer contextos e produzir narrativas que ajudem a compreender a constituição histórica de um campo disciplinar, neste caso, a Educação Física. Delimitado por três décadas, acredito que o trabalho aqui apresentado possibilitou uma compreensão mais apurada da constituição da Educação Física e da formação de seus professores nesse período. A contínua indagação dessa temporalidade e dessa temática pode ajudar a reconhecer especificidades e generalidades do processo mais amplo, mais complexo e multifacetado que compôs a tessitura da Educação Física brasileira desse período.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas. 1990.

_____. O que documenta a fonte oral? Possibilidades para além da construção do passado. *Anais II Seminário de História Oral*. Belo Horizonte, de 19 a 20 de setembro de 1996.

ANDRADE, Cyro de. Objetivos e Finalidades da Educação Física. *Boletim de Educação Física*. Ano VI, n.15, dezembro de 1957. s/p.

ARNAUD, Pierre. Contribution a une histoire des disciplines d'enseignement: la mise en forme scolaire de l'éducation physique. In: *Revue Française de Pédagogie*. n. 89, oct-nov-dec, 1989, pp. 29-34.

_____. *Le Corps en Mouvement: Précurseurs et Pionniers de l'Éducation Physique*. Ed. ERREUR PERIMES Privat. 1981.

_____. Pierre Arnaud (Dir.) & Eugen Weber (Préf.), *Les Athlètes de la République : gymnastique, sport et idéologie républicaine : (1870-1914)*, Toulouse, Privat, 1987.

_____. *Le militaire, l'écolier, le gymnaste*. PUL, 1991.

_____. *Éducation Physique, Sport et Sante dans la société française: une France saine et régénérée*. Comité des Travaux Historiques et Scientifiques. Ministère de l'E.N. Amiens 1994.

_____. Pourquoi dit-on que le sport est éducatif ? Question d'actualité... question d'histoire... *Trema*. n.08. 1995. pp. 56-66.

ASSIS, Roberta. *O Boletim de Educação Física: objeto e fonte de estudo para a História da Educação Física (1941-1958)*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.

ATTALI, Michael et.al. *L'univers professionnel des enseignants d'Education Physique de 1940 à nos jours*. Voibert. 2006.

_____; SAINT-MARTIN, Jean. Le rôle de l'école dans la genèse d'une culture sportive de masse (1960-1970). *Cairn*. n.181-192, 2015.

Auguste Listello, ilustre educador francês, divulga novos processos na formação física do homem. *Folha da Tarde*. 05 de agosto de 1957.

BAILLETTE, Frédéric; BROHM, Jean-Marie (orgs.). *Traité Critique d'Education Physique et Sportive*. Loiret: Maury. 1994.

BAQUET, Maurice. Principes d'Education Physique Sportive Generalisée. *INS*. n.13, jan-fev de 1951.

_____. Éducation Sportive. Première étape: l'initiation sportive. *Cahier Technique et Pédagogique INS*. N.3. mai-jun de 1949.

_____. Characteristics de la séance d'Education Sportive. *Cahier Technique et Pedagogique INS*. n.06. Nov-dez de 1949.

_____. *Héraclès*. n.13, 1947.

_____. Le sport et l'éducation sportive. *Héraclès*. n.14, mai de 1947.

_____. La doctrine d'Education sportive. *Héraclès*, n.1, março de 1946.

_____. La doutrine d'education sportive. *Héraclès*. n.02.1946.

_____. Education Sportive. *Héraclès*.n.05. julho de 1946.

_____. *Précis de l'initiation sportive à l'usage de l'enseignement primaire e des organisations de jeunesses*. Bourrelier. 1943.

BARNIER, Lucien. Systemes, Méthodes et Doctrine. *Cahier Technique et Pedagogique INS*. n.54. nov-dez de 1957.

Base do Programa – Listello – Brasil 1976. Acervo Pessoal do Professor Auguste Listello.

BERGSON, Henri. A filosofia francesa. *Trans/Form/Ação* [online]. 2006, vol.29, n.2. pp.257-271. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-31732006000200018>>. Acesso em: 18 nov. 2017. ISSN 0101-3173.

BERSTEIN, Serge; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. 1988.

BETTI, Mauro. *Educação Física e sociedade*. São Paulo: Movimento, 1991.

BLOCH, Marc L. *Apologia da história, ou, O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

_____. “Pour une Historie Comparée des sociétés européennes”. In: *Mélanges historiques*. vol. 1, Paris: S.E.V.P.E.N., pp. 16-40. 1963.

BOAVENTURA DA SILVA, Antônio. Ofício. 1948.

_____. Sessão de atividades física generalizadas. *Boletim Técnico Informativo*. n.4. julho-agosto de 1968.

_____. Sessão de atividades físicas generalizadas. *Boletim da Apef*. Rio de Janeiro. n.211. 1971.

Boletim de Educação Física, n.13, vol./ano V I, 1955.

Boletim de Educação Física, ano III, n. 07, ago, 1953.

Boletim de Educação Física, n.13, 1955.

BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as diretrizes e bases da educação nacional. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação-LDB*. Brasília, DF, 1961.

Cahiers Techniques et Pédagogiques INS. n. 1, jan. de 1949.
Cahier Technique et Pedagogique INS. n.21, mai-jun de 1952.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. O legado de Joffre Dumazedier: reflexões em memória do centenário de seu nascimento. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*. Belo Horizonte, v. 3, n.1, p.142-166, jan./abr. 2016.

CAMPOS, Marcos A. Almeida. Histórias entrelaçadas: presença da dança na Escola de Educação Física da UFMG (1952-1977). 2007. 204 f. Dissertação (Mestrado em História da Educação) - Faculdade de Educação, UFMG, Belo Horizonte, 2007.

CANTARINO, Mário. *A Educação, a Educação Física e os Desportos nas constituições brasileiras*: estudo comparativo. Brasília. Universidade de Brasília. 1988.

CAPELATO, Maria Helena. Estado Novo: O que trouxe de novo? In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Orgs.). *O Brasil Republicano*. Vol. 2. Tempo do nacional-estatismo: Do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO, Janete. Produção cultural e redes de sociabilidade no currículo e no cotidiano escolar. *Revista Brasileira de Educação*. v. 18 n. 53 abr.-jun. 2013.

CARVALHO, Marta. *A escola e a república e outros ensaios*. São Paulo: Editora Universitária São Francisco, 2003.

_____. Pedagogia moderna, Pedagogia da Escola Nova e Modelo Escolar Paulista. In: CARVALHO, M.; PINTASSILGO, J. (orgs). *Modelos Culturais, Saberes Pedagógicos, Instituições Educacionais*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 2011.

_____. Quando a história da educação é a história da disciplina e da higienização das pessoas. In: FREITAS, M. C. (Org.). *História social da infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1997, p. 269-287.

_____. Configuração da Historiografia Educacional Brasileira. In: FREITAS, Marcos Cezar. *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

CAVALIERE, Ana Maria. Anísio Teixeira e a educação integral. *Paidéia*. vol. 20, n. 46, 249-259. maio-ago. 2010.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

_____. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. *A história cultural*: entre práticas e representações. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, jan./abr. 1991.

CHATIER, R; VIGARELLO, G. Trajectoires du Sport: pratiques et spectacle. *Le Débat*. n.19. 1982.

CHAVES, Miriam Waidenfeld. Desenvolvimentismo e pragmatismo: o ideário do MEC nos anos 1950. *Cadernos de Pesquisa*, v. 36, n. 129, p. 705-725, set./dez. 2006.

CHAVES JUNIOR, Sérgio R. As classes integrais do Colégio Estadual do Paraná no contexto das inovações pedagógicas do ensino secundário (1960-1967). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 8., 2015, Maringá. **Anais...** Maringá: UEM, 2015. [CD-ROM.]

CHOBAX, Jacqueline. Un système de normes pédagogiques: les instructions officielles dans l'enseignement élémentaire français. *Revue Française de Sociologie*. vol. 8, n.01, 1967. pp. 34-56.

CHOPPIN, Alain. Pasado y presente de los manuales escolares. Traducido por Miriam Soto Lucas. In : *Revista Educación y Pedagogía*. Medellín: Facultad de Educación. Vol. XIII, n. 29-30, (enero-septiembre), 2001. pp. 209-229.

COELHO PRADO, M. L. Repensando a história comparada da América Latina. *Revista de História*, n. 153, pp. 11-33. dez. 2005.

COLOMBO, Alfredo. A Segunda Linguagem. *Revista de Educação Física*, ano VI, n.69, dezembro de 1949.

_____. A missão social da Educação Física. *Arquivos da ENEFD*. Ano VIII, n.08, 1954-1955. pp. 33-36.

COMITÉ DE REDACTION. Ensemble. *Éducation Physique et Sports*. n.17, out. de 1953.

COMITÉ NACIONAL DA USEP. *Ordre du jour de la réunion du Comité National de l'USEP*. 03 de Março de 1955

CORRÊA, Arlindo. *Revista Escola*, n.º 0, 1971.

Correspondência enviada Antônio Boaventura da Silva em março de 1978. Sem destinatário. Biblioteca da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Arquivo Pessoal do Professor Antônio Boaventura da Silva.

Correspondência enviada a Antônio Boaventura da Silva por Auguste Listello em 30 de março de 1978. Biblioteca da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Arquivo Pessoal do Professor Antônio Boaventura da Silva.

Correspondência enviada ao Arthur Alcaídes Valls por Dr. Jacquet. Paris, 21 de abril de 1953. Acervo Pessoal do Professor Auguste Listello.

Correspondência enviada ao Dr. Jacquet por Antônio Boaventura da Silva e Arthur Alcaídes Valls. São Paulo, 30 de novembro de 1953. Acervo Pessoal do Professor Auguste Listello.

Correspondência enviada ao Dr. Jacquet por Antônio Boaventura da Silva. São Paulo, 24 de novembro de 1953. Acervo Pessoal do Professor Auguste Listello.

Correspondência enviada ao Ministro da Juventude, dos Esportes e do Lazer por Auguste Listello. 12 de abril de 1976. Acervo Pessoal do Professor Auguste Listello.

Correspondência enviada por Auguste Listello a Antônio Boaventura da Silva em 22 de fevereiro de 1971. Biblioteca da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Arquivo Pessoal do professor Antônio Boaventura da Silva.

Correspondência enviada por Auguste Listello a Antônio Boaventura da Silva em 02 de maio de 1971. Biblioteca da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Arquivo Pessoal do Professor Antônio Boaventura da Silva.

Correspondência enviada por Hauret Palce a Dr. Jaquet. 03 de outubro de 1951. Acervo Pessoal do Professor Auguste Listello.

Correspondência enviada por Júlio Mazzei a Auguste Listello em 24 de dezembro de 1959. Acervo Pessoal do Professor Auguste Listello.

Correspondência enviada por Lucien Bochet a Antônio Boaventura da Silva. 20 de fevereiro de 1950. Biblioteca da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Arquivo do Professor Antônio Boaventura da Silva.

COSTA, Jean Carlo. et al. Redes de sociabilidade intelectual e educação: atuação de Castro Pinto e Carlos Dias Fernandes na primeira república. *Histedbr online*, Campinas, nº 53, p. 56-77, out. 2013.

COSTA, Verônica. *Entre imagens e palavras: educação e nacionalismo no Estado Novo (1930-1945)*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação Conhecimento e Inclusão social. Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

COUTEAU, B. La méthode sportive. In: LABBÉ, M. (org.) *Traité d'Education Physique*. Paris, Ed. G. Doin, 1930.

CUNHA, Luciana Bicalho da. *As roupas esportivas em revista na cidade de Belo Horizonte (1929-1950): moldes, recortes e costuras*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, 2011.

CUNHA, Luciana; LIMA, Cássia. A presença da Educação Física Desportiva Generalizada e do Método Natural Austríaco na Escola de Educação Física de Minas Gerais (1953-1969). (no prelo).

CUNHA, Marcus Vinicius da. Ciência e educação na década de 1950: uma reflexão com a metáfora percurso. *Revista Brasileira de Educação*. n.25, p.116-126, Jan/Fev/Ma /Abr. 2004.

CUNHA JÚNIOR, Carlos Fernando. A produção teórica brasileira sobre educação física/ginástica publicada no século XIX: autores, mercado e questões de gênero. In: FERREIRA NETO, Amarílio. *Pesquisa histórica na educação física*. Aracruz, v. 3, 1998.

Curso de Aperfeiçoamento Técnico e Pedagógico. *Revista da Apef*. São Paulo, ano I, dezembro de 1953.

Da Suécia. *Revista Brasileira de Educação Física*. ano VI, n.65-66, ago-set de 1949.

Da Suécia: Segunda Língua. *Revista de Educação Física*. Ano XXIII, n.78, outubro de 1954.

DACOSTA, Lamartine Pereira. *Diagnóstico de Educação Física e Desportos no Brasil*. Brasília: CDRH-MP/DEF-MEC, 1971.

DALLABRIDA, Roberto. O MEC-INEP contra a Reforma Capanema: renovação do ensino secundário na década de 1950. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 32, n. 2, p. 407-427, maio/ago. 2014.

_____. et al. As mudanças experimentadas pela cultura escolar do ensino secundário devido a implementação da Reforma Capanema de 1942 e da Lei de Diretrizes e Bases da educação de 1961. In: *Anais Eletrônicos do VIII Colóquio Ensino Médio História e Cidadania*. Florianópolis – SC. 2013.

_____. A Reforma Francisco Campos e a Modernização nacionalizada do ensino secundário. *Educação* (PUCRS), Porto Alegre, v. 32, n. 2, pp. 185-191, maio/ago. 2009.

DEF/MEC. *Educação Física Desportiva Generalizada* (curso por correspondência). 1966.

Demonstração encerrou curso internacional que cumpriu objetivos. *Diário do Paraná*. Segundo Caderno. 18 de junho de 1970.

DUMAZEDIER, Joffre et.al. *Olhares novos sobre o desporto*. Prefácio à primeira edição. 1980.

DUTRA, Eliana de Freitas. Cultura. In: GOMES, Angela de Castro (org.). *Olhando para dentro* (1930-1964). Volume 4. Mafre e Editora Objetiva, 2013.

E. Física quer subir seu nível. *Jornal do Brasil*. Esportes - 1º Coluna. terça-feira, 18 de setembro de 1973.

Éditorial. *Héraclès*. n.03, dez. de 1948.

Entrevista. *A Gazeta Esportiva*. 26 de outubro de 1946.

Esportes: Princípios de Educação Física Generalizada. *A Tribuna*. Quarta feira, 10 de julho de 1952.

Estágio de EF instalou-se, ontem, no Rio. *Jornal do Brasil*. quarta-feira, 17 de julho de 1957. Rio de Janeiro.

Estágio Internacional de Educação Física. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 14 de julho de 1957.

FARIA, Alberto Latorre de. A Educação Física e o momento atual da sociedade brasileira. *Arquivos da ENEFD*. Rio de Janeiro. Ano XI, n.12, dezembro de 1958. p. 09-24.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. História da escola primária e da Educação Física no Brasil: alguns apontamentos. In: SOUZA, E.S. de; VAGO, T.M. *Trilhas e partilhas: educação física na cultura escolar e nas práticas sociais*. Belo Horizonte: Edição dos Autores, 1997.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; CHAMON, Carla Simone; INÁCIO, Marcilaine Soares. (2009). Apresentação. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de; INÁCIO, Marcilaine Soares (Orgs.). *Políticos, literatos, professoras, intelectuais: o debate público sobre educação em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Mazza Edições.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VIDAL, Diana. História da educação no Brasil: a constituição histórica do campo e sua configuração atual. *Revista Educação em Foco*. vol.07, n.01, set. 2002.

FARIA JÚNIOR. Alfredo Gomes de. *Introdução à didática de Educação Física*. Rio de Janeiro: Honor Editorial Ltda., 1969.

_____. Os currículos de Educação física e o ensino por Unidades Didáticas. *Corpus.sci*. v.10, n. 2, jul.-dez. 2014. pp. 16-32.

FAUSTO, Boris. A vida política. In: GOMES, Angela de Castro (org.). *Olhando para dentro (1930-1964)*. Volume 4. Mafre e Editora Objetiva, 2013.

FERREIRA NETO, Amarílio. *A pedagogia no Exército e na escola: educação física brasileira (1880-1950)*. (Tese de doutorado) Aracruz: Faculdade de Ciências Humanas de Aracruz, 1999.

FICO, Carlos. *Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.

FIEP. *Manifesto Mundial da Educação Física*. 1970.

FISHER, I. A nova educação physical. *Educação Physica*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 13-14, mar. 1934.

FONSECA, Thaís Nívea. Mestiçagens e mediadores culturais e história da educação: contribuições da obra de Serge Gruzinski. In: LOPES, E.; FARIA FILHO, L. (org). *Pensadores sociais e história da educação*. Vol 2. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FORTUNE, Yohhan. *L'école sur les chemins du Stade*. Thèse (Doctorat en Mouvement et Comportement pour la santé e l'autonomie) Université de Grenoble. 2006.

FREITAS, Marcus César. Pensamento social, ciência e imagens do Brasil: tradições revisitadas pelos educadores brasileiros. *Revista Brasileira de Educação*, n. 15, nov-dez, 2000. pp. 41-61.

GODICHAU, Marc. L'Institut National des Sports abandonné a lui-même. *Heraclés*. n.06, ago. de 1946.

GOELLNER, Silvana. O Método Francês e a militarização da Educação Física na escola brasileira. In: FERREIRA NETO, Amarílio (org.). *Pesquisa histórica na educação física brasileira*. Vitória: UFES. 1996.

GOELLNER, Silvana et. al. ESEF 65 anos: entre memórias e histórias. *Revista Movimento*. Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 201-218, setembro/dezembro de 2005.

GOMES, Angela de Castro. O ministro e sua correspondência: projeto político e sociabilidade intelectual. In: GOMES, Angela de Castro (org.). *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

GOMES, Angela de Castro. População e Sociedade. In: GOMES, Angela de Castro (org.). *Olhando para dentro (1930-1964)*. Volume 4. Mafre e Editora Objetiva, 2013.

GOMES JR., Guilherme. Impressões de uma viagem à Europa. *Revista de Educação Física*, ano VI, n.69, dezembro de 1949.

GONÇALVES, Michele. *Esporte e Estética: um estudo com jogadoras de rúgbi*. Tese (Doutorado em Sociologia e História da Educação). Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina. 2014.

GRUHN, Almir (org.). *FIEP 60 anos no Brasil*. Belo Horizonte: Casa de Educação Física, 2009.

GRUZINSKI, S. Les mondes mêlés de la monarchie catholique et autres "connected histories". *Annales HSS*, Paris, n. 1. pp. 85-117. jan.-fév. 2001a.

_____. *O pensamento mestiço*. Trad. Rosa F. d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001b.

GUERINI, Andréia. Jean Delisle and Judith Woodsworth (orgs), Os Tradutores na História. *Cadernos de Tradução*, [S.l.], v. 1, n. 3, p. 454-457, jan. 1998. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5462/4943>>. Acesso em: 06 Abr. 2015.

GUTIERREZ, Laurent. Histoire du mouvement de l'éducation nouvelle. *Carrefours de l'éducation*. n. 31, 2011a. p. 5-8.

_____. État de la recherche sur l'histoire du mouvement de l'éducation nouvelle en France. *Carrefours de l'éducation*. n. 31, 2011b. pp. 105-136.

Há um conflito de influencias de métodos ginastas no Brasil. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 03 de setembro de 1957.

HÉBERT, Georges: Médecins halte-là. *Revue l'Education Physique*, n. 48, 1927.

_____. *Le Sport contre l'Education Physique*. 3 ed. 1943.

Héraclès. n.37, jun. de 1949.

HERZOG, Maurice. Portée morale du Sport. *Education Physique et Sports*, n. 67, 1963,

HOCHMAN, Gilberto; FONSECA, Cristina. A I Conferência Nacional de Saúde: reformas, políticas e saúde pública em debate no Estado Novo. In: GOMES, Angela de Castro (org.). *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

HOLMSTRON, Agnes. *La moderna gimnasia sueca: desde Ling hasta la Lingiada*. Estocolmo: Editorial Sohlman. s/d.

Inquérito sobre o Método Nacional de Educação Física e Concurso de Contribuições para o Método Nacional de Educação Física. 194?

J., A. Educação e ensino: descentralização sem desordem. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 de julho de 1957.

JELLEN, Nathalie. *La socialisation professionnelle en debut de carrière: le cas d'enseignants d'EPS*. These (Doctorat de sciences et techniques des activités physiques et sportives). Université d'Artois. 2009.

Jornal dos Sports. 16 de janeiro de 1944.

KANITZ JR. Roberto. *Escola de Educação Física de Minas Gerais: o começo de uma história (1950 - 1958)*. (Trabalho de Conclusão de Curso) Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Universidade Federal Minas Gerais, 2003.

LAFARGE, A. L'évolution de l'écletisme français. *Le Sport et le Homme*. n. 07, 1948,

Le Sport et le Homme. n.13-14, jul-out de 1949.

LEITE, João Barbosa. Impressões da II Lingiada. *Revista de Educação Física*, ano VI, n.69, dezembro de 1949.

LEMAIRE, Lucien. Au chevet du sport scolaire. *Education Physique et sports*. n.22, outubro de 1954. pp.3-6.

LEVET-LABRY, Eric. *The Ecoles Normales Supérieures of Sports and Physical Education and the National Institute for Sport: comparative study of both institutions, from Vichy Regime to the creation of I.N.S.E.P. (1977)*. History. Université de Marne la Vallée, 2007.

Liberdade e ecletismo invadem a educação física na França. *A Gazeta Esportiva*. 25 de setembro de 1953.

LIMA, Cássia Danielle M. D. *Ensino e formação: "os mais modernos conceitos e métodos" em circulação nas Jornadas Internacionais de Educação Física (Belo Horizonte, 1957-1962)*. Dissertação (Mestrado). UFMG. Belo Horizonte, 2012.

LIMA, Cássia; LINHALES, Meily. Sujeitos, saberes e práticas em circulação nas Jornadas Internacionais de Educação Física: tessituras e modelagens pedagógicas (Belo Horizonte, 1957-1962). *Movimento*, Porto Alegre, v. 20, n. 4, p. 1499-1521, out./dez. de 2014.

LINHALES, Meily Assbú. A escola, o esporte e a “energização do caráter”: projetos culturais em circulação na Associação Brasileira de Educação (1925-1935). Tese (Doutorado - Faculdade de Educação da UFMG) UFMG. Belo Horizonte. 2006.

LINHALES, Meily Assbú. Necessidade de criação da Escola de Educação Física e Desporto de Minas Gerais. In: CONGRESSO DE PESQUISA E ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS, 7., 2013, Mariana. *Anais...* (v. 1). Mariana: UFOP - Grupo de Pesquisa em História da Educação, 2013.

Listello, o gênio da Educação Física. *Cidade de Santos*. s/d.

LISTELLO, A. et al. (1956). *Récréation et Éducation Physique Sportive*. Édition Bourrelier.

_____. et al. (1959). *Récréation et Éducation Physique Sportive: Orientation Sportive*. Édition Bourrelier.

_____.; BOAVENTURA, A. et al. (1979). *Educação pelas atividades físicas, esportivas e de lazer*. São Paulo. EPU.

_____.; CLERC, P.; CRENN, R. (1964). *Éducation Physique pour tous*. Éditions Amphora.

_____. (1999). Curriculum Vitae.

_____. (1965). *Guide d'entraînement physique des équipages* (Tome Premier; Tome Second). Toulon: Imprimerie du Groupe des Écoles en Méditerranée.

_____. Estudo sobre uma concepção da organização do ensino da educação física, esportes e recreação. *Revista Brasileira de Educação Física*. ano 5. n.14. março/abril de 1973.

_____. Éducation de notre temps: organization pédagogique. *Éducation Physique et Sports*. n. 71. Julho de 1964.

_____. L'Éducation Physique pour tous. *Éducation Physique et Sports*. n. 40, maio de 1958.

_____. Education Physique Sportive Generalisée: les différents forms de travail. *Cahier Technique et Pédagogique INS*. n.40. jul-ago de 1955.

_____. La séance de l'Education Physique Sportive Generalisée suivant les conceptions de l'Institut National des Sports”. *Cahier Technique et Pédagogique INS*. n.13. jan-fev. de 1951

_____. et al. Applications sportives: jeux et procedes pedagogiques. *Cahier Technique et Pédagogique INS*. n. 3, mai-jun de 1949.

- _____. Précisions sur la doctrine de l'éducation sportive. *Héraclès*. n.26, jun. de 1948.
- _____. Educação Física Esportiva Generalizada. *Revista da Apef*, n.1. 1953.
- _____. *Recueil – Memoires: une vie professionnelle mouvementée et passionnante*. s/d.
- LOISEL, E. *Les bases psychologiques de l'éducation physique*, Paris, Nathan, 1935.
- LOPES, Eliane Marta T.; GALVÃO, Ana Maria de. Fontes e a História da Educação. *História da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.
- LORIGA, Sabrina. *O pequeno x: da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- _____. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escala*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- LOURDES, Luiz Fernando Costa. *Antônio Boaventura da Silva: o professor e suas concepções sobre educação física nas décadas de 1940-1970*. Dissertação (Mestrado) PUC_SP: São Paulo, 2007.
- LUGLI, Rosário; SILVA, Vivian. Discursos sobre a eficácia educacional: encontros e desencontros entre técnicos em educação e professores (Brasil, décadas de 1950 a 1970). *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 53, p. 233-252, jul./set. 2014.
- MARCAULT, J.E. Education Physique et Education. *Héraclès*. n.2. 1946.
- MARCHI, Petrônio. Considerações sobre a Educação Física no Ensino Médio. *Revista da Apef*. São Paulo, ano I, dezembro de 1953.
- MARINHO, Inezil Penna. *Sistemas e Métodos*. 1958.
- _____. *História da educação física e dos desportos no Brasil*. Rio de Janeiro, 1982.
- _____. Os problemas da Educação Física e o Congresso do México. *Jornal dos Sports*, ano IX, 1946. s/p.
- MARTINEZ, Carlos Henrique Miguel. *Auguste Listello: uma contribuição para a Educação Física brasileira*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Universidade Católica de Brasília. Brasília, 2002.
- MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República (1890-1922)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP: Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- MASTROROSA, Adriano. *Departamento de Educação Física, Escola Superior de Educação Física e Associação de Professores de Educação Física: o ordenamento da Educação Física no estado de São Paulo no início da década de 1930*. (Dissertação de Mestrado) Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: História, Política e Sociedade. Pontifícia Universidade Católica – PUC-SP, 2003.

MAZO, Janice. Memórias da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF/UFRGS): um estudo do período de sua fundação até a federalização (1940-1969). *Movimento*, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p.143-167, janeiro/abril de 2005.

MAZZEI, Júlio; TEIXEIRA, Mauro. *Manual de Educação Física, Jogos e Recreação*. 2ª edição. Editora Obelisco. 1963.

_____. *Coleção CER*. Segundo Volume. Editora Fulgor. 1967.

MEDEIROS, Hélio de Macedo. Educação Física Desportiva Generalizada. *Boletim de Educação Física*. Ano VI, n.14, jul. de 1956.

MELO, Vitor Andrade de. *Escola Nacional de Educação Física e Desportos: uma possível história*. (Dissertação de Mestrado). Unicamp: Campinas, 1996.

_____. A educação física nas escolas brasileiras no século XIX: esporte ou ginástica? In: FERREIRA NETO, Amarílio. *Pesquisa histórica na educação física*. Aracruz: Facha, 1998.

_____. O professor Inezil Penna Marinho e a História da Educação Física no Brasil. In: *Simpósio Paulista de Educação Física*, 5, Rio Claro, 1995.

_____. Alberto Latorre de Faria: 100 anos. Contribuições da história de vida para pensar a Educação Física brasileira. *Revista Digital*. Buenos Aires. Ano 13, n. 120, maio de 2008. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd120/alberto-latorre-de-faria-100-anos.htm>>. Acesso em: 18 nov. 2017.

MENDONÇA, Ana Waleska. et.al. Pragmatismo e desenvolvimentismo no pensamento educacional brasileiro dos anos de 1950/1960. *Revista Brasileira de Educação*, v. 11, n. 31, p.96-113, jan./abr. 2006.

MÉRAND, R. Basket-ball et problèmes de l'enseignement, *L'Homme Sain*. n.3. 1967

_____. Que devient la leçon d'EPS? *Education Physique et Sports*, n.90. 1967.

Mestres da Ginástica Moderna já estão aqui. *Diário da Noite*. 2º Caderno. São Paulo, quinta-feira, 19 de fevereiro de 1970.

MONARCHA, Carlos. História da educação brasileira: formação do campo. 2ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

_____. História da Educação (brasileira): formação do campo, tendências e vertentes investigativas. In: *Revista História da Educação*, v.11, n.21, 2007.

MORELLI, Homero. Método e Educação Física Esportiva Generalizada. *Revista da Apef*. Ano IV, n. 5., maio de 1957.

MORENO, Andrea. *Corpo e ginastica num Rio de Janeiro: mosaico de imagens e textos*. Tese (Doutorado) Unicamp. Campinas, 2001.

NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na primeira república*. São Paulo: EPU/MEC. 1974.

NETTO, Américo R. Ginástica e Esporte. *Revista da Apef*. ano I, n. 2, dezembro de 1953.

NÓVOA, António. *Histoire et comparaison: Essais sur l'Éducation*. Lisboa: Educa, 1998.

NUNES, Clarice. História da Educação e comparação: algumas interrogações. In: SBHE (org). *Educação no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2001.

_____. As políticas públicas de educação de Gustavo Capanema no Governo Vargas. In: BOMENY, Helena Maria Bousquet. *Constelação Capanema: intelectuais e políticas*. RJ: Univ. São Francisco, FGV, 2001.

O papel da Educação Física no conjunto do sistema educacional do após guerra. *Folha da Noite*, s/d.

O poeta de um método. *A Gazeta Esportiva*. 1970.

Ofício enviado por Antônio Boaventura da Silva aos professores do estado de São Paulo. Agosto de 1948. Biblioteca da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Arquivo do Professor Antônio Boaventura da Silva.

Ofício enviado por Antônio Boaventura da Silva à Edmund Chalivoy. 27 de fevereiro de 1951. Tradução livre da autora. Biblioteca da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Arquivo do Professor Antônio Boaventura da Silva.

Ofício enviado à Edmund Chalivoy por Antônio Boaventura da Silva. 22 de março de 1951. Biblioteca da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Arquivo do Professor Antônio Boaventura da Silva.

Ofício enviado à Dujean por Antônio Boaventura da Silva. 04 de dezembro de 1951. Biblioteca da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Arquivo do Professor Antônio Boaventura da Silva.

Ofício enviado à Dr. Jaquet por Antônio Boaventura da Silva. 05 de fevereiro de 1952. Biblioteca da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Arquivo do Professor Antônio Boaventura da Silva.

Ofício enviado à Antônio Boaventura da Silva por Dr. Jaquet. 25 de fevereiro de 1952. Biblioteca da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Arquivo do Professor Antônio Boaventura da Silva.

Ofício enviado à Dujean por Antônio Boaventura da Silva. 31 de março de 1952. Biblioteca da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Arquivo do Professor Antônio Boaventura da Silva.

Ofício enviado à Dr. Walls por Dr. Jaquet. 07 de maio de 1952. Biblioteca da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Arquivo do Professor Antônio Boaventura da Silva.

OLIVEIRA, Guilherme de Souza Lima. *Concursos Públicos para Provimento de Cadeira de Educação Física em escolas estaduais mineiras (1960-1974): o lugar da Escola de Educação Física de Minas Gerais*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2012.

OLIVEIRA, L. L.; VELLOSO, M. P.; GOMES, A. M. C. *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

Os problemas da Educação Física e o Congresso do México. *Jornal dos Sports*, ano IX, 1946. s/p.

PANZI, Nailze Pereira de Azevedo. *Esporte para Todos (EPT): a reinvenção da alegria brasileira (1971-1985)*. Tese (História). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal De Santa Catarina. 2014.

PARADA, Maurício. Corpo e Poder: a criação do Departamento de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde (1937/1945). In: *ANPUH SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 23, Londrina, 2005.

PEDROSO, Carla Vargas; SELLES, Sandra Lucia Escovedo. *Contexto educacional brasileiro e os anos iniciais do curso de licenciatura em ciências biológicas da UFSM*. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1554/18>>. Acesso em: 16 nov. 2014.

PEREGRINO JÚNIOR. Missão da Universidade na formação das elites. *Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos*, Ano VIII, n.8. 1954-1955. pp. 7-32.

PINTASSILGO, Joaquim et al. Movimento associativo, circulação do impresso e apropriação de modelos pedagógicos em Portugal e no Brasil na primeira metade do século XX: uma contribuição para estudos de história da educação comparada. In: ARAÚJO, Marta (org.). *História(s) Comparada(s) da educação*. Brasília: Liber Livro/UFRN, 2009.

PINTO, Joelcio Fernandes. *Representações de Esporte e Educação Física na Ditadura Militar: uma leitura a partir da revista de história em quadrinhos Dedinho (1969-1974)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2003.

Plano português entusiasmo a EF. *Jornal do Brasil*. Esportes - 1º Coluna. quarta-feira, 19 de setembro de 1973.

POIRION, M. La Pedagogie Nouvelle et l'Éducation Physique. *Notes Techniques de l'ENSEP*. n.04, maio de 1946.

Pontos para a primeira prova parcial, Sylvio Raso. 1960. CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969).

PORTUGAL, Mariana. et.al. Educação integral e educação do corpo na obra de Anísio Teixeira. *Currículo sem Fronteiras*, v. 15, n. 2, p. 527-542, maio/ago. 2015.

Programa – Educação Física Geral Masculina. 1959. CEMEF. Fundo Institucional Escola de Educação Física de Minas Gerais (1952-1969).

Programa de curso. 196?. Biblioteca da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Arquivo do Professor Antônio Boaventura da Silva.

PROST, Antoine. Como a História faz o Historiador. *Anos 90*. Vol.8, n.14, 2000.

QUADROS, Raquel dos Santos; MACHADO, Maria Cristina Gomes. O ministro Gustavo Capanema e a ação cultural do ministério da educação e saúde na era Vargas. *Revista Arquivo Brasileiro de Educação*, Belo Horizonte, vol.1, num.2, jul - dez, 2013.

QUITZAU, Evelise. *Educação do corpo e vida associativa: as sociedades ginásticas alemãs em São Paulo (fins do século XIX, primeiras décadas do século XX)*. Dissertação (Mestrado) Unicamp. Campinas, 2011.

RAJ, Kapil. Beyond Postcolonialism... and Postpositivism: Circulation and the Global History of Science. *Isis*, Vol. 104, No. 2. pp. 337-347. June 2013.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. 9 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

Reunião dos diretores de Educação Física. MES: Rio de Janeiro, 1947.

REVEL, Jacques. *Jogos de escalas: e experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

Revista Brasileira de Educação Física, ano I, n. 02, fevereiro de 1944.

Revista Brasileira de Educação Física. Ano I, n. 7, jul. 1944.

RIBEIRO, Antônio Rennó. Discurso de Encerramento do V Curso. *Revista da Apef*. São Paulo, ano I, dezembro de 1957.

ROCHA, Vicente L. da. Educação Física Desportiva Generalizada. *Boletim Técnico Informativo*. n.4. jul-ago de 1968.

ROTHEN, José Carlos. Os bastidores da Reforma Universitária de 1968. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 29, n. 103, maio/ago. 2008. pp. 453-475.

SANTOS, Fernanda Cristina. Bola em jogo entre Brasil e República Federal da Alemanha: cientificidade e modelagem pedagógica na formação de professores na Escola de Educação Física da UFMG (1963-1982). Dissertação (História da Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2017.

_____. “Um poderoso estímulo de soerguimento nacional”: o “Projeto Brasil” na Escola de Educação Física da UFMG (1974). Monografia (Licenciatura em Educação Física). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2013.

SCHNEIDER, Omar. *A circulação de modelo pedagógico e as reformas da Instrução Pública: a atuação de Herculano Marcos Inglês de Sousa no final do Segundo Império*. Tese (Doutorado em Educação) PUC_SP. 2007.

SCHUELER, Alessandra. (2007). Professores primários como intelectuais da cidade: um estudo sobre produção escrita e sociabilidade intelectual (Corte imperial, 1860- 1889). *Revista de Educação Pública*. Cuiabá:EdUFMT. v. 16, nº 32, pp.131-144, set.dez. 2007.

SEURIN, Pierre. Devons-nous reviser nos conception du sport? *L’Homme e le Sain*. n.03. 1950.

SILVA, Giovanna. *A partir da Inspetoria de Educação Física de Minas Gerais (1927-1937): movimentos para a escolarização da Educação Física no Estado*. Dissertação (História da Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2011.

SILVA, Maiara. (2003). Homens de letras e cidade: espaços de sociabilidade intelectual na cidade do Natal (1889-1930). In: *Anais XXVII Simpósio Nacional de História da Anpuh*. Natal.

SIRINELLI, Jean-François. (2003). Os Intelectuais. In: RÉMOND, René (Org). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV.

SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: RÉMOND, René (Org). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996. P.254-255.

SOARES, Carmen Lúcia. Educação Física escolar: conhecimento e especificidade. *Rev. paulista. Educação Física*, São Paulo, supl.2, p.6-12, 1996.

_____. *Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginastica francesa no século XIX*. Campinas, SP: Autores associados, 1998.

_____. *Educação Física: raízes europeias e Brasil*. São Paulo: Autores Associados, 2001.

SOUSA, Eustáquia Salvadora. *Meninos, à marcha! Meninas, à sombra!* A história do ensino da Educação Física em Belo Horizonte (1897 – 1994). 1994. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da UNICAMP, Campinas, 1994.

SOUZA, Rosa Fátima. *História da organização do trabalho escolar e do currículo no Século XX: (ensino primário e secundário no Brasil)*. São Paulo, SP: Cortez, 2008.

SUBRAHMANYAN, S. Du Tage au Gange au XVI siècle: une conjuncture millénariste à l’échelle eurasiatique. *Annales HSS*, Paris, n. 1, pp. 51-84. janv.- fév. 2001.

TABORDA DE OLIVEIRA, Marcos Aurélio. *A Revista Brasileira de Educação Física e Desportos (1968–1984) e a experiência cotidiana de professores da Rede Municipal de Ensino de Curitiba: entre a adesão e a resistência*. Doutorado em História e Filosofia da Educação. São Paulo: PUC-SP. 2001.

TABORDA DE OLIVEIRA, M. A.; BELTRAN, C.X.H. Uma educação para a sensibilidade: circulação de novos saberes sobre a educação do corpo no começo do século XX na Iberoamerica. *Revista Brasileira de História da Educação*, v.13, n.2, 15-43, maio-agosto/2013.

TANURI, Leonor Maria. Historiografia da Educação brasileira: Contribuição para o seu estudo na década anterior à instalação dos cursos de Pós-Graduação. *História da Educação*. Pelotas: ASPHE/FaE/UFPel. n.03, pp.139-156, abr. 1998.

TARGA, Jacintho F. Conceituação e classificação da ginástica. *Arquivos Nacionais da Escola de Educação Física e Desportos*, Rio de Janeiro, a.18, n. 17, jun. 1962. pp. 143-162.

TEIXEIRA, Anísio. *Educação não é privilégio*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1957.

_____. Condições para a reconstrução educacional brasileira. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. vol. XIX, n.49, jan.-mar. de 1953. p.7.

TEIXEIRA, Mauro. O movimento desportivo moderno e sua função social e filosófica. *Boletim de Educação Física*. Ano VI, n.16, dezembro de 1958. p. 13.

TERRET, Thierry. Une histoire de l'éducation physique - 1880-2000. Enseignements primaire et secondaire. *Revue Spirales*. n.13-14, Lyon, 1998.

TESCHE, Leomar. *O Turnen, a Educação e a Educação Física nas Escolas Teuto-brasileiras, no Rio Grande do Sul: 1852 – 1940*. Tese (Doutorado). Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba, 1999.

THOMPSON, Edward. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. (1 vol.) Trad. Denise Bottmann. São Paulo, Paz e Terra. 1987.

_____. *A miséria da Teoria*. Rio de Janeiro: Zahar. 1981.

TIESSIÉ, Justin. Education Physique et Sportive: essai d'une systematique". *Education Physique et Sports*. n. 37, 1957.

Tomará vulto em nosso Estado a prática da Educação Física. *Diário do Paraná*. Curitiba, quinta-feira, 27 de setembro de 1958.

ULMANN, Jacques. *De la gymnastique aux sports modernes: histoire des doctrines de l'éducation physique*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin. 3 ed. 2004.

Última hora, 22 de junho de 1953.

Um trabalho do prof. Listello revoluciona a Educação Física em todo mundo. *A Gazeta Esportiva*. 11 de setembro de 1953.

VAGO, Tarcisio M. Início e fim do século XX: maneiras de fazer educação física na escola. In: *Cadernos Cedes*, ano XIX, n.48, agosto, 1999a.

_____. *Cultura Escolar, Cultivo de Corpos*. São Paulo, Universidade Estadual de São Paulo, Faculdade de Educação, 1999b. (Tese de doutorado em História da Educação e Historiografia).

VAZ, Alexandre. Técnica, Esporte, Rendimento. *Revista Movimento*. Porto Alegre, v. VII: 87-99. 2001.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. 4 ed. Editora Universidade de Brasília, 2008.

Vida Escolar. *Diário de Pernambuco*. Recife, 19 abril de 1959.

VUILLEMIN, Roger. *Mémento d'éducation physique et d'initiation sportive*. 1941.

XAVIER, Libânia N. Universidade, pesquisa e educação pública em Anísio Teixeira. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.19, n.2. p. 669-682, abr.-jun., 2012.

XAVIER, Maria do Carmo. A educação no debate do desenvolvimento: as décadas de 1950 e 1960. In: GIL, Natália et.al.(orgs.). *Moderno, modernidade e modernização: a educação nos projetos de Brasil – séculos XIX e XX*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. Volume 1.

I Curso Técnico Pedagógico de Educação Física. *Paraná Esportivo*. Curitiba, sábado, 28 de junho de 1958.

II Congresso Luso Brasileiro: conclusões e recomendações. *Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos*. Ano XIX, n.18. jun-dez de 1963. pp.162-169.

V Curso de Aperfeiçoamento Técnico e Pedagógico. *Revista da Apef*. São Paulo, ano I, dezembro de 1957.

ARQUIVOS, BIBLIOTECAS E INSTITUIÇÕES DE PESQUISA

- Acervo Pessoal do Professor Auguste Listello – Six Four les Plages/França
- Biblioteca da Escola de Educação Física da USP – São Paulo/SP
- Biblioteca da Faculdade de Educação da UFMG – Belo Horizonte/MG
- Biblioteca da Faculdade de Educação Física da Unicamp – Campinas/SP
- Biblioteca de Educação Física da UFRGS – Porto Alegre/RS
- Biblioteca Nacional da França – Paris/França
- Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer da UFMG – Belo Horizonte/MG
- Centro de Memória do Esporte – Porto Alegre/RS
- Hemeroteca Nacional Brasileira – Rio de Janeiro/RJ
- Hemeroteca Pública de Santos – Santos/SP

ENTREVISTAS

FARIA JÚNIOR, Alfredo Gomes de. Niterói, Brasil, 16 de janeiro de 2017. **Entrevista** concedida àa Luciana Cunha.

LISTELLO, Marina. Six Four les Plages, França, 14 de junho de 2016. **Entrevista** concedida àa Luciana Cunha.

PAULINELLI, Élcio Guimarães. Belo Horizonte, Brasil, 07 de junho de 2016. **Entrevista** concedida àa Luciana Cunha.

PEREIRA, Laércio Elias. Belo Horizonte, Brasil, 02 de dezembro de 2015. **Entrevista** concedida àa Luciana Cunha.

PÚBLIO, Nestor Soares. Atibaia, Brasil, 23 de março de 2016. **Entrevista** concedida àa Luciana Cunha.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA 1: PROFESSORES QUE CONHECERAM AUGUSTE LISTELLO

1. Trajetória de formação profissional:

1 - Professor, fale um pouco sobre sua trajetória e formação profissional! Onde e quando você se formou? Onde trabalhou e/ou trabalha atualmente? Quais foram ou são seus temas de interesse de pesquisa e estudos?

2 - Em sua formação e trajetória profissional, a Educação Física Desportiva Generalizada (EFDG) foi tematizada? Como foi seu envolvimento com o método? Chegou a trabalhá-lo no ensino básico ou superior enquanto professor?

2. A circulação da EFDG:

3 - Como foi seu convívio e relacionamento com o Prof. Auguste Listello?

4 - Você acompanhou uma ou mais das vindas do Prof. Listello ao Brasil? Qual era a dinâmica dessas visitas?

5 - Quais instituições e pessoas, mais especificamente professores, eram responsáveis por promover essas vindas do professor ao Brasil?

6 - Quais cidades e escolas/universidades receberam o Prof. Listello para cursos e palestras?

7 - Para além de ministrar cursos de aperfeiçoamento, o Prof. Listello participava de alguma outra ação no Brasil? Palestras, reuniões, etc?

8 - Em sua opinião, qual é a importância da figura do prof. Listello na circulação e apropriação da EFDG no Brasil?

3. Concepção da EFDG:

9 - Qual era, na sua visão, o contexto político e educacional da Educação Física brasileira na época? Esse contexto favoreceu ou não a adesão à EFDG? Por quê?

10 - Quais eram os princípios da EFDG mais ressaltados na fala dos professores? O que mais o impactou?

11 - Quais as inovações e diferenciais desse método?

12 - Em sua opinião, qual foi o impacto dela na Educação Física escolar brasileira? E na formação de professores?

13 - Há mais questões específicas que o senhor considera importantes com relação à EFDG e que eu não mencionei? Se sim, quais?

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA 2: PROFESSORES DE ENSINO SUPERIOR

1. Trajetória de formação profissional:

1 - Professor, fale um pouco sobre sua trajetória e formação profissional! Onde e quando você se formou? Onde trabalhou e/ou trabalha atualmente? Quais foram ou são seus temas de interesse de pesquisa e estudos?

2 - Em sua formação e trajetória profissional, a Educação Física Desportiva Generalizada (EFDG) foi tematizada? Como foi seu envolvimento com o método? Chegou a trabalhá-lo no ensino básico ou superior enquanto professor?

2. A circulação da EFDG:

3 - Você acompanhou uma ou mais das vindas do Prof. Listello ao Brasil? Se sim, qual era a dinâmica dessas visitas?

4 - Em sua opinião, qual é a importância da figura do prof. Listello na circulação e apropriação da EFDG no Brasil?

3. Concepção da EFDG:

5 - Qual era, na sua visão, o contexto político e educacional da Educação Física brasileira na época? Esse contexto favoreceu ou não a adesão à EFDG? Por quê?

6 - Quais eram os princípios da EFDG mais ressaltados na fala dos professores? O que mais o impactou?

7 - Quais as inovações e diferenciais desse método?

8 - Em sua opinião, qual foi o impacto dela na Educação Física escolar brasileira? E na formação de professores?

9 - Há mais questões específicas que o senhor considera importante com relação EFDG e que eu não mencionei? Se sim, quais?

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA 3: FILHA DO PROFESSOR AUGUSTE LISTELLO, MARINA LISTELLO

- 1) Poderia me descrever seu pai? Personalidade, relação com o trabalho, formação...
- 2) Saberá me dizer qual era a perspectiva de EF defendida por seu pai? Como ele pensava o ensino da EF na escola? Qual era seu papel?
- 3) Durante seu trabalho no Instituto Nacional de Esportes seu pai, junto a outros professores, elaborou uma forma de organização de ensino denominada Educação Física Desportiva Generalizada a qual foi amplamente divulgada por ele no Brasil. Você saberá dizer sobre o trabalho dele no INS e sobre essa proposta? Ela também foi amplamente divulgada na França?
- 4) É sabido que seu pai foi várias vezes ao Brasil ministrar cursos para professores de educação física e sua presença lá influenciou muito a EF brasileira. Gostaria de saber se o Brasil, os professores e a EF brasileira também o influenciaram de alguma maneira. Pessoal e profissionalmente.
- 5) Há mais questões específicas que a senhora considera importantes com relação ao Listello e que eu não mencionei? Se sim, quais?

APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA 3 (EM FRANCÊS): FILHA DO PROFESSOR AUGUSTE LISTELLO, MARINA LISTELLO

- 1) *Pourriez-vous me décrire votre père, parler sur sa personnalité, sa relation avec le travail, sa formation?*
- 2) *Pourriez-vous me raconter quelle était la perspective de l'Éducation Physique préconisée par votre père? Comment pensait-il l'enseignement de l'EP à l'école? Quel était son rôle?*
- 3) *Au cours de son travail à l'Institut National des Sports, votre père, ainsi que d'autres professeurs, a développé une forme d'organisation d'enseignement appelée Éducation Physique Sportive Generalisée qui a été largement divulguée par lui au Brésil. Savez-vous à propos de son travail À l'INS et sur cette proposition? Elle a également été largement divulguée en France?*
- 4) *Il est connu que son père était au Brésil plusieurs fois pour donner des cours à des professeurs d'éducation physique et sa présence a grandement influencé l'EP brésilienne. Je voudrais savoir si le Brésil, les professeurs et l'EP brésilienne ont également influencé personnellement et professionnellement votre père.*
- 5) *Il y a des questions plus spécifiques que vous jugez importantes concernant Listello et que je n'ai pas mentionné? Si oui, quelles seraient-elles?*

ANEXOS

ANEXO A – Professores e Disciplinas lecionadas no II e III Curso de Santos

I CURSO DE APERFEIÇOAMENTO TÉCNICO E PEDAGÓGICO	
1951	
PROFESSORES :	
Henrique Romero Brest (Argentina)	Pedagogia
Gilda Romero Brest (Argentina)	Metodologia
Curt A. Johansson (Suecia)	Ginástica Sueca
J. G. Thulin (Suecia)	Conferencias
Emilio Mira y Lopes (Brasil)	Psicologia
João Lotufo (Brasil)	Ginástica Calistenica
Nicanor Miranda (Brasil)	Jogos
Inezil Pena Marinho (Brasil)	Sociologia
Lauro Basile (Brasil)	Voleibol
Antonio Boaventura da Silva (Brasil)	Ginástica Demonstração
Alaor Pacheco Ribeiro (Brasil)	Natação
Jarbas Salles Figueiredo (Brasil)	Cestobol
Stela Mansur Guérios (Brasil)	Danças Modernas
Armando Bergamini (Brasil)	Higiene
Mario Miranda Rosa (Brasil)	Futebol
Arthur Alcaide Valls (Brasil)	Endocrinologia
II CURSO DE APERFEIÇOAMENTO TÉCNICO E PEDAGÓGICO	
1952	
PROFESSORES :	
Curt Johansson (Suecia)	Ginástica Sueca
Auguste M. Listello (França)	Ginástica Francesa
Luiz Bisquert (Chile)	Ginástica Corretiva
Enrique Romero Brest (Argentina)	Pedagogia
Gilda Romero Brest (Argentina)	Pedagogia
Emilio Mira y Lopes (Brasil)	Psicologia
Jarbas Gonçalves (Brasil)	Atletismo
Moacyr Dainto (Brasil)	Voleibol e Cestobol
Arne Ragnar Enge (Brasil)	Fisiologia Aplica
Inezil Pena Marinho (Brasil)	Pedagogia
Maria José M. M. Barros (Brasil)	Testes e Medidas na Ed. Física
III CURSO DE APERFEIÇOAMENTO TÉCNICO E PEDAGÓGICO	
1953	
PROFESSORES :	
Margarete Froehlich (Austria)	Ginástica Feminina
Yana Rudzka (Argentina)	Dança
Auguste Listello (França)	Ginástica Francesa
Curt Johansson (Suecia)	Ginástica Sueca
Enrique Romero Brest (Argentina)	Pedagogia
Inez Novaes Romeu (Brasil)	Ginástica Corretiva
Moacyr Dainto (Brasil)	Voleibol

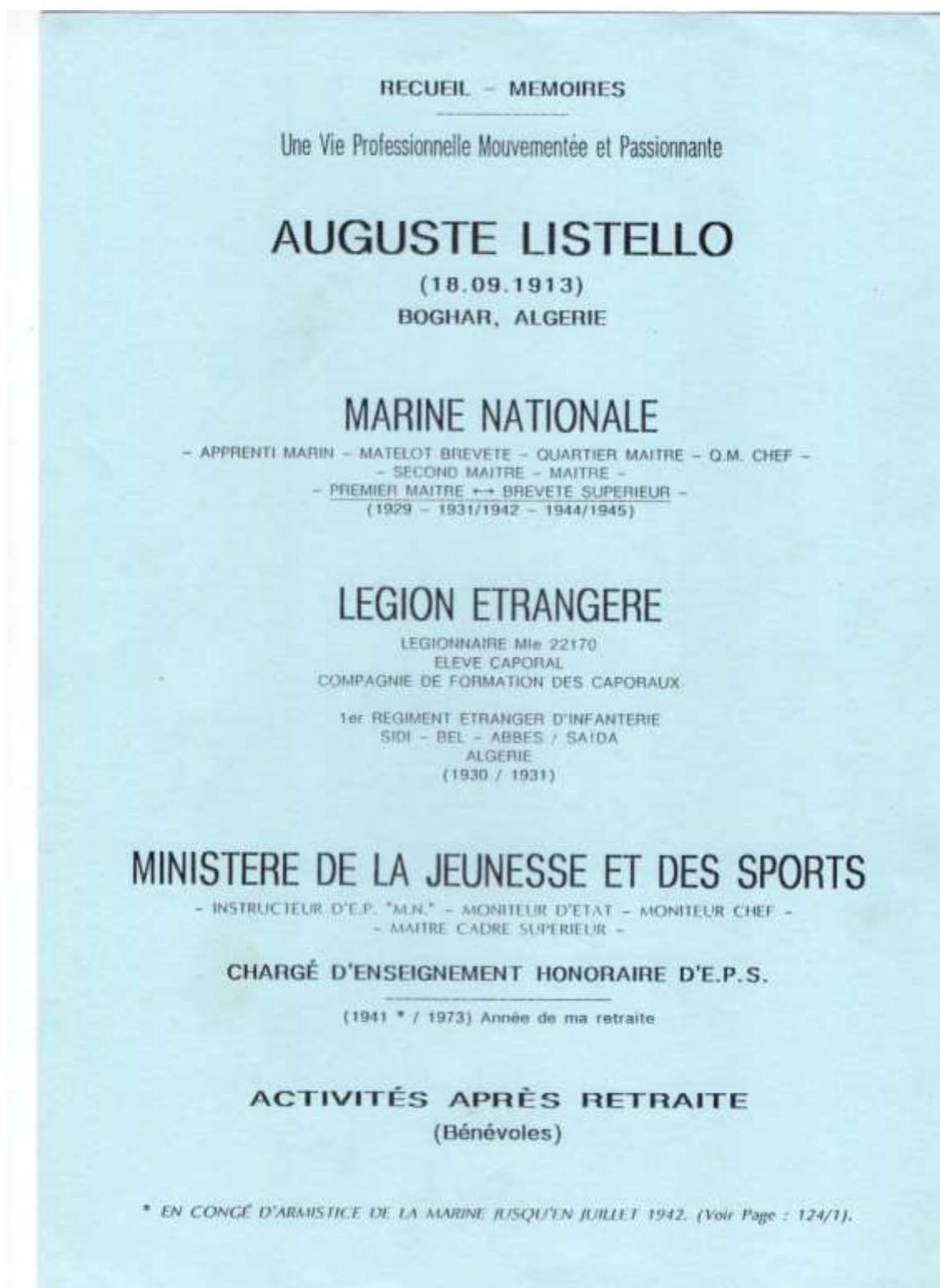
ANEXO B – Professores e Disciplinas lecionadas no V Curso de Santos

V CURSO DE APERFEIÇOAMENTO TÉCNICO — PEDAGÓGICO		
Matérias	Professores	Aulas dadas
Educação Física Esportiva Generalizada	Auguste Listello - Do Instituto Nacional de Esportes, de França	50
Ginástica Educacional Moderna	Emília Saur - Catedrática da Escola Nacional de Ed. Física e Desportos	33
Bola ao Cesto	Moacyr Dahuto - Diretor técnico do DEFE - Catedrático da Escola de Ed. F. de S. Paulo	22
Recreação	Consuelo Carvalho de Freitas Pinto - Técnico de Educação. Do Serviço de Recreação do DEFE	4
Folclore gauchesco	J. C. Paixão Cortes - Da Divisão de Educação Física da Secretaria da Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul	22
Canções cantadas	Aracy Rodrigues - Técnico de Educação. Chefe do Serviço de Recreação do DEFE	4
Educação Física para Menores	Alfonz Z. Rencz - Da Academia Real de Educação Física da Hungria. Da Associação Cristã de Moços	4
Folclore nordestino	Laura Augusta Gioconda Schiavo - Do Magistério Secundário do Est. de S. Paulo	4
Atividades Físicas com Aparêlho	Alfonz Z. Rencz - Da Academia Real de Educação Física da Hungria. Da Associação Cristã de Moços	44
Ginástica Sueca	Antonio Boaventura da Silva - Catedrático da Escola de Educação Física de S. Paulo	30
Discurso de encerramento	Antonio Rennó Ribeiro - Capitão do Exército. Médico Veterinário. Professor secundário - Presidente da APEF	1

Também ministrou aulas sobre novas Regras de Vôleibol, o Prof. Sebastião de Camargo Simões, catedrático de Escola de Educação Física de S. Paulo.

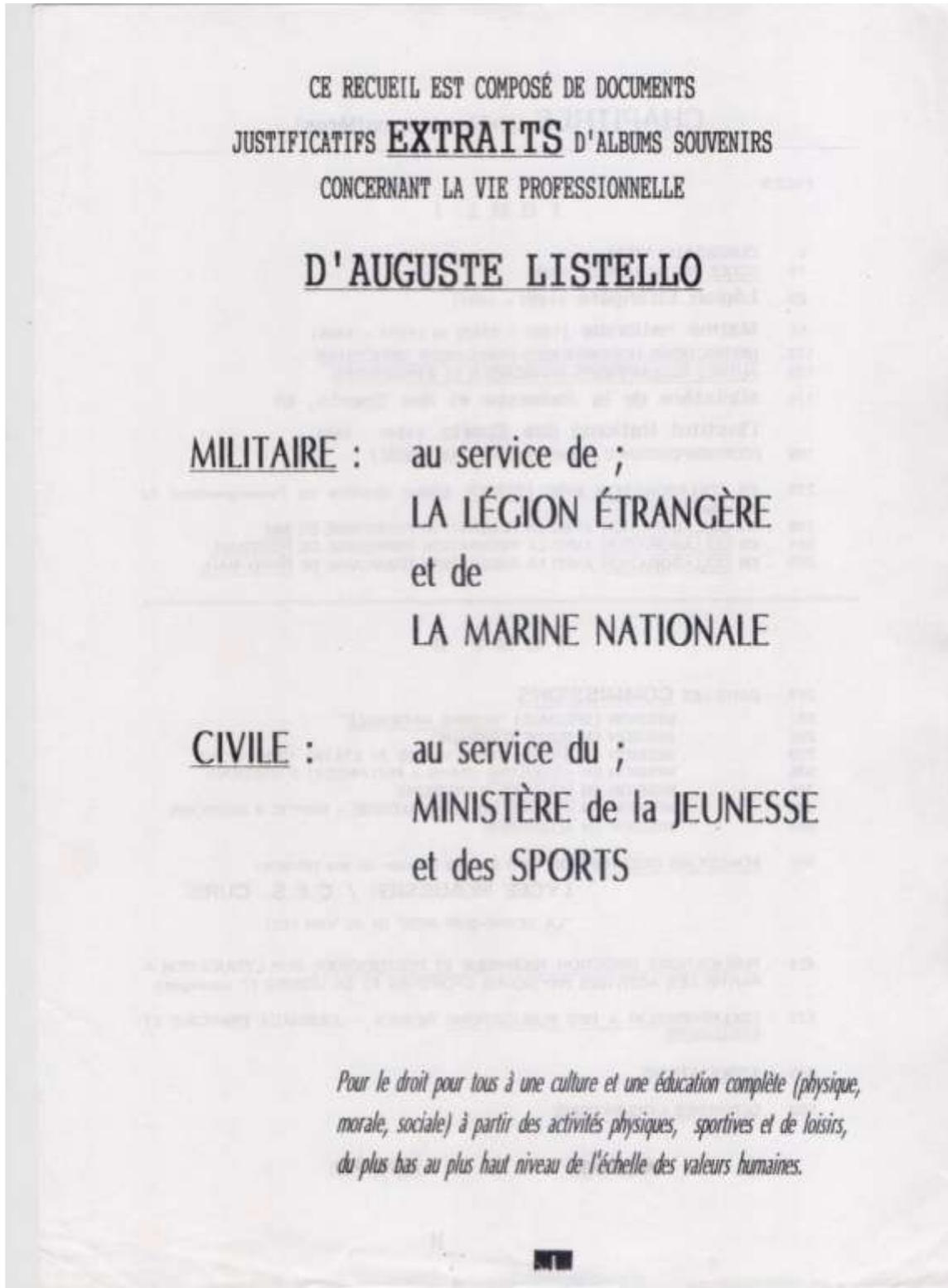
Fonte: V Curso de Aperfeiçoamento Técnico e Pedagógico. *Revista da Apef*. São Paulo, ano I, n.6-7 dezembro de 1957

ANEXO C – Capa – Livro de Memórias de Auguste Listello



Fonte: LISTELLO, A. *Recueil – Memoires: une vie professionnelle mouvementée et passionnante*

ANEXO D – Contracapa – Livro de Memórias de Auguste Listello



Fonte: LISTELLO, A. *Recueil – Mémoires: une vie professionnelle mouvementée et passionnante*

ANEXO E – Sumário – Livro de Memórias de Auguste Listello

CHAPITRES (table des matières)	
PAGES	T O M E I
11	. CURRICULUM VITAE
14	. <u>ECOLE DES MOUSSES</u> (1929)
23	. Légion Etrangère (1930 - 1931)
53	. Marine nationale (1931 - 1942) et (1944 - 1945)
123	. <u>DISTINCTIONS HONORIFIQUES FRANCAISES OFFICIELLES</u>
139	. <u>AUTRES RECOMPENSES FRANCAISES ET ETRANGERES</u>
171	. Ministère de la Jeunesse et des Sports, et l'Institut National des Sports. (1945 - 1958)
189	. (CORRESPONDANCE OFFICIELLE AVEC LE BRESIL)
226	. EN <u>COLLABORATION</u> AVEC L'U.S.E.P. (union sportive de l'enseignement du premier degré).
235	. EN <u>COLLABORATION</u> AVEC LA FEDERATION FRANCAISE DE SKI
251	. EN <u>COLLABORATION</u> AVEC LA FEDERATION FRANCAISE DE FOOTBALL
266	. EN <u>COLLABORATION</u> AVEC LA FEDERATION FRANCAISE DE <u>HAND-BALL</u>
T O M E II	
276	. DANS LES COMMISSIONS
287	MISSION (SPECIALE) "MARINE NATIONALE"
298	MISSION EN SUEDE (LINGIADE)
309	MISSION AU BRESIL (DANS 18 DES 22 ETATS) 13 MISSIONS
336	MISSION EN ARGENTINE (DANS 3 PROVINCES) 2 MISSIONS
345	MISSION EN BELGIQUE 2 MISSIONS
355	MISSION EN AFRIQUE DU NORD ALGERIE - MAROC 4 MISSIONS
364	MISSION EN ALLEMAGNE
365	. <u>FONCTIONS OCCUPEES</u> DE 1958 à 1973 (année de ma retraite). LYCÉE BEAUSSIER / C.E.S. CURIE "LA SEYNE-SUR-MER" Dt du VAR (83)
451	. <u>PUBLICATIONS</u> DIRECTION TECHNIQUE ET PEDAGOGIQUE SUR L'EDUCATION A PARTIR DES ACTIVITES PHYSIQUES SPORTIVES ET DE LOISIRS (7 ouvrages).
473	. <u>COLLABORATION A DES PUBLICATIONS</u> REVUES - JOURNAUX FRANCAIS ET ETRANGERS.
495	. <u>ASSOCIATIONS</u>
502	. <u>DERNIERES OCCUPATIONS</u>

11

Fonte: LISTELLO, A. *Recueil – Memoires: une vie professionnelle mouvementée et passionnante*